

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

BRUNA AGAPITO DE OLIVEIRA

**DIÁLOGO ENTRE O MODELO DIALOGAL E A POLÊMICA ARGUMENTATIVA:
GESTÃO DO DESACORDO NAS REDES SOCIAIS EM TEMPOS DE *FAKE NEWS***

**GOIÂNIA
2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Bruna Agapito de Oliveira

3. Título do trabalho

"Diálogo entre o Modelo dialogal e a Polêmica argumentativa: gestão do desacordo nas redes sociais em tempos de Fake News"

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **BRUNA AGAPITO DE OLIVEIRA, Discente**, em 05/03/2022, às 14:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rubens Damasceno Morais, Professor do Magistério Superior**, em 07/03/2022, às 14:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_org_ao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2734575** e o código CRC **792CDFC6**.

BRUNA AGAPITO DE OLIVEIRA

**DIÁLOGO ENTRE O MODELO DIALOGAL E A POLÊMICA ARGUMENTATIVA:
GESTÃO DO DESACORDO NAS REDES SOCIAIS EM TEMPOS DE *FAKE NEWS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Língua, Texto e Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Rubens Damasceno-Morais.

GOIÂNIA

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira, Bruna Agapito de
DIÁLOGO ENTRE O MODELO DIALOGAL E A POLÊMICA
ARGUMENTATIVA: [manuscrito] : GESTÃO DO DESACORDO NAS
REDES SOCIAIS EM TEMPOS DE FAKE NEWS / Bruna Agapito de
Oliveira. - 2022.
180 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Rubens Damasceno Moraes.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística, Goiânia, 2022.
Bibliografia.
Inclui fotografias, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Modelo Dialogal; . 2. Polarização; 3. Polêmica; 4. Redes
Sociais.. I. Moraes, Rubens Damasceno, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº **3** da sessão de defesa de dissertação de **Bruna Agapito de Oliveira** que confere o título de **Mestra** em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos

Aos **vinte e três** dias do mês de **fevereiro** do ano de **dois mil e vinte e dois**, a partir das nove horas, via Google Meet, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação intitulada "**Diálogo entre o Modelo dialogal e a Polêmica argumentativa: gestão do desacordo nas redes sociais em tempos de Fake News**". Os trabalhos foram instalados pelo orientador, **Prof. Dr. Rubens Damasceno Morais** (Presidente/PPGLL/FL/UFMG), com a participação dos demais membros da banca examinadora: **Profa. Dra. Helcira Maria Rodrigues de Lima** (POSLIN/UFMG) e Prof. Dr. Rodrigo Seixas Pereira Barbosa (FL/UFMG), membros titulares externos. Durante a arguição, os membros da banca **não** fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A banca examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da dissertação tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo **Prof. Dr. Rubens Damasceno Morais**, presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos membros da banca examinadora, aos **vinte e três** dias do mês de **fevereiro** do ano de **dois mil e vinte e dois**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Rubens Damasceno Morais, Professor do Magistério Superior**, em 23/02/2022, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Helcira Maria Rodrigues de Lima, Usuário Externo**, em 23/02/2022, às 17:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Seixas Pereira Barbosa, Professor do Magistério Superior**, em 23/02/2022, às 17:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2712773** e o código CRC **3F7C8C8D**.

Referência: Processo nº 23070.002364/2022-10

SEI nº 2712773

AGRADECIMENTOS

À minha avó, Cleusa Helena Alves Agapito, por ter assumido a responsabilidade de me criar e educar, o que contribuiu significativamente para a minha formação como ser humano.

Ao meu avô, Ruimar de Tércio Agapito, por ter participado da minha criação e por todo o apoio e incentivo.

Ao meu tio, Guilherme Alves Agapito, pelo suporte durante os momentos difíceis e por ter contribuído significativamente para o meu processo de formação.

À minha amiga, Luana de Castro Amorim, pela amizade, conversas e pelo suporte durante todo o processo de construção desta pesquisa.

À minha amiga, Gabrielle Gomes Toscano de Brito, pelo suporte, incentivo e lealdade, sobretudo nos momentos difíceis, nos quais pensei seriamente em desistir.

Ao meu amigo, Nathan Brian Fernandes Pereira, pelo apoio e confiança, e pelas conversas calorosas sobre política. Essas conversas foram importantes para o processo de construção desta pesquisa.

Ao professor Doutor Rubens Damasceno Moraes, por ter aceitado o desafio de me orientar; por ter sido presente durante todo o processo de construção desta pesquisa; por ter respeitado as minhas escolhas e contribuído significativamente para a minha formação acadêmica.

À professora Doutora Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG) e ao professor Doutor Rodrigo Seixas Pereira Barbosa (UFG), pela leitura atenta e excelentes ponderações propostas durante o processo de construção da presente pesquisa.

A todos os professores da Faculdade de Letras (FL/UFG) e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL/UFG) pelo excelente ensino, o qual foi essencial para o meu processo de formação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ter financiado esta pesquisa.

A todos que estiveram presentes nesta jornada, o meu muito obrigada!

RESUMO

O atual contexto de distanciamento social, decorrente da pandemia causada pelo Coronavírus, contribuiu para que o uso da internet, sobretudo das redes sociais, tivesse um aumento exponencial. O ambiente pretensamente democrático para interação e a capacidade de conectar pessoas em escala global, fez com que as redes sociais passassem a ser utilizadas como ferramenta para a participação ativa na vida política e social. Desse modo, constata-se que as redes sociais imprimem uma nova lógica de interação e comunicação na sociedade contemporânea. A mudança na comunicação representa uma mudança na linguagem, e é por meio desta que concebemos a realidade (BRAGA, 2018). Neste sentido, destaca-se que as redes sociais se tornaram terreno fértil para a disseminação de *fake news* (LAZER, 2018; JACK, 2017), sobretudo com temas relacionados à atual pandemia. Tendo em vista estas questões, este estudo possui como objetivo geral descrever e analisar, com o apoio do Modelo Dialogal da Argumentação (PLANTIN, 2008, 2016, 2017, 2018; GRÁCIO 2010, 2012, 2013; DAMASCENO-MORAIS 2017, 2019, 2020, 2021) e dos estudos de Ruth Amossy acerca da Polêmica Argumentativa (2017a, 2017b), como se constrói a polarização nas redes sociais, a partir da propagação de três *fake news* vinculadas ao contexto de pandemia causada pelo Coronavírus. No intuito de atendermos ao objetivo geral, buscamos responder a seguinte questão norteadora: *Qual é o papel desempenhado pelas fake news no processo de construção da polarização nas redes sociais, a partir da discussão de três fake news?* Com relação ao Modelo Dialogal, destaca-se que mobilizamos categorias de análise como: *situação argumentativa, estase argumentativa, questão argumentativa, atores da situação comunicativa e papéis actanciais*. No tocante à polêmica em sua modalidade argumentativa, utilizamos as categorias de *dicotomização, polarização e desqualificação do discurso alheio*. Para isso, além da mobilização da perspectiva Dialogal e da Polêmica Argumentativa, trabalharemos com as vertentes teóricas de Angenot (2008, 2015), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), Recuero (2020a, 2020b), Pariser (2012), Castells (1999, 2003) e Santaella (2018), para citar alguns exemplos. Com relação aos procedimentos metodológicos, leva-se em consideração Salomon (2014) e Creswell (2010), o que caracteriza a abordagem qualitativa deste estudo. Ao final dos estudos, constatamos que o papel desempenhado pelas *fake news* no processo de construção da polarização nas redes sociais, é o de materialização do ônus da prova, o que responde à questão norteadora deste estudo. Por fim, a partir realização do diálogo epistemológico entre o Modelo Dialogal e a Polêmica Argumentativa, constatou-se instigante interrelação entre a estase argumentativa e mobilização dos papéis actanciais (perspectiva de Christian Plantin) com a dicotomização e polarização (perspectiva de Ruth Amossy).

Palavras-Chave: Modelo Dialogal; Polarização; Polêmica; Redes Sociais.

ABSTRACT

The current context of social distancing, resulting from the pandemic caused by Coronavirus, contributed to the use of the Internet, especially social networks, having an exponential increase. The supposedly democratic environment for interaction and the ability to connect people on a global scale has made social networks used as a tool for active participation in political and social life. Thus, it is observed that social networks print a new logic of interaction and communication in contemporary society. In this sense, it is noteworthy that social networks have become fertile ground for the dissemination of fake news (LAZER, 2018; JACK, 2017), especially with topics related to the current pandemic. Because of these issues, this study has as its general objective to write and analyze, with the support of the Dialogal Model of Argumentation (PLANTIN, 2008, 2016, 2017, 2018; GRÁCIO 2010, 2012, 2013; DAMASCENO-MORAIS 2017, 2019, 2020, 2021) and Ruth Amossy's studies on argumentative controversy (2017a, 2017b), how polarization is constructed in social networks, from the spread of three fake news linked to the context of a pandemic caused by Coronavirus. To meet the general objective, we seek to answer the following guide question: What is the role played by fake news in the process of building polarization in social networks, based on the discussion of three fake news stories? Regarding the Dialogal Model, it is noteworthy that we mobilize categories of analysis such as argumentative situation, argumentative situation, argumentative question, actors of the communicative situation, and actancial roles. Regarding the controversy in its argumentative modality, we used the categories of dichotomization, polarization, and disqualification of the discourse of others. To this end, in addition to the mobilization of the dialogical perspective and the Argumentative Polemic, we will work with the theoretical perspectives of Angenot (2008, 2015), Perelman and Olbrechts-Tyteca (2014), Recuero (2020a, 2020b), Pariser (2012), Castells (1999, 2003) and Santaella (2018), among others. Concerning methodological procedures, Salomon (2014) and Creswell (2010) are taken into account, which characterizes the qualitative approach of research. For the construction of our Coronavirus corpus, three fake news were extracted from Facebook : the first on the ineffectiveness of wearing masks in times of pandemic; the second, calls into question coronavac's credibility; and the third fake news, is about a supposed study that proves the effectiveness of Chloroquine in the treatment against Coronavirus. A total of 4,443 comments linked to the above-mentioned fake news were analyzed. At the end of the studies, we found that the role played by fake news in the process of constructing polarization in social networks is that of materializing the burden of proof, which answers the fundamental question of this study. Finally, the epistemological dialogue between the Dialogic Model and the Argumentative Polemic has shown an instigating interrelation between argumentative stasis and mobilization of actancial roles (Christian Plantin perspective) with dichotomization and polarization (Ruth Amossy perspective).

Key words: Dialogic Model; Polarization; Polemics; Social Networks.

LISTA QUADROS

Quadro 1 – Principais passos adotados durante as etapas analíticas.....	64
Quadro 2 – Dados referentes à coleta de dados	65
Quadro 3 – Identificação dos internautas nas análises empreendidas	68
Quadro 4 – Legenda publicação sobre o uso de máscaras	77
Quadro 5 – Legenda redigida pelo P1F2	80
Quadro 6 – Atuação do Proponente na Fake news sobre o uso de máscaras (F1)	99
Quadro 7 – Atuação do Proponente na Fake news Vacina (F2)	105
Quadro 8 – Atuação do proponente na Fake news sobre a Cloroquina (F3)	111
Quadro 9 – Atuação do Oponente na Fake news sobre a máscara (F1)	118
Quadro 10 – Atuação do Oponente na Fake news sobre a vacina (F2)	125
Quadro 11 – Atuação do Oponente na Fake news sobre a Cloroquina (F3)	128
Quadro 12 – Atuação do Terceiro na Fake news sobre o uso de máscaras	134
Quadro 13 – Atuação do Terceiro na Fake news sobre a vacina.....	135
Quadro 14 – Atuação do terceiro na Fake news sobre Cloroquina (F3)	137
Quadro 15 – Esquematização dos pontos de contato entre o Modelo Dialogal (PLANTIN, 1990, 2008, 2016, 2018) e a Polêmica Argumentativa (AMOSSY, 2017a, 2017b)	166

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Interação nas Fake news que constituem o corpus Coronavírus.....	62
Tabela 2 – Total de comentários extraídos da Fake news sobre o uso de máscaras (F1)	98
Tabela 3 – Distribuição dos comentários: Fake news Vacina (F2)	105
Tabela 4 – Distribuição de comentários: Fake news Cloroquina (F3)	110

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Fake news sobre o uso de máscaras.....	76
Imagem 2 – Fake news sobre a CoronaVac e Monica Calazans.....	79
Imagem 3 – parte da publicação de Gil Diniz.....	80
Imagem 4 – Fake news sobre a eficácia da Cloroquina no tratamento da Covid-19	83
Imagem 5 – A emergência da estase argumentativa – Fake news máscaras	86
Imagem 6 – Comentário do O1F1	88
Imagem 7 – fragmento da entrevista concedida por Mônica ao Coren SP	89
Imagem 8 – foto publicada no perfil de Mônica Calazans	90
Imagem 9 – Comentário do O1F2	92
Imagem 10 – Fake news sobre a eficácia da Cloroquina no tratamento da Covid-19	94
Imagem 11 – Comentário do O1F3	95
Imagem 12 – imagem que acompanha a fake news sobre o uso de máscaras.....	143
Imagem 13 – prints 1 e 2.....	146
Imagem 14 – fake news sobre Cloroquina.....	148
Imagem 15 – Comentário do P4F1.....	153
Imagem 16 – Comentário do O1F1.....	154
Imagem 17 – Comentários dos Proponentes F2.....	155
Imagem 18 – Comentários dos Oponentes FN2.....	158
Imagem 19 – Comentário do O1F3.....	160
Imagem 20 – Comentário do P8F3.....	161
Imagem 21– Comentário do P16F3.....	163

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1	28
REDES SOCIAIS E A NOÇÃO DE POLÊMICA ARGUMENTATIVA.....	28
Redes Sociais: Abordagens Teóricas e Delimitação Conceitual.....	29
1.1.2 O uso das redes sociais como ferramenta de participação ativa na vida política e social no Brasil	33
1.1.3 As noções de <i>Doxa</i> e Valores.....	36
1.2 Polêmica e suas respectivas controvérsias.....	39
1.2.2 Polêmica como modalidade argumentativa.....	43
1.2.3 A circulação das <i>fake news</i> no espaço público	46
1.2.4 <i>Facebook</i> e suas respectivas implicações com a disseminação de <i>fake news</i>	51
CAPÍTULO 2:.....	56
A ARGUMENTAÇÃO.....	56
2.1 Síntese do percurso histórico dos estudos da Argumentação.....	56
2.2.1 Conceitos basilares do Modelo Dialogal da Argumentação	57
2.2.2 Questão argumentativa	60
2.2.3 Estase argumentativa	61
2.2.4 Papéis actanciais: Proponente, Oponente, Terceiro.....	63
CAPÍTULO 3:.....	66
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	66
3.1 Seleção e delimitação do <i>corpus</i>	68
3.1.1 Procedimentos de coleta de dados para o <i>corpus</i> Coronavírus	70
3.1.2 As <i>Fake news</i> selecionadas: F1, F2 e F3	72
3.1.3 As categorias de análise mobilizadas	74
4. CAPÍTULO DESCRITIVO-ANALÍTICO:.....	78
O MODELO DIALOGAL DA ARGUMENTAÇÃO	78
4.1 Esquema da aplicação da perspectiva Dialogal no <i>corpus</i> Coronavírus.....	79
4.1.1 A formulação da questão argumentativa	81
4.1.1.1 A formulação da questão argumentativa na <i>fake news</i> 1 (F1)	82
4.1.1.2 A formulação da <i>questão argumentativa</i> na <i>fake news</i> 2 (F2)	84
4.1.1.3 A formulação da questão argumentativa na <i>fake news</i> 3 (F3).....	87
4.1.2 A emergência da <i>estase argumentativa</i>	89
4.1.2.1 A emergência da estase argumentativa na <i>Fake news</i> 1 (F1).....	91
4.1.2.2 A emergência da estase argumentativa na <i>fake news</i> 2 (F2)	93

4.1.2.3 A emergência da estase argumentativa na <i>fake news</i> 3 (F3)	98
4.1.3.1 Atuação do Proponente (PR) na <i>Fake news</i> 1 (F1)	102
4.1.3.2 Atuação do Proponente (PR) na <i>Fake news</i> 2 (F2)	108
4.1.3.3 Atuação do Proponente (PR) na <i>Fake news</i> 3 (F3)	112
4.1.4 Atuação do Oponente (OP)	119
4.1.4.1 Atuação do Oponente (OP) na <i>fake news</i> 1 (F1)	119
4.1.4.2 Atuação do Oponente (OP) na <i>Fake news</i> 2 (F2)	125
4.1.4.3 Atuação do Oponente (OP) na <i>fake news</i> 3 (F3)	128
4.1.5 Atuação do Terceiro (TER)	132
4.1.5.1 Atuação do Terceiro (TER) na <i>fake news</i> 1 (F1)	133
4.1.5.2 Atuação do Terceiro (TER) na <i>Fake news</i> 2 (F2)	134
4.1.5.3 Atuação do Terceiro (TER) na <i>fake news</i> 3 (F3)	135
CAPÍTULO 5:	140
A POLÊMICA EM SUA MODALIDADE ARGUMENTATIVA E A MOBILIZAÇÃO DO ÔNUS DA PROVA	140
5.1 A mobilização do ônus da prova	141
5.1.1 A mobilização do ônus da prova como sustentação da tese do Proponente na <i>fake news</i> sobre o uso de máscaras (FN1)	141
5.1.2 A mobilização do ônus da prova como sustentação da tese do Proponente na <i>fake news</i> sobre as vacinas (FN2)	144
5.1.3 A mobilização do ônus da prova como sustentação da tese do Proponente na <i>fake news</i> sobre a Cloroquina (FN3)	145
5.2 Categorias da polêmica argumentativa	149
5.2.1 A dicotomização na <i>fake news</i> sobre o uso de máscaras (FN1)	150
5.2.2 A polarização na <i>fake news</i> sobre a vacina Coronavac (FN2)	153
5.2.3 A desqualificação do adversário/discurso na <i>fake news</i> sobre a Cloroquina (FN3)	157
5.3 A emergência da <i>estase argumentativa</i> e a polêmica argumentativa: possíveis diálogos	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS	170

INTRODUÇÃO

A expansão do acesso à internet e, posteriormente a emergência das redes sociais *online*, provocou mudanças significativas nas interações humanas. O ambiente pretensamente democrático para interação e a capacidade de conectar pessoas em escala global, fez com que as redes sociais passassem a ser utilizadas como ferramenta para a participação ativa na vida política e social. Dessa forma, redes sociais como o *Facebook*, o *Instagram* e o *Twitter* se tornaram o novo palco para as discussões de cunho político e/ou social. Essa questão pode ser evidenciada se pensarmos em situações como as *Jornadas de Junho de 2013*¹, as eleições presidenciais de 2018 e o atual contexto de pandemia decorrente do Coronavírus. Durante as *Jornadas de Junho de 2013*, por exemplo, o *Facebook* se tornou o maior meio de veiculação de discussões políticas e essa questão fomentou a polarização já existente entre grupos que se autodeclaravam pertencer à esquerda ou à direita do espectro político (BRUGNAGO e CHAIA, 2015).

As *Jornadas de Junho de 2013* tiveram como ponto de partida os protestos organizados pelo Movimento Passe Livre (MPL) contra o aumento de 20 centavos na tarifa do transporte público em São Paulo. Em pouco tempo esses protestos com pauta unificada (isto é, o aumento da tarifa de ônibus), chamaram a atenção de diversos grupos ativistas espalhados pelo país (MACHADO, MISKOLCI, 2019). Por conseguinte, as manifestações contra o aumento da tarifa do transporte público passaram a agregar diferentes pautas políticas e grupos que se opunham ao Governo Federal que à época estava sob a gestão de Dilma Rousseff. É a partir desse contexto que ocorre uma “virada de chave”, pois, os protestos organizados pelo MPL com pauta única sobre o aumento da tarifa do transporte público se transfiguraram em protestos contra o governo Dilma Rousseff, sob o slogan “Fora Dilma”. Nesse sentido, constata-se que as redes sociais, sobretudo o *Facebook*, foram os principais responsáveis pela veiculação e consequente amplificação dos protestos massificados que ficaram conhecidos como *Jornadas de Junho*.

O aspecto democrático propiciado pelas redes sociais – isto é, a abertura das redes sociais para a população em escala global – diz respeito tanto às possibilidades de interação entre pessoas ocasionado pela quebra de fronteiras, quanto à circulação de conteúdo, uma vez que todos falam o que querem, da forma que querem, transformando as redes em um enorme celeiro de notícias falsas ou pouco confiáveis. Dadas as facilidades de interação e espaço para

¹ Para mais informações sobre a Jornada de Junho de 2013, verificar: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44310600>.

livre manifestação, as redes têm inclusive se tornado uma espécie de tribunal que elege um alvo, julga, difama, acusa e cancela, friamente, em uma espécie de júri sádico, ávido por eleger o “lacrador” ou o “cancelado” do momento. Um rápido exemplo vem do popular *Facebook*, em que o internauta possui três formas básicas para interagir e reagir: comentar, curtir e compartilhar. Com relação aos tópicos publicados/compartilhados, a plataforma não realiza filtragem de conteúdo que podem estar, ou não, autorizados a circular nas redes. Dessa forma, mensagens são divulgadas e compartilhadas de maneira instantânea e massiva, e isso inclui informações falsas, verdadeiras, valores e um grande “auditório” sobre o qual bem teoriza Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014). Trata-se de um celeiro de opiniões diversas, emaranhado de valores em conflito em efervescência.

Com o distanciamento social decorrente da pandemia, o uso da internet, principalmente das redes sociais, aumentou significativamente. Estima-se que houve um crescimento de 40% do uso das redes sociais somente no período pandêmico². Nesse sentido, um dos temas mais debatidos nas redes sociais, sobretudo nos anos de 2020 e 2021, refere-se à pandemia do Coronavírus. No dia 11 de março de 2020, por exemplo, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou a situação do coronavírus como pandêmica, devido ao surto da doença ocorrido no início do ano de 2020. Os primeiros registros de pessoas infectadas com este vírus foram datados em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China. Na medida em que a nova e misteriosa doença se propagava, muitas teorias, informações, crenças religiosas e opiniões disputavam espaço nas redes sociais ao bel prazer de quem as publicava, de formas mais ou menos hiperbolizadas.

As conexões estabelecidas entre os usuários das redes sociais ocorrem precipuamente por meio do processo de *homofilia* (BRUGNAGO e CHAIA, 2015). Essa expressão designa a aproximação de pares dentro das redes sociais, ou seja, pessoas que partilham valores, crenças e posicionamentos semelhantes, tendem a se aproximar. Essa questão dialoga diretamente com a perspectiva de Ruth Amossy (2017a) acerca da polarização. Para ela a polarização desempenha um papel fundamental no processo de reagrupamento identitário em prol da defesa dos valores partilhados por um determinado grupo em oposição a outro. Nos termos da autora, “Encontramo-nos então numa lógica de divisão social, de defesa identitária e de combate pelo triunfo dos valores e opções de seu grupo” (AMOSSY, 2017b, p. 233). Dito isso, destaca-se que a polarização é um dos três alicerces da polêmica perspectivada como modalidade

² Disponível em: <https://www.jornalcontabil.com.br/redes-sociais-crescem-40-durante-a-pandemia/>

argumentativa e que defende Amossy, no seu livro *Apologia da polêmica*, como veremos a seguir.

De acordo com a perspectiva de Ruth Amossy, a polarização é um dos três componentes constituintes da polêmica – os outros dois são a *dicotomização* e a *desqualificação do discurso alheio*. É importante ressaltarmos que o conceito de polêmica cunhado pela autora se distancia da concepção pejorativa que a acompanha nos meios político, jornalístico e social. Aqui, a polêmica é concebida como modalidade argumentativa, e pode ser apreendida como um debate em torno de assuntos atuais de interesse público e social. As redes sociais se apresentam como o palco principal dos debates polêmicos. A dinâmica das redes sociais e o seu caráter amplo que conecta pessoas em escala global, associado à liberdade para interagir e divulgar conteúdos variados, contribuem para essa situação.

Verifica-se, portanto, que o ambiente supostamente democrático para interação, propiciado pelas redes sociais, apresenta-se de forma positiva na medida em que permite a coexistência de grupos com opiniões e valores diversificados. Contudo, a possibilidade de utilizar pseudônimos para omitir uma identidade, os interesses políticos, a dinamicidade das redes e sua perspectiva mercadológica (EMPOLI, 2020) – a qual prioriza a quantidade em detrimento da qualidade – contribuem para a disseminação das famosas *fake news* (LAZER, 2018; JACK, 2017) que assola e impregna as páginas virtuais diariamente, ao ponto de haver já sites com “detectores de veracidade da informação”, uma espécie de detector de notícias falsas.

Os *sites* detectores de notícias falsas, descontextualizadas ou distorcidas, são, na verdade, agências independentes de *fact checking*. O termo *fact checking* é um velho conhecido do mundo jornalístico e constitui-se como um dos princípios básicos do referido campo. Trata-se de um método de verificação de dados que antecede a publicação de matérias em jornais. O objetivo dessa verificação é evitar a veiculação de informações falsas. Contudo, com a popularização da internet e a dinâmica de compartilhamento massivo de informações nas redes sociais, a checagem de dados que deveria anteceder as publicações, passou a ser negligenciada. Sabe-se que nas redes sociais, conteúdos verdadeiros e falsos disputam o mesmo espaço em tom de igualdade (a título de exemplo, cita-se as *fake news* que tomam de empréstimo a estrutura de uma notícia jornalística, mas apresenta conteúdo falso). Diante disso, foram criadas agências independentes de *fact checking* para combater a disseminação de conteúdos falsos na internet. A título de exemplo, citam-se as agências *Lupa*, *Aos Fatos*, *Fato ou Fake* e *Turco*.

O fenômeno das *fake news* pode ser compreendido, em um primeiro momento, como “notícias” intencionalmente fabricadas com o intuito de promover a desinformação por meio da divulgação de conteúdos falsos e/ou distorcidos (LAZER, 2018). A utilização do vocábulo “notícia” entre aspas indica que as *fake news* tomam de empréstimo o aspecto estrutural das notícias veiculadas pela imprensa tradicional. Isso significa que as *fake news* apresentam uma estrutura com cores e letras que remetem à mídia tradicional, isto é, um texto pretensamente objetivo, fatos narrados em terceira pessoa e geralmente acompanhado por imagens. São fatores como esses que trazem um aspecto de aparente legitimidade para as *fake news*, pois o leitor acredita ler uma reportagem/notícia verdadeira, nos moldes das que são veiculadas hodiernamente pela mídia.

As *fake news* ascenderam no cenário mundial durante as eleições presidenciais norte-americanas de 2016. Autores como ANGST e BOGLER (2019) afirmam que, no intuito de desqualificar e desmoralizar a adversária política Hillary Clinton, a imprensa supostamente contratada por Donald Trump teria coletado dados pessoais de usuários da plataforma *Facebook*, para personalizar publicações falsas sobre Clinton. No Brasil, as *fake news* adquiriram notoriedade durante as eleições presidenciais de 2018. Dentre as *fake news* que mais repercutiram, três merecem destaque: o projeto de lei que vislumbra a legalização da pedofilia, proposto pelo candidato Fernando Haddad³; a filiação de Adélio Bispo de Oliveira – homem responsável por desferir uma facada contra Jair Bolsonaro em 2018 – ao Partido dos Trabalhadores⁴; por fim, relação entre o candidato Fernando Haddad e a criação de um material que foi apelidado pela Frente Parlamentar Evangélica de “Kit Gay”⁵.

Dentre as *fake news* apresentadas, a que adquiriu proporções significativas é a que relaciona o candidato Fernando Haddad à criação de um suposto kit que ensinava as crianças como serem homossexuais. Como é notório, durante a campanha eleitoral, o candidato Jair Bolsonaro fez diversas aparições públicas alegando que seu adversário político, Fernando Haddad, teria criado o material que ficou conhecido como “kit gay”. Para corroborar seu discurso, Bolsonaro exibiu em rede nacional o livro *Educação Sexual e Cia*, de autoria da Hélène Bruller, alegando se tratar de parte do “kit gay” que estaria disponível nas bibliotecas das escolas públicas. A esse respeito, durante as eleições presidenciais de 2018 as redes sociais

³ Para mais informações sobre a checagem desta *fake news*, confira: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/13/e-fake-cartaz-atribuido-a-haddad-que-diz-que-projeto-de-lei-torna-a-pedofilia-um-ato-legal.ghtml>

⁴ Para mais informações a respeito da checagem desta *fake news*, confira: <https://www.aosfatos.org/noticias/autor-de-ataque-jair-bolsonaro-nao-e-filiado-ao-pt/>

⁵ Para mais informações sobre a checagem desta *fake news*, confira: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos/>

foram bombardeadas com *fake news* que advogavam sobre a distribuição do Kit Gay nas escolas públicas do país.

Em trabalho de conclusão de curso, fizemos uma pesquisa mais detida acerca do “kit gay”, a qual se materializou no trabalho de TCC intitulado *Modelo Dialogal da Argumentação e a gestão do desacordo nas redes sociais: fake news e a potencialização do dissenso* (2019). Nosso interesse deu-se sobretudo em pesquisar o contexto extremamente polarizado e o compartilhamento massificado desta *fake news* durante as eleições presidenciais de 2018. Na ocasião, ajustamos nosso foco para compreender de que forma uma *fake news* propicia a potencialização do dissenso em contexto já polarizado.

Mesmo após a comprovação de que as informações apresentadas por Bolsonaro acerca da criação do “kit gay” eram falsas e, posteriormente, o Tribunal Superior Eleitoral ter exigido a retirada de páginas que disseminassem essa *fake news*, em janeiro de 2020 Abraham Weintraub, à época Ministro da Educação, proferiu a seguinte alegação: “[nosso governo] busca justamente valorizar o papel da família com as crianças pequenas nesses primeiros momentos. Sai o kit gay e entra a leitura em família”. Esse episódio fez ressurgir a discussão em torno do assunto. Não podemos nos esquecer, inclusive, que em setembro de 2019 o Deputado Federal Alexandre Leite (DEM/SP), solicitou a instauração de uma CPI das *fake news*⁶.

Com base nas discussões apresentadas até aqui, constata-se que as redes sociais se tornaram terreno fértil para a disseminação de *fake news*, sobretudo relacionadas à atual pandemia. A situação se agravou de tal modo que a própria Organização Mundial de Saúde (OMS) classificou o fenômeno como “infodemia”. O termo pode ser compreendido como “[...] disseminação em massa de notícias falsas e rumores que comprometem a credibilidade das explicações oficiais fundamentadas sem respaldo científico” (GALHARDI *et al.* 2020, p. 4202). Os temas das notícias falsas variam desde as formas de transmissão da Covid-19, sua cura com remédios caseiros e, ainda, a possibilidade de essa doença ser mera invenção da mídia para prejudicar o governo do atual presidente Jair Bolsonaro como defendem algumas pessoas com veemência nas redes sociais⁷.

A título de exemplificação, no dia 14 de dezembro de 2020, circulou no *Facebook* um vídeo em que o pastor Davi Goés, durante um culto religioso, proferiu um discurso alegando que a vacina Coronavac continha o vírus do HIV. Além disso, o pastor assegurou que a vacina

⁶ Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2292>.

⁷ A título de exemplo de *fake news* sobre a pandemia, acesse: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=178993986996576&id=107034717525837.

desencadearia câncer e conseqüentemente a morte de inúmeras pessoas⁸. No dia 29 de janeiro de 2021, passou a circular nas redes sociais, um vídeo de uma senhora que faleceu minutos após receber a aplicação de uma vacina. O texto que acompanha o vídeo, contém (des)informações de que a senhora em questão havia sido vacinada contra o Coronavírus e, que minutos depois veio a óbito. Assim como no caso do vídeo do pastor Davi Goés, esta publicação foi devidamente checada por agências de *fact-checking*⁹ e classificada como *fake news*¹⁰.

Apesar da utilização das redes sociais para fins políticos e para propagação de *fake news*, verifica-se que ela ocupa um lugar privilegiado e importante nos nossos dias. Acrescenta-se a isso, as particularidades decorrentes do distanciamento social, fato que contribuiu para um aumento significativo do uso das redes sociais *online*. Dito isso, o *Facebook*, o *Instagram* e o *Twitter* se tornaram os meios de comunicação mais importantes da contemporaneidade. Não obstante essa comunicação mediada pelas redes de compartilhamento *online* vem acompanhada da disseminação massificada de *fake news*. Um dos principais problemas relacionados a isso, ocorre quando as mentiras veiculadas no ambiente virtual desencadeiam ações concretas – e em muitos casos irreversíveis – no ambiente físico. A este respeito, destaca-se o caso de Fabiane Maria de Jesus, mulher de 33 anos que foi brutalmente assassinada por moradores de Morrinhos, em Guarujá (SP). O fato que desencadeou esta ação foi a publicação de uma *fake news* no *Facebook*, a qual continha informações de que havia uma suposta mulher sequestrando crianças para fins ritualísticos de “magia negra” na região de Morrinhos. Fabiane foi arrastada e agredida pelos moradores da região, por aproximadamente duas horas. Dois dias após o acontecimento, Fabiane veio a óbito¹¹.

Para finalizar essa contextualização acerca do papel das *fake news* no acirramento da polarização na atualidade, lembramo-nos de mais duas situações recentes em que a propagação de notícias falsas ou distorcidas, no contexto da pandemia, desencadearam ações graves e concretas. A primeira, trata-se da invasão aos hospitais, após o presidente Jair Bolsonaro, proferir uma fala em junho de 2020 estimulando seus apoiadores a entrarem nos hospitais para filmar alas destinadas aos pacientes infectados pelo Coronavírus¹². Posteriormente, após uma

⁸ Para mais informações, confira a matéria sobre o vídeo do pastor Davi Goés, disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/12/22/pastor-que-disse-que-coronovac-tem-hiv-dentro-dela-e-intimado-a-depor-pelo-mpce.ghtml>

⁹ <https://www.aosfatos.org/cheragem-de-fatos-ou-fact-checking/>

¹⁰ Checagem realizada pela agência Lupa, disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/02/09/verificamos-idosa-morreu-vacinada/>

¹¹ Notícia disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/veja-o-passo-a-passo-da-noticia-falsa-que-acabou-em-tragedia-em-guaruja.shtml>

¹² Para mais informações sobre a fala de Bolsonaro que estimulou a invasão á hospitais, confira: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/bolsonaro-estimula-populacao-a-invadir-hospitais-para-filmar-oferta-de-leitos.shtml>

intensiva campanha realizada pelo governo federal brasileiro para que a população pudesse aderir ao tratamento precoce com medicamentos que comprovadamente não previnem/tratam o Coronavírus, as pessoas que se dispuseram a realizar o tratamento com o “Kit Covid” – hidroxicloroquina, azitromicina, ivermectina e anticoagulantes –, desenvolveram sérios problemas no fígado e aguardam na fila de transplante¹³. Dito isso, verifica-se que no balaio dos *kits* (o kit gay, o kit covid etc.), o uso das redes sociais associado à propagação de *fake news* sobre a pandemia do Coronavírus tem desencadeado uma série de fatores que prejudicam a saúde pública.

Ainda acerca do momento pandêmico, mas no âmbito mais político, temos ainda, a clássica rixa e contínua polarização entre direita e esquerda, fortemente agravada nas eleições presidenciais de 2018, que se transfigurou em um “produtivo” ringue entre grupos pró e anti-Bolsonaro/Lula, descambando na instrumentalização política dos pró e antivacina. Nesse sentido, e em leitura bastante genérica, meramente ilustrativa aqui, os pró-Bolsonaro são vistos como os que temem “virar jacaré” se se vacinarem¹⁴; já os pró-vacinas têm sido associados a campos políticos de esquerda¹⁵.

Além do fenômeno da divulgação massificada de *fake news*, as redes sociais nos fornecem, enquanto pesquisadores, informações valiosas acerca das mudanças ocorridas tanto na comunicação quanto na forma de interação entre as pessoas¹⁶. A conexão em escala global e a funcionalidade das redes sociais são elementos que resultam no constante choque de pontos de vista sobre um mesmo assunto. As discussões apresentam-se de forma cada vez mais violenta e incisiva nas redes, sobretudo quando o tema em debate é de interesse público e social, como é o caso da atual pandemia do Coronavírus. A livre circulação de opiniões, crenças e valores em um mesmo espaço, tem como resultado as interações conflituosas. Estes elementos nos fornecem um prato cheio para a análise. Principalmente a noção do conflito sempre presente nas deliberações mediadas pelo computador. O conflito desperta interesse tanto da perspectiva dialogal da argumentação (PLANTIN 1990, 2008, 2016, 2018; GRÁCIO 2010, 2011, 2012, 2013, 2019), quanto da *retórica do dissenso* (AMOSSY, 2017, ANGENOT 2008, 2015).

¹³ <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/23/pacientes-precisam-transplantar-figado-apos-uso-do-kit-covid-diz-jornal.htm>

¹⁴ Para mais informações sobre a fala do Bolsonaro relacionando a vacina e a possibilidade de as pessoas se transformarem em jacaré, acesse: https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8&ab_channel=UOL

¹⁵ Soma-se a isso a suspeita de corrupção por parte do Governo Bolsonaro na compra da vacina indiana Covaxin, conforme indicam os desdobramentos da CPI da Pandemia. Para mais informações confira a matéria disponível no seguinte *link*: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/07/02/as-suspeitas-na-compra-de-vacinas.htm>.

¹⁶ Destaca-se o importante trabalho que Marie-Anne Paveau tem desenvolvido sobre a Análise do Discurso Digital. Mas por decorrência do tempo e da fase em que esta dissertação se encontrava quando tivemos acesso à referida obra, optamos por não utilizarmos seu arcabouço teórico, a fim de evitarmos qualquer tipo de equívoco ou análise apressada.

Com relação à *retórica do dissenso*, interessa-nos a modalidade argumentativa da polêmica, a qual constitui-se de três elementos basilares: a *dicotomização*, a *polarização* e a *desqualificação do discurso alheio*. Estas questões que já foram brevemente introduzidas no início desta discussão, serão retomadas no capítulo 1 da presente pesquisa. Com relação à perspectiva dialogal da argumentação – ou o Modelo Dialogal –, destaca-se, o seu interesse pela *estase* (o conflitual) (PLANTIN, 2008).

Nesse sentido, a argumentação em perspectiva dialogal preconiza o estudo de interações concretas em que a contraposição de discursos orientados por uma mesma *questão* se faz presente. Diante disso, constata-se que a argumentação dialogal se interessa pela descrição crítica da costura argumentativa que é tecida durante uma interação conflituosa. Não se pretende, portanto, catalogar e julgar a validade dos argumentos, mas descrever criticamente a atividade argumentativa, a argumentação-em-construção, o ir-e-vir argumentativo. Por este motivo, optamos por mobilizar esta perspectiva de argumentação, na medida em que nos interessamos pela descrição crítica da forma como as pessoas lidam com suas diferenças nas redes sociais, a partir do surgimento de uma *estase argumentativa*.

Com relação aos estudos que contemplam a polêmica como modalidade argumentativa tal como propõe Ruth Amossy, constata-se que a literatura acadêmica integra trabalhos que versam sobre a polêmica e as interações conflituosas nas redes sociais com ênfase em análise de comentários veiculados pela plataforma *Facebook* (CABRAL e LIMA, 2016, 2017, 2018, entre outros). Neste segmento, trabalhos como os de Brito e Oliveira (2018) analisam a forma como o apelo ao *pathos* é concebido na polêmica (ainda sob a perspectiva de Amossy). Temos também estudos voltados para a análise da relação entre a polarização e as *fake news* (MIGUEL, 2019). Ainda com relação à polarização, Ramos (2019) perscrutou a polarização no *Facebook* durante as eleições de 2018. Cavalcante *et. al.* publicou em 2020 um livro intitulado *Linguística Textual e Argumentação*. Esta obra reúne um conjunto de artigos que se dedicaram à análise de interações conflituosas mediadas pelas redes sociais, com ênfase no aporte teórico fornecido por Ruth Amossy, pela perspectiva da Linguística Textual focada no trabalho de Marie-Anne Paveau. Neste mesmo segmento de análise voltada para os estudos da polêmica, citam-se Cavalcante *et. al.*, (2020); Silva e Pires (2019); Valério *et. al.* (2019); Neves (2017); Fernandes e Cavalcante (2020); Carbonera (2019), Lima (2018), Seixas (2019), dentre outros.

Com relação à argumentação em contexto de interação, com ênfase nos preceitos do Modelo Dialogal proposto por Christian Plantin (1990, 2008, 2016, 2017, 2019), citam-se as problematizações propostas por Rui Alexandre Grácio (2010, 2012, 2013), destacando-se as

atualizações realizadas no Brasil por DAMASCENO-MORAIS, (2017, 2019, 2020, 2021a, 2021b, 2021c). Ressaltamos que os estudos da argumentação em perspectiva dialogal ainda são inéditos no Brasil. Neste sentido, apresentamos alguns trabalhos que são fruto de produções acadêmicas recentes, como trabalhos de Conclusão de Curso e Dissertações. Neste segmento, citam-se *Modelo Dialogal da Argumentação e a gestão do desacordo nas redes sociais: fake news e a potencialização do dissenso* (AGAPITO, 2019); *A construção da face argumentativa erística pelo argumento ad fidem, no discurso do Cabo Daciolo, nos debates eleitorais de 2018* (CAMELO, 2020); *A Nova Retórica e a perspectiva dialogal nas redações ENEM* (SILVA, 2020); *A rotulação na construção argumentativa do gênero entrevista no programa Roda Viva* (SIMÃO, 2021).; *Redação Enem – um olhar sobre a estase argumentativa* (SILVA, DAMASCENO-MORAIS, 2021); *Rotulação na perspectiva do modelo dialogal da argumentação* (SIMÃO, DAMASCENO-MORAIS, 2021); *Ceci n'est pas une pipe: a dimensão performativa da argumentação* (GRÁCIO, 2021); *Simulacro de argumentação: o meme como neutralizador de conflito no twitter* (DAMASCENO-MORAIS; ÁLVARES DIAS (2021); *A função argumentativa da ilustração em deliberações jurídicas acerca de danos morais* (DAMASCENO-MORAIS, 2021); *Coalizão argumentativa e ecoação em práticas discursivas jurídicas* (DAMASCENO-MORAIS, 2021); e ainda, *O dicionário como ferramenta para o ensino de argumentação* (PLANTIN, DAMASCENO-MORAIS, 2021).

Para finalizar esta breve contextualização acerca do recorte teórico, apresentaremos a seguir trabalhos que foram desenvolvidos em torno do fenômeno das *fake news*. Braga (2018) se propôs a explorar as possíveis relações entre as *fake news* e o discurso de ódio; Miguel (2019) analisa as implicações das *fake news* na construção da polarização política; Brugnago e Chaia (2015) propuseram um trabalho de análise da polarização política e a radicalização ideológica veiculada pelo *Facebook* durante as eleições de 2014 no Brasil; Recuero e Gruzd (2019) se dedicaram à análise da circulação de *fake news* no *Twitter*; Amarante (2020) analisa as implicações do compartilhamento massificado de *fake news* no atual contexto pandêmico. Existem diversos outros trabalhos que se detêm ao estudo das *fake news* e suas respectivas correlações. No decorrer da presente pesquisa, estes e outros autores serão convidados para a discussão.

Diante disso, percebe-se que a literatura contempla trabalhos voltados para a análise e discussão de temas que relacionam as *fake news* com a polarização, tais como: BRUGNAGO e CHAIA, 2015), (MIGUEL, 2019), (LELO, 2019), (RIBEIRO, ORTELLADO, 2018); a polarização durante as eleições (RAMOS, 2019); (RECUERO e ZAGO, 2020); *fake news* e a

pandemia decorrente da Covid-19 (SILVA, 2020), (JÚNIOR *et. al.*, 2020), (GALHARDI *et.al.*, 2020); bem como trabalhos sobre a polêmica e interações conflituosas (CABRAL e LIMA, 2016, 2017, 2018), (CAVALCANTE *et. al.*, 2020), (SILVA e PIRES, 2018), (VELÁRIO *et. al.*, 2019), (NEVES, 2017), (FERNANDES e CAVALCANTE 2020), (CARBONERA, 2019); por fim, trabalhos que se debruçam sobre o modelo dialogal da argumentação (PLANTIN, 1990, 2008, 2016, 2017, 2019), DAMASCENO-MORAIS, 2017, 2019, 2020, 2021a, 2021b, 2021c), (AGAPITO, 2019), (CAMELO, 2020), (SILVA, 2020) e (SIMÃO, 2021).

Com base nas pesquisas supracitadas, verifica-se, portanto, que a literatura ainda não contemplou um trabalho voltado para a articulação entre a perspectiva dialogal da argumentação, a polarização e a propagação de *fake news* nas redes sociais. Neste sentido, este estudo busca contribuir com uma leitura crítica, tendo como ponto de partida a análise de interações com teor argumentativo (ou que ao menos apresente *estase* bem estabelecida), compartilhadas nas redes, com base em questões argumentativas delineadas a partir de três *fake news*. Diante das questões apresentadas e o atual contexto pandêmico de reclusão forçada e de efervescência virtual, o melhor amigo do homem deixou de ser o cão e passou a ser o *smartphone* e/ou o *notebook*, elementos metonímicos que, sem dúvida, retratam e resumem um pouco a nossa rotina em tempos de toque de recolher, ou mesmo de não-me-toques. A partir desse contexto brevemente desenhado, apresentamos a questão inicial e norteadora desta pesquisa:

- *Qual é o papel desempenhado pelas fake news no processo de construção da polarização nas redes sociais, a partir da discussão de três fake news?*

A partir dessa questão inicial e motivadora, traçamos os objetivos desta dissertação. Nesse sentido, o objetivo geral aqui proposto é:

Objetivo geral:

- Descrever e analisar, com o apoio do Modelo Dialogal da Argumentação e dos estudos de Ruth Amossy acerca da Polêmica Argumentativa, como se constrói a polarização nas redes sociais, a partir da propagação de três *fake news* vinculadas ao contexto de pandemia causada pelo Coronavírus.

Neste sentido, como objetivos específicos, intenta-se:

1. Realizar uma leitura crítica do Modelo Dialogal da Argumentação;
2. Realizar uma leitura crítica a respeito da polêmica em sua modalidade argumentativa;

3. Estabelecer um diálogo entre o Modelo Dialogal da Argumentação desenvolvido por Christian Plantin com os estudos da Polêmica Argumentativa, desenvolvidos por Ruth Amossy;
4. Realizar uma incursão teórica preliminar acerca das *fake news* como base para discussão do *corpus* a ser analisado.
5. Descrever o jogo de atuação dos papéis actanciais (Modelo Dialogal) em comentários produzidos no *Facebook*.
6. Descrever o funcionamento de comentários na plataforma Facebook;
7. Descrever e analisar a relação entre três *fake news veículas no Facebook* e a materialização do ônus da prova;
8. Perscrutar a forma como pontos de vista antagônicos orientados por uma mesma questão, são gerados e geridos no *Facebook*, a partir da análise das *fake news* selecionadas para esta pesquisa;
9. Estabelecer um quadro comparativo com o entrecruzamento do Modelo Dialogal (Christian Plantin) com a perspectiva acerca da Polêmica teorizada por Ruth Amossy.

No intuito de cumprir os propósitos supracitados, foram extraídas da rede social *Facebook* três *fake news* responsáveis por desencadear discussões calorosas sobre a atual pandemia do Coronavírus. As discussões parecem já dicotomizadas entre os adeptos das políticas públicas adotadas pelo Governo Federal e os não adeptos. A primeira *fake news* é uma imagem com a ilustração de uma máscara geralmente utilizada em procedimento cirúrgico, mas por decorrência da pandemia, tem sido utilizada pela população de modo geral. A própria imagem contém alegações de que o uso da máscara é prejudicial à saúde e, além disso, não é eficaz para prevenir a propagação e o contágio da Covid-19¹⁷. A publicação, até a data da coleta, continha 171 reações, 190 compartilhamentos e 243 comentários.

A segunda *fake news*, também situada no contexto da pandemia da Covid-19, foi publicada na página de um ex-deputado estadual de São Paulo. Até a data da coleta, a publicação contava com 6.600 reações, 19.000 compartilhamentos e 2.300 comentários. A postagem é acompanhada por duas imagens de Mônica Calazans, a primeira brasileira a receber a vacina contra o Coronavírus: de um lado, a foto de Mônica em uma entrevista concedida

¹⁷ <https://www.Facebook.com/DiarioDeHospital/photos/3090684470968039>

durante os testes da vacina; de outro, uma foto de Mônica na praia¹⁸, supostamente datada durante os testes. A publicação busca pôr em xeque a credibilidade do desenvolvimento da vacina. Para isso, o autor ironiza alegando que Mônica havia sido imunizada durante a fase de testes e que por este motivo a sua vacinação pública teria sido uma farsa. Após a verificação dos fatos, constatou-se que Mônica Calazans recebeu placebo durante a fase de testes da vacina contra o Coronavírus. E por este motivo, a referida enfermeira foi contemplada com a primeira dose do imunizante durante um evento público organizado em São Paulo.

A terceira e última *fake news* contemplada nesta pesquisa é uma publicação também veiculada pelo *Facebook* e até a data da coleta contava com 18.000 reações, 1.900 comentários e 8.000 compartilhamentos. Trata-se de uma *fake news* cuja temática versa sobre a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento precoce contra o Coronavírus. Além dessas informações, a publicação é acompanhada de uma fotografia de Jair Bolsonaro portando duas caixas do referido medicamento, em um movimento de mobilização de um discurso de autoridade, visto ser ele o Presidente da República, uma vez que o referido presidente sempre se mostrou a favor do tratamento precoce com a Cloroquina, mesmo após a comprovação de sua ineficácia no tratamento contra o Coronavírus.

À luz das discussões ora apresentadas, temos que esta dissertação é original na medida em que a literatura acadêmica não contempla pesquisas que estabelecem um diálogo entre o Modelo Dialogal da Argumentação (PLANTIN, 1990, 2008, 2016, 2017, 2019), a polêmica em sua modalidade argumentativa (AMOSSY, 2017a, 2017b) e as *fake news* (LAZER, 2018; JACK, 2017). A originalidade e atualidade desta pesquisa justifica-se tanto pela articulação entre as perspectivas teóricas, quanto pela seleção e delimitação dos dados que constitui nosso *corpus*.

O escopo teórico da presente pesquisa encontra-se dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Redes sociais e a noção de polêmica argumentativa*, discorreremos inicialmente acerca da delimitação conceitual de redes sociais (dentro e fora do ambiente virtual) e da noção de Polêmica Argumentativa, proposta por Ruth Amossy. Além disso, traçaremos um breve panorama acerca do uso das redes sociais como ferramenta para a participação ativa na vida política e social, por parte da população brasileira. Por fim, discutiremos sobre as noções de *doxa* e valores, no intuito de preparar o terreno para as análises empreendidas nesta pesquisa.

¹⁸ <https://www.Facebook.com/carteiroreaca/posts/1515158038682407>

No segundo capítulo teórico, trabalharemos com as categorias de análise advindas do Modelo Dialogal da Argumentação. Neste sentido, apresentaremos a delimitação conceitual das seguintes categorias: *situação argumentativa*, *estase argumentativa*, *questão argumentativa*, *papéis actanciais* (Proponente, Oponente e Terceiro) e *atores da situação comunicativa*, propostos por Christian Plantin.

Posteriormente, no capítulo metodológico, nos dedicamos à explicação dos procedimentos de descrição e análise adotados nesta pesquisa bem como o percurso metodológico percorrido durante a jornada de elaboração desta dissertação. Além disso, discorreremos sobre as etapas de tomada de decisão, seleção e delimitação do *corpus*. Detalhamos os critérios de coleta e análise, bem como as etiquetas que foram utilizadas para facilitar a identificação e localização dos dados no decorrer das análises.

No capítulo *descritivo-analítico: o Modelo Dialogal da Argumentação*, pensando em questões metodológicas e didáticas, realizamos uma recapitulação acerca das categorias de análise do Modelo Dialogal da Argumentação. Feito isso, estabelecemos um diálogo entre a teoria mobilizada e os dados contemplados para análise. Apresentamos ali uma análise detida dos comentários vinculados às três *fake news* coletadas, de modo a observar a costura argumentativa produzida naquele contexto de interação.

Feito isso, no capítulo 5: *a polêmica em sua modalidade argumentativa e a mobilização do ônus da prova*, no intuito de responder à questão norteadora desta pesquisa, a saber, “*Qual é o papel desempenhado pelas fake news no processo de construção da polarização nas redes sociais, a partir da discussão de três fake news?*”, realizamos uma análise sobre os *elementos semióticos* presentes nas *fake news* contempladas. Além disso, trabalhamos a relação entre as *fakes news* e a materialização do *ônus da prova* em cada contexto de produção e interação que envolve as três *fake news*. Posteriormente, apresentamos uma discussão detida sobre as categorias que constituem a Polêmica Argumentativa, isto é, a *dicotomização*, a *polarização* e a *desqualificação do discurso alheio*.

Por fim, ainda no capítulo 5, nos dedicamos à discussão sobre os pontos de contato entre o Modelo Dialogal da Argumentação e a Polêmica Argumentativa. Para isso, retomamos as noções de *estase argumentativa*, *papéis actanciais* e as categorias da *polêmica argumentativa* a fim de realizarmos um levantamento tanto das semelhanças, quanto das diferenças entre as abordagens teóricas.

Diante do que foi exposto, apresentaremos no capítulo 1 a seguir, uma discussão verticalizada sobre os conceitos de *rede social*, *polarização*, *polêmica* e *fake news*.

CAPÍTULO 1

REDES SOCIAIS E A NOÇÃO DE POLÊMICA ARGUMENTATIVA

Desde que a internet deixou de ser um “fenômeno de uso restrito e passou a ser massificado” (CALAZANS e LIMA, 2013), as formas de interações humanas sofreram diversas modificações. Neste sentido, concordamos com Braga (2018, p. 206), para quem “A mudança na comunicação representa uma mudança na linguagem e é por meio da linguagem que percebemos a realidade”. Essa constatação aproxima-se da proposta de Castells (1999) no tocante à percepção de que a comunicação é responsável por moldar a cultura. Isso é possível porque “nós não vemos a realidade como ‘ela’ é, mas como são nossas linguagens. E nossas linguagens são nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura” (POSTMAN, 1985, p. 15, *apud* CASTELLS, 1999, p. 414). Destaca-se, ainda, que a linguagem não é transparente ou capaz de refletir o mundo tal como ele é, pois, “[...] ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo” (CHARAUDEAU, 2019, p. 19).

Nesse início de século XXI, a mudança na linguagem tem sido moldada pela conversação em rede, e é por meio desta que “[...] nossa cultura está sendo interpretada e reconstruída” (RECUERO, 2020a, p. 18). A comunicação mediada pelo computador (CMC), sobretudo após a emergência dos *sites de redes sociais*, possibilitou a conexão entre pessoas em escala global de forma dinâmica e democrática. Neste sentido, o computador está longe de ser uma máquina que apenas processa dados e proporciona a realização de atividades de estudo e trabalho. Ele pode ser considerado atualmente, uma ferramenta social, cuja principal característica é o seu uso conversacional. Esse aspecto é fundamental para que possamos compreender as formas de sociabilidade na contemporaneidade (RECUERO, 2020a p. 21).

As interações humanas na contemporaneidade têm sido mediadas principalmente pelo computador. Sites de redes sociais, tais como o *Orkut* – desativado em 2014 –, o *Facebook*, o *Twitter* e o *Instagram*, por exemplo, foram desenvolvidos para conectar pessoas. É claro que cada site mencionado possui suas idiossincrasias e objetivos específicos, mas o fato é que foram pensados para promover interação entre seres humanos em um ambiente virtual. Essas interações mediadas pelo computador, partem, antes de tudo, de um modelo de interação concreta, isto é, da noção de interação humana estabelecida no ambiente físico. É neste sentido que Raquel Recuero (2020) propõe uma importante distinção entre os conceitos de *redes sociais* e *sites de redes sociais*.

Em primeiro momento, e segundo a autora citada, podemos apreender as *redes sociais* como o conjunto de pessoas que estabelecem, em maior ou menor grau, uma rede de relações, seja no ambiente familiar, escolar, profissional ou outro. Trata-se de interações humanas concretas. Já os *sites de redes sociais* correspondem às plataformas de compartilhamento *online*, capazes de comportar as *redes sociais*, conectando pessoas em escala global e promovendo interações de forma democrática. Dito isto, mensagens passaram a ser difundidas de forma dinâmica e massificada nos *sites de redes sociais* e isso levou a três questões importantes: primeiro, a descentralização do poder de divulgação de informações, antes concentrado nas grandes mídias; segundo, a polarização entre grupos que assumem posicionamentos opostos no espectro político-ideológico; terceiro, a disseminação de *fake news*. Estas três questões serão abordadas posteriormente neste capítulo. *A priori* trabalharemos na próxima subseção com a noção de rede dentro e fora das plataformas virtuais.

Redes Sociais: Abordagens Teóricas e Delimitação Conceitual

O estudo das redes sociais tem despertado o interesse de diversas áreas do conhecimento, tais como a Antropologia, a Sociologia, a Linguística, o Jornalismo, o Marketing, dentre outras. Devido à diversidade de recortes teóricos e metodológicos, cada área projetou um olhar específico para o fenômeno das redes sociais, o que resulta na falta de consenso no que diz respeito à sua delimitação conceitual¹⁹. Antes de discutirmos os direcionamentos e desdobramentos da expressão “rede social”, torna-se necessário uma breve elucidação sobre a noção de “rede”. De modo geral, a palavra “rede” tem sido utilizada para designar metaforicamente, interações, troca de informação, comunicação etc. (AGUIAR, 2008, p. 2). Nesta perspectiva, as redes sociais são, primordialmente, as relações entre pessoas. Para Raquel Recuero (2020b, p. 24), “Uma rede é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”.

Em uma perspectiva similar, Castells (2003, p. 6) propõe que “Uma rede é um conjunto de nós interconectados. A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo, transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet”. Constata-se, a partir da exposição de Castells (2003), que a noção de rede social é concebida originalmente no ambiente físico e posteriormente transposta para o ambiente virtual. As relações estabelecidas no mundo virtual foram intensificadas a partir da década de

¹⁹ Reiteramos que por decorrência do tempo e da fase em que esta dissertação se encontrava quando tivemos acesso à obra de Marie-Anne Paveau sobre a análise do discurso digital, optamos por não utilizarmos seu arcabouço teórico, a fim de evitarmos qualquer tipo de equívoco ou análise apressada.

90, especificamente em 1995 com a democratização do acesso à Internet. Para que se possa compreender o que estamos chamando de democratização do acesso à Internet, é necessário realizarmos uma breve digressão acerca de sua origem.

Na década de 1960 a *Advanced Research Projects Agency* (ARPA) criou uma rede de computadores chamada *Arpanet* (CASTELLS, 2003). Um dos objetivos básicos da criação da *Arpanet* era o de possibilitar o compartilhamento *online* de dados militares sigilosos entre os centros de computadores e pesquisadores vinculados à *Advanced Research Projects Agency* (ARPA). A ARPA foi fundada em 1958 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos e possuía como objetivo mobilizar recursos de pesquisa a fim de se obter superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética (CASTELLS, 2003, p. 14-15). Neste sentido, apesar de ter sido concebida na década de 1960, a Internet como a conhecemos atualmente, teve seu acesso liberado para a sociedade apenas em 1995. Nos termos de Castells (2003, p. 21)

Embora a Internet tivesse começado na mente dos cientistas da computação no início da década de 1960, uma rede de comunicações por computador tivesse sido formada em 1969, e comunidades dispersas de computação reunindo cientistas e hackers tivessem brotado desde o final da década de 1970, para a maioria das pessoas, para os empresários e para a sociedade em geral, foi em 1995 que ela nasceu.

Posto isto, a noção de democratização do acesso à internet que adotamos nesta pesquisa, refere-se à abertura da rede para a sociedade em escala global. Essa noção de democratização do acesso não deve ser confundida com a democratização das condições de acesso à internet. O ensino remoto adotado durante o atual contexto pandêmico tem evidenciado bem essa falta de democratização nas condições de acesso²⁰. Neste sentido, optamos por aqui apresentar uma breve contextualização acerca das origens da internet de modo a evidenciar o que entendemos por democratização do acesso à internet. Realizadas as devidas considerações, voltemos para a discussão sobre as noções de redes sociais.

Como apresentado anteriormente, para Castells (2003) o conceito de rede social foi concebido, originalmente, no ambiente físico. Posteriormente este conceito foi transposto para o ambiente virtual, de modo que a democratização do acesso à internet propiciou a intensificação das relações em rede no ambiente virtual. Além disso, outro fator que contribuiu para tal intensificação foi a emergência de *sites de redes sociais*. Neste sentido, Recuero (2020b, p. 24), ancorada nas abordagens de Wasserman e Faust (1994) e Degenne e Forse (1999), argumenta que uma rede social “[...] é definida como um conjunto de dois elementos: *atores*

²⁰ Para mais informações sobre as condições de acesso à internet no atual contexto pandêmico, acesse: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/04/segundo-ibge-43-milhoes-de-estudantes-brasileiros-entraram-na-pandemia-sem-acesso-a-internet.shtml>.

(pessoas, instituições ou grupos; os nós das redes) e suas *conexões* (interações ou laços sociais) [...] (RECUERO, 2020b, p. 24).

Os atores são definidos como as pessoas ou grupos envolvidos em uma determinada rede social. Sua função consiste em moldar as estruturas sociais por meio da “interação e da constituição de laços sociais” (RECUERO, 2020b, p. 25). As conexões, por sua vez, consistem na interação entre os grupos, o que resulta na constituição de laços sociais. Tais considerações referem-se ao conceito de rede social pertencente ao ambiente físico e não virtual. As redes sociais ao serem transpostas para o ciberespaço adquirem novos delineamentos. Isso quer dizer que os *atores* e as *conexões* serão constituídos de forma diferente, pois, a comunicação mediada pelo computador proporciona um certo distanciamento entre as pessoas, o que modifica os tipos de interação. Nos termos da autora,

Quando se trabalha com redes sociais na Internet, no entanto, os atores são constituídos de maneira um pouco diferenciada. Por causa do distanciamento entre os envolvidos na interação social, principal característica da comunicação mediada por computador, os atores não são imediatamente discerníveis. Assim, neste caso, trabalha-se com representações dos atores sociais, ou com construções identitárias do ciberespaço (RECUERO, 2020b p. 25).

Destaca-se, portanto, que os atores são pessoas que participam de uma determinada rede ou grupo social. Mas ao transporem essa rede de relações para o ambiente virtual, os atores passam a ser representados por figuras ou identidades. Compreender essa mudança das noções de atores dentro e fora do espaço virtual é fundamental para que possamos apreender a distinção que Recuero (2020b) estabelece entre as noções de *redes sociais* e *sites de redes sociais*. Antes de apresentarmos esta distinção, peço licença para realizar outra digressão. A noção de *atores* proposta por Recuero (2020a, 2020b) possui similaridade com os *atores* do Modelo Dialogal da Argumentação proposto por Christian Plantin (1990, 2008, 2016, 2018) sobre o qual discorreremos mais detalhadamente no próximo capítulo. Isso quer dizer que para Recuero os atores são as pessoas físicas, as instituições ou os grupos que formam os nós das redes. Para Plantin, os *atores* são as pessoas físicas presentes em uma dada situação comunicativa que pode ser concebida em interações mediadas pelos *sites de redes sociais* – para utilizar a nomenclatura proposta por Recuero.

Dito isso, voltemos para a distinção entre *redes sociais* e *sites de redes sociais* arquitetada por Recuero. Segundo a autora, a rede social refere-se a um grupo de atores sociais que utilizam determinadas ferramentas digitais para estabelecerem interações e publicarem informações. Já os sites de redes sociais são ferramentas digitais, isto é, o espaço técnico utilizado pelos atores das redes sociais com finalidades diversas, tais como, proporcionar

interação, compartilhar conteúdos com temas variados, participar ativamente de discussões públicas etc. “Com isso, podemos perceber que o ciberespaço, como ambiente da conversação, é construído enquanto ambiente social e apropriado enquanto ambiente técnico” (RECUERO, 2020a, p. 41). É válido ressaltarmos que o *Facebook*, o *Instagram* e o *Twitter*, por exemplo, se autointitulam redes sociais *online*/virtual, o que corresponde à noção de *sites de redes sociais*, proposta por Recuero (2020b).

A distinção entre *redes sociais* e *sites de redes sociais* é basilar na perspectiva proposta pela referida autora e por disciplinas que objetivam o estudo das redes sociais a partir de outros recortes teóricos. Diante disso, torna-se fundamental esclarecermos que utilizaremos redes sociais para nos referirmos aos *sites de redes sociais*, tendo-se em vista que mobilizamos recortes teóricos de autores que utilizam *redes sociais* de forma equivalente aos *sites de redes sociais*. A título de exemplificação, citam-se, Torres (2009), Pariser (2012), Braga (2018), Cabral (2018, 2019), Empoli (2020) e Vitorino & Renault (2020). Neste sentido, redes sociais, plataformas digitais, rede social virtual e plataforma/ferramenta de compartilhamento *online*, serão utilizados de forma equivalente nesta dissertação.

Diante do exposto, destaca-se que a noção de redes sociais contemplada neste estudo se encontra ancorada nos trabalhos de Torres (2009), para quem as redes sociais são *sites* que propiciam a interação e troca de informação entre as pessoas. Nos termos do autor,

Assim, quando me refiro a redes sociais estou falando dos sites ou recursos que permitem a interação e troca de informações entre pessoas, ou melhor, das redes de pessoas formadas por meio dos recursos dos sites que participam. Considero as redes sociais como parte das mídias sociais, já que elas também produzem conteúdo que é consumido e compartilhado na internet (TORRES, 2009, p. 114).

Destaca-se que a noção de redes sociais não deve ser confundida com a noção de mídias sociais. As redes sociais, como vimos, são definidas pela capacidade de viabilizar a troca de informação e interação entre as pessoas através de um determinado recurso ou *site*, de modo a preconizar a interação entre elas. Já as mídias sociais diferenciam-se por comportar um conjunto de mídias abrangente, isto é, contempla o conjunto de todas as mídias colaborativas (TORRES, 2009, p. 113-114). Dito de outro modo, as mídias sociais contemplam o conjunto de *sites* de armazenamento multimídia, tais como o *YouTube*, *Wikipedia*, bem como blogs e *sites de relacionamento*, como, o *Facebook*, ou *MySpace*, para citar alguns exemplos. Note que as redes sociais integram o amplo conjunto das mídias sociais, mas não constituem sua totalidade. Por este motivo, mídias sociais e redes sociais não são concepções equivalentes, de acordo com o recorte teórico adotado nesta pesquisa.

Definidos os aportes teóricos e realizadas as respectivas delimitações conceituais, torna-se fundamental discutirmos sobre as implicações atuais do uso das redes sociais *online* no cotidiano das pessoas. Em 2018 durante as eleições presidenciais no Brasil, tivemos a oportunidade de observar a apropriação das redes sociais como o *Facebook*, o *Twitter* e o *Instagram*, por exemplo, para fins políticos. Essa utilização ocorreu tanto por parte de alguns políticos que optaram por divulgar sua campanha eleitoral nas redes a fim de estreitar o laço entre candidato-eleitor, quanto por parte da população de modo geral. Nota-se que houve uma mudança significativa na forma como concebemos a comunicação. Reiteramos, em consonância com Braga (2018, p. 206), que “A mudança na comunicação representa uma mudança na linguagem e é por meio da linguagem que percebemos a realidade”. Neste sentido, a mudança na linguagem tem sido moldada por meio da conversação em rede. E é justamente por meio desta que “[...] nossa cultura está sendo interpretada e reconstruída” (RECUERO, 2020a, p. 18). Diante disso, na próxima subseção discutiremos as implicações dessa nova forma de comunicação proporcionada pelas redes sociais.

1.1.2 O uso das redes sociais como ferramenta de participação ativa na vida política e social no Brasil

As redes sociais são comumente utilizadas na contemporaneidade, como ferramentas democráticas para a participação ativa das pessoas em assuntos ditos de interesse público, político e social. No Brasil essa apropriação das redes para tais fins teve início no período que ficou conhecido como *Jornadas de Junho de 2013*²¹. Neste período, conforme observam Brugnago e Chaia (2015), as discussões veiculadas pelas redes sociais ressurgiram sobretudo com a pauta política e ideológica, resultando em uma polarização entre grupos que se autodeclaravam pertencerem à esquerda ou à direita do espectro político. Pode-se dizer que este período marca o início da apropriação e ressignificação do uso das redes sociais para fins políticos e participação ativa dos cidadãos em discussões com temas de interesse público e social.

Avançando para outro momento que merece destaque no que diz respeito à utilização das redes virtuais para fins políticos, citam-se as eleições presidenciais de 2018 no Brasil. Neste período tivemos a oportunidade de observar a efervescência e amplificação de debates relacionados à pauta política e social. Ressurge neste período a polarização entre grupos que se autodeclararam pertencerem à esquerda ou à direita do espectro político. Essa questão é

²¹ Para mais informações sobre as Jornadas de Junho de 2013, confira: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44310600>

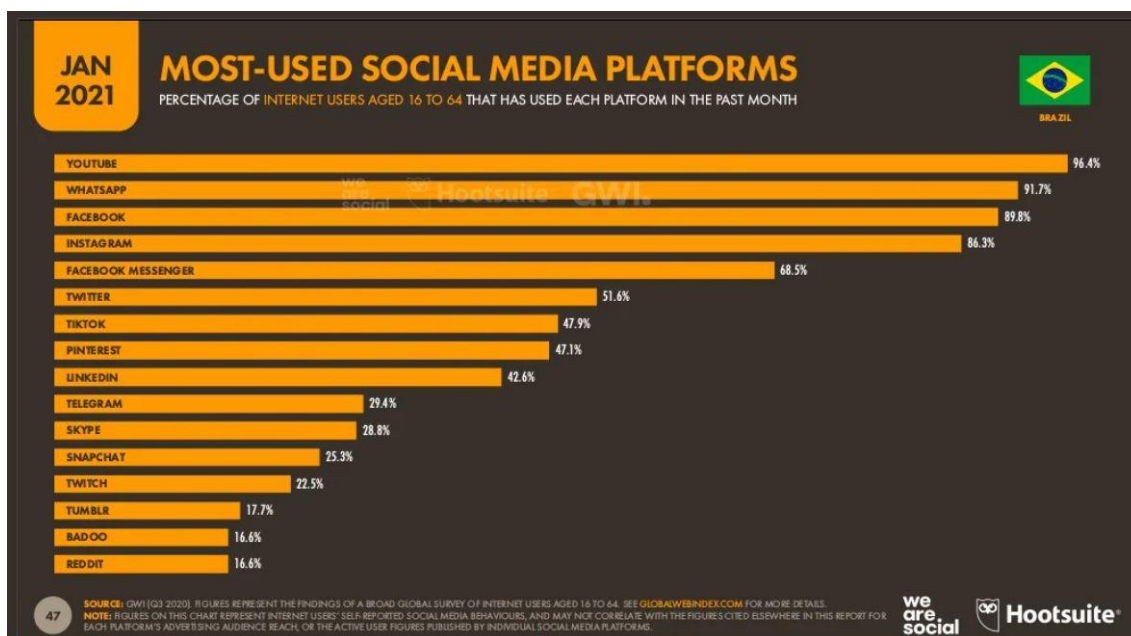
endossada pelo fato de alguns políticos terem optado por divulgar sua campanha eleitoral nas redes sociais, o que corroborou para o estreitamento do vínculo entre o candidato e seu público eleitor/seguidor. Citamos como exemplo, o até então candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro, o qual investiu de forma intensiva no *marketing* em suas redes sociais durante a corrida eleitoral (HUR, SABUCENO, 2020). Ainda segundo os autores, “Os intelectuais que abordam a utilização das redes sociais de internet na mobilização social apresentam uma perspectiva otimista de como elas podem potencializar a ação política, pois aumenta a participação e autonomia dos ativistas [...]” (HUR, SABUCENO, 2020, p. 135).

As redes sociais imprimem uma nova lógica de interação e comunicação na sociedade contemporânea. Sua utilização para fins políticos e ativismo social não se restringe ao período eleitoral. Diversas são as contas oficiais de representantes políticos e figuras públicas que utilizam suas redes pessoais para dialogar com a população e publicar comunicados oficiais. O atual presidente da República, Jair Bolsonaro, por exemplo, segue sua gestão mantendo o roteiro de sua campanha eleitoral, isto é, utilizando suas redes sociais para divulgar comunicados oficiais, confrontar jornalistas, cientistas, líderes políticos – tanto na esfera nacional como internacional – e opositores de modo geral. Ao utilizar as redes sociais para se comunicar com a população e, por conseguinte, estreitar o vínculo entre a população e o representante, descentraliza-se o poder de divulgação das informações. Isso quer dizer que qualquer indivíduo com um dispositivo móvel com acesso à internet pode divulgar informações diversas em larga escala.

Destaca-se ainda, o lugar que as redes sociais ocupam no atual contexto de pandemia do Coronavírus. Houve neste período de distanciamento social um aumento exponencial na utilização de redes sociais. De acordo com um relatório digital disponibilizado no *site DataReport*, entre os anos de 2020 e 2021 no Brasil, as mídias sociais foram acrescidas com 10 milhões de usuários. Somente em janeiro de 2021 o país contava com a participação de 150 milhões de usuários de mídias sociais, conforme consta no referido relatório (Hootsuite & We Are Social, 2021)²². O gráfico a seguir materializa quantitativamente o uso das principais redes sociais por internautas com faixa etária entre 16 e 64 anos. O gráfico corresponde ao mês de janeiro de 2021 e contém dados especificamente do Brasil. Confira:

Gráfico 1: Uso de plataformas de mídias sociais em janeiro de 2021.

²² Para mais informações sobre o relatório digital de 2021, acesse: Digital no Brasil: Todas as estatísticas que você precisa em 2021 — DataReportal – Global Digital Insights.



Observe que os produtores do gráfico (1) acima utilizaram a nomenclatura *social media platforms* (plataformas de mídia social) e não *redes sociais*. Isso quer dizer que o gráfico contempla um conjunto diverso de *sites* ou plataformas digitais. Portanto temos em um mesmo conjunto *sites* de armazenamento de mídias (*YouTube*), blog (*Tumblr*), aplicativo de mensagem instantânea (*WhatsApp*) e redes sociais (*Facebook*), todos envolvidos pela categoria denominada mídias sociais (TORRES, 2009). Neste sentido, note que nosso objeto de interesse, no caso, o *Facebook* figura na terceira posição como rede social mais utilizada no Brasil em janeiro de 2021, marcando 89,8%. De acordo com Recuero (2020a, p. 15), o *Facebook* contemplou no ano de 2020 cerca de 800 milhões de usuários em todo o mundo, tornando-se, dessa forma, uma das maiores ferramentas de comunicação na Internet.

Com base nas informações apresentadas, constata-se que as redes sociais imprimem uma nova forma de interação e socialização na contemporaneidade. Soma-se a isso, o momento de distanciamento social decorrente da pandemia causada pelo Coronavírus. As redes podem ser consideradas o novo palco para discussões de interesse público e social, lugar em que vozes e opiniões ecoam, ora complementando-se, ora contrastando-se. O caráter democrático conferido às redes sociais possibilita a circulação massiva e instantânea de conteúdos variados. O que por um lado apresenta-se de modo positivo na medida em que as informações circulam livremente, a população participa ativamente dos debates com temas políticos e sociais, e diferenças são negociadas. Mas por outro lado, o excesso de informações que circulam nas redes somadas à intencionalidade de propagar desinformação, torna-se prejudicial.

Sabe-se que em sociedades democráticas um dos princípios fundamentais que deve ser respeitado é a coexistência de opiniões e valores diversos. Os discursos que circulam no espaço social (como nas redes sociais, por exemplo) estão em constante confronto devido à diversidade de valores que constituem as *doxai* sociais. Na próxima subseção discutiremos as noções de doxa e de valores, para que melhor possamos compreendê-las no contexto das redes sociais.

1.1.3 As noções de *Doxa* e Valores

Como discutido anteriormente, o atual contexto causado pela pandemia do Coronavírus contribuiu para o aumento exponencial do uso da internet, sobretudo das redes sociais. Nota-se que a funcionalidade das plataformas, isto é, as possibilidades de comentar, reagir – tomando de empréstimo as terminologias do *Facebook* – e compartilhar um conteúdo, as tornam um ambiente democrático para interação. É neste espaço que vemos circular uma multiplicidade de opiniões ou *doxai* – isto é, “crença comum ou opinião popular” (ANGENOT, 2015, p. 49) – ecoadas por vozes constituídas por um conjunto difuso de valores. Antes de adentrarmos nas delimitações conceituais de valores e *doxa*, é importante pontuarmos que a coexistência de opiniões diversas acerca de assuntos de interesse público e social, é um dos princípios básicos das sociedades ditas democráticas.

Para pensadores como Platão, a opinião advém da *doxa* e esta, por sua vez, se opõe ao conhecimento científico (*episteme*). É neste sentido que na perspectiva platônica, o conhecimento passa pela distinção entre os dois planos do real: o *sensível* e o *inteligível* (SILVA, 2016). O primeiro, é considerado inferior na medida em que corresponde ao mundo das opiniões, das percepções individuais. Estabelecendo uma analogia com o *mito da caverna*, as opiniões seriam as percepções das sombras refletidas, isto é, o reflexo daquilo que é real. O segundo, o plano do inteligível, corresponde ao conhecimento verdadeiro concebido por meio da ação do intelecto. É esta divisão entre os planos *sensível* e *inteligível*, que ficou conhecida como o dualismo platônico. Dito isso, para Platão as opiniões são consideradas uma cópia imperfeita e instável do verdadeiro (SILVA, 2016) e por este motivo, opõe-se ao conhecimento epistêmico. Ainda com relação a esta oposição, Mora, (2004, p. 768,) afirma que a *doxa* foi utilizada

em sentido filosófico já por Parmênides, que apresentou e, de acordo com a maioria dos comentadores, contrastou a doutrina da opinião enquanto aparência, ilusão ou engano, com a da verdade. O sentido de doxa como aparência é encontrado também em Platão [...]. Platão fala também de doxa como opinião, que se contrapõe à ciência ou saber verdadeiro.

Com relação aos métodos de estudos preconizados nesta concepção, isto é, a dialética, Platão argumentou que a opinião deveria ser desvinculada desta, na medida em que a dialética opera segundo os princípios da realidade, fato que a situa no campo da ciência. Enquanto a opinião, situada no plano *sensível*, constitui-se somente como uma cópia instável e imperfeita da realidade, o que a torna passível de engano. Para Platão,

o “refutar segundo a opinião” praticado por Protágoras não se caracteriza mais com a dialética, visto que esta última deve “refutar segundo a realidade”: logo, não há outra dialética senão a filosofia, uma filosofia entendida como ciência. (BERTI, 2010b, p. 404, *apud* Silva, 2016, p. 49).

É a partir de Aristóteles, discípulo de Platão, que a opinião se tornará peça central nos estudos da dialética e da retórica (SILVA, 2016). Uma primeira mudança de perspectivas é instaurada: enquanto Platão concebia a dialética como equivalente à *episteme* e filosofia, Aristóteles perspectivou a retórica e a dialética como uma arte da linguagem (SILVA, 2016, p. 50). Nesta visada, Aristóteles propõe a definição de *endoxa*, que pode ser compreendida como “[...] opiniões ‘geralmente aceitas’ aquelas que todo mundo admite, ou a maioria das pessoas, ou os filósofos – em outras palavras: todos, ou a maioria, ou os mais notáveis e eminentes.” (ARISTÓTELES, 1973, p. 11). Dessarte, os *endoxa* diferenciam-se da noção de *doxa* porque abarca somente opiniões de pessoas legitimadas, dos mais sábios, descartando-se as opiniões comuns. Podemos inferir que enquanto a *doxa* refere-se à opinião geral, os *endoxa* constituem-se como uma categoria especial de opinião, ou seja, opiniões legitimadas. Dito isso, passemos às abordagens conceituais de *doxa* contemplada nos estudos contemporâneos²³.

A palavra *doxa* possui origem grega e pode ser compreendida como a opinião geral ou um conjunto de crenças partilhadas em uma determinada época, em uma dada sociedade. No *Dicionário de Análise do Discurso*, organizado por Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2018), o verbete *doxa* é assinado por Christian Plantin, o qual a define como “[...] um conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomadas, mais frequentemente, na sua formulação linguística corrente” (PLANTIN, 2018, p. 176). Por não se preocupar com uma busca metódica por uma noção cristalizada de *verdade*, a *doxa* corresponde ao “espaço do plausível” (Amossy, 2018), em que as crenças são construídas socialmente e as diferenças são constantemente negociadas. Nesta visada, Marc Angenot (2008), define a *doxa* como:

²³ Por decorrência dos fins pretendidos nesta pesquisa, voltaremos nossa atenção para abordagens mais recentes acerca do conceito de *doxa*. Optamos por este termo em detrimento de *endoxa* porque este designa um conjunto de opiniões de grupos específicos (legitimados), como elucida Aristóteles. Já o conceito de *doxa*, não se restringe a opiniões específicas, ou seja, não se restringe às opiniões de especialistas.

o repertório das crenças e dos lugares, das proposições admitidas, próprias àquilo que chamamos um estado de sociedade. A opinião recebida e comum não encerra nem a falsidade patente nem a verdade demonstrável, mas qualquer coisa de mediano, de incerto, de inferior ao verdadeiro e, contudo, útil: o provável. A *doxa* reúne não apenas as premissas sobre as coisas do mundo, ela é também o próprio facto de que certas ‘coisas’ se nomeiam e se classificam, que certas questões se colocam, são reconhecidas como objecto de debate, existem no discurso para um estado de sociedade. (ANGENOT, 2008, *apud* Grácio, 2011, p. 389).

Destaca-se, portanto, que a *doxa*, assim como perspectivam Angenot e Amossy, situa-se fundamentalmente no campo das negociações, na medida em que corresponde ao provável, ao *verossímil* e não à noção platônica de *verdade*. Sabe-se que na Antiguidade, por influência de pensadores como Platão, a *doxa* (opinião pública) foi distanciada do saber científico (*episteme*). Na contemporaneidade, esse distanciamento entre o saber científico e a opinião pública se mantém, mas de forma um tanto quanto confusa, sobretudo em redes sociais. É nos estudos da retórica como arte de persuadir, que a *doxa* encontra-se no coração da comunicação argumentativa (Amossy, 2018). Para autores como Perelman e Olbrechts-Tyteca, o discurso argumentativo será concebido sobre pontos de acordo (Amossy, 2018, p. 107), o que nos leva à noção de valores, uma vez que, para esta perspectiva (perelmaniana), toda argumentação visa à adesão dos espíritos à determinada tese. É neste sentido que os valores tornam-se fundamentais, pois, é necessário que se conheçam os valores partilhados por aqueles que se pretende levar ao assentimento de uma tese. Nos termos dos autores,

Estar de acordo acerca de um valor é admitir que um objeto, um ser ou um ideal deve exercer sobre a ação e as disposições à ação uma influência determinada, que se pode alegar numa argumentação, sem se considerar, porém, que esse ponto de vista se impõe a todos. A existência dos valores, como objetos de acordo possibilitam uma comunhão sobre modos particulares de agir, é vinculada à ideia de multiplicidade de grupos. Para os antigos, os enunciados concernentes ao que chamamos de valores, na medida em que não eram tratados como verdades indiscutíveis, estavam englobados, com toda espécie de afirmações verossímeis, no grupo indiferenciado das *opiniões*. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 84).

Observe que nesta perspectiva a argumentação encontra-se localizada no campo do provável, em que se estabelece a negociação das diferenças. Não se trata, portanto, de uma perspectiva lógica e matemática, mas de uma *lógica dos valores*, daquilo que é negociável, plausível. Concordamos com Plantin que em sociedades democráticas não se busca a eliminação da diferença, mas a coexistência de uma diversidade de opiniões. Neste sentido, “não se trata de convencer, mas sim de conviver” (PLANTIN, 2018, p. 225). É essa coexistência na diferença que move as engrenagens de sociedade democráticas.²⁴

²⁴ Ao versarmos sobre as bolhas sociais e a polarização, estamos lidando, em maior ou menor grau, com questões relacionadas aos conceitos de *doxa* e valores. Por este motivo, optamos por realizar uma breve delimitação contextual acerca destes conceitos. Porém, por decorrência do tempo e da proposta desta pesquisa, optamos por não realizarmos um aprofundamento conceitual, bem como uma análise verticalizada acerca das categorias supracitadas.

1.2 Polêmica e suas respectivas controvérsias

Em seu sentido amplamente difundido nos meios político e social, precipuamente no âmbito jornalístico, a polêmica tem sido utilizada para referenciar situações de extremo desacordo, disputa, debates calorosos com exaltação de valores e paixões, dentre outros. Pensando na circulação de notícias, seja virtual ou impressa, percebemos que as escolhas lexicais que compõem as manchetes apontam para uma percepção negativa do termo polêmica. Dito de outro modo, a palavra polêmica é utilizada nestes meios para designar desacordos, disputas, desavenças de modo geral e de forma pejorativa. Conforme nota Plantin (2003, p. 406 *apud* Amossy, 2017, p. 45), para o jornalista “um debate só pode ser legitimamente considerado uma polêmica e explicitamente designado como tal quando ele percebe nisto emoções violentas da ordem da cólera e da indignação”. É importante esclarecer que ao apontarmos o uso do termo polêmica nas redes sociais, estamos nos referindo à sua intensificação e não sua emergência, pois, a polêmica – me refiro ao seu viés público no Brasil – está intrinsecamente relacionada com o desenvolvimento da imprensa, que no Brasil ocorreu no século XIX. Conforme nota (SODRÉ, 2004, p. 84, *apud* NEVES, 2017 p. 50)

A imprensa era então panfletária e atrevida. Nos períodos de tolerância ou de liberdade, atingiu as grandes violências de linguagem e as polêmicas, refletindo o ardor apaixonado das facções em divergência, chegavam a excessos, a ataques pessoais, a insinuações maldosas.

No tocante à sua etimologia, a palavra polêmica advém do grego *polemikos* e faz alusão à guerra. Seus primeiros registros foram datados em 1578, e sua primeira dicionarização ocorreu em 1718 no *Dictionnaire de l'Académie Française* (AMOSSY, 2017). Nos dicionários impressos de língua portuguesa, a polêmica é definida como “debate oral”, “questão”, “discussão”, “controvérsia” (BUENO, 1996, p. 512). Estendendo para a versão *online*, encontramos definições como “Discussão em torno de um assunto que traz muitas opiniões divergentes; controvérsia”²⁵. Percebe-se que nos dicionários consultados há uma certa unanimidade para se definir polêmica como relativo à controvérsia, discussão²⁶. Destaca-se ainda, o uso deste vocábulo na Linguística, como sua menção no *Dicionário de Análise do Discurso*, em que Dominique Maingueneau assina o verbete “polêmica”, definindo-o como “Categoria de manejo delicado, pois é empregada simultaneamente como substantivo (‘uma polêmica’) para aludir a *um conjunto de textos*, e como adjetivo para se referir a *uma certa*

²⁵ POLÊMICA. In: DICIO, Dicionário *Online* de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/polemica-2/>. Acesso em: 18/03/2021.

²⁶ Em sua obra *Apologia da Polêmica* (2017), Amossy pontua uma certa unanimidade entre os lexicógrafos ao reconhecerem o vocábulo polêmica como relativo à guerra.

organização discursiva ('um texto polêmico')" (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 379).

Kerbrat-Orecchioni (1980) concebe a polêmica por meio de uma metáfora que faz alusão ao vocabulário militar. Para ela, polêmica seria uma “guerra de canetas (ou uma guerra de pena), uma vez que se refere ao combate no plano verbal e não físico. Neste segmento, a polêmica pode ser apreendida como “[...] uma guerra profunda de valores, que remete a um conflito de lógicas e cosmovisões, a qual está associada a Ares e a Eris, o deus da guerra e a deusa da discórdia [...]”. (SILVA, 2018, p. 154). Dessa forma, a polêmica de maneira análoga à guerra, apresenta-se por meio de um desacordo profundo que divide dois campos opostos. Nesta visada, Plantin (2018, p.224) aproxima a polêmica do “desacordo profundo”, conceito empreendido por Fogelin (1985), o qual se relaciona com a incompatibilidade de valores e princípios que não podem ser testados empiricamente²⁷. Neste segmento, para Fogelin, a polêmica aproxima-se da noção de desacordo profundo e pressupõe a interação e o envolvimento pessoal dos participantes. Segundo o autor: a polêmica parece preferir o confronto (face a face), enquanto uma posição de discordância profunda pode ser desenvolvida em paralelo e na ignorância mútua, aparecendo assim além do campo de diálogo argumentado (em tradução livre, p. 224)²⁸.

A partir das delimitações conceituais e ramificações teóricas supracitadas, podemos perceber que os contextos nos quais a polêmica se situa, seja no meio jornalístico, acadêmico e no ambiente das interações mediadas pelas redes sociais, por exemplo, associam-na com a guerra, o desacordo profundo e por vezes, com a violência verbal. A etimologia da palavra polêmica induz para esta perspectiva. No meio acadêmico, se pensarmos nas estruturas já sedimentadas em disciplinas seculares como, a Filosofia, Argumentação e Retórica, perceberemos que a polêmica não é muito contemplada. É neste sentido que Angenot (2018), afirma que poucos são os trabalhos que versam sobre a problematização e teorização das controvérsias e das polêmicas públicas. Ele acrescenta que a *Apologia da Polêmica* de Ruth Amossy, preenche parte dessa lacuna.

Na obra *Apologia da Polêmica* (2017), Ruth Amossy desenvolve sua argumentação com o propósito de reivindicar o lugar da polêmica no debate social. Para isso, lança já no início uma crítica contundente acerca do descrédito conferido à polêmica. Conforme pontua, há uma

²⁷ Sabe-se que a construção do escopo teórico de toda pesquisa passa pela fase de escolha e delimitação das perspectivas teóricas a serem adotadas. Diante disso, destaca-se que não trabalharemos com o conceito de “deep disagreement” nesta pesquisa.

²⁸ Tradução livre. Segue o original: “Nonetheless, polemics seems to prefer (face-to-face) confrontation, while deeply disagreeing position can be developed in parallel and in mutual ignorance, thus appearing beyond the field of argued dialogue”.

contradição significativa entre o lugar teoricamente reservado para a polêmica e o lugar que ela realmente ocupa. Dito de outro modo, a polêmica é marcada como um obstáculo a ser superado ou evitado, pois acredita-se que ela não contribui para o bom funcionamento do debate racional o qual vislumbra o consenso. Mas na prática a polêmica é constantemente acionada e ocupa uma posição privilegiada nas mídias, na política e no espaço público em sua totalidade. Na sequência a autora se/nos questiona acerca daquilo que sustenta essa contradição e conclui que

Evidentemente, pode-se explicar o fenômeno pela incapacidade dos cidadãos, como pessoas políticas, de seguir as regras do debate racional, ou ainda pela curiosidade insana que o público das mídias tem pelo espetáculo da violência verbal. [...]. Estamos na sociedade do espetáculo: as polêmicas atraem porque são lúdicas – podemos contar os ataques que acontecem nelas e apontar os vencedores – e não porque elas nos forcem a refletir (AMOSSY, 2017, p. 8).

É neste sentido que a autora propõe uma forma de pensarmos a polêmica como modalidade argumentativa – essa perspectiva teórica será tratada mais em detalhes na próxima seção –, a qual desempenha uma função fulcral em sociedades democráticas, ou seja, a polêmica é responsável pela *gestão verbal do conflito*. Neste sentido, fala-se de uma *retórica do dissenso*. Ao confrontar as bases canônicas dos estudos da retórica e da filosofia com a proposta de uma *retórica do dissenso*, Amossy vai ao encontro de outro teórico que também abala as estruturas já sedimentadas das disciplinas supracitadas: Marc Angenot.

Marc Angenot é responsável por desenvolver a vertente teórica que ficou conhecida como as *Retórica da Incompreensão* ou *Retórica Antilógica*. É nesta linha que o referido autor discorre acerca dos desacordos intransponíveis, compreendendo que as divergências entre as pessoas durante uma deliberação não podem ser simplificadas em meros mal-entendidos (MORAES, 2019). Isso porque “[...] as regras de argumentação e os pressupostos fundamentais quanto ao que é ‘racional’, ‘evidente’, ‘demonstrável’, ‘cognoscível’, não constituem terreno comum.” (ANGENOT, 2015, p. 132). Trata-se, portanto, da coexistência de opiniões e perspectivas antagônicas circulando nos espaços sociais em uma determinada cultura e época.

Concordamos com o autor, quando fica patente a defesa da ideia de que em sociedades ditas democráticas a coexistência no *dissenso* é o que garante o bom funcionamento de uma democracia. De forma similar, Mouffe (2006), ao discorrer sobre o pluralismo agonístico, afirma que o *dissenso* é a condição de existência de sociedades democráticas. Todavia, a autora nos lembra que mesmo o *dissenso* garantindo a existência de sociedades democráticas, para o bom funcionamento de uma democracia é fundamental que as pessoas pensem em seus inimigos como adversários, e não o oposto. Isso porque o

adversário é alguém a quem não se questiona o direito de defender suas ideias. Aceitar seu ponto de vista não é uma questão de o fazer mediante avaliação por meio de um processo racional de suas ideias, mas de aceitação do jogo democrático. Considerar o adversário inimigo, por sua vez, implica querer sua eliminação ou destruição (MORAES, 2019, p. 16).

Diante do exposto, constata-se que a *retórica do dissenso* (AMOSSY, 2017) e a *Retórica da Incompreensão* (ANGENOT, 2015) são perspectivas confluentes. Neste sentido, os referidos autores confrontam as estruturas já sedimentadas dos estudos da filosofia e da retórica que vislumbram o consenso. A título de exemplificação, podemos citar Perelman e Olbrechts-Tyteca que revisitam Aristóteles e propõem por meio de seu *Tratado da Argumentação: a Nova Retórica*, a busca pelo acordo sobre o plausível, o razoável. Nesta perspectiva, a argumentação é concebida como “[...] o estudo das técnicas discursivas que permitem *provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento*” (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 4, destaque dos autores).

É importante pontuarmos que os autores defendem que não deve haver uma fundamentação teórica sobre a argumentação instituída somente nos critérios da razão absoluta (OLIVEIRA, 2004), fato que motiva a sua defesa por uma lógica dos valores, isto é, eles não propõem a busca de uma verdade irrefutável, mas a negociação dos valores para se chegar a um acordo plausível. Mesmo possibilitando a negociação das diferenças, a retórica perelmaniana preconiza o *consenso* em detrimento do *dissenso*. E neste sentido, “a [...] ênfase na persuasão e no consenso leva-nos a acreditar que a unanimidade é o estado normal e saudável da sociedade e dos grupos, em oposição ao estado patológico de controvérsia e polémica, em suma, de *dissenso*” (PLANTIN, 2016, p. 157)²⁹. A preferência pelo consenso, não elimina a existência do *dissenso*, sobretudo em sociedades democráticas em que o conflito é inevitável. Desse modo, Amossy advoga em defesa de uma retórica do *dissenso*, uma vez que considera que o coração da democracia não é o consenso, mas o *dissenso*.

Apesar de uma busca utópica pelo consenso pacificador, em sociedades democráticas deve-se respeitar a multiplicidade de opiniões e as tensões resultantes do choque de pontos de vista antagônicos sobre temas de interesse público e social. É a partir da defesa de uma retórica do *dissenso* que Amossy desenvolverá sua tese reivindicando o lugar da polémica nos estudos da argumentação. Na próxima subseção, exploraremos estas questões partindo-se de uma abordagem da polémica como modalidade argumentativa.

²⁹ Tradução nossa. Segue o original: “La mise au premier plan de la persuasion et du consensus laisse croire que l’unanimité serait l’état normal et sain de la société et des groupes, opposable à l’état pathologique que serait l’état de controverse et de polémique, en bref de dissensus”.

1.2.2 Polêmica como modalidade argumentativa

Vimos que o uso genérico da palavra polêmica, assim como sua própria etimologia, contribui para o descrédito por ela experimentada. Acrescenta-se a isso o fato de a polêmica estar indissolúvelmente ligada ao desacordo (AMOSSY, 2017), o qual é visto por diversas correntes teóricas como um componente que dificulta o debate dito racional, na medida em que este vislumbra a busca pelo consenso. Destacamos que o centro das reflexões e debates em uma sociedade democrática é o *dissenso*, segundo defende Amossy. E, ainda em consonância com o que diz a autora, é neste contexto de multiplicidade de pontos de vista sobre uma determinada questão que a polêmica desempenha uma função social ao propiciar a coexistência de opiniões antagônicas sobre temas de interesse público e social. Reiteramos que a polêmica realiza a *gestão verbal do conflitual sob o modo da dissensão*. Neste sentido, a polêmica é inevitável e ocupa um lugar privilegiado na sociedade, sobretudo nas mídias. Conforme discorre Amossy (2017, p. 37-38),

Essas reflexões sobre a cultura democrática do *dissenso* deveriam logicamente levar a *ver na confrontação polêmica um modo de gerenciamento inevitável, e útil, dos conflitos*. Se, de fato, o conflito é inevitável em nossas democracias pluralistas e se o cerne da democracia não é o consenso, mas a gestão do *dissenso*, então a polêmica como confronto verbal de opiniões contraditórias que não leva a um acordo utópico deve ser reconsiderada em profundidade. É, por conseguinte, uma retórica do *dissenso* que é necessário desenvolver, na qual a polêmica deve ter lugar de destaque.

Concordamos que os estudos sobre a polêmica devem ser considerados, sobretudo a partir de uma perspectiva que vislumbre não consenso utópico, mas uma retórica do *dissenso*. No intuito de esclarecer o que compreendemos por *dissenso*, recorremos a dois dicionários impressos e um dicionário *online*, ambos em língua portuguesa. Na versão impressa, encontramos o verbete *dissensão*, cuja definição consiste em “contraste, oposição, desavença e divergência de opiniões ou interesses” (BUENO, 1996). Na versão *online*, temos para o mesmo verbete a seguinte definição: “Divergência de opiniões ou interesses; falta de concordância a respeito de (alguma coisa); discrepância, divisão”³⁰. Ancorada na definição do *Dictionnaire culturel de la langue française*, Amossy sustenta que a dissensão ultrapassa um simples desacordo ou divergência de ideias. Conforme consta no dicionário supracitado, a dissensão (1160-1174) é “‘uma divisão violenta ou profunda de sentimentos, de interesses, de convicções’; um de seus sinônimos é ‘rasgamento’”. A partir desta noção de separação

³⁰ DISSENSÃO: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/dissens%C3%A3o/>

profunda, ruptura, é que a autora defende sua *retórica do dissenso*, na medida em que compreende que em sociedades pluralistas o consenso é utópico.

De acordo com a perspectiva teórica na qual a presente pesquisa se ancora, a polêmica é definida como

um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios das sociedade[s] mais ou menos importantes numa dada cultura. [...] A primeira marca da polêmica como debate da atualidade é uma oposição de discurso. O antagonismo das opiniões apresentadas no seio de um confronto verbal é sua condição *sine qua non*. (AMOSSY, 2017, p. 49).

A contraposição de discursos sobre um tema de interesse público e social e, o choque entre discursos antagônicos acerca de um mesmo tema ou questão, é o que marca o caráter argumentativo da polêmica. Além disso, e em consonância com Plantin (2003, *apud* Ellis 2016, p. 164), pode-se falar em definição de polêmica somente se o assunto responsável por desencadear a confrontação verbal for de interesse público. Caso contrário trata-se apenas de “[...] uma querela de ordem privada”. Neste sentido, e ainda segundo Amossy, a polêmica possui três traços definidores: a *dicotomização*, a *polarização* e a *desqualificação* do discurso ou da pessoa do outro. Estas três operações constituem os pilares que alicerçam a polêmica e a situam no campo da argumentação. Dascal (2008, p. 34, *apud* Amossy, 2017b, p. 232), compreende que a dicotomização consiste em “radicalizar uma polaridade acentuando a incompatibilidade dos polos e a inexistência de alternativas intermediárias, destacando o caráter evidente da dicotomia tanto quanto o polo que deve receber a preferência”. Desse modo, a primeira marca da polêmica é reconhecer que as teses colocadas em jogo são mutuamente excludentes. Isso nos leva ao segundo ponto, que é a polarização.

Enquanto a dicotomização evidencia a incompatibilidade de opiniões, a polarização, produto da dicotomização, é responsável por fazer um reagrupamento identitário. “Encontramo-nos então numa lógica de divisão social, de defesa identitária e de combate pelo triunfo dos valores e opções de seu grupo” (AMOSSY, 2017b, p. 232). Nas redes sociais a polarização ocorre por meio do processo de *homofilia*, sobre o qual já discutiremos, em que usuários que partilham crenças ou ideias pelo menos parcialmente semelhantes, são inseridos em bolhas sociais. Cabral e Lima (2018, p. 40) sintetizam bem esta questão ao propor que “as pessoas que pensam de igual forma se aproximam e constituem suas bolhas de convivência, o que se transforma num ciclo, uma vez que o próprio algoritmo do *Facebook* propicia esses encontros [...]”. Concordamos com BRAGA (2018, p. 210), que,

Nesse contexto, em um ambiente de polarização política, ao invés de admitir a presença de opiniões distintas ou conflitantes e tratar a pluralidade destas como

positiva, o indivíduo busca por elementos que reafirmem e comprovem suas concepções, geralmente incriminando ou culpabilizando o grupo no espectro oposto de todas as mazelas existentes.

Dito isso, apresentaremos a definição de polarização proposta por King e Floyd (1971) e retomada por Ruth Amossy (2017a, p. 56-57):

“Enquanto fenômeno retórico”, escrevem King e Floyd em um artigo agora clássico no estudo dos movimentos sociais (1971), “a polarização pode ser definida como um processo através do qual um público extremamente diversificado se funde em dois ou vários grupos fortemente contrastados e mutuamente excludentes, que partilham uma grande solidariedade relativamente aos valores que o argumentador considera fundamentais” (1971, p. 244) [...]. Em suma, a retórica da polarização consiste em estabelecer campos inimigos e é, portanto, um fenômeno social, e não uma divisão abstrata em teses antagônicas e inconciliáveis. Trata-se de aderir a um grupo constitutivo de uma identidade ou de apresentar as coisas de modo a que aqueles que se sentem, de início, solidários a um dado grupo mobilizam-se em favor da tese que o reforça.

A polarização encontra-se situada em um aspecto social e não abstrato. Trata-se de formar uma coalizão entre os pares a fim de se combater o campo inimigo, isto é, aqueles que possuem sistemas de crença e valores marcadamente opostos. Neste sentido, a polarização trabalha com estratégias que visa desacreditar o adversário, qualificando-o como inimigo, não autêntico ou mal-intencionado. Ainda de acordo com os autores supracitados,

Ela [a polarização] supõe a existência de um inimigo a tal ponto que à estratégia de afirmação positiva se acrescente uma ‘estratégia de subversão’ que vem depreciar “o *ethos* de grupos, de ideologias e de instituições concorrentes” (King e Floyd, 1971 [...]. É por isso que a polarização utiliza, de bom grado, manobras de difamação [...]. Trata-se de uma estratégia retórica para desacreditar o adversário, definindo-o como um defensor de um ponto de vista caracterizado por sua má fé (*não autêntico*) e suas más intenções (*mal-intencionado*) [...]. (AMOSSY, 2017a p. 58).

O descrédito do adversário, configura, portanto, a terceira característica da polêmica como modalidade argumentativa. É válido ressaltarmos que o descrédito não é condição suficiente para este enquadramento teórico. Fato que sustenta o princípio de que nem toda violência verbal contém polêmica. É neste contexto que a autora questiona o lugar que a polêmica ocupa nos estudos da argumentação e no seio de uma sociedade democrática. Ao definir a polêmica como modalidade argumentativa sustentada por três noções basilares, a *dicotomização*, a *polarização* e a *desqualificação* do discurso alheio, Amossy põe em xeque noções seculares e caras para a retórica clássica e outras disciplinas que possuem em seu centro a busca pelo consenso. A modalidade argumentativa da polêmica pode ser facilmente identificada nas discussões mediadas pelas redes sociais. O *Facebook* por exemplo, possui uma interface que nos possibilita identificar a dicotomização, a polarização e a desqualificação do discurso alheio. As *fake news* emergem neste contexto para inflamar as discussões já dicotomizadas. Na próxima subseção abordaremos essa temática das *fake news*.

1.2.3 A circulação das *fake news* no espaço público

Apesar de ter adquirido notoriedade durante as eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos, as *fake news* possuem parentes próximos datadas desde o século IV a.C. Estamos falando de uma das estratégias políticas mais antigas do mundo: a desqualificação do outro por meio da divulgação de informações falsas. A novidade aqui é o compartilhamento massivo e dinâmico das *fake news*, propiciado pela funcionalidade das redes sociais. Com relação às eleições presidenciais norte-americana e brasileira, podemos inferir que houve uma espécie de *upgrade* dos mecanismos de desacreditar os adversários políticos por meio da divulgação de informações falsas.

Segundo se tem aventado (ANGST e BOGLER, 2019), a imprensa supostamente contratada por Donald Trump para consultoria política teria manipulado e coletado dados pessoais de usuários do *Facebook*, a fim de disseminar informações inverídicas favoráveis à imagem de Trump em contraste com a imagem de Hillary Clinton. A este respeito, Alcott e Gentzkow (2017, p. 2, *apud* BAPTISTA *et. al.*, 2019, p. 33) observaram que “[...] as notícias falsas mais populares tiveram mais compartilhamentos no *Facebook* do que as notícias verdadeiras mais populares [...] e as notícias falsas mais discutidas favoreciam Donald Trump em relação a Hillary Clinton”. A divulgação de conteúdos falsos cuja temática explora questões polêmicas ou polarizadoras possuem maior probabilidade de serem compartilhadas no *Facebook* (SASTRE *et. al.*, 2018, p. 9). Constata-se, portanto, que “[...] a difusão de *fake news* é realizada com o intuito de obter vantagem política ou econômica. A vantagem política, mais antiga e mais intuitiva, consiste na perda de prestígio do político opositor quando a ele se atribui fato ou característica infame” (BRAGA, 2018, p. 207). Ainda de acordo com autor,

Se uma mentira repetida mil vezes se torna verdade, com o advento da internet uma mentira pode ser repetida, cantada, recitada, filmada e fotografada um milhão de vezes, atraindo a atenção de um grupo incontável de usuários que buscam informações na internet. (BRAGA, 2018, p. 205).

A deslegitimação do adversário político por meio da disseminação de *fake news*, não se restringe às eleições presidenciais norte-americanas de 2016. Uma lógica similar foi aplicada no Brasil durante as eleições presidenciais de 2018. A situação se agravou de tal forma que em setembro de 2019 o Deputado Federal Alexandre Leite (DEM/SP), solicitou a instauração de uma CPMI das Fake News³¹. No atual contexto de pandemia causada pelo Coronavírus, a problemática envolvendo a disseminação de *fake news* persiste. *Fake news*, ciência, crenças

³¹ Para mais informações sobre a CPMI das *fake news*, acesse: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2292>

religiosas, teorias conspiratórias e remédios caseiros para curar a Covid-19 disputam o mesmo espaço nas redes sociais. Mas antes de adentrarmos nessa discussão, torna-se necessário apresentarmos a perspectiva teórica adotada para trabalharmos com a noção de *fake news*.

Com relação à definição do rótulo *fake news*, podemos adiantar que não há consenso na literatura quanto à sua delimitação. Existem autores que o abordam de forma ampla englobando sátiras, erros jornalísticos, assim como existem autores que preferem um uso mais restrito para designar, por exemplo, informações fabricadas ou retiradas de contexto de modo intencional. Conforme nota Santaella (2018), as

Notícias falsas costumam ser definidas como notícias, estórias, boatos, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras. Elas visam influenciar as crenças das pessoas, manipulá-las politicamente ou causar confusões em prol de interesses escusos.

Para a autora a manipulação das notícias falsas está relacionada com intencionalidade de influenciar as crenças das pessoas, isto é, seus sistemas de valores, enfim, sua *doxa* (ARISTÓTELES, 1978, ANGENOT, 2008, AMOSSY, 2018). Concordamos com Ferreira (2017, p. 82, *apud* Melatti, 2020), que

a Internet é o maior veículo de disseminação da *doxa*. O auditório contemporâneo, tão logo recebe uma informação que julga interessante, se transforma em orador no turno seguinte. Insuflada por um vento midiático, que a tudo reveste com uma capa discursiva emocionada, as paixões são excitadas e provocam opiniões que, por sua vez, se alastram na mesma velocidade.

Se a internet é o veículo para a “disseminação da *doxa*”, as redes sociais *online*, em especial o *Facebook*, é o terreno/canal propício para essa veiculação. Voltando para os problemas de definição do rótulo *fake news*, podemos inferir que essa dificuldade é endossada pelo seu uso indiscriminado por parte de algumas figuras públicas, como Donald Trump e Jair Bolsonaro, para se referirem a críticas ou notícias que contrariam seus governos ou conduta. Dessarte, é importante que esclareçamos o que se entende pelo rótulo de *fake news*, nesta pesquisa. Trata-se, portanto, de notícias falsas que possuem aparência verídica devido à forma estrutural que toma de empréstimo do gênero discursivo “notícia”, mas apresentam informações intencionalmente fabricadas para enganar a população. Em um artigo recente publicado na revista *Science*, as *fake news* são definidas como:

informações fabricadas que imitam o conteúdo da mídia de notícias na forma, mas não no processo ou intenção organizacional. Os meios de comunicação falsos, por sua vez, carecem das normas e processos editoriais da mídia para garantir a precisão e credibilidade das informações. As notícias falsas se sobrepõem a outros desarranjos da informação, como desinformação [*misinformation*] (informação falsa ou enganosa)

e desinformação [*disinformation*] (informação falsa que é puramente espalhada para enganar as pessoas) (LAZER, *et. al.* 2018, p. 1094)³².

A distinção entre *misinformation* (informação falsa ou enganosa) e *disinformation* (informação falsa que é intencionalmente divulgada para enganar as pessoas) proposta por Lazer *et. al.*, é contemplada nos trabalhos de Caroline Jack (2017), a qual

propõe uma distinção conceitual para qualificar a circulação de notícias falsas, utilizando o termo *misinformation*, ou má informação, para se referir ao compartilhamento não intencional de informações falsas e enganosas, e *disinformation*, ou desinformação, em referência ao compartilhamento intencional (coordenado ou não) de informações com o objetivo de enganar outras pessoas. (2017, *apud* BAPTISTA, *et. al.*, 2019, p. 34).

Neste sentido, contemplaremos nesta pesquisa as definições de Lazer *et. al.* (2018) e Jack (2017) para nos referirmos às propaladas *fake news*. Além da delimitação conceitual, é importante discutirmos sobre o aspecto estrutural das *fake news*. Neste sentido, com relação à estrutura composicional das *fake news*, infere-se que ela se aproxima do gênero discursivo notícia, isto é, contém uma manchete chamativa com cores e letras que remetem a mídia tradicional, um texto objetivo, fatos narrados em terceira pessoa e geralmente, imagens. Acrescenta-se a essas questões, o efeito desencadeado pelo *post-truth*³³ (pós-verdade), isto é, as emoções e as crenças pessoais estão exercendo maior influência na construção da opinião pública do que os fatos objetivos. A soma destes elementos resulta no compartilhamento massificado de conteúdos falsos nas redes sociais.

A forma instantânea e massificada de compartilhamento de *fake news* nas redes sociais por um lado são favorecidas pela dinâmica de funcionamento das plataformas. Além disso, recursos tecnológicos como os algoritmos que trabalham coletando os rastros do usuário e personalizando cada vez mais os conteúdos a serem disponibilizados para cada tipo de perfil (PARISER, 2012) e os robôs que enviam mensagens automatizadas em larga escala, impulsionam a circulação de conteúdos diversos nas redes.

Contudo, e contrariando o senso comum, esses recursos tecnológicos difundem conteúdos verdadeiros e falsos em uma mesma proporção (BAPTISTA *et. al.*, 2019). E isso significa que “O fator primordial para a propagação maior de *fake news* é a propensão dos humanos em espalhar esse conteúdo sensacionalista ou distorcido” (SASTRE *et. al.*, 2018, p. 13), uma vez que, “Nas redes sociais, é comum a recirculação de conteúdos apenas com a leitura

³² Tradução nossa. Segue original: We define “*fake news*” to be fabricated information that mimics news media content in form but not in organizational process or intent. *Fakenews* outlets, in turn, lack the news media’s editorial norms and processes for ensuring the accuracy and credibility of information. *Fakenews* overlaps with other information disorders, such as *misinformation* (false or misleading information) and *disinformation* (false information that is purposely spread to deceive people)

³³ <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/post-truth>

do título, principalmente quando ele confirma visões prévias (ZAGO e SILVA, 2014 *apud* Massarani *et. al.*, 2021, p. 16)”. Essas visões prévias correspondem aos sistemas de crenças e valores (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2014) que constituem determinados conjuntos de *doxa* (ARISTÓTELES, 1978, ANGENOT, 2008, AMOSSY, 2018) que circulam diariamente nas redes sociais.

Neste sentido, constata-se que os internautas tendem a compartilhar conteúdos com base no próprio filtro pessoal, que por sua vez é constituído pelo sistema de crenças do usuário. Pensando na livre circulação de crenças e opiniões veiculadas nas redes sociais como o *Facebook*, por exemplo, verifica-se que as *fake news*, ao apresentar-se como uma estrutura de notícia com teor de verdade, têm valor fundamental para a construção de narrativas difusas com base nos sistemas de crença pessoal. A este respeito, Recuero e Gruzd (2019) explicam que

Como os atores tendem a compartilhar informações baseadas em suas próprias crenças e percepções, especialmente em contextos polêmicos, a mídia social tende a apresentar redes de conversação extremamente polarizadas. [...] Nisso, a estrutura das *fake news* como notícias “verdadeiras” tem valor muito importante, pois cria narrativas que ecoam preconceitos e visões de mundo dos atores sociais. (RECUERO e GRUZD, 2019, p. 33).

É a partir da articulação entre todos esses elementos que as *fake news* têm desempenhado o seu papel polarizador em ambientes virtuais e democráticos. Essa polarização nas redes, sobretudo relacionada às discussões com pauta política e/ou ideológica contribui para a criação de bolhas sociais, na medida em que

ao invés de admitir a presença de opiniões distintas ou conflitantes e tratar a pluralidade destas como positiva, o indivíduo busca por elementos que reafirmem e comprovem suas concepções, geralmente incriminando ou culpabilizando o grupo no espectro oposto de todas as mazelas existentes. (BRAGA, 2018, p. 210).

Neste sentido, os usuários das redes sociais estão propensos a estabelecerem conexões com pessoas que demonstram por meio de seus discursos, determinados sistemas de crenças e valores em comum. Este processo de reagrupamento identitário dentro das redes sociais recebe o nome de *homofilia*. Os algoritmos dos buscadores do Google e do *Facebook*, por exemplo, coletam dados dos usuários e personalizam os conteúdos que cada nicho irá receber – trataremos dessa questão na próxima subseção. Dessa forma grupos marcadamente opostos, inseridos em uma bolha social polarizam-se e confrontam-se constantemente na grande arena que se tornou as redes sociais. Contudo, é importante destacarmos que o poder das redes, não precisa ser demonizado (SANTAELLA, 2018). Esse tipo de plataforma propõe aos seus usuários um espaço democrático para expor, compartilhar e se contrapor às ideias, valores, discutir temas de interesse público e social, dentre outras diversas possibilidades. A questão a ser pensada é a

forma como os algoritmos filtram as escolhas dos usuários e personalizam as mensagens. Ao discorrer sobre o trabalho dos físicos estatísticos com finalidades políticas, Empoli (2020, p. 151), ilustra bem essa questão ao destacar que

Graças ao trabalho desse físico aplicado à comunicação, cada categoria de eleitores recebeu uma mensagem sob medida: para os animalistas, uma mensagem sobre as regulamentações europeias que ameaçam os direitos dos animais; para os caçadores uma mensagem sobre as regulamentações europeias que, ao contrário, protegem os animais.

As mensagens personalizadas nem sempre correspondem à *fake news*. Mas isso não impede a emergência da polarização nas redes sociais por meio da criação de bolhas com seus respectivos conjuntos de valores. Por dividirem o mesmo espaço dentro das redes sociais e, por tratarem de temas de interesse público, em dado momento essas bolhas se chocam. É válido ressaltarmos que as bolhas não criam valores ou ideais. Elas são geradas por meio das escolhas de cada indivíduo inserido na rede social. Essas escolhas deixam rastros na internet e os algoritmos são os responsáveis por direcionar os usuários para esta ou aquela bolha com base nas escolhas e preferências de cada internauta. Nas palavras de Santaella (2018)

Os algoritmos são baseados nas próprias escolhas que fazemos, desenham as predileções de que damos notícia nas redes. Portanto, não é mais uma mera questão de apenas demonizar o poder das redes, pois elas não fazem outra coisa a não ser nos devolver o retrato de nossas mentes, desejos e crenças.

A criação de bolhas por meio do cruzamento de dados baseados em sistemas de crenças divulgados nas redes sociais *online*, corroboram com a disseminação de *fake news*. Isso acontece porque “[...] aceitar as informações que confirmam as nossas crenças fala mais alto do que ‘rejeitar aquelas que as contradizem’” (PEROSA, 2017, *apud* SANTAELLA, 2018). Outro fator importante a ser acrescido aqui, é a sedução por meio da retórica persuasiva e o forte apelo visual que acompanham as *fake news*, o que leva vários internautas a compartilharem informações antes de verificar sua veracidade. Na obra *Os engenheiros do caos*, Empoli destaca que um estudo realizado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), demonstrou que uma *fake news* tem, em média, 70% a mais de probabilidade de ser compartilhada nas redes. “Segundo os pesquisadores, nas redes sociais a verdade consome seis vezes mais tempo que uma *fake news* para atingir 1500 pessoas” (Empoli, 2020, p. 78). É neste terreno preparado e fertilizado com crenças, ideologias, polarização (política), funcionalidade dinâmica das redes sociais, algoritmos, paixões e interação em larga escala, que emergem e se multiplicam as famosas *fake news*.

1.2.4 *Facebook* e suas respectivas implicações com a disseminação de *fake news*

O *Facebook*, originalmente denominado *Thefacebook*, foi desenvolvido em janeiro de 2004 visando a um público restrito, isto é, estudantes universitários de Harvard. Posteriormente, as restrições de acesso se tornaram menos rígidas e em 2005, por sugestão de seu conselheiro Sean Parker, Mark Zuckerberg – o idealizador da rede social em questão – alterou o nome da plataforma para *Facebook* (CORREIA e MOREIRA, 2014, p. 16-17). Somente no ano de 2006, as restrições de acesso foram retiradas e o *Facebook* tornou-se público. Desde então a plataforma tem sofrido diversas modificações para se adequar cada vez mais às exigências do público (CALAZANS *et al.*, 2013), o que a torna cada vez mais prática e atrativa. Atualmente, o *Facebook* é uma das maiores ferramentas de comunicação na Internet em termos de usuários, contemplando, no ano de 2020, cerca de 800 milhões de contas (RECUERO, 2020, p. 15).

Em decorrência da democratização do acesso à internet e a emergência das redes sociais, o *Facebook* passou a conectar pessoas em escala global e se tornou uma das principais ferramentas de discussão e participação cidadã no ambiente virtual. Deste modo, a plataforma se tornou palco para discussões calorosas acerca de temas de interesse público e social, sobretudo em períodos eleitorais. Conforme assegura Brugnago e Chaia. (2015, p. 102), o *Facebook* se tornou o “[...] principal meio para proliferação das discussões políticas”. Alguns fatos como a campanha presidencial de Barack Obama ter sido veiculada pelas redes sociais em 2008, posteriormente, Donald Trump em 2016 e Jair Bolsonaro em 2018, evidenciam a alegação supracitada. Além disso, a perspectiva mercadológica de plataformas como o *Facebook* favorece sua utilização para fins políticos. A este respeito, Empoli (2020, p. 155) afirma que

O Facebook e as outras redes sociais são plataformas publicitárias que põe à disposição das empresas instrumentos extraordinariamente avançados para chegar a seus clientes. Mas, uma vez criada, fica claro que essa máquina pode igualmente ser utilizada para fins políticos, como realmente ocorreu nos últimos anos. E, considerando que são simples motores comerciais, as redes sociais não são equipadas – e não têm interesse algum em ser – para impedir os desvios e os abusos.

Destaca-se que o *Facebook* se posiciona com neutralidade diante dos conteúdos veiculados em sua plataforma. Dito de outro modo, a plataforma não realiza uma checagem para determinar o que pode ou não ser dito ou veiculado na rede. Como pontuou Empoli, as redes não são equipadas para conter os desvios e abusos e isso, associado à sua perspectiva mercadológica, favorece a propagação de informações falsas e/ou distorcidas. O que importa para o *Facebook* é o engajamento do usuário, isto é, o tempo que ele permanece conectado à rede. Isso significa que as redes “[...] operam de acordo com a lógica dos caça - cliques (*click*

*bait*s) em que o conteúdo *online* é valorizado pelo volume de tráfego de um post ou de um site” (Santaella, 2020). Neste sentido, “Para a plataforma, tanto [os poemas de] Rilke³⁴ quanto os negacionistas são iguais e devem continuar iguais [...]” (EMPOLI, 2020 p. 156).

Para manter o engajamento, as redes sociais utilizam algoritmos para filtrar os interesses de seus usuários e enviar conteúdos personalizados. Isso é possível porque os usuários deixam rastros na internet, ou seja, os conteúdos pesquisados, as publicações realizadas, a rede de contatos no ambiente virtual, as páginas curtidas, enfim, as ações do usuário no ambiente virtual, se tornam dados nas mãos de empresas como o *Facebook*. Melatti, sintetizou bem esta questão em um artigo recentemente publicado. Nos termos da autora,

Também é importante pontuar que a funcionalidade das redes sociais favorece a disseminação de falsidades. As chamadas bolhas, por exemplo, surgem da personalização do conteúdo. Em palestra na Califórnia (EUA), Pariser (2011) descreve essa personalização da seguinte forma: se dois usuários buscarem uma mesma palavra-chave no Google, os resultados serão diferentes. Como exemplo o autor cita duas telas cedidas por usuários que buscaram a palavra “Egito”. Na primeira, o resultado mostra os protestos no Egito, fato em destaque à época; na segunda, há apenas a indicação de informações sobre turismo no país. Dessa forma, as pessoas, ao usarem produtos como o Google, o Facebook e o Twitter, interagem com informações filtradas por algoritmos estatísticos inscritos em códigos de programação (MELATI, 2020, p. 122).

Nota-se que a lógica em que opera o *Facebook* e as demais redes sociais *online*, proporcionam um terreno fértil para a propagação em larga escala de *fake news*. Reiteramos que fatores como a perspectiva mercadológica – busca intensiva por cliques – que favorece o uso das redes para fins políticos, a dinamicidade e ambientação democrática para interação, a neutralidade diante dos conteúdos publicados e o trabalho com os algoritmos para filtrar e personalizar conteúdos, evidenciam essa questão. Acrescenta-se a isso, outro fator que desempenha um papel fundamental na disseminação de *fake news*: a forma como os internautas recebem e compartilham as informações no ambiente virtual. Um estudo do Nielsen Norman Group em 2013, “[...] mostrou que 81% dos leitores voltam os olhos [...] para o primeiro parágrafo de um texto na internet, enquanto 71% chegam ao segundo. São 63% os que olham para o terceiro parágrafo, e apenas 32% voltam os olhos para o quarto” (DELMAZO e VALENTE, 2018). Neste sentido, fatores como a dinamicidade das redes, a neutralidade das plataformas diante dos abusos e excessos e sua visão mercadológica, favorecem a disseminação de *fake news*.

Dessarte, apesar destes apontamentos, é importante ressaltarmos que o *Facebook* em parceria com agências independentes de Fact-Checking, tem desenvolvido mecanismos para

³⁴ Rainer Maria Rilke, considerado um dos maiores poetas modernos da literatura alemã.

conter essa disseminação desenfreada de notícias falsas³⁵. Desse modo, se um internauta suspeitar da credibilidade da informação publicada, ele pode solicitar uma verificação. Feito isso, caso a publicação seja falsa, o *Facebook* cria um alerta na própria publicação e fornece um link que redireciona o internauta para a página da agência responsável pela checagem, para que ele possa acessar as informações e os métodos de análise utilizados para a verificação. Além disso, o internauta responsável por divulgar a *fake news*, recebe uma notificação alertando-o da situação. Mas como a rede funciona de forma dinâmica e massificada, esse mecanismo não acompanha a velocidade e a proporção da disseminação de *fake news*.

³⁵ O *Facebook* desativou diversos perfis vinculados à disseminação de *fakenews*. Para mais informações, confira: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53343107>

Síntese: Neste capítulo abordamos, inicialmente, o contexto das redes sociais dentro e fora do ambiente virtual. Para isso, direcionamos nossa atenção para os trabalhos de Castells (1999, 2003) a fim de compreendermos as noções de redes sociais fora do ambiente virtual. Na sequência, abordamos a distinção entre *redes sociais* e *sites de redes sociais* proposta por Raquel Recuero (2019, 2020a, 2020b). Na sequência, tratamos da apropriação e ressignificação do uso das redes sociais, para fins de participação ativa dos cidadãos na vida pública e para fins políticos. Neste sentido, discutimos sobre o uso das redes sociais nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil e seus respectivos desdobramentos. Posteriormente, discutimos sobre as perspectivas de opinião comum e valores (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2014). Para isso, foi traçado um breve percurso histórico, sobre as noções de *doxa*, contemplando as perspectivas dos sofistas, Platão, Aristóteles e Angenot. Neste sentido, discutimos sinteticamente o dualismo platônico e a crítica lançada por ele sobre a opinião pública (*doxa*). Concluída essa parte de apresentação das peculiaridades das redes sociais e as implicações da *doxa* e dos valores, expandimos a discussão para o campo da polêmica e suas controvérsias. Para isso, traçamos um recorte com alguns usos/definições do vocábulo polêmica. Para isso, partimos de definições advindas de dicionários, como sua primeira catalogação realizada pelo *Dictionnaire de l'Académie Française* em 1718, e saltamos para definições atuais em língua portuguesa, englobando versões impressa e digital. Posteriormente tratamos da acepção de polêmica ancorada nos estudos da Linguística, com ênfase nos postulados de Maingueneau (2008), mas não aprofundamos nesta vertente por decorrência do tempo e da proposta desta pesquisa. Na sequência preparamos o terreno para discutirmos, na próxima seção, a perspectiva de polêmica adotada neste estudo, ou seja, a polêmica como modalidade argumentativa. Nesta breve introdução do tema, focamos em dois pontos: primeiro, na carga semântica negativa que acompanha a polêmica em seus diversos meios de circulação, mostramos que este uso recebe de certa forma, influência de sua etimologia; segundo, comentamos a função social que a polêmica desempenha em sociedades democráticas, ancorados na abordagem de Ruth Amossy. Feito isso, apresentamos a noção de polêmica como modalidade argumentativa a partir da perspectiva de Ruth Amossy. Na sequência tratamos de discutir de que forma a polêmica encontra-se situada no centro de uma sociedade democrática, garantindo a pluralidade de pontos de vista dissonantes por meio da função que exerce, isto é, por meio da gestão verbal do conflito. Vimos que ao reivindicar o lugar da polêmica a autora a situa no campo da argumentação e dessa forma propõe o estudo de uma *retórica do* dissenso. Por fim, tratamos de analisar as partes constituintes da polêmica, isto é, os traços definidores como, a dicotomização, a polarização e

a desqualificação do discurso ou do próprio adversário. Por fim, discorreremos acerca das condições de emergência das *fake news*, assim como a falta de consenso entre os autores para se chegar a uma definição. Além das questões de definição, esta seção versou sobre a relação entre *fake news*, *doxa* e a construção de bolhas sociais dentro do mundo virtual. Tratamos também da estrutura composicional das *fake news*, de modo a compreender os aspectos que influenciam o seu compartilhamento massificado.

CAPÍTULO 2: A ARGUMENTAÇÃO

2.1 Síntese do percurso histórico dos estudos da Argumentação

A argumentação é considerada uma das disciplinas com o maior número de ramificações no campo das ciências humanas. Somente na tradição ocidental, estima-se que a argumentação remonta uma trajetória de pelo menos 25 séculos (PLANTIN e DAMASCENO-MORAIS, 2021). Inicialmente, a argumentação foi pensada como componente dos sistemas lógico, retórico e dialético. Este conjunto de sistemas forma a base da argumentação que vai desde Aristóteles ao fim do século XIX (PLANTIN, 2008, p. 8-9). No fim do século XIX, a retórica foi violentamente deslegitimada como disciplina e retirada do currículo da universidade republicana (*Ibid.*, p. 13). E isso levou ao descrédito e deslegitimação dos estudos da argumentação, uma vez que esta constituiu-se como o coração da retórica.

Após experimentar o descrédito decorrente do declínio da retórica, os estudos da argumentação foram “[...] *refundados* na segunda metade do século XX, a partir dos trabalhos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1970), Toulmin (1958, Hamblin (1970), assim como os de Grize e Ducrot nos anos 70 (Plantin, 1990, 1996)”. De acordo com Plantin (2008), a insistência de Perelman e Olbrechts-Tyteca na utilização do vocábulo argumentação, representa uma manifestação clara do renascimento, emancipação e refundação dos estudos da argumentação após a Segunda Guerra Mundial.

Devido à multiplicidade de perspectivas teóricas pertencentes ao campo da Argumentação, torna-se necessário que esclareçamos em qual vertente a presente pesquisa encontra-se alicerçada. Situamo-nos em uma perspectiva teórica que preconiza os estudos da argumentação em situações reais de interação verbal, na qual a contraposição de discursos orientados por uma mesma *questão argumentativa* se faz presente. Trata-se do Modelo Dialogal da Argumentação (2008, 2016, 2018), proposto por Christian Plantin a partir da década de 1980, revisitado e ampliado por Rui Grácio (2010, 2011, 2012, 2013, 2019). Nesta perspectiva, leva-se em consideração o aspecto biface da atividade argumentativa (PLANTIN, 2008, p. 64), isto é, a dimensão enunciativa e interacional. Essa vertente de estudos leva em consideração outros recortes disciplinares, isto é, trata-se de uma perspectiva integradora na medida em que mobiliza várias outras perspectivas para levantar o problema da argumentação comparada. Conforme observa Grácio (2012, p. 303) “Uma das características marcantes da investigação de Christian Plantin sobre a argumentação é a sua abertura crítica às diferentes teorizações da mesma [...]”.

A argumentação em perspectiva dialogal possui raízes na dialética clássica, a qual buscava “[...] definir as regras de um debate igualitário que permitisse avançar na pesquisa, lógica ou filosófica da verdade; essa orientação foi retomada no quadro de uma *Nouvelle dialectique* (1966) por van Eemeren e Grootendorst [...]” (PLANTIN, 2008, p. 71). Na perspectiva dialogal, propõe-se uma espécie de dialética conversacional, evidentemente distante do modelo dialético clássico, mas, de certa forma, próximo da ideia performativa de ação e reação, ou ‘pergunta-resposta’, em que os *papéis de atuação* não são fixos. Na perspectiva dialogal, não partimos da definição de argumento para enquadrarmos a argumentação em um sistema conceitual. O foco desta teoria é direcionado para o funcionamento do jogo da interação, no qual “[...] considera-se que os argumentos são *emergentes* e que a sua emergência e força não podem ser dissociadas do contexto específico da interação polarizado num assunto em questão” (GRÁCIO, 2013, p. 95).

Adiante discutiremos os recortes teóricos e categorias de análise basilares para a teoria dialogal da argumentação. Para isso, essa seção foi dividida em quatro subseções respectivamente intituladas: *principais conceitos* na qual trataremos de forma geral os conceitos básicos mobilizados pela teoria dialogal; *questão argumentativa, estase argumentativa e papéis actanciais* (*Proponente, Oponente, Terceiro*). As três últimas seções foram intituladas conforme a categoria de análise ou conceitos substanciais para esta perspectiva de argumentação.

2.2.1 Conceitos basilares do Modelo Dialogal da Argumentação

O modelo dialogal da argumentação (PLANTIN, 1990, 2008, 2016, 2018; GRÁCIO 2010, 2011, 2012, 2013, 2019), preconiza o estudo de interações concretas em que a contraposição de discursos orientados por uma mesma *questão argumentativa* se faz presente. A *questão argumentativa* desponta no momento em que um ponto de vista é posto em dúvida durante uma deliberação (PLANTIN, 2008, 2018). Um ponto de vista é colocado em dúvida quando o Oponente não ratifica a tese do Proponente. E é justamente este processo de pôr em dúvida um ponto de vista que desencadeará a atividade argumentativa. Isso porque “O ato de duvidar é definido como um ato reativo de um interlocutor que se recusa a ratificar um turno de fala. Essa situação interacional obriga o interlocutor a argumentar, isto é, a desenvolver um discurso de justificativa” (PLANTIN, 2008, p. 64). Observe que para a perspectiva dialogal não basta apenas discordar de um ponto de vista. É necessário que os interlocutores desenvolvam suas respectivas justificativas de assentimento ou recusa de determinada proposição. Estas questões são responsáveis por transmutar uma determinada situação linguageira em *situação argumentativa*.

De acordo com os preceitos da perspectiva dialogal, uma *situação argumentativa* típica “[...] é definida pelo desenvolvimento e pelo confronto de pontos de vista em contradição, em resposta a uma mesma pergunta” (PLANTIN, 2008, p. 64). Nos termos do autor (2011, p. 17-18)

uma dada situação linguageira começa a se tornar argumentativa quando manifesta uma oposição de discursos. A interação é totalmente argumentativa no momento em que essa diferença é problematizada em uma Questão, e que se extraem claramente os três papéis actanciais de Proponente (que apoia plenamente uma Proposição), de Opositor (que rejeita essa Proposição) e de Terceiro (que se questiona sobre ela). A oposição de discursos recobre a recusa de ratificar uma proposição, a simples diferença de julgamento ou divergência de apreciação, como o desacordo, o litígio, a discussão, o conflito...

Destaca-se, que o coração da perspectiva dialogal é a contraposição de discursos orientados por uma mesma *questão argumentativa*, na medida em que para Plantin (2002, p. 229) a argumentação é “uma forma de interação problematizante formada por interações orientadas por uma questão”. Grácio (2012) acrescenta que quando os assuntos são tematizados, ou seja, quando a interação é polarizada por um “assunto em questão” decorrente do choque entre pontos de vista, o que de fato está em jogo são perspectivas e não encadeamento de enunciados. Nos termos de Grácio,

ao falar de oposição entre discurso e contradiscurso consideramos que o que se opõe são *perspectivas sobre assuntos*, não proposições ou encadeamento de enunciados. Dito de outro modo, e assumindo que à própria discursividade é inerente a perspectivação, no sentido em que há sempre um processo selectivo que leva a orientar para uma determinada forma de ver em detrimento de outras, a oposição discursiva resulta do choque entre essas formas de ver e caracteriza-se por desencadear uma interação polarizada por um “em questão” (GRÁCIO, 2012, p. 15).

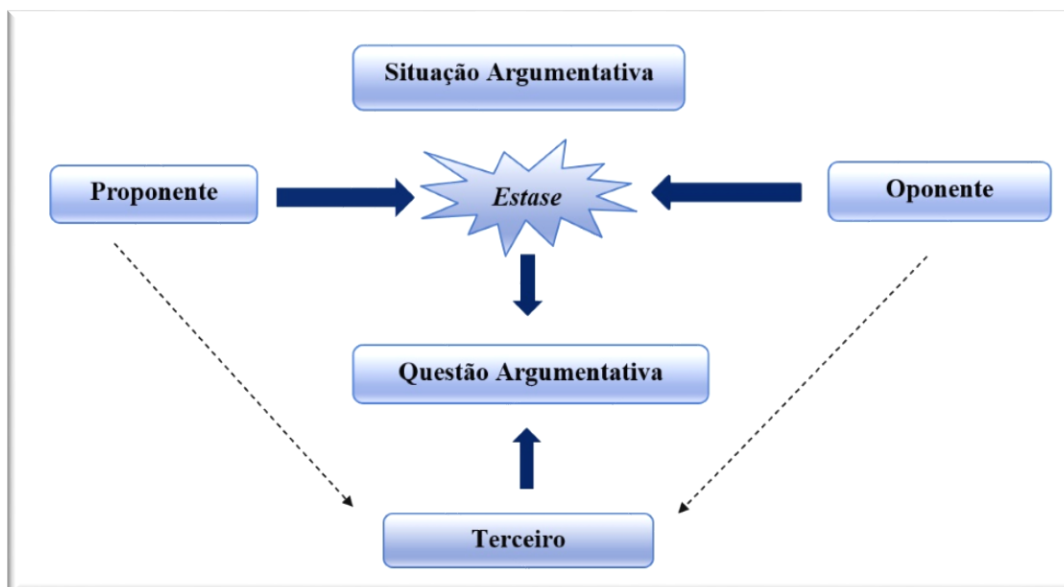
Concordamos com Grácio que a oposição de discursos refere-se à oposição de perspectivas sobre determinados assuntos. Falar em oposição de perspectivas é falar sobre a oposição de valores (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2014), sistemas de crenças e *doxai*. E isso evidencia uma certa ruptura com algumas vertentes da argumentação que direcionam seu foco para a análise do encadeamento de enunciados por meio de procedimentos puramente lógicos. Destaca-se, que o objetivo da argumentação dialogal consiste na descrição crítica da costura argumentativa que se desenvolve durante uma situação concreta de interação conflituosa. Observe que o conflitual é condição *sine qua non* para que se possa empreender uma análise com base nos preceitos da perspectiva dialogal. Dito de outro modo, o modelo dialogal propõe um método de análise que compreende que a interação argumentativa é responsável “[...] pela gestão da diferença” (Plantin, 2008, 2016). Destaca-se ainda, a noção de interação argumentativa, que para Plantin, citado por Rui Grácio (2012, p. 312) pode ser compreendida como “uma situação de confrontação discursiva no decurso da qual são construídas respostas antagonistas a uma questão”. Noutro local afirma que a

argumentação é uma ‘interacção problematizante formada por intervenções orientadas por uma questão’ [...]”.

A título de recapitulação, uma situação linguageira se torna argumentativa na medida em que há a contraposição de discursos orientados por uma mesma questão argumentativa, fato que caracteriza a argumentação como uma atividade polarizadora e problematizante. Para Grácio, a argumentação é definida como uma [...] *disciplina crítica de leitura [...] e interacção entre as perspectivas inerentes à discursividade e cuja divergência os argumentadores tematizam em torno de um assunto em questão*” (2009, p. 337, grifos do autor). O choque entre os pontos de vista antagônicos, isto é, o choque entre as teses do Proponente e Oponente, resultou na emergência da *questão argumentativa*. A *questão argumentativa* é compreendida aqui como a dúvida suscitada entre os discursos dissonantes (PLANTIN, 2008, p. 69). Dito de outro modo, a partir do choque de opiniões antagônicas, orientadas por uma mesma questão argumentativa, suscita uma dúvida elaborada pelo papel actancial de Terceiro, advinda da negação das teses apresentadas tanto pelo Proponente, quanto pelo Oponente.

Diante disso, e pensando em procedimentos didáticos, apresentaremos a seguir um esquema que ilustra o funcionamento de uma *situação argumentativa* típica conforme os preceitos da perspectiva dialogal. Como dissemos, uma *situação argumentativa* típica solicita a presença da *estase argumentativa*, *questão argumentativa* e o delineamento claro dos papéis actanciais (PLANTIN, 2011). Confira:

Esquema 1: Situação argumentativa típica no Modelo Dialogal da Argumentação



Fonte: Elaboração da autora.

Com base no esquema (1) apresentado acima, podemos visualizar de que forma ocorre a atuação dos papéis actanciais, a emergência da *estase argumentativa* e a *questão argumentativa*. É necessário, distinguirmos os papéis actanciais dos *atores da situação comunicativa*. Os papéis actanciais se referem aos posicionamentos adotados pelos indivíduos diante de uma questão controversa (propor, opor, duvidar). Já os atores são os indivíduos que estão inseridos na situação comunicativa. São eles que definem a dinâmica argumentativa ao assumirem os papéis de Proponente, Oponente ou Terceiro (Grácio, 2013). Isso quer dizer que os atores podem trocar de papel actancial e que vários atores podem assumir ao mesmo tempo o mesmo papel.

Sintetizando, o choque entre discursos dissonantes, resultará na emergência da *estase argumentativa* – este assunto será melhor abordado nas próximas subseções. Neste sentido, a partir deste choque de pontos de vista, uma *questão argumentativa* é suscitada. O Terceiro garante a estabilidade da *questão argumentativa* na medida em que não ratifica a tese do proponente, nem a do oponente, mas gera uma dúvida com base nos posicionamentos defendidos. O Terceiro garante particularmente a estabilidade da pergunta e desse modo, “[...] de forma derivada, julga a pertinência das argumentações” (PLANTIN, 2008, p. 77). Diante disso, é necessário que se compreenda a *situação argumentativa* como uma situação discursiva gerada e gerida por uma *questão argumentativa* a qual orientará os discursos dissonantes (PLANTIN e DAMASCENO-MORAIS, 2021, p. 13). A noção de *questão argumentativa* será explorada detidamente na próxima subseção, a princípio o que é importante esclarecermos é a forma como essa questão configura a atividade argumentativa, ou seja, ao gerar e gerir o desacordo.

2.2.2 Questão argumentativa

No *Dicionário de Análise do Discurso*, o verbete **questão** é assinado por Christian Plantin, o qual define o verbete por meio dos preceitos da teoria da argumentação e ressalta sua condição necessária para que esta seja estabelecida. Conforme observa Plantin (2018, p. 415), “A análise do discurso argumentativo define a **questão** como um ponto controverso, resultado de expressão de pontos de vista divergentes sobre um mesmo tema. Colocar em questão é condição necessária ao desenvolvimento de uma argumentação”. Decorrente desta questão controversa de um determinado ponto a ser debatido, infere-se que há uma espécie de ambiguidade no tocante a questão, na medida em que uma dada questão/pergunta permite a emergência de variadas respostas. Trata-se, portanto, de respostas sensatas, mas incompatíveis

(PLANTIN e DAMASCENO-MORAIS, 2021) que tematizam acerca de um determinado assunto em questão.

Para a perspectiva dialogal, a contraposição de discursos orientados por uma mesma questão é condição necessária para que se considere a comunicação uma situação de interação plenamente argumentativa. Neste sentido, dois discursos justapostos que não fazem alusão um ao outro, não caracteriza uma argumentação. Nos termos de Plantin, (2008, p. 76) “Dois monólogos justapostos, contraditórios, que não fazem alusões um ao outro, constituem um díptico argumentativo. É, sem dúvida, a forma argumentativa de base: cada um repete a própria posição”. Isto posto, não basta discordar, é necessário que teses sejam concebidas para que se possa sustentar um determinado ponto de vista e, para além disso, é necessário que o discurso de um esteja implicado no discurso do outro. Se fosse diferente, diríamos que a teoria do dialogismo seria suficiente para se tratar da argumentação nesta perspectiva. Mas a inovação de Plantin, é justamente descrever criticamente “[...] a forma como atores, em seus papéis de atuação, dá consistência e aprofundam uma questão argumentativa [...]” (DAMASCENO-MORAIS, 2020, p. 7).

A *questão argumentativa* é peça chave para o funcionamento da atividade argumentativa, a qual é concebida por meio de uma interação concreta entre indivíduos orientados por meio de uma questão tematizada. É a partir da formulação de uma pergunta/dúvida representada pelo papel actancial de Terceiro, que a argumentação passa a ser delineada. Dessa forma, pensar a argumentação a partir de um “assunto em questão” é “[...] tematizar uma dissensão cujo denominador comum se explica numa questão argumentativa, ou seja, que *emerge* pelo facto de sobre algo em particular se registrarem duas perspectivas dissonantes” (GRÁCIO, 2013, p. 44). Na próxima subsecção, exploraremos a noção de *estase argumentativa*.

2.2.3 Estase argumentativa

Vimos que a questão argumentativa decorre de um contexto de interação polarizado (Grácio, 2013), e é neste contexto que surge a *estase argumentativa*. A *estase* é um termo técnico pertencente originalmente ao campo da medicina e como tal, se refere ao “bloqueio da boa circulação dos fluidos humanos”. A noção de *estase argumentativa* ou *stasis*, também possui raízes no campo da física – Hauser (2002:130-131). Neste contexto, “[...] pode dizer-se que uma *stasis* ocorre quando duas linhas de força e em movimento colidem num determinado

ponto, alterando a direção de cada uma das respectivas linhas de força” (GRÁCIO, 2013, p. 108).

Ao ser transposto para o campo da argumentação, o termo passou a designar a tensão emergente do confronto entre discursos contraditórios orientados por uma mesma questão argumentativa. Nos termos de Grácio (2013), a estase “[...] representa um choque de discursos e o problema ou as questões que levanta estarão na base da especificação das exigências segundo as quais se poderão tematizar e desenvolver os argumentos apropriados” (p. 122-123). Para o autor, a teoria da *estase* (ou *stasis*) é atribuída à Hermagoras, o qual propôs um método para analisar pontos específicos de um desacordo.

Conforme nota Plantin (2018), “[...] uma situação de estase ocorre quando a circulação consensual do discurso é bloqueada por uma contradição ou uma dúvida”³⁶. É importante ressaltarmos que este bloqueio não se refere ao bloqueio da interação ou da situação comunicativa, se assim o fosse não haveria argumentação, sobretudo em perspectiva dialogal.

A título de exemplificação, nos dados que constitui o *corpus* da presente pesquisa, o qual foi batizado como Coronavírus, identificamos a *estase argumentativa* na seguinte situação: um determinado internauta optou por compartilhar em sua página do *Facebook* uma *fake news* que contempla (des)informações sobre os malefícios do uso de máscaras e sua ineficácia como método preventivo contra o Coronavírus. A referida publicação instigou a emergência de aliados e contraditores. Essa publicação materializa-se na tese proposta pelo Proponente, isto é, ao compartilhar a *fake news* em sua página e na sequência redigir uma legenda demonstrando concordância com as informações ali contidas, o internauta expõe o seu ponto de vista acerca do tema, de modo a incitar, por meio de seu discurso, a emergência de aliados e contraditores. Os internautas que demonstram concordância com o Proponente formam uma espécie de coalizão ao dividir com ele o referido *papel actancial*. De maneira similar, os internautas que se recusaram a ratificar a tese do Proponente assumem o *papel actancial* de Oponente. Neste sentido, o choque entre as teses dissonantes é o que caracteriza a *estase argumentativa*, ou seja, ela marca o ponto exato em que ocorre o bloqueio do diálogo consensual. Em outras palavras, a *estase argumentativa* é o X da questão, é ela quem impulsiona os interlocutores a justificarem seus respectivos posicionamentos, o que por sua vez resultará na emergência da *questão argumentativa*.

³⁶ “[...] a situation of stasis occurs when the consensual circulation of discourse is blocked by a contradiction or a doubt [...]” (PLANTIN, 2018, p. 531).

Dessarte, observa-se que os principais conceitos mobilizados pela perspectiva dialogal encontram-se intimamente relacionados, de modo que para explicarmos as noções de *situação argumentativa* e *estase argumentativa*, por exemplo, tivemos que acionar brevemente as noções de *Proponente*, *Oponente* e *Terceiro*. Discorreremos sobre as noções gerais destes papéis de atuação, na medida em que exploramos as noções de propor, opor e duvidar para explicarmos a formulação da *questão argumentativa*. Levando-se em consideração a importância de uma discussão verticalizada sobre os papéis actanciais, na próxima subseção trabalharemos mais em detalhes as noções de Proponente, Oponente e Terceiro.

2.2.4 Papéis actanciais: Proponente, Oponente, Terceiro

Conforme os preceitos da teoria dialogal da argumentação, uma determinada situação comunicativa torna-se plenamente argumentativa na medida a partir do momento em que um assunto é tematizado em *questão* e, quando os papéis de atuação são claramente delineados. Dito isso, torna-se necessário distinguir em uma situação concreta de interação, os *atores* que assumem os papéis de Proponente, Oponente e Terceiro. Trata-se, respectivamente, do ato de propor uma tese, opor-se a ela ou duvidar dela, a partir da formulação de uma pergunta decorrente do choque entre as teses do proponente e do oponente.

Como vimos, a situação argumentativa típica é desencadeada quando o Oponente não ratifica a tese do Proponente e na sequência, elabora sua contra-argumentação. A *estase*, instaura-se a partir do choque entre os discursos antagônicos tematizados em uma questão, isto é, em uma *questão argumentativa*. O papel actancial de Terceiro é o responsável por garantir a estabilidade da *questão*, pois atua como um mediador na medida em que não ratifica os argumentos apresentados tanto pelo Proponente, quanto pelo Oponente. Sua função consiste em questionar as teses em confronto.

A título de exemplificação e, pensando na análise depreendida nesta pesquisa a partir do *corpus* Coronavírus, podemos ajustar nossa lupa para a seguinte situação: Em uma determinada publicação veiculada pela plataforma *Facebook*, a *estase argumentativa* é desencadeada a partir do seguinte comentário: “*Por que Mônica Calazans tomou a “primeira vacina” se teoricamente ela já estava imunizada por ter participado dos estudos da vacina experimental no Butantan? Aliás, a própria enfermeira postou em suas redes sociais que estava na Praia no final do ano. Ninguém acredita em João Doria!*”. A partir deste comentário, podemos formular a seguinte questão argumentativa: ***Se a vacina é eficaz e se Mônica já havia tomado a primeira dose durante os testes, por que tomar a segunda dose publicamente***

fingindo ser a primeira vez? Neste sentido, esta questão argumentativa orientará os atores da situação comunicativa a determinarem qual papel actancial irá assumir: Proponente, se concorda com o ponto de vista que desencadeou a *estase*; oponente, se irá elaborar uma contra-argumentação a respeito da tese levantada; por fim, Terceiro se não ratificar nenhum dos pontos de vista e gerar, a partir deste confronto, uma pergunta para mediar a situação.

Com relação à atuação do Proponente é necessário pontuarmos a sua responsabilidade diante do *ônus da prova*, categoria que exploraremos mais em detalhes na parte analítica deste trabalho. É ele quem assume o ônus da prova diante de uma deliberação, além disso, fornece uma definição de *doxa*. Nos termos de Plantin (2008, p. 80)

O ônus da prova desempenha um papel fundamental em argumentação. É um princípio conservador: “Continuo a fazer a mesma coisa, a menos que você me dê uma boa razão para mudar”. Esse princípio é definidor do papel do Proponente, que é aquele dentre os parceiros que assume o ônus da prova. Ele também fornece uma definição da *doxa*: um *endoxon* (uma proposição da *doxa*) é uma crença sobre a qual não pesa o ônus da prova e que é, portanto, considerada como “normal”.

Diante das informações apresentadas, destaca-se o aspecto integrador da perspectiva dialogal. Segundo Grácio (2012, p. 303), uma das características marcantes da perspectiva dialogal é sua abertura crítica às diferentes disciplinas da argumentação. Neste sentido, a argumentação dialogal mobiliza aspectos fundamentais da teoria da argumentação na língua, como por exemplo a noção de orientação, bem como princípios da lógica natural, tais como, construção de objeto, integrando dessa forma uma dimensão crítica e imanente (PLANTIN, 2008, p. 87). Desse modo, a argumentação dialogal possibilita o estudo das formas de argumentação praticadas em diferentes culturas, o que possibilita o levantamento dos problemas da argumentação comparada (PLANTIN, 2008, p. 87).

Síntese: Nesta seção apresentamos o modelo dialógico da argumentação proposto por Christian Plantin a partir da década de 1980. Nesse sentido, no início deste capítulo fizemos uma breve contextualização sobre a deslegitimação da retórica e a consequente deslegitimação dos estudos da argumentação, tendo-se em vista que a argumentação é o coração da disciplina retórica. Diante disso, discorreremos sobre o renascimento dos estudos da argumentação a partir da publicação de trabalhos como *Tratado da Argumentação: a Nova Retórica* (1958), de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, *Os usos do argumento*, de Stephen Toulmin em (1958), para citar alguns exemplos. Neste sentido, constata-se que o modelo dialógico da argumentação proposto por Christian Plantin, é resultado de sua insatisfação com os modelos puramente monológicos. Essa perspectiva de argumentação é revisitada e ampliada por Grácio e atualizada no Brasil por pesquisadores como Damasceno-Morais. Apresentamos na subseção 2.2.1, de modo a introduzir a perspectiva dialógica, seus principais conceitos, como por exemplo, *situação argumentativa*, *questão argumentativa* e *interação argumentativa*. Na sequência apresentamos conceitos basilares, mas em forma de subseção, devido a critérios metodológicos e didáticos. São eles: *questão argumentativa*, *estase argumentativa* e papéis de atuação ou *papéis actanciais*. Discorreremos acerca da importância da contraposição de discursos para essa teoria, na medida em que trabalha por um viés em que não há respostas únicas para uma determinada questão. O que rompe com um possível programa de verdade único. Estamos lidando com a divergência de perspectivas. Por fim, vimos que o conflitual é o coração da argumentação em perspectiva dialógica. Desse modo, conforme observa Plantin (2018, p. 248), “Não estamos na ‘análise do discurso’, mas na ‘análise de discurso/contradiscurso’, a análise das antilogias, ou das antífonias”.

CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresentaremos o caminho percorrido e os procedimentos metodológicos adotados para a execução da presente pesquisa. Neste sentido, discorreremos sobre as etapas decisivas de seleção e delimitação do *corpus*, as categorias de análise mobilizadas e os procedimentos adotados durante cada etapa de análise.

Antes de expormos as etapas constituintes do percurso metodológico, ressalta-se que a presente pesquisa se encontra ancorada em uma *abordagem qualitativa* (CRESWELL, 2010; SEVERINO, 2018). Neste sentido, compreendemos que a pesquisa qualitativa é um meio de investigar e compreender os sentidos e/ou significados que as pessoas projetam em um determinado problema social (CRESWELL, 2010). Destaca-se ainda, em conformidade com o referido autor, que para o empreendimento analítico com viés *qualitativo*, é necessário que se considerem algumas características basilares do método. Destacam-se duas características aqui: a primeira diz respeito ao *ambiente natural* de coleta de dados, ou seja, os dados são extraídos de situações concretas de interação entre as pessoas e um determinado problema, seja ele humano ou social. E a segunda característica é o teor interpretativo dos dados, uma vez que “A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem” (CRESWELL, 2010, p. 209).

Levando-se em consideração que o presente estudo projetou um olhar sobre uma problemática de cunho social em um ambiente natural, na medida em que optamos por coletar dados concretos em interações reais veiculadas no *Facebook*, consideramos que a presente pesquisa se caracteriza pelo seu teor qualitativo. Além disso, levando-se em consideração que os dados foram extraídos do meio virtual *online*, verifica-se que esta pesquisa também pode ser caracterizada pelo seu teor netnográfico (KOZINETTS, 2014). De acordo com o referido autor, “A netnografia é pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo *online*. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal” (KOZINETTS, 2014, p. 61-62). A escolha de tais procedimentos metodológicos podem ser justificados com base na diferença significativa entre as interações que se desenvolvem no ambiente *online* e as interações face a face. Em outros termos, o ambiente *online* nos proporciona formas de interação e conversação significativamente diferentes das interações face a face. Consequentemente, “[...] a experiência de estudá-las etnograficamente é significativamente diferente” (KOZINETTS, 2014, p. 12).

Dessarte, destaca-se que ajustamos o foco da nossa lupa para as interações argumentativas que partem do *conflictual*, pois, compreendemos que este é o ponto de confluência entre as teorias mobilizadas na presente pesquisa. Optamos por trabalhar, inicialmente, com as perspectivas de argumentação dialógica (PLANTIN, 2008, 2016, 2017, 2019) e alguns desdobramentos (GRÁCIO, 2010, 2012, 2013)) e polêmica como modalidade argumentativa (AMOSSY, 2017, 2018). Destaca-se que o nosso interesse recai sobre o *processo* e não sobre o *produto* das interações argumentativas.

Um outro ponto importante é o tipo de abordagem empreendido pela perspectiva dialógica da argumentação, ou seja, essa teoria não se interessa pela simples catalogação de argumentos ou encadeamento de proposições, cujo objetivo consiste em empreender uma análise puramente lógica. Ela também não se interessa pela simples busca de dados que preconizem o *consenso* ou o fim do processo argumentativo (cita-se a Pragmadialética que visa a conclusão das etapas de argumentação) que vislumbra a análise do *produto* da interação argumentativa. Compreendemos a importância das contribuições das teorias supracitadas para a grande área da Argumentação, e não estamos condenando este ou aquele método ou abordagem teórica, apenas destacando o teor inovador da perspectiva dialógica da argumentação proposta por Christian Plantin (2008, 2016, 2017, 2018, 2019), ampliada por Grácio (2010, 2012, 2013) e aplicada e atualizada no Brasil em trabalhos como os de Damasceno-Morais (2017, 2019, 2020, 2021a, 2021b, 2021c), CAMELO (2020), (SILVA, 2020), SIMÃO (2021). Nesta perspectiva o foco recai sobre o *processo* de construção de pontos de vista antagônicos orientados por uma *questão argumentativa*. Tentamos, desde o princípio, *dialogar* com tais perspectivas teóricas, visando menos “aplicar” uma teoria (embora isso seja, de certa forma inevitável) e mais *mobilizar* conceitos com o fim de melhor compreender os dados coletados e que compõem o *corpus* aqui empreendido.

O processo de mobilização de teorias para a construção da presente pesquisa se deu após a primeira etapa de seleção dos dados, pois, como destacamos, nos interessamos pelo processo e não pelo produto. Desse modo, partimos dos dados para a teoria. O único critério previamente estabelecido foi a necessidade de se trabalhar com uma problemática social que partisse de situações reais de interação em ambiente virtual, o que, como já explicado, nos levou a entender esta pesquisa como *netnográfica*. Destaca-se que o objetivo desta pesquisa consiste em compreender qual é o papel das *fake news* no processo de construção da polarização nas redes sociais. Diante disso, com respaldo nos preceitos do modelo dialógico, interessamo-nos pela descrição crítica da forma como pontos de vista antagônicos são gerados e geridos no ambiente virtual. Para atender aos objetivos propostos, o processo de mobilização dos dados e formação do *corpus* exigiu um grande esforço e

adaptação dos dados durante a coleta, como veremos na próxima seção, na qual nos dedicamos a apresentar o processo de seleção e delimitação do *corpus* Coronavírus.

3.1 Seleção e delimitação do *corpus*

O processo de seleção e delimitação do *corpus* passou por etapas decisivas e sofreu alterações significativas ao longo dessa jornada. A primeira etapa de seleção foi realizada durante a elaboração do projeto de pesquisa desta dissertação. A princípio, optamos por coletar *fake news* relacionadas às eleições presidenciais de 2018 no Brasil. A proposta inicial tinha como objetivo investigar os meios que possibilitaram a ascensão do discurso polarizador, com ênfase na polarização política (KOOPMANS, 2004) e ideológica (BOBBIO, 2011) entre direita e esquerda. Na ocasião, nos propusemos a estabelecer um diálogo entre o Modelo Dialogal da Argumentação de Christian Plantin (1990, 2008, 2016, 2017, 2018, 2019), os estudos sobre a intersecção entre política e comunicação, proposto por Ruud Koopmans (2004) e a polêmica como modalidade argumentativa, como propõe Ruth Amossy (2016, 2017). Não obstante e devido à extensão da proposta e o curto período do mestrado, optamos por realizar alterações conceituais, mas mantivemos o *corpus*.

Posteriormente, optamos por estabelecer um recorte de tempo maior para a coleta de dados, ou seja, na primeira proposta trabalharíamos somente com *fake news* publicadas em 2018, cujo tema deveria contemplar as eleições de 2018. Neste sentido, nos propusemos a pesquisar o papel das *fake news* no processo de polarização política nas redes sociais, a partir do diálogo entre o modelo dialogal, a polêmica e o discurso populista alicerçados pelos estudos de Charaudeau (2016). Porém, a possibilidade de se trabalhar com a mobilização de tais campos teóricos não foi possível também por decorrência dos limites de tempo e espaço para este tipo de discussão em uma dissertação. Essa decisão foi motivada, inclusive, pelas ótimas observações e sugestões propostas durante a arguição do projeto, realizada no dia 24 de setembro de 2020, com a colaboração da Professora Doutora Helcira Maria Rodrigues de Lima, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, a quem agradecemos a leitura atenta do projeto inicial e excelente diálogo.

Neste sentido, modificamos o escopo teórico, de modo a contemplarmos o diálogo entre o modelo dialogal e a modalidade argumentativa da polêmica. Optamos por manter os dados previamente coletados para a pesquisa. Dito isso, na ocasião, foram coletadas do *Facebook* duas *fake news* referentes à polarização entre os grupos que se autointitulavam pertencer à esquerda ou à direita do espectro político. As *fake news* coletadas tinham como temática central dois assuntos amplamente discutidos nos anos de 2018 e 2019: a fachada desferida contra Jair Bolsonaro e a

propalada “balbúrdia” nas universidades públicas, alvo das polêmicas declarações do então ministro da educação Abraham Weintraub.

A título de recapitulação, na primeira *fake news* buscava-se associar Adélio Bispo de Oliveira – o homem responsável por desferir a facada contra Bolsonaro – ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Já o segundo tema que repercutiu nas redes no ano de 2019 refere-se à nominada “balbúrdia”. O termo foi utilizado pelo ministro da educação à época Abraham Weintraub para se referir às Universidades Federais do país em um tom pejorativo que vislumbrou atacar a imagem das universidades públicas a fim de se justificar os cortes no orçamento da educação em nível superior. Porém, e por precaução, por decorrência da extensão do *corpus*, o qual contemplava 33.192 (trinta e três mil cento e noventa e dois) comentários, não foi possível mantê-lo nesta pesquisa, o que não nos impede de utilizarmos esses dados já coletados em análises futuras, em forma de novos projetos, uma vez que tais dados já fazem parte do banco de dados que mobilizamos inicialmente para a pesquisa ora apresentada.

Por fim, a escolha do *corpus* definitivo teve como principal motivação o atual contexto de pandemia causado pelo Coronavírus. Estabelecemos três critérios iniciais para a coleta dos dados: o primeiro é a comprovação de que o material publicado na rede é de fato uma *fake news*; o segundo, é a identificação da *estase argumentativa* e o terceiro critério é a atualidade do assunto/tema da *fake news*. Justamente por causa do último critério, isto é, a pandemia que desde janeiro de 2020 até os nossos dias assola o mundo – e sobretudo por causa do pandemônio que a Covid-19 se tornou no Brasil devido à ingerência do governo federal –, resolvemos nomear, a partir de banco de dados desta pesquisa, o *corpus* aqui selecionado e seccionado³⁷, como ***corpus* Coronavírus**. Neste sentido, selecionamos para a análise três *fake news* amplamente difundidas no *Facebook*, cuja temática relaciona-se à pandemia causada pelo Coronavírus: a primeira sobre o uso de máscaras; a segunda, sobre a vacina contra o Coronavírus desenvolvida pelo laboratório Sinovac Biotech em parceria com o Instituto Butantan; e a terceira, sobre o medicamento amplamente divulgado por Jair Bolsonaro como tratamento contra a Covid-19: a Cloroquina.

Com relação a questões éticas, este trabalho não objetiva qualquer tipo de coleta de dados que possa envolver riscos a pessoas de grupos específicos, visto que não envolverá diretamente o contato com seres humanos na coleta de dados, nem exposição de nomes reais ou qualquer outra forma de identificação real. Caso haja necessidade, nomes serão substituídos por pseudônimos ou

³⁷ Sobre seleção e seccção de dados, vide o artigo DAMASCENO-MORAIS, R. O carpinteiro e a madeira: a constituição de corpora jurídicos em perspectiva etnometodológica. Revista de estudos da linguagem/RELIN, Belo Horizonte, v. 29, ed. 2, p. 673-709, 21 jul. 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/17301>. Acesso em: 23 jun. 2021.

será aplicado o efeito para desfocar a imagem. A pesquisa se pautará em dados de situações públicas veiculadas pela plataforma de compartilhamento online *Facebook*, de domínio público e livremente divulgadas. Mesmo em se tratando de publicações livremente divulgadas, optamos por suprimir qualquer dado que pudesse identificar autoria, para que seja preservada a identidade/pseudônimo do internauta. Dessa forma, não haverá necessidade de submissão ao Comitê de Ética/CEP, até porque seria tarefa quase impossível solicitar autorização para uso de comentários, visto que muitos dos perfis são falsos e, inclusive, muitos dos comentários são feitos por robôs³⁸.

Na próxima subseção, apresentaremos detidamente as etapas dos procedimentos de análise.

3.1.1 Procedimentos de coleta de dados para o *corpus* Coronavírus

Na subseção anterior, nos debruçamos na apresentação do processo de seleção e delimitação dos dados que constituem o *corpus* Coronavírus. Como dissemos, selecionamos para a análise três *fake news* com temáticas relacionadas ao atual contexto pandêmico. Neste sentido, após a seleção e delimitação do *corpus* Coronavírus, realizamos o **primeiro passo**: extrair do *Facebook* os comentários contemplados em cada *fake news*. Nesse sentido, foram coletados um total de 4.443 (quatro mil quatrocentos e quarenta e três) comentários, sendo, 243 relacionados à *fake news* sobre o uso de máscaras, 2,3 mil para a *fake news* da vacina e 1,9 mil para a *fake news* sobre a Cloroquina. É importante destacar que esta conta inclui os comentários automatizados, ou seja, comentários programados para serem publicados repetidas vezes. A tabela (1) a seguir, contempla os dados das interações relacionadas às *fake news* coletadas para compor o banco de dados da presente pesquisa. Confira:

Tabela 1: Interação nas *fake news* que constituem o *corpus* Coronavírus

	Curtidas	Comentários	Compartilhamento
F1: Máscaras	171	243	190
F2: Vacina	6.600	2.300	19.000
F3: Cloroquina	18.000	1.900	8.000
Total de reações	24.771	4.443	27.190

Fonte: Elaboração da autora.

Neste sentido, o **segundo passo** foi realizar a divisão dos dados coletados em três grandes grupos: o primeiro contemplando os dados da *fake news* sobre os malefícios e a ineficácia do uso de máscaras, o que inclui a imagem compartilhada na publicação, a legenda que acompanha a imagem e os comentários vinculados à publicação. E nos segundo e terceiro

³⁸ “Os robôs sociais (social bots) são contas controladas por software que geram artificialmente conteúdo e estabelecem interações com não robôs. Eles buscam imitar o comportamento humano e se passar como tal de maneira a interferir em debates espontâneos e criar discussões forjadas” (RUEDIGER, 2017, p. 09).

grupos, dados similares aos apresentados no primeiro grupo. Essa divisão foi realizada a fim de se identificar em cada caso a emergência da *estase argumentativa*, a formulação da *questão argumentativa* e a atuação dos *papéis actanciais*.

Na sequência etiquetamos os dados da seguinte forma: “*Fake news* sobre o uso de máscaras” (F1), “*Fake news* sobre a vacina” (F2) e “*Fake news* sobre a Cloroquina” (F3). Essa etiquetagem se fez necessária por motivos de organização e procedimentos didáticos, pois, ao coletarmos três *fake news* e mobilizarmos para a análise os preceitos do modelo dialogal em um primeiro momento, estamos consequentemente lidando com três *situações argumentativas*, três *questões argumentativas* e três *estase argumentativa*. O que nos leva a três análises dos papéis de Proponente, Oponente e Terceiro.

Por motivos similares, os internautas também foram etiquetados em conformidade com o seu *papel de atuação* e a *fake news* na qual ele encontra-se vinculado. Por exemplo, o internauta que assumiu o papel de proponente 1 na *fake news* sobre a vacina (F1) foi referenciado nos quadros apresentados no decorrer do capítulo analítico 1, da seguinte forma: **P1F1** ou *Proponente 1 (F1)*. Neste sentido, o número 1 se destina a ordem do comentário e a letra “F” seguida do número 1 em parêntese significa *fake news 1* e se refere à *fake news* sobre o uso de máscaras.

O próximo **passo** foi dedicado à realização de uma análise verticalizada dos comentários coletados, de modo a filtrar os comentários que demonstraram discursivamente a sustentação, confrontação ou dúvida sobre o *assunto em questão*. Os internautas que expressaram discursivamente posicionamentos como “concordo/discordo”, “é verdade/falsidade”, foram desconsiderados. Justifica-se essa escolha por decorrência da abordagem conceitual contemplada para o primeiro momento de análise (isto é, o capítulo analítico-descritivo), pois, em conformidade com os preceitos do modelo dialogal, não basta que os *atores* inseridos em uma determinada situação comunicativa demonstrem discursivamente concordância ou discordância sobre *assunto em questão*. É necessário que os *atores* justifiquem seu posicionamento diante do assunto proposto para deliberação para que a interação se torne argumentativa.

Diante disso, o **último passo** empreendido no primeiro capítulo analítico desta dissertação foi a análise verticalizada da atuação dos *papéis actanciais*, pois ajustamos a nossa lupa para a costura entre os pontos de vistas antagônicos sob orientação de uma mesma *questão*. Para empreendermos esta análise realizamos a subdivisão dos três grandes grupos inicialmente definidos. Recapitulando: GRUPO 1 referente à *fake news* que versa sobre os malefícios de se

utilizar máscaras e sua ineficácia no atual contexto de pandemia da Covid-19 (daqui para frente rotulada como **F1** ou *fake news* 1); GRUPO 2 composto pela *fake news* que busca desacreditar os estudos sobre a vacina contra o Coronavírus (daqui para frente rotulada como **F2** ou *fake news* 2); e GRUPO 3, *fake news* que advoga sobre a eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus (daqui para frente rotulada como **F3** ou *fake news* 3). Cada grupo foi subdividido em outros três grupos para efetuarmos as análises dos papéis de atuação do *Proponente*, *Oponente* e *Terceiro* em conformidade com a *situação argumentativa* contemplada em cada caso. O quadro (1) a seguir, apresenta uma síntese dos principais passos adotados durante as etapas analíticas desta pesquisa. Veja:

Quadro 1: Principais passos adotados durante as etapas analíticas:

Passo 1	Coleta de todos os comentários vinculados às três <i>Fake news</i> contempladas neste estudo (totalizando 4.443 comentários).
Passo 2	Divisão dos dados em três grandes grupos: F1 (<i>Fake news</i> sobre as máscaras); F2 (<i>Fake news</i> sobre a vacina); F3 (<i>Fake news</i> sobre a Cloroquina).
Passo 3	Seleção e delimitação dos comentários coletados.
Passo 4	Análise e descrição da atuação dos <i>papéis actanciais</i> .

Fonte: Elaboração da autora.

Nesta subseção, direcionamos o nosso foco para a apresentação dos principais passos adotados nesta pesquisa, durante as etapas de análise. Além disso, pensando nos procedimentos didáticos e metodológicos, apresentamos os detalhes do processo de rotulação dos dados, no intuito de tornar exequível a identificação dos dados no decorrer das análises empreendidas. Diante disso, na próxima subseção, discutiremos sobre as *fake news* contempladas neste estudo.

3.1.2 As *Fake news* selecionadas: **F1**, **F2** e **F3**

O *corpus* da presente pesquisa contempla três *fake news* publicadas no *Facebook*, cuja temática relaciona-se com o atual contexto pandêmico. A primeira *fake news* – ou **F1** – foi publicada no dia 19 de julho de 2020 na página *Diário de Hospital* e, até a data da coleta (15 de dezembro de 2020), contava com 243 comentários, 171 reações e 190 compartilhamentos. A publicação em questão versa sobre os malefícios de se utilizar máscaras e sua ineficácia como método de se prevenir o contágio e a disseminação do Coronavírus. Esta *fake news* foi devidamente checada pela agência de *fact checking* *Aos Fatos* no dia 26 de julho de 2020³⁹

A segunda *fake news* – ou **F2** – foi publicada no perfil do ex-deputado estadual Gil Diniz no dia 17 de janeiro de 2021, e contém informações falsas que buscam pôr em xeque a credibilidade

³⁹ Para mais informações sobre a checagem da *Fakenews* máscara: https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-uso-de-mascaras-reduz-entrada-de-oxigenio-nos-pulmoes/?fbclid=IwAR2ZgS6foX6RnBIkzHehx9wEKMMABeHIPuJt_xFzahH6nKPMXTtWkLcsIdc

dos estudos desenvolvidos sobre a Coronavac. Na ocasião, o referido ex-deputado questionava em tom irônico o motivo de Mônica Calazans – enfermeira voluntária durante os testes da Coronavac no Butantan e primeira brasileira contemplada com a aplicação da primeira dose da vacina contra o Coronavírus – estar sendo publicamente vacinada, uma vez que, segundo ele, Mônica havia sido imunizada durante os testes realizados no Instituto Butantan. Até a data da coleta (23 de janeiro de 2021) a publicação contava com 2,3 mil comentários, 6,7 mil reações e 18 mil compartilhamentos. Assim como na publicação anterior, a checagem dessa *fake news* foi realizada pela agência *Aos Fatos*⁴⁰.

A terceira e última *fake news* – ou **F3** – contemplada nesta pesquisa foi publicada no dia 18 de julho de 2020, em uma página que se descreve como *site* de mídia e notícia. A *fake news* em questão contém informações de que um novo estudo comprovou a eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus. Até a data da coleta (3 de fevereiro de 2021), a publicação contava com 18 mil reações, 1,9 mil comentários e 8 mil compartilhamentos. Com relação à checagem de fatos, diferentemente das duas *fake news* anteriores, esta publicação não foi denunciada pelos internautas que consomem os conteúdos do referido perfil. Porém, após a realização de pesquisas, verificamos que as mesmas informações foram publicadas em um outro perfil e devidamente checadas pela agência *Lupa*⁴¹. Constatou-se, portanto, o teor falso das informações contidas na publicação coletada para análise. Isso porque ambas as publicações utilizaram como respaldo os estudos desenvolvidos no Sistema de Saúde Henry Ford, nos Estados Unidos. O quadro (2) a seguir, contempla os dados de coleta do *corpus* Coronavírus e os *links* de acesso. Confira:

Quadro 2: Dados referentes à coleta de dados:

<i>Fake news</i>	Data de coleta	Link
F1: Máscaras	15/12/2020	https://www.facebook.com/DiarioDeHospital/photos/3090684470968039
F2: Vacina	23/01/2021	https://www.facebook.com/carteiroreaca/posts/1515158038682407
F3: Cloroquina	3/02/2021	https://www.facebook.com/plenonewsoficial/posts/3258964614152529

Fonte: Elaboração da autora.

Antes de apresentarmos as categorias de análise mobilizadas nesta pesquisa, é importante destacarmos a dificuldade encontrada para coletarmos *fake news* com um número

⁴⁰ Para mais informações sobre a checagem da *fake news* vacina: https://www.aosfatos.org/noticias/enfermeira-que-foi-primeira-vacinada-no-brasil-tomou-placebo-durante-testes-da-coronavac/?fbclid=IwAR1cRvTDRGnXGxsvJuV4mGZMDcivC_z1AJh9nTX4b_rNUun7NuzU42xFY5Y

⁴¹ Para mais informações sobre a checagem realizada pela Agência Lupa: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/24/verificamos-estudo-henry-ford-hidroxiCloroquina-covid-19/>

significativo de interações⁴² na rede social selecionada para esta pesquisa, isto é, o *Facebook*, visto que tal rede se comprometeu em desativar páginas vinculadas à disseminação de *fake news* como política de atuação⁴³. Além disso, os critérios de segurança do *Facebook* encontram-se mais rígidos, de modo que a circulação de um determinado conteúdo que fora comprovadamente identificado como *fake news* torna-se menor, o que tornou mais exíguas nossas chances de encontrarmos *fake news* naquela rede.

Diante disso, uma das etapas mais delicadas enfrentadas no decorrer desta pesquisa foi a localização de *verdadeiras fake news* com um teor significativo de interação (isto é, reações) entre os usuários do *Facebook*. Outro problema enfrentado: em muitos casos localizava-se a *fake news*, mas não havia a presença de *estase argumentativa*, por exemplo, o que automaticamente desqualificava o dado para esta pesquisa. Nesse sentido, temos a declarar que dois dos principais critérios de inclusão dos dados foi, primeiro, que a *fake news* fosse comprovadamente *fake*; segundo, que a *fake news* trouxesse número expressivo de reações/interações dos internautas. Na próxima subseção, apresentaremos as categorias de análise mobilizadas nesta pesquisa.

3.1.3 As categorias de análise mobilizadas

A etapa de mobilização das categorias de análise tem sido realizada simultaneamente à primeira etapa de leitura crítica dos dados efetivamente selecionados na composição do *corpus* Coronavírus, como explicado anteriormente. Considerando que partimos dos dados para a teoria, considera-se que uma das etapas mais delicadas desta pesquisa foi a mobilização de conceitos que melhor dialogassem com os dados coletados. Como dito anteriormente, as mudanças realizadas durante a seleção e delimitação do *corpus* acarretaram mudanças no escopo teórico.

Diante disso, ao ajustarmos nossa lupa para os dados coletados, identificamos um ponto recorrente nas interações conflituosas extraídas para análise: o constante choque entre pontos de vista dissonantes orientados por temas de interesse público e social. Dito de outra forma, as redes sociais têm sido utilizadas como espaço para deliberações de assuntos com pauta pública,

⁴² Neste trabalho entendemos ‘interação’ a reação a um post seja por meio de comentários, emojis etc.

⁴³ Para mais informações sobre a política de atuação do *Facebook*, isto é, a desativação de contas que divulgam *Fakenews* em larga escala, confira: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/07/08/facebook-remove-rede-de-contas-falsas-relacionada-ao-psl-e-a-gabinetes-da-familia-bolsonaro.ghtml>; <https://canaltech.com.br/redes-sociais/facebook-apagou-mais-de-13-bilhao-de-contas-fake-so-nos-ultimos-3-meses-de-2020-181119/>

política e social. O que conseqüentemente desencadeia um amplo leque de pontos de vista dissonantes disputando espaço no mesmo ambiente de interação virtual e, ainda, converge para a perspectiva de Amossy, a qual fala sobre a polêmica como modalidade argumentativa.

Neste sentido, e levando-se em consideração que o presente estudo foi fortemente influenciado pelo Trabalho de Conclusão de Curso desta pesquisadora durante a graduação⁴⁴, buscamos acionar teorias da argumentação que contemplassem o estudo de interações reais entre sujeitos, de modo a descrever o processo argumentativo. Isso quer dizer que ao pensar na constituição do referencial teórico, estabelecemos como critério inicial a escolha de uma vertente que contemplasse a análise de situações reais de interação, com ênfase no desenrolar da argumentação. Interessamo-nos pela descrição crítica do processo e não pelo resultado final da argumentação. Soma-se a isso o interesse pela análise e descrição dos dados em seu contexto natural de produção, ou seja, em um ambiente real de interação (CRESWELL, 2010). A preocupação com o contexto natural de produção e coleta dos dados, também é contemplada na perspectiva netnográfica (KOZINETS, 2014). Inclusive, segundo o referido autor, esse princípio é uma das principais vantagens da pesquisa netnográfica, isto é, o fato de que ela é uma técnica naturalista. E neste sentido, “Em muitos casos, a netnografia usa as informações publicamente disponíveis em fóruns eletrônicos” (*Ibid.*, 58). É justamente essas características que nos permite mobilizar os procedimentos e métodos da pesquisa netnográfica no presente estudo.

Destarte, optamos por desenvolver esta pesquisa com base nos preceitos do modelo dialogal da argumentação (PLANTIN, 1990, 2008, 2016, 2018) e seus desdobramentos (GRÁCIO, 2010, 2012, 2013;) em consonância com a perspectiva de polêmica como modalidade argumentativa (AMOSSY, 2017, 2018). A escolha se justifica pelo fato de ambas teorias direcionarem o foco de suas análises para o processo, de modo a contemplar a construção da interação argumentativa em dados retirados de situações reais situados no contexto de comunicação. Neste sentido, o capítulo descritivo-analítico 1, apresentado a seguir, utilizou-se de categorias advindas da perspectiva dialogal da argumentação, na qual buscamos empreender análises cujo foco recaiu sobre a descrição da costura tecida entre pontos de vista antagônicos que deliberaram sobre uma mesma *questão argumentativa*. Para a realização de tal empreendimento, acionamos a descrição, identificação e análise da *situação argumentativa*,

⁴⁴ AGAPITO, Bruna. **Modelo Dialogal da Argumentação e a gestão do desacordo nas redes sociais: Fake news e a potencialização do *dissenso***. Orientador: Rubens Damasceno Morais. 2019. 31 f. TCC (Graduação). Curso: Licenciatura em Letras Portugêses, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2019.

questão argumentativa, *estase argumentativa* e *papéis actanciais*, os quais, neste sentido, atuam como categorias de descrição e análise do corpus ora empreendido para esta pesquisa.

Levando-se em consideração a riqueza advinda tanto do modelo dialogal, quanto da discussão polêmica enquanto modalidade argumentativa, optamos por dividir as análises empreendidas nesta pesquisa em dois capítulos: o capítulo descritivo-analítico 1, a seguir, parte dos preceitos da argumentação dialogal; já o capítulo analítico 2, contempla como categoria norteadora a polêmica em sua modalidade argumentativa com ênfase nos seus elementos constituintes, isto é, a *dicotomização*, a *polarização* e a *desqualificação do discurso alheio*. Além disso, trabalharemos no referido capítulo os elementos composicionais das *fake news* e sua respectiva relação com a materialização do ônus da prova.

Neste sentido, as análises contempladas no capítulo descritivo-analítico 1 estão voltadas para o diálogo entre o Modelo Dialogal da Argumentação e os dados que compõem o *corpus* Coronavírus. Neste sentido, nos propusemos a discutir sobre a formulação da *questão argumentativa* em discussões veiculadas e produzidas pelo/no *Facebook*. Na sequência identificamos e tratamos da emergência da *estase argumentativa*. Por fim identificamos e analisamos a atuação dos *papéis actanciais* de Proponente, Oponente e Terceiro, sempre realizando um movimento de consulta nos aportes teóricos e estabelecendo possíveis diálogos com os dados analisados.

No capítulo analítico 2 nos propusemos a analisar sob a óptica da polêmica argumentativa a forma como a *dicotomização*, a *polarização* e a *desqualificação do discurso alheio* são concebidas em interações conflituosas protagonizadas nas redes sociais. Além disso, no intuito de responder à questão norteadora da presente pesquisa – a saber, “***Qual é o papel desempenhado pelas fake news no processo de construção da polarização nas redes sociais, a partir da discussão de três fake news?***” – analisamos a estrutura composicional das *fake news* e suas possíveis implicações na materialização do ônus da prova. Por fim, no capítulo analítico 3 realizamos um diálogo epistemológico entre o Modelo Dialogal da Argumentação e a Polêmica Argumentativa, a fim de observarmos os pontos de contato e suas divergências. Embora conciso, esse último capítulo é a culminação de longo trabalho de reflexão e que, como mostramos, vai além da “aplicação” de uma teoria, uma vez que propõe um diálogo entre perspectivas teóricas, o que, no nosso entendimento, torna “crítica” a leitura que aqui propomos tanto do Modelo dialogal proposto por Christian Plantin, quanto da perspectiva teórica de Ruth Amossy, quando esta discorre sobre a polêmica como modalidade argumentativa.

Pensando em questões de cunho didático e metodológico, optamos por etiquetar os comentários coletados para análise, de acordo com o papel actancial assumido pelo internauta bem como a *fake news* vinculada a ele. Desse modo, no quadro (3) a seguir ilustramos de que modo os internautas que assumiram os papéis de Proponente, Oponente e Terceiro, foram referenciados no decorrer das análises empreendidas nesta pesquisa. Confira o quadro (3) a seguir:

Quadro 3: Identificação dos internautas nas análises empreendidas.

Papéis actanciais	<i>F1</i> <i>Fake news Máscara</i>	<i>F2</i> <i>Fake news Vacina</i>	<i>F3</i> <i>Fake news Cloroquina</i>
Proponente	PF1	PF2	PF3
Oponente	OF1	OF2	OF3
Terceiro	TF1	TF2	TF3

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

No próximo capítulo apresentaremos as análises empreendidas com base nos preceitos do modelo dialogal da argumentação. Neste sentido, apresentaremos a *formulação da questão argumentativa*, *estase argumentativa* e a atuação dos *papéis actanciais* nos dados coletados da plataforma *Facebook*, lançando mão, como já explicado, de uma metodologia netnográfica, a fim de se compreender como pontos de vista antagônicos orientados por uma mesma *questão argumentativa* são gerados e geridos no ambiente virtual.

4. CAPÍTULO DESCRITIVO-ANALÍTICO: O MODELO DIALOGAL DA ARGUMENTAÇÃO

Conforme pontuamos no capítulo dois deste estudo, convidamos para esta pesquisa autores como Christian Plantin (1990, 2008, 2016, 2017, 2019, 2021), precursor do Modelo dialogal da argumentação e algumas das reflexões de Rui Grácio (2010, 2012, 2013) que veem na interação o ponto de partida de toda argumentação. Neste sentido, para fins metodológicos e didáticos, optamos por dividir este capítulo em uma seção e vinte subseções. Essa divisão do capítulo em vinte subseções foi necessária para que o leitor não se perca durante o empreendimento das análises, tendo-se em vista que, como dissemos, ao contemplarmos três *fake news* e analisá-las com base nos preceitos da perspectiva dialogal, lidaremos com três *situações argumentativas*, três *questões argumentativas*, três *estase argumentativa*, bem como três análises para cada atuação dos papéis de Proponente, Oponente e Terceiro, o que não é pouco. Não obstante, achamos necessário, para que pudéssemos identificar e descrever de forma mais contundente tais elementos do modelo dialogal aqui reivindicado. Poderíamos ter escolhido apenas uma *fake news* para esta pesquisa, sabemos, mas, em fim de contas, acreditamos que selecionar apenas uma poderia dar um tom meramente intuitivo às análises, o que, ainda, poderia ser visto como insuficiente em trabalho de nível de pós-graduação. Nesse sentido, para que o leitor não se perca em meio de tantas subseções, tivemos o cuidado de catalogar minuciosamente cada ocorrência de cada categoria em cada *fake news*.

Com relação aos dados que constituem o *corpus* Coronavírus, a título de recapitulação, foram extraídas do *Facebook* três *fake news* relacionadas ao contexto de pandemia decorrente do Coronavírus. A primeira *fake news* (F1) possui como tema geral os (supostos) malefícios e a ineficácia do uso de máscaras como método de prevenção contra o Coronavírus. A segunda *fake news* (F2) demonstra discursivamente pôr em xeque a credibilidade dos estudos desenvolvidos sobre a vacina contra o Coronavírus. Por fim, a terceira *fake news* (F3) aborda a temática da suposta comprovação da eficácia do uso da Cloroquina como método para combater o Coronavírus. Reiteramos que as três publicações que serão analisadas neste capítulo foram devidamente checadas por agências de *fact checking* e comprovadamente consideradas falsas. Ou seja, trata-se, com a licença do trocadilho, de *fakes* verdadeiras ou verdadeira *fake*, ao gosto do cliente.

É válido ressaltar que o fato de trabalharmos com três *fake news* distintas nos fornece três *situações argumentativas* diferentes, bem como três *questões argumentativas* diferentes, e três *estase argumentativa* diferentes. Por este motivo, na seção (4.1) apresentamos um esquema geral de aplicação da perspectiva dialogal nos dados coletados. Espera-se que este esquema possa

proporcionar ao leitor uma visão geral acerca da articulação entre a teoria mobilizada e os dados coletados, tendo-se em vista que partimos dos dados para a teoria e não o contrário.

Além disso, as subseções referentes a seção (4.1) foram organizadas de modo a contemplar as categorias de análise mobilizadas nesta pesquisa. Por este motivo, cada subseção foi intitulada de acordo com a categoria mobilizada para a realização da análise dos dados. Neste sentido, na subseção (4.1.1) A formulação da *questão argumentativa*, trabalharemos detidamente na descrição do processo em que um determinado tema geral se torna argumentativo ao ser tematizado em uma *questão*. Na subseção (4.1.2) A emergência da *estase argumentativa*, descreveremos a forma como pontos de vista antagônicos orientados por um *assunto em questão* se chocam. Esse choque bloqueia⁴⁵ o diálogo consensual, isto é, marca-se o ponto de conflito, de modo que os *atores da situação argumentativa* tenham que assumir seus respectivos *papéis actanciais* de Proponente, Oponente ou Terceiro, o que conseqüentemente resultará na emergência da *estase argumentativa*. Por fim, nas subseções (4.1.3) Atuação do Proponente, (4.1.4) Atuação do Oponente e (4.1.5) Atuação do Terceiro, discutiremos a atuação dos respectivos *papéis actanciais* ou *papéis de atuação*. Isto é, analisaremos de que forma os internautas propõem uma tese, se opõem a ela ou duvidam dela.

Levando-se em consideração a extensão do *corpus* Coronavírus, o qual contempla um total de 4443 comentários⁴⁶, optamos por trazer à luz da discussão um total de 46 comentários para este primeiro momento de análise. O processo de filtragem dos comentários seguiu o seguinte critério: a identificação da *estase argumentativa* e o subsequente desenvolvimento e confronto entre os pontos de vista antagônicos orientados por uma mesma questão. Essa decisão se justifica pelo fato de que nosso interesse encontra-se voltado para o *processo* e não para o *produto*. Neste sentido, importa-nos a forma como pontos de vista antagônicos orientados por uma mesma *questão argumentativa* são gerados e geridos em uma situação concreta de interação. Dito isso, na próxima seção apresentaremos a forma como os dados foram organizados e realizaremos a análise em conformidade com o escopo teórico apresentado em capítulos anteriores.

4.1 Esquema da aplicação da perspectiva Dialogal no *corpus* Coronavírus

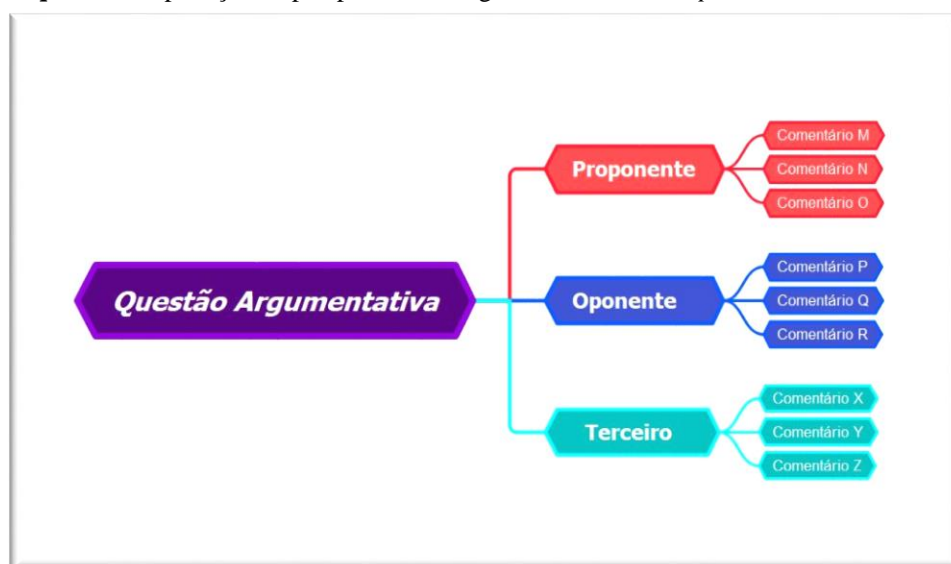
O *Esquema de aplicação do modelo dialogal no corpus Coronavírus* foi elaborado no intuito de esboçar esquematicamente de que forma a teoria “se aplica” aos dados. Isso porque

⁴⁵ É importante frisarmos, que o bloqueio do diálogo consensual não impede o desenvolvimento do diálogo, pois trata-se somente do bloqueio do consenso. Este bloqueio é o ponto de emergência da *estase argumentativa*.

⁴⁶ Este valor é referente à soma dos comentários das três *Fakenews* selecionadas. Neste sentido, não houve distinção entre os comentários automatizados (por exemplo, *#bolsonaro2022*) e os comentários vinculados às questões argumentativas.

partimos dos dados para a teoria e não o contrário. Neste sentido, para que a compreensão do esquema seja satisfatória, torna-se necessário recapitularmos a noção de *situação argumentativa*, conceito caro para a perspectiva Dialogal. Conforme postula Christian Plantin, uma *situação argumentativa* típica é definida a partir do confronto e pelo desenvolvimento de pontos de vista antagônicos orientados por uma mesma *questão* (2008). Além disso, o referido autor afirma que a interação torna-se completamente argumentativa na medida em que distingue-se três *papéis de atuação*: os de Proponente (aquele que propõe uma tese sobre um determinado assunto em discussão), Oponente (aquele que não ratifica a tese do Proponente e se vê obrigado a justificar sua recusa) e Terceiro (aquele que não ratifica nem a tese do Proponente nem a do Oponente, mas a partir da leitura/análise das duas teses apresentadas, formula uma pergunta/dúvida). Apresentamos no capítulo dois, seção (2.2.4) “*Papéis actanciais: Proponente, Oponente, Terceiro*”, um esquema prototípico da *situação argumentativa* com base nos estudos de Plantin. Neste sentido, pensando nos procedimentos metodológicos e didáticos elaboramos um esquema geral de aplicação da perspectiva Dialogal nos dados contemplados nesta dissertação. Dito isso, no Esquema (2) a seguir, apresentaremos de que forma foi pensada a aplicação da teoria nos dados que compõem o *corpus* Coronavírus. Confira:

Esquema 2: Aplicação da perspectiva Dialogal nos dados do *corpus* Coronavírus



Fonte: Elaboração da autora.

O Esquema (2) acima possui como fundamento o modelo prototípico de *situação argumentativa* pertencente à perspectiva Dialogal da Argumentação. Observe que para cada papel de atuação (Proponente, Oponente e Terceiro) existe um conjunto de comentários

etiquetados de maneira aleatória (Proponente: M, N, O; Oponente: P, Q, R; Terceiro: X, Y, Z). A etiquetagem aleatória se justifica pelo fato de que trabalharemos com três *fake news* diferentes, e isso quer dizer que teremos três *situações argumentativas*, bem como três *questões argumentativas* diferentes. Neste sentido, no intuito de não ter de elaborar três vezes o mesmo esquema modificando-se apenas o número dos comentários, optamos por esboçar um esquema geral capaz de contemplar de forma elucidativa todos os dados coletados para a pesquisa. Neste sentido, durante a análise, verificar-se-á que cada comentário foi devidamente enumerado e correlacionado com o seu respectivo papel de atuação. Por exemplo, na *fake news* sobre a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento da Covid-19, o internauta responsável por compartilhar esta informação em sua rede, foi devidamente etiquetado como **P1F3**. Este procedimento se repete no decorrer das análises. Dito isso, na próxima subseção, apresentaremos de que modo as *questões argumentativas* foram formuladas em cada *fake news*.

4.1.1 A formulação da questão argumentativa

A noção de *questão argumentativa* é fundamental para que se possa empreender uma análise por meio da perspectiva Dialogal da Argumentação. Trata-se de uma acepção preconizada por Plantin, pois, é a partir do confronto e desenvolvimento de pontos de vista antagônicos orientados por uma mesma *questão argumentativa*, que se concebe a argumentação Dialogal. Dito de outro modo, o conflitual é condição *sine qua non* para que se possa conceber a argumentação em perspectiva Dialogal. Essa perspectiva teórica possui como ponto de partida o conflitual, isso porque seu objetivo é descrever criticamente a costura argumentativa decorrente da interação concreta entre os *atores* de uma determinada *situação comunicativa*.

Dito isso, apresentaremos a seguir as três *fake news* coletadas da plataforma *Facebook*, seguidas de suas possíveis formulações de *questão argumentativa*. Por este motivo, não trabalharemos com a catalogação de informações verdadeiras ou falsas, mas situamos nossa análise no processo de descrição da construção e costura argumentativa, de modo a observar como pontos de vista antagônicos são gerados e geridos no meio virtual. Feitas as ressalvas, vamos para a análise.

Como dito anteriormente, trabalharemos com três *fake news*: a primeira sobre os malefícios do uso de máscaras; a segunda sobre o caráter duvidoso das vacinas e do Instituto Butantan e a terceira, sobre um estudo que comprova a eficácia da Cloroquina no tratamento contra a Covid-19. Optamos, portanto, por apresentar os dados na ordem supracitada, ou seja, na subseção (4.1.1.1) analisaremos a publicação sobre os malefícios do uso de máscaras, na

sequência (4.1.1.2), trabalharemos com a *fake news* que põe em xeque a credibilidade de Coronavac e por último, na subseção (4.1.1.3), trabalharemos com a *fake news* que busca atestar a eficácia da Cloroquina no tratamento do Coronavírus.

4.1.1.1 A formulação da questão argumentativa na fake news 1 (F1)

A imagem (1) a seguir, foi publicada na plataforma *Facebook* no dia 19 de julho de 2020, e até a data da coleta contava com 243 comentários, 171 reações (curtidas) e 190 compartilhamentos. Nela podemos analisar duas situações: a primeira diz respeito às informações contidas na própria imagem compartilhada pelo Proponente 1 (F1), que no caso corresponde ao ator/internauta responsável pela página *Diário de Hospital*; e a segunda, diz respeito ao texto que a acompanha, seguido de um *link* que redireciona o internauta para um suposto estudo que confirma as informações contidas na imagem. Confira:

Imagem 1: *Fake news* sobre o uso de máscaras.



Fonte: <https://www.facebook.com/DiarioDeHospital/photos/3090684470968039>

A publicação contemplada na imagem (1) acima foi etiquetada pelo próprio *Facebook* como *fake news* após a devida checagem realizada pela agência de Fact Checking *Aos Fatos*⁴⁷. Note que as informações contempladas na imagem da máscara demonstram discursivamente uma tentativa de desestimular o uso de máscaras durante o atual período de pandemia causado pelo Coronavírus. Nela questiona-se, sobretudo, a obrigatoriedade do uso de máscaras para prevenção desta doença. Além disso, a imagem que acompanha a publicação reúne informações que apontam para os malefícios de se utilizar máscaras, tais como: “*Impede a correta*

⁴⁷ Para mais informações sobre a checagem realizada pela agência Aos Fatos, confira: https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-uso-de-mascaras-reduz-entrada-de-oxigenio-nos-pulmoes/?fbclid=IwAR2dtKqlaac6ZAwdKQ113C-mTK2C4QA1EOOykt5QmdwwA94B6h_w8NEvEYM

respiração; impede a oxigenação pulmonar; [você] respira-se teus próprios resíduos expelidos; [a máscara] simboliza mutismo; você respira seu próprio CO² gás carbônico; provoca hiperventilação; produz sensação de asfixia; produz a síndrome da hipercapnia;”.

Por fim, a imagem (da publicação) apresenta uma possível conclusão para a obrigatoriedade do uso de máscaras durante a atual pandemia: “*só tem uma explicação para sermos obrigados a usar: SERÁ QUE A O.M.S. QUER NOS MATAR LENTAMENTE?*” Observe que a imagem em contexto isolado, isto é, desacompanhada da legenda, já orienta o leitor para uma determinada tese: a de que a obrigatoriedade do uso de máscaras é ineficaz e prejudicial à saúde, além de concluir que a OMS (Organização Mundial da Saúde) não se interessa pela prevenção da disseminação e contágio do Coronavírus, mas fundamentalmente em “matar lentamente” as pessoas que aderirem a esta medida preventiva. Dito isso, passemos para a análise da legenda que acompanha a referida imagem no *Facebook*.

Levando-se em consideração a qualidade ruim da Imagem (1), optamos por transcrever a legenda que acompanha a foto compartilhada na página *Diário de Hospital*, antes de empreendermos a análise sobre a formulação da *questão argumentativa*. Confira o quadro (4) abaixo com a transcrição integral do texto:

Quadro 4: Legenda publicação sobre o uso de máscaras

<p>PIF1: “Excelente texto com explicações concretas sobre as diferentes máscaras e seus efeitos. Obs.: E antes que a imbecilidade irracional emerja de seu obscurantismo, <i>ninguém está condenando o uso de máscaras em ambientes de assepsia de centros cirúrgicos ou em ambientes com extrema carga viral contaminante, ambos os casos exclusivamente para profissionais de saúde e para pessoas inseridas temporariamente nestes ambientes, e com máscaras respeitando o seu tempo de validade para uso</i>” (grifo nosso).</p>

O internauta (**PIF1**) que compartilhou a referida imagem em sua página no *Facebook*, demonstra discursivamente conformidade com as informações ali expostas. Soma-se a isso, o fato de a legenda da publicação retomar e sustentar parte das informações contempladas na imagem em questão. Além disso, o internauta, que, agora será referido como **PIF1**, acrescenta que o uso de máscaras deve ser exclusivo para profissionais da área da saúde durante procedimentos cirúrgicos ou para pessoas que se encontram inseridas em ambientes com alta carga viral. Neste sentido, ao compartilhar em sua rede social a referida publicação acrescida de uma legenda que demonstra certo alinhamento com as informações contidas na imagem, o **PIF1** torna-se o responsável por desencadear a *estase argumentativa* (este conceito será trabalhado com afinco na próxima subseção), na medida em que abre espaço em sua rede social para a emergência de aliados e contraditores.

Constata-se que o referido internauta assumiu o *papel actancial* de proponente na medida em que a partir de um tema geral (o uso de máscaras durante a pandemia da Covid-19) o internauta propôs uma tese sobre sua perspectiva com relação ao tema. Além disso, considera-se que a imagem compartilhada pelo **P1F1** é a mobilização do ônus da prova, uma vez que como assegura Plantin (2008), cabe ao proponente apresentar o ônus da prova⁴⁸.

Destaca-se que em conformidade com os preceitos do modelo dialogal, a *questão argumentativa* é formulada por decorrência do choque entre pontos de vista antagônicos orientados pelo *assunto em questão*. Diante disso, apresentaremos a seguir a contra-argumentação de um internauta que assumira o papel de oponente na referida *situação argumentativa*, confira: “*Um absurdo uma postagem dessa, como medi o da linha de frente há anos defendo o uso da máscara desde há muito tempo e tenho visto diminuição dos surtos de doenças respiratórias toda vez em que ela é usada em meus assistidos*”. Observe que o comentário do **O1F1** é a justificativa de recusa da ratificação da tese apresentada pelo **P1F1**. Isso nos fornece a formulação de uma *questão argumentativa* do tipo: ***É realmente seguro e eficaz utilizar máscaras em ambiente público para prevenir o contágio e a disseminação do Coronavírus?*** Diante do exposto, na próxima subseção trabalharemos com a formulação da *questão argumentativa* da segunda *fake news* contemplada para análise.

4.1.1.2 A formulação da *questão argumentativa* na *fake news* 2 (F2)

A segunda *fake news* selecionada foi publicada no dia 17 de janeiro de 2021 no perfil oficial do ex-deputado estadual de São Paulo, Gil Diniz. Na ocasião, o deputado demonstrou discursivamente, uma tentativa de pôr em xeque a credibilidade dos estudos desenvolvidos no Instituto Butantan acerca da Coronavac. Isso ocorreu por meio do ataque tanto à imagem de Mônica Calazans, a enfermeira brasileira que recebeu a primeira dose da vacina contra o Coronavírus, quanto à imagem pública do atual governador de São Paulo, João Dória. A imagem (2) que se segue é composta por dois *prints* e uma legenda supostamente elaborada pelo deputado responsável pelo perfil. Assim como na *fake news* anterior, os dados contidos na publicação foram devidamente checados pelas agências Lupa e Aos Fatos e recebeu o selo de conteúdo falso⁴⁹. Antes de apresentarmos os dados contemplados na imagem (2), é necessário

⁴⁸ “O ônus da prova recai sobre o inovador, ou seja, sobre aquele que desafia uma proposta aceita, bem como sobre aquele que apresenta uma nova proposta. [...] Na lei, a atribuição do ônus da prova determina legalmente quem tem de provar o quê, e é a base para o recurso ao precedente” (PLANTIN, 2016, p. 138, tradução livre).

⁴⁹ Para mais informações sobre a realização das checagens confira: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/01/18/verificamos-monica-calazans-placebo/>
<https://www.aosfatos.org/noticias/enfermeira-que-foi-primeira-vacinada-no-brasil-tomou-placebo-durante-testes-da-coronavac/?fbclid=IwAR31SVt3SrlczUvnyD5EBf9H-dRav04t96y36rk4vnO54UhtDJg-NJct41U>

pontuarmos que até a data da coleta a publicação contava com 6200 reações, 2200 comentários e 19 mil compartilhamentos. Confira:

Imagem 2: Fake news sobre a CoronaVac e Monica Calazans

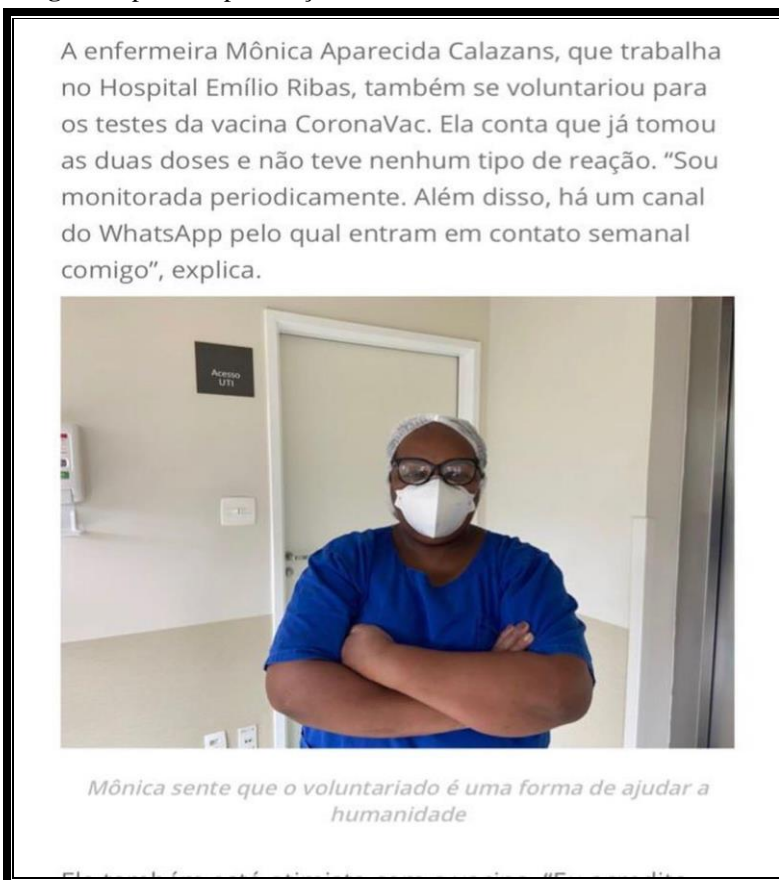


Fonte: <https://www.facebook.com/carteiroreaca/posts/1515158038682407>

Nota-se que a publicação contém de um lado o *print* de parte de uma matéria⁵⁰ sobre uma entrevista concedida por Mônica Calazans ao Coren SP (Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo). Na referida matéria Mônica relatou sua experiência como voluntária nos estudos desenvolvidos no Instituto Butantan sobre a vacina contra o Coronavírus. Do outro lado, encontra-se a foto de Mônica em uma praia ao lado de duas mulheres. Com relação ao *print* da matéria, verifica-se que ele contém apenas um parágrafo da entrevista. Veja:

⁵⁰ Confira a matéria na íntegra: <https://portal.coren-sp.gov.br/noticias/covid-19-profissionais-de-enfermagem-contam-experiencia-como-voluntarios-nos-testes-da-vacina/>

Imagem 3: parte da publicação de Gil Diniz



Fonte: <https://www.facebook.com/carteioreaca/photos/pcb.1515158038682407/1515157995349078/>

Note que as informações contempladas no *print* orientam para a conclusão de que Mônica Calazans havia recebido as duas doses da vacina durante os testes desenvolvidos no Butantan. Confira o trecho específico: “Ela [Mônica] conta que já tomou as duas doses e não teve nenhum tipo de reação”. Essa informação corrobora a tese apresentada pelo **PIF2**, pois, como veremos no quadro (5) abaixo, ele demonstra por meio de sua tese pôr em xeque a credibilidade dos estudos desenvolvidos sobre a vacina, na medida em que busca atestar que o evento no qual Mônica recebera publicamente a primeira dose da vacina se tratava de uma farsa. Isso porque, segundo ele, Mônica havia sido imunizada durante os testes. Confira a legenda redigida pelo **PIF2**:

Quadro 5: Legenda redigida pelo PIF2

PIF2: “Por que Mônica Calazans tomou a ‘primeira vacina’ se teoricamente ela já estava imunizada por ter participado dos estudos da vacina experimental no Butantan? Aliás, a própria enfermeira postou em suas redes sociais que estava na Praia no final do ano. *Ninguém acredita em João Dória!*” (Grifo nosso).

Observe que o **PIF2** propõe a tese de que Mônica havia sido imunizada durante os testes e desse modo, o evento que João Dória promoveu para que Mônica pudesse receber a aplicação da primeira dose de vacina, seria uma farsa. As imagens compartilhadas pelo **PIF2** (Imagem 2, da

presente pesquisa) materializam-se no ônus da prova, na referida *situação argumentativa*. Ao tornar este ponto de vista público em sua rede social, o deputado abre espaço para a emergência de aliados e contraditores. Isso nos permite analisá-lo por meio dos preceitos da perspectiva Dialogal da Argumentação, pois, ocorre dois movimentos importantes para esta teoria: primeiro, o deputado assume o *papel actancial* de proponente ao elaborar uma tese sobre um tema geral que estava em discussão na sociedade; segundo, desencadeia a estase argumentativa, ao abrir espaço para emergência de pontos de vista aliados e contraditores.

Na sequência, emerge um dos principais contraditores, isto é, o **O1F2** o qual formula o seguinte contradiscurso: “*Ela fez parte do grupo de voluntários que recebeu placebo. Em vez do senhor ficar desacreditando os voluntários, a ciência, não se candidata a ser voluntário nas próximas vacinas. Ah é... se tivermos vacinas...*”. Diante do exposto, consideramos que uma das possibilidades de formulação da *questão argumentativa* pode ser posta da seguinte forma: ***Se a vacina é eficaz e se Mônica já havia recebido a primeira dose durante os testes, por que tomar outra dose publicamente fingindo ser a primeira vez?*** Dito isso, passemos para a formulação da terceira e última *questão argumentativa* contemplada nos dados coletados.

4.1.1.3 A formulação da questão argumentativa na *fake news* 3 (F3)

A terceira e última *fake news* foi publicada no dia 18 de julho de 2020 e até a data da coleta contava com 18 mil reações, 1900 comentários e 8 mil compartilhamentos. A página responsável por compartilhar esta *Fake news* descreve-se como um *site* de notícias e mídia. Além disso, na própria descrição da página no *Facebook* há um *link* que redireciona o usuário do *Facebook* para o *site* em questão. Com relação a publicação selecionada para a análise, há considerações importantes a serem feitas.

A primeira é o fato de que o *Facebook* não marcou esta publicação com o selo de informação falsa. Isso pode ser justificado pelo fato de que a página em questão possui um público que demonstra por meio de seus discursos, um certo alinhamento com os valores compartilhados no perfil em questão. E isso contribui para a diminuição do processo de checagem dos fatos, pois, para que os dados possam ser devidamente analisados pelas agências de *fact checking* em parceria com o *Facebook*, é necessário que o internauta solicite a verificação da publicação que julgar suspeita. Neste sentido, em um perfil em que a rede de amigos – terminologia do *Facebook* para se referir à rede de relações que se estabelecem – demonstra por meio de seus discursos uma certa partilha de valores e crenças, dificilmente as informações lá contidas serão enviadas para checagem. Não estamos lidando com verdade ou falsidade, mas pontos de vista, valores, crenças diversas.

Desse modo, consideramos a publicação como *fake news*, porque as mesmas informações contidas nesta postagem foram encontradas em outros perfis e devidamente checadas. É neste sentido que encontramos respaldo para considerarmos a publicação selecionada para a análise como *fake news*⁵¹.

A imagem (4) a seguir, possui a estrutura típica de uma *Fake news*, pois, toma de empréstimo aspectos do gênero notícia, tais como: a manchete, a linguagem objetiva, e como estamos situados no ambiente virtual, contém um *link* que redireciona o internauta para a página do referido *site* de notícias. O tema central desta *fake news* é a divulgação de um suposto estudo desenvolvido pelo Sistema de Saúde Henry Ford, no qual disserta-se sobre a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento contra a Covid-19. Confira a imagem (4):

Imagem 4: *Fake news* sobre a eficácia da Cloroquina no tratamento da Covid-19



Fonte: <https://www.facebook.com/plenonewsoficial/posts/3258964614152529>

Na imagem (4) acima, verifica-se que o **P1F3** – isto é, o internauta responsável pela publicação da *fake news* na página *Pleno.News* – não tece um texto explicando seu posicionamento. Uma das justificativas possíveis para esta situação é o fato de que a página se descreve como um perfil informativo. Além disso, infere-se que a página no *Facebook* é apenas o veículo de

⁵¹ Para mais informações sobre a devida checagem dos dados apresentados no suposto estudo, confira: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/24/verificamos-estudo-henry-ford-hidroxiCloroquina-covid-19/>

divulgação do *site* homônimo *Pleno. News*. Diante disso, considera-se que a tese do **PIF3** é a legenda por ele publicada ao lado da manchete compartilhada. Portanto, temos uma tese do tipo: “*Novo estudo prova a eficácia da Cloroquina contra Covid*”. Dito isso, constata-se que ao compartilhar a referida “notícia” em seu perfil e na sequência redigir o texto supracitado, o internauta assume o papel actancial de proponente. Outro ponto que atesta esta alegação é a mobilização do ônus da prova, pois, a matéria por ele compartilhada é o suporte do ponto de vista do **PIF3**.

Note que além de propor e sustentar a tese de que este novo estudo comprova a eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus, a *fake news* em questão possui como capa a foto de Jair Bolsonaro segurando duas caixas do referido medicamento durante uma das inúmeras *lives* em que ele incentivou o uso da Cloroquina como tratamento precoce contra o Coronavírus. Infere-se que a utilização de uma foto do atual presidente da República com a Cloroquina nas mãos associada à matéria sobre a comprovação da eficácia de tal medicamento no tratamento contra o Coronavírus, é uma tentativa de criar respaldo “científico” para o posicionamento de Bolsonaro, que desde o início da pandemia se mostrou favorável ao tratamento da Covid-19 com a Cloroquina, mesmo após a comprovação de sua ineficácia por meio da realização de inúmeros estudos⁵².

Diante do exposto, podemos realizar a leitura/formulação de uma *questão argumentativa* do seguinte tipo: *A utilização da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus é eficaz?* De modo similar aos casos anteriores, **PIF3** é responsável por desencadear a *estase argumentativa*. Trabalharemos esta questão detidamente na próxima subseção, na qual voltaremos o nosso olhar para o momento em que se marca o choque entre pontos de vista antagônicos orientados por um mesmo *assunto em questão*. Neste sentido, retomaremos as formulações das três *questões argumentativas* aqui apresentadas, no intuito de situarmos nossa análise no bojo da perspectiva Dialogal da Argumentação.

4.1.2 A emergência da *estase argumentativa*

No capítulo dois vimos que a *estase* é um termo técnico tomado de empréstimo do campo da medicina. No referido campo, o termo era utilizado para designar o bloqueio da boa circulação dos fluidos humanos. Encontramos a *estase* também no campo da física, como nos

⁵² Para mais informações sobre a ineficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus: <https://www.unifesp.br/reitoria/dci/releases/item/4723-professores-da-unifesp-reatfirmam-ineficacia-da-hidroxiCloroquina-no-tratamento-da-covid-19>; <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/07/23/hidroxiCloroquina-e-ineficaz-para-covid-19-diz-maior-estudo-brasileiro.htm>.

lembra Grácio (2013, p. 108). Naquele contexto ela era utilizada para se referir à colisão entre duas linhas de força em movimento em um determinado ponto. Neste sentido, ao ser transposta para a grande área da argumentação, a *estase* passou a designar o bloqueio do diálogo consensual, como advoga Plantin (2018). Mas é importante ressaltarmos que o bloqueio do diálogo consensual não significa que o diálogo será impossibilitado de prosseguir. Ocorre o bloqueio do consenso e não do diálogo.

É a partir do bloqueio do consenso sobre determinado tema que os indivíduos buscam formular teses para defender seus pontos de vista. O choque entre estes pontos de vista antagônicos orientados por um *assunto em questão* resultará na emergência da *estase argumentativa*. A *estase* é o ponto de colisão entre as teses antagônicas que versam sobre um *assunto em questão*, isto é, sobre um assunto geral que foi tematizado/problematizado (PLANTIN, 2008; GRÁCIO, 2010, 2012, 2013; DAMASCENO-MORAIS, 2017, 2020).

Vimos na subseção sobre a *questão argumentativa* que os proponentes principais – isto é, os internautas que publicaram em suas redes sociais as *Fake news* apresentadas – são os responsáveis por desencadear a *estase argumentativa*. Essa alegação pode ser justificada pelo fato de que os internautas propuseram uma tese sobre um assunto de interesse público e social em um espaço aberto para interação, sempre ligados à crise sanitária que tem na covid-19 e seus efeitos nefastos um tema bastante atual nas redes sociais. Desse modo, a tese proposta propiciou a emergência de aliados e contraditores.

O *Facebook* é um dos espaços que nos permite, como pesquisadores, visualizar o movimento de polarização que se segue a partir da emergência de aliados e contraditores que debatem sobre um determinado assunto/tema. Este é um dos motivos que nos levou à escolha dos procedimentos e métodos advindos da netnografia. Os estudos netnográficos interessam-se, em especial, por este contexto de produção de dados, isto é, as experiências sociais veiculadas no ambiente online (KOZINETS, 2014).

Com relação à polarização, ocorre uma espécie de coalizão entre os pares identitários que se inserem em uma arena virtual para combater o grupo em oposição. Para Amossy (2017b) a polarização – trabalharemos detidamente este conceito no capítulo analítico 2 – desempenha um papel fundamental no processo de reagrupamento identitário em prol da defesa dos valores partilhados por um determinado grupo em oposição a outro. A título de exemplificação, com relação a *fake news* sobre a eficácia da Cloroquina, os internautas se dividem fundamentalmente entre dois grupos: os defensores da Cloroquina de um lado, os quais demonstram por meio de seus discursos partilhar um sentimento identitário com os valores abertamente difundidos por

Jair Bolsonaro; e os contrários à esta medida, os quais em sua maioria não partilham os valores defendidos pelo referido presidente.

Passemos agora para a análise verticalizada do ponto em que a *estase argumentativa* desponta em cada caso. Para isso, retomaremos as três teses apresentadas pelos Proponentes, de modo a descrever o desenrolar dessa interação argumentativa. Dito isso, na próxima subseção apresentaremos a emergência da *estase argumentativa* a partir do choque entre pontos de vista antagônicos a respeito da *Fake news* sobre o uso de máscaras (F1).

4.1.2.1 A emergência da estase argumentativa na *Fake news 1* (F1)

Apresentaremos na imagem (5) a seguir o choque entre os pontos de vista antagônicos orientados pela *fake news* referente ao uso de máscaras durante o atual período pandêmico. A análise que se segue recai sobre os argumentos mobilizados na imagem compartilhada pela página *Diário de Hospital*, bem como a legenda que a acompanha e um comentário opositor. Encontramo-nos ancorados em Plantin (2008, p. 65) para realizarmos tal associação entre os argumentos contidos na imagem e a legenda que a acompanha. De acordo com o referido autor, em uma *situação argumentativa* típica, tem valor argumentativo todos os elementos semióticos articulados em torno da *questão argumentativa*. Confira a imagem (5) a seguir:

Imagem 5: A emergência da *estase argumentativa* – *Fake news* máscaras



Fonte: <https://www.facebook.com/DiarioDeHospital/photos/a.45825220877957/3090684470968039/>

As informações dispostas na imagem compartilhada pela página *Diário de Hospital*, orientam discursivamente para a tese de que o uso de máscaras é prejudicial à saúde, tendo-se em vista que desencadeia uma série de doenças respiratórias, segundo consta na publicação. Argumentos como “[a máscara] impede a oxigenação pulmonar; [você] respira-se teus

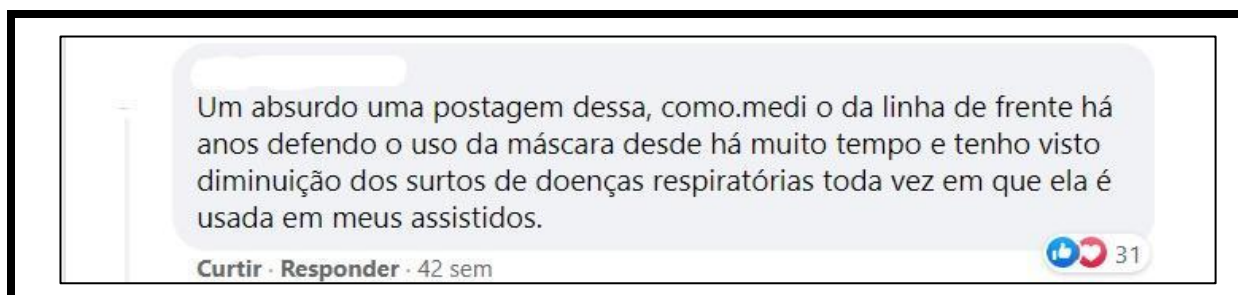
próprios resíduos expelidos; você respira seu próprio CO² gás carbônico; provoca hiperventilação; produz sensação de asfixia; produz a síndrome da hipercapnia;” atestam as afirmações supracitadas. Esse conjunto de elementos que constituem a imagem é orientado para uma conclusão apresentada em forma de pergunta retórica: “*SERÁ QUE A O.M.S. QUER NOS MATAR LENTAMENTE?*” Observe a costura tecida entre os argumentos mobilizados para sustentar a tese de que o uso de máscaras é prejudicial à saúde, e a conclusão de que a Organização Mundial da Saúde (OMS) ao propor o uso de máscaras como medida preventiva, tem como verdadeiro interesse, asfixiar a população até a morte. Veja que as informações contempladas na imagem são incisivas, e oscilam entre uma (pseudo)ciência e uma possível teoria da conspiração.

Adiante, **PIF1** – isto é, o internauta responsável pela publicação da *fake news* na página *Diário de Hospital* – redige uma legenda concordando com as informações contidas na imagem da máscara, mas faz uma ponderação: segundo ele, sua crítica com relação ao uso de máscaras não envolve o ambiente hospitalar com alta carga viral. Mas conclui reforçando que o uso de máscaras deve ser exclusivo para profissionais da saúde e/ou pessoas inseridas em ambiente hospitalar com alta carga viral. Nos termos apresentados pelo **PIF1**, “*ninguém está condenando o uso de máscaras em ambientes de assepsia de centros cirúrgicos ou em ambientes com extrema carga viral contaminante, ambos os casos exclusivamente para profissionais de saúde e para pessoas inseridas temporariamente nestes ambientes [...]*”. Note que de acordo com os elementos que constituem o ponto de vista do referido proponente, podemos inferir que sua crítica recai sobre o uso de máscaras em ambiente público. Essa crítica estabelece um diálogo direto com as ideias apresentadas na imagem por ele compartilhada. Isto é, a ideia de que a obrigatoriedade do uso de máscaras além de prejudicial à saúde é ineficaz como método de prevenção contra o Coronavírus. Além disso, no início de sua legenda, o **PIF1** indica a leitura de um texto cujo título é “*Pelo direito básico de respirar: a tirania (anticientífica) das máscaras tem que acabar*”⁵³, no qual seu autor se dedica a defender a tese de que o uso de máscaras não é eficaz, apenas simula uma tentativa de silenciar a população.

Dito isso, após a expor publicamente seu ponto de vista sobre um assunto de interesse público e social, o **PIF1** recebeu seu primeiro opositor em sua rede, o qual será apresentado na imagem (6) a seguir:

Imagem 6: Comentário do O1F1:

⁵³ Confira o texto na íntegra: https://rothbardbrasil.com/pelo-direito-basico-de-respirar-a-tirania-anticientifica-das-mascaras-tem-que-acabar/?fbclid=IwAR31I6TVJIDfe2XmCLJXrgfihOr819IClhReVl-LeskgutZByM5WishI__Q



Observe na imagem (6) acima que o **O1F1** não ratifica a tese apresentada pelo **P1F1**, e na sequência, justifica seu ponto de vista por meio da elaboração da seguinte tese: “*Um absurdo uma postagem dessa, como. medi o [médico] da linha de frente há anos defendendo o uso da máscara desde há muito tempo e tenho visto diminuição dos surtos de doenças respiratórias toda vez em que ela é usada em meus assistidos*”. De acordo com os argumentos apresentados pelo **O1F1** a tese do **P1F1** é absurda, na medida em que, sendo o **O1F1** um médico, ele assegura ter experienciado que o uso de máscaras previne os surtos de doenças respiratórias. Observe que o **O1F1** refuta o ponto basilar das informações contidas na imagem, o que corresponde a parte da tese do **P1F1**. Atesta-se essa alegação, com base na apresentação das seguintes colocações contidas na imagem: “[*a máscara*] impede a oxigenação pulmonar; [*você*] respira-se teus próprios resíduos expelidos; *você* respira seu próprio CO² gás carbônico; provoca hiperventilação; produz sensação de asfixia; produz a síndrome da hipercapnia;”. Essa confrontação entre discursos antagônicos orientados por um *assunto em questão* marca o ponto de emergência da *estase argumentativa*. Dito de outro modo, a choque entre discurso e contradiscurso acerca de um mesmo tema problematizado, resultou na emergência da *estase argumentativa*. Adiante, na próxima subseção ajustaremos nossa lupa para a análise da emergência da *estase* na segunda *Fake news* contemplada nesta pesquisa.

4.1.2.2 A emergência da estase argumentativa na *fake news* 2 (F2)

Passemos agora para a identificação da emergência da *estase* nos dados referentes à *fake news* sobre a vacina contra o Coronavírus. A *fake news* em questão foi publicada no perfil do deputado estadual de São Paulo, Gil Diniz. Na ocasião, Gil Diniz, o qual será identificado nesta pesquisa como **P1F2** fez a seguinte afirmação: “*Por que Mônica Calazans tomou a ‘primeira vacina’ se teoricamente ela já estava imunizada por ter participado dos estudos da vacina experimental no Butantan? Aliás, a própria enfermeira postou em suas redes sociais que estava na Praia no final do ano. Ninguém acredita em João Dória!*” (excerto extraído da imagem 2, da presente pesquisa). Observe que o **P1F2** busca pôr em xeque a credibilidade dos estudos

desenvolvidos no instituto Butantan acerca da CoronaVac, ao questionar, em tom irônico, o motivo pelo qual Mônica Calazans teria recebido publicamente a primeira dose da vacina, uma vez que, de acordo com o **P1F2**, Mônica já havia sido imunizada durante os testes realizados no referido instituto.

A utilização de aspas em “primeira vacina” expressa um tom de ironia, pois, sabe-se que o uso de aspas indica a utilização de palavras ou expressões fora de seu contexto habitual. Além disso, o contexto e a formulação da tese do **P1F2** orientam o leitor/internauta para uma conclusão pautada na dúvida e no descrédito dos estudos desenvolvidos a respeito da vacina. Para corroborar seu discurso, o referido proponente compartilhou duas imagens em seu perfil no *Facebook*: a primeira contemplando o recorte de uma entrevista concedida por Mônica ao Coren SP (Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo) durante a fase de testes da vacina. a segunda imagem é de uma foto supostamente publicada por Mônica Calazans, na qual ela encontra-se ao lado de duas mulheres na praia. Confira as imagens (7) e (8) a seguir:

Imagem 7: fragmento da entrevista concedida por Mônica ao Coren SP.

A enfermeira Mônica Aparecida Calazans, que trabalha no Hospital Emílio Ribas, também se voluntariou para os testes da vacina CoronaVac. Ela conta que já tomou as duas doses e não teve nenhum tipo de reação. “Sou monitorada periodicamente. Além disso, há um canal do WhatsApp pelo qual entram em contato semanal comigo”, explica.



Mônica sente que o voluntariado é uma forma de ajudar a humanidade

Fonte: <https://www.facebook.com/carteioreaca/photos/pcb.1515158038682407/1515157995349078>

Imagem 8: foto publicada no perfil de Mônica Calazans



Fonte: <https://www.facebook.com/carteiorea/photos/pcb.1515158038682407/1515157998682411>

No trecho recortado pelo **P1F2** encontra-se a seguinte afirmação: “*Ela [Mônica] conta que já tomou as duas doses e não teve nenhum tipo de reação*”. Observe que este trecho isolado se materializa em parte do ônus da prova apresentado pelo **P1F2**, pois atesta, aparentemente, a veracidade da tese proposta. Quando esta frase é situada dentro do contexto de produção, percebe-se que Mônica não tinha acesso às informações sobre a aplicação que recebera durante os testes, isto é, se lhe foi aplicado placebo ou vacina. Por este motivo, ao ser questionada se sentira algum efeito adverso, Mônica alegou que não teve nenhum tipo de reação.

Essas informações foram divulgadas após o encerramento da fase de testes, momento em que veio a público a informação de que Mônica recebera placebo durante os testes. Por este motivo, Mônica Calazans foi a voluntária contemplada com a aplicação da primeira dose da vacina contra o Coronavírus no Brasil. Com relação ao segundo *print* mobilizado para compor o ônus da prova, trata-se de uma fotografia (supostamente) compartilhada por Mônica em seu perfil no *Facebook*. Na ocasião, Mônica encontrava-se na praia ao lado de duas mulheres, em dezembro de 2020 – a foto repercutiu por decorrência da data de publicação, pois, em dezembro de 2020 Mônica estaria participando dos testes da CoronaVac no Instituto Butantan.

Destaca-se ainda, o fato de João Dória ter sido o responsável pela organização do evento no qual Mônica teria recebido a primeira dose da CoronaVac. Sabe-se que na corrida pela

vacina contra o Coronavírus, o governador de São Paulo, João Dória travou uma guerra contra o presidente da República Jair Bolsonaro⁵⁴. Isso porque desde o início da pandemia o referido presidente buscou minimizar os impactos da Covid-19, chegando ao ponto de se referir a ela como “gripezinha” durante um pronunciamento oficial. Além disso, em diversas outras ocasiões, Bolsonaro proferiu declarações polêmicas acerca da vacina, sobretudo a CoronaVac – possivelmente motivado por questões xenofóbicas, devido a parceria entre o instituto Butantan e o laboratório chinês Sinovac Biotech.

O **P1F2** demonstra discursivamente um certo alinhamento com o posicionamento de Bolsonaro a respeito da vacina contra o Coronavírus. Verifica-se a validação dessa informação por meio da relação dialógica estabelecida entre a legenda publicada pelo **P1F2** e uma fala proferida pelo referido presidente – além disso, o deputado declara publicamente seu apoio ao atual presidente da República. No final da legenda – localizada na imagem 2, da presente pesquisa –, o proponente em questão afirma que “*Ninguém acredita em João Dória!*”.

Podemos estabelecer dois movimentos dialógicos – isto é, a relação estabelecida entre discursos, seja para concordar, refutar ou replicar, uma vez que para Bakhtin estamos sempre a responder um enunciado anterior – para compreendermos esta afirmação: o primeiro diz respeito ao evento organizado por Dória para que Mônica pudesse ser publicamente imunizada. O segundo movimento dialógico tem a ver com a guerra travada entre Dória e Bolsonaro, acerca da vacina. Na ocasião, Bolsonaro proferiu uma declaração em tom irônico sobre o instituto Butantan e João Dória: “Querido governador de São Paulo, sabe que sou apaixonado por você. Sabe disso, poxa... Fica difícil, né? E outra coisa, *ninguém vai tomar tua vacina na marra não, tá ok? Procura outro. E eu, eu que sou o governo, o dinheiro não é meu, é do povo, não vai comprar tua vacina também não, tá ok? Procura outro pra pagar a tua vacina aí*”⁵⁵. No decorrer da discussão que se desdobra na publicação do **P1F2** a respeito do tema, diversos internautas se referem à CoronaVac como a “vacina do Dória”.

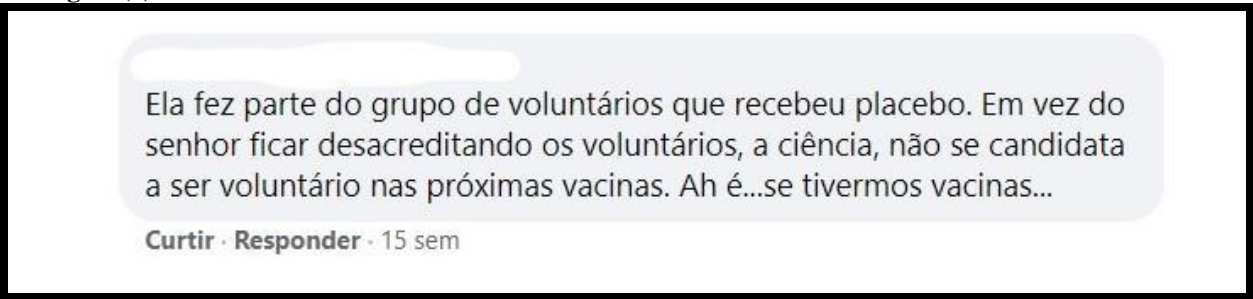
Após a publicação desta *fake news*, o **P1F2** abriu espaço para a emergência de pontos de vista aliados e contraditores. A própria plataforma do *Facebook* possibilita essa interação entre os internautas nas publicações, sobretudo as que estão abertas ao público. Como o foco aqui está direcionando para a *estase argumentativa*, apresentaremos na sequência a tese do **O1F2**, pois na perspectiva Dialogal é necessário que dois pontos de vista antagônicos

⁵⁴ Para mais informações sobre o embate entre João Dória e Jair Bolsonaro, no tocante às vacinas, confira: <https://veja.abril.com.br/brasil/vacinacao-embate-entre-governadores-e-bolsonaro-entra-em-nova-fase/>

⁵⁵ Confira o vídeo na íntegra: <https://noticias.uol.com.br/videos/2020/10/29/bolsonaro-volta-a-atacar-doria-e-diz-que-governo-nao-vai-comprar-vacina-de-sp.htm>

orientados por um mesmo *assunto em questão* se façam presente para que se estabeleça a *estase argumentativa*. Confira a imagem (9) a seguir:

Imagem (9): Comentário do O1F2



Ela fez parte do grupo de voluntários que recebeu placebo. Em vez do senhor ficar desacreditando os voluntários, a ciência, não se candidata a ser voluntário nas próximas vacinas. Ah é...se tivermos vacinas...

Curtir · Responder · 15 sem

O **O1F2** elabora sua contra-argumentação refutando o ponto central da tese proposta pelo **P1F2**. A título de recapitulação, o **P1F2** levanta o seguinte questionamento: “*Por quê Mônica Calazans tomou a ‘primeira vacina’ se teoricamente ela já estava imunizada por ter participado dos estudos da vacina experimental no Butantan? [...]*” (este excerto encontra-se localizado na imagem 2, da presente pesquisa). Este fragmento da tese do **P1F2** acrescido das imagens compartilhadas na publicação que veiculou sua tese, demonstra discursivamente uma tentativa de pôr em xeque a credibilidade das pesquisas desenvolvidas sobre a CoronaVac no Butantan, bem como a imagem dos profissionais da saúde envolvidos na pesquisa – como é o caso de Mônica Calazans a enfermeira que teve a imagem publicamente atacada pelo **P1F2**.

Dito isso, o **O1F2** formula seu contradiscurso refutando o ponto fulcral da tese do **P1F2** ao afirmar que a enfermeira Mônica fez parte do grupo de voluntários que recebeu placebo durante os testes da vacina. Note que esta informação vai de encontro à tese do **P1F2**, o qual advoga que Mônica havia sido imunizada durante os testes. Na sequência, o **O1F2** adverte o **P1F2**, por meio da seguinte colocação: “*Em vez do senhor ficar desacreditando os voluntários, a ciência, não se candidata a ser voluntário nas próximas vacinas. Ah é...se tivermos vacinas...*” (imagem 9). Se observarmos bem os elementos constituintes da tese do **P1F2**, veremos que ao expor e atacar publicamente a imagem de Mônica Calazans no *Facebook*, o referido proponente busca desqualificar a categoria de profissionais envolvidos nas pesquisas desenvolvidas no Butantan. Neste sentido, ao concluir a formulação de seu discurso contraditor, o **O1F2** retoma e critica este ponto apresentado na tese do **P1F2**.

Com base nos dados apresentados, seguidos de suas respectivas análises, constata-se que ao propor uma tese que busca pôr em xeque a seriedade dos estudos acerca da vacina, bem como a imagem dos profissionais da saúde, o deputado estadual Gil Diniz assume o papel de proponente principal da *fake news* sobre a vacina. Na sequência, considerou-se como

pertencente ao papel actancial de oponente, o internauta cujo discurso não ratifica a tese apresentada pelo proponente. Além disso, o referido oponente elaborou uma tese capaz de justificar sua recusa em ratificar a tese do proponente. Dito isso, o confronto entre estes discursos em oposição acerca de um mesmo *assunto em questão*, marca a emergência da *estase argumentativa*.

4.1.2.3 A emergência da estase argumentativa na *fake news* 3 (F3)

Para finalizar o último movimento analítico acerca da emergência da *estase argumentativa*, passemos agora para a *fake news* que advoga sobre a eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus. Reiteramos que o **P1F3** não redigiu no *Facebook* um texto com argumentos em defesa da tese apresentada na “notícia”⁵⁶ compartilhada em sua página. Mas o internauta responsável pela publicação reproduziu como legenda o título da matéria publicada em um *site* homônimo, isto é, “*Novo estudo prova eficácia da Cloroquina contra Covid*”. A página do *Facebook* seria um meio de veiculação e divulgação das informações contidas no referido *site*. Confira a imagem (10) a seguir:

Imagem 10: *Fake news* sobre a eficácia da Cloroquina no tratamento da Covid-19

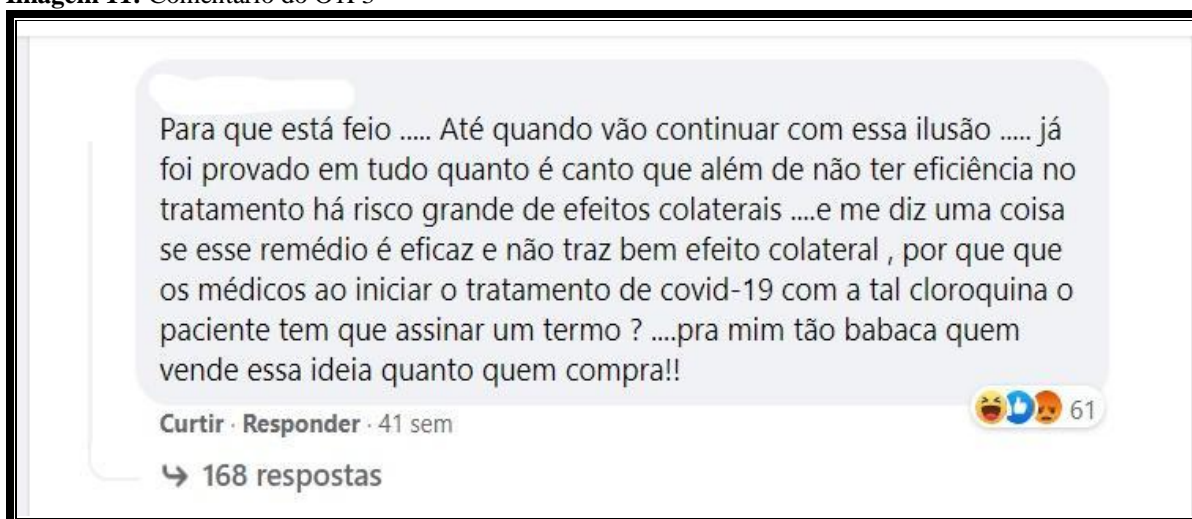


Fonte: <https://www.facebook.com/plenonewsocial/posts/3258964614152529>

⁵⁶ Optamos por colocar aspas (“”) na palavra notícia para nos referirmos as *Fakenews*.

Como dito anteriormente, consideramos como tese do **P1F3** a legenda que expressa discursivamente conformidade com o que está posto na matéria, mesmo que seja apenas a reprodução do título da manchete: “*Novo estudo prova eficácia da Cloroquina contra Covid*” (na sequência ele indica o *link* para a matéria). Observe que abaixo da manchete consta a seguinte afirmação: “Pesquisa analisou 2.451 pacientes durante seis meses”. A título de contextualização, a referida pesquisa foi realizada no Sistema de Saúde Henry Ford, nos Estados Unidos, e no texto original, os pesquisadores alegam que não se pode afirmar que o estudo comprova a eficácia da Cloroquina, na medida em que faltavam algumas etapas para sua aprovação. Mas essa informação não foi levada em consideração pelos responsáveis pela publicação de tal matéria, tanto no *site* como no *Facebook*. Dito isso, voltemos nosso foco para a *estase argumentativa*. Após a publicação de tal notícia, eis que surge um discurso contraditório, o qual caracteriza o papel de **O1F3**. Confira a imagem (11) a seguir:

Imagem 11: Comentário do O1F3

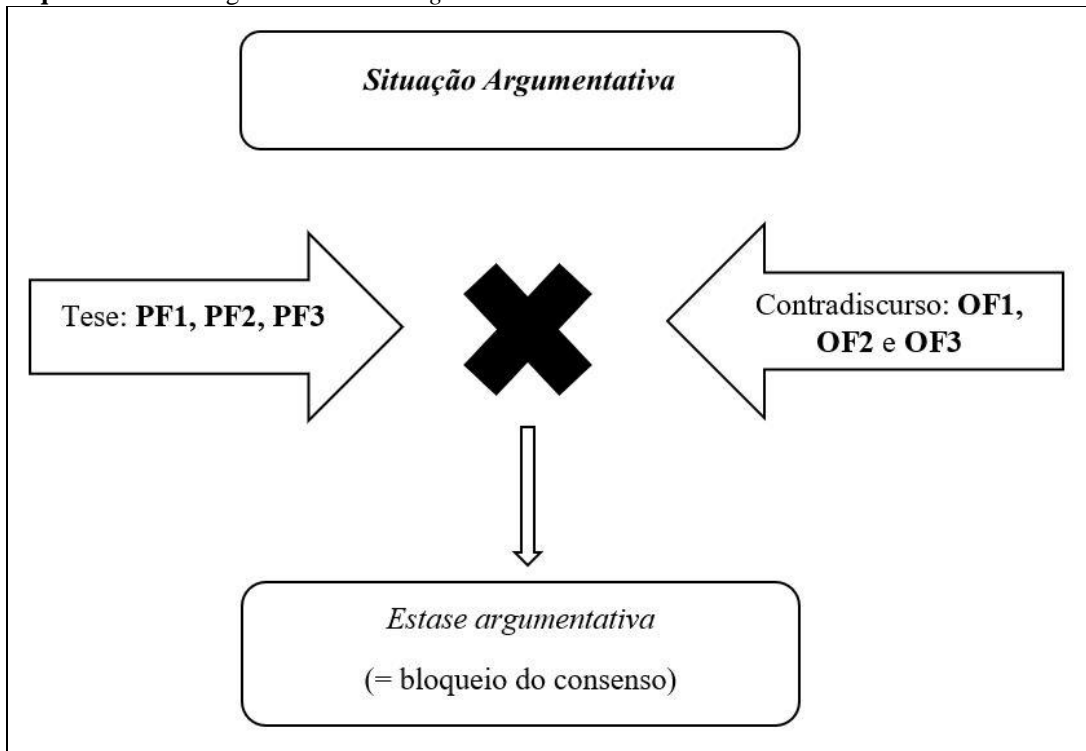


Fonte: <https://www.facebook.com/plenonewsocial/posts/3258964614152529>

Constata-se que o internauta responsável por redigir este comentário assumiu o papel actancial de Oponente (**O1F3**), na medida em que ele não ratifica a tese do **P1F3**, isto é, a tese de que um “*Novo estudo prova a eficácia da Cloroquina contra Covid*” (localizado na imagem 10) e, na sequência refuta o ponto central do ponto de vista do referido proponente, ao afirmar que “[...] *já foi provado em tudo quanto é canto que além de não ter eficácia no tratamento há risco grande de efeitos colaterais [...]*” (imagem 11). Além de propor um ponto de vista antagônico sobre a eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus, o **O1F3** afirma que além de não ter eficácia, o referido medicamento desencadeia prejuízos à saúde. Como discutimos anteriormente, é este movimento de choque entre pontos de vista antagônicos orientados por um *assunto em questão*, que marca a emergência da *estase argumentativa*. O

esquema (3) a seguir, apresenta uma breve recapitulação acerca do momento exato em que a *estase argumentativa* desponta. Confira:

Esquema 3: A emergência da *estase argumentativa*



Fonte: Elaboração da autora.

Observe que de acordo com o esquema (3) acima, a *estase argumentativa* marca o ponto em que o diálogo consensual é bloqueado, ou seja, é o choque entre pontos de vista antagônicos acerca de um determinado *assunto em questão*. Literalmente, a *estase* pode ser concebida como o “X” da questão em uma determinada situação comunicativa. Neste sentido, a *estase argumentativa* constitui-se como um dos conceitos basilares da perspectiva Dialogal.

Levando-se em consideração a análise realizada nesta subseção, constata-se que a *estase argumentativa* desponta no ambiente virtual, por meio do compartilhamento de determinado conteúdo, sobretudo aqueles de interesse público, social e moral. O internauta que publica em sua rede determinado conteúdo é o responsável por desencadear a *estase argumentativa*. Isso porque é por meio da exposição pública da tese deste internauta que assume o papel de **P1F3**, que outros internautas vão emergir e também expor seus pontos de vista. Quando os pontos de vista estão em conformidade com a tese do proponente, há um movimento de coalizão entre os internautas, tornando-os proponentes. De maneira similar, os internautas que não ratificam a tese apresentada pelo proponente, agrupam-se e assumem simultaneamente o papel actancial de oponente. E é justamente o choque entre os pontos de vista em contradição, que faz emergir

a *estase argumentativa*. É válido ressaltar que o referido agrupamento ocorre sobretudo em interações mediadas pelas redes sociais, em que a polarização entre os grupos é explicitamente marcada. Por fim, existe um outro grupo de internautas que não ratificam nem a tese do proponente, nem a do oponente, e neste sentido formulam uma espécie de pergunta/dúvida. Estes assumem o papel actancial de Terceiro. Este movimento de atuação dos *papéis actanciais* será melhor trabalhada nas próximas subseções.

4.1.3 Atuação do Proponente (PR)

Em subseções anteriores, vimos que de acordo com os preceitos do Modelo Dialogal da Argumentação, uma situação comunicativa torna-se inteiramente argumentativa, no momento em que um determinado tema é problematizado, tornando-se uma *questão argumentativa* e, quando os *papéis actanciais* ou *papéis de atuação* são claramente definidos. Nas referidas subseções direcionamos nosso foco para as noções de *situação argumentativa*, *questão argumentativa* e *estase argumentativa*. A partir desta subseção ajustaremos nosso foco para o aspecto tripolar da teoria Dialogal da Argumentação, isto é, a atuação dos *papéis actanciais* de Proponente, Oponente e Terceiro.

O proponente é o primeiro papel de atuação a ser delineado em uma interação argumentativa, é ele quem propõe uma tese acerca do *assunto em questão*, de modo a incitar por meio do seu discurso a emergência de aliados e contraditores. Constatamos nos dados apresentados anteriormente, que os internautas responsáveis por compartilhar as *fake news*, cada qual em sua rede social, assumem o *papel actancial* de proponente. Além disso, o proponente é o responsável por apresentar o ônus da prova. Destaca-se, ainda, que o proponente é também o responsável por desencadear a *estase argumentativa*, pois, é ele que primeiro problematiza o *assunto em questão* e dessa forma incita a emergência de aliados e contraditores.

Para fins didáticos e metodológicos optamos por realizar a transcrição dos comentários extraídos de cada *fake news* apresentada. Neste sentido, trabalharemos com três quadros que contemplam os comentários dos internautas que assumiram o *papel actancial* de proponente, nos dados coletados. Com relação à disposição dos dados, apresentaremos as tabelas de comentários na mesma ordem em que expomos as *fake news*, isto é: no primeiro quadro trabalharemos com a *fake news* sobre os malefícios do uso de máscara (**F1**); na segunda, a *fake news* que põe em xeque a credibilidade dos estudos desenvolvidos sobre a vacina (**F2**); por fim, apresentaremos a tabela que contempla os comentários dos proponentes relacionados à *fake news* que advoga sobre a eficácia da Cloroquina no tratamento contra a Covid-19 (**F3**).

4.1.3.1 Atuação do Proponente (PR) na *Fake news 1* (F1)

Antes de prosseguirmos com a apresentação e discussão dos dados, é necessário recapitularmos a *questão argumentativa* que circunda a primeira *fake news*: ***É realmente seguro e eficaz utilizar máscaras em ambiente público para prevenir o contágio e a disseminação do Coronavírus?*** Como informamos anteriormente, com relação a referida *fake news*, foram coletados e analisados 243 comentários. Mas após a realização de análises verticalizadas, e, levando-se em consideração a extensão do *corpus* Coronavírus, o qual contempla 4.443 comentários, optamos por selecionar 15 comentários sobre a *fake news* máscara para a discussão inicial. Confira a tabela (2) abaixo com a respectiva distribuição dos comentários:

Tabela 2: Total de comentários extraídos da *Fake news* sobre o uso de máscaras (F1)

Proponente	Oponente	Terceiro	Total
6	8	01	15

Fonte: Elaboração da autora.

Como consta na tabela (2) acima, selecionamos para a análise um total de 15 comentários referentes à *fake news* sobre o uso de máscaras. Foram extraídos do *Facebook* 6 comentários que consideramos pertencer ao *papel actancial* de Proponente, 8 comentários de Oponentes e 01 pertencentes ao papel de Terceiro. A quantidade relativamente baixa de internautas que assumiram o papel de Terceiro pode ser justificada, acreditamos, pelo fato de que a funcionalidade da plataforma *Facebook* cria esse ambiente em que as pessoas se encontram precipuamente polarizadas em dois polos antagônicos, sobretudo quando se trata de assuntos de interesse público e social. Atualmente, um dos assuntos mais comentados nas redes sociais diz respeito à pandemia causada pelo Coronavírus. Neste sentido, nas redes sociais verifica-se a disputa por espaço entre informações cientificamente comprovadas, receitas caseiras para tratar a Covid-19, teorias da conspiração, crenças religiosas e as propaladas *fake news*. Dito isso, observa-se que as discussões sobre a temática são calorosas, de modo que os *atores da situação comunicativa* assumem precipuamente os *papéis actanciais* de proponente e oponente. Em muitos casos os internautas argumentam em suas redes sociais somente para reforçarem determinado ponto de vista. Isso nos leva ao que Marc Angenot (2015) referenciou como *diálogo de surdos*. Estes dados contribuem para a presença cada vez mais rara do mediador, isto é, do terceiro *papel de atuação*.

Com relação aos dados mobilizados nesta pesquisa, raros foram os casos em que o internauta propôs uma dúvida acerca dos pontos de vista apresentados pelos proponentes e oponentes. O *Facebook* cria essa ambientação de confronto constante entre pontos de vista, de modo que a presença do mediador seja dificilmente delineada. O *Facebook* é um espaço em que as

peessoas, protegidas por telas de seus dispositivos digitais, tais como celulares e computadores, demonstram certa liberdade para expor e confrontar assuntos e pontos de vista diversos, de forma muitas vezes brutal. Adiante, a quadro (6), contempla os excertos dos internautas que assumiram o papel actancial de Proponente na *fake news* sobre o uso de máscaras. Confira:

Quadro 6: Atuação do Proponente na *fake news* sobre o uso de máscaras (F1)

<i>Fake news sobre o uso de máscaras: Atuação do Proponente</i>		
Comentários	Transcrições	Argumentos mobilizados
Comentário 1 P1F1	01 “Excelente texto com explicações concretas sobre 02 as diferentes máscaras e seus efeitos. 03 Obs.: E antes que a imbecilidade irracional emerja 04 de seu obscurantismo, <i>ninguém está condenando</i> 05 <i>o uso de máscaras em ambientes de assepsia de</i> 06 <i>centros cirúrgicos ou em ambientes com extrema</i> 07 <i>carga viral contaminante, ambos os casos</i> 08 <i>exclusivamente para profissionais de saúde e</i> 09 <i>para pessoas inseridas temporariamente nestes</i> 10 <i>ambientes, e com máscaras respeitando o seu</i> 11 <i>tempo de validade para uso”.</i>	O uso de máscaras deve ser exclusivo para profissionais da saúde e para pessoas inseridas temporariamente em ambiente hospitalar com alta carga viral.
Comentário 2 P2F1	12 “ <i>Máscara deveria ser usada apenas por quem</i> 13 <i>está doente e profissionais da saúde que lidam</i> 14 <i>com esses doentes. Mas em época de pandemia</i> 15 <i>por covid19, a ciência perdeu sua credibilidade</i> 16 <i>em todas as informações”.</i>	O uso de máscaras deve ser obrigatório somente para os infectados e para os profissionais da saúde; falta de credibilidade da ciência durante a pandemia da Covid-19.
Comentário 3 P3F1	17 “ <i>O2F1 certamente vc usa uma máscara</i> 18 <i>adequada e não essa de pano que não serve pra</i> 19 <i>nada. Obrigar a população a usar essas máscaras</i> 20 <i>é pra nos fazer de palhaços”.</i>	A máscara de tecido não funciona na prevenção da Covid-19.
Comentário 4 P4F1	21 “ <i>Oponente X, pois é! Nas ruas, máscaras não</i> 22 <i>funcionam. Não protegem nada como mostraram</i> 23 <i>todos esses trabalhos e revisões que mostrei aí</i> 24 <i>acima.</i> 25 <i>Sobre o uso em ambientes esterilizados,</i> 26 <i>laboratórios e centros cirúrgicos, por exemplo,</i> 27 <i>embora seja uma praxe usar, há evidências</i> 28 <i>publicadas que mostram que máscaras cirúrgicas</i> 29 <i>usadas por cirurgiões ficaram repletas de</i> 30 <i>germes, e portanto servindo como fonte de</i> 31 <i>infecções. Pouca gente tem ideia do porquê que</i> 32 <i>cirurgiões usam máscaras, inclusive já vi</i> 33 <i>cirurgiões desconhecendo isso, mas elas são</i> 34 <i>usadas para proteger o doente submetido àquela</i> 35 <i>determinada cirurgia, e não para proteger o</i> 36 <i>cirurgião. [...]</i> 37 <i>Veja o estudo abaixo, em que máscaras de</i> 38 <i>cirurgiões servem de fonte de infecção ao invés</i> 39 <i>de proteção.</i> 40 <i>Resumindo: nas ruas, máscaras não funcionam;</i> 41 <i>em ambientes esterilizados, é bastante</i> 42 <i>controverso, embora seja uma praxe e uma</i> 43 <i>espécie de contrassenso imaginar não usá-las”.</i>	O uso de máscaras em ambiente como as ruas não é eficaz; em ambiente hospitalar as máscaras são fonte de infecção, pois acumulam germes.

Comentários	Transcrições	Argumentos mobilizados
Comentário 5 P4F1	44 “ <i>O9F1, [...] Tudo não passa de uma</i> 45 <i>impressão, uma sensação de segurança.</i> 46 <i>Eu respeito que quer usar, mas achei que</i> 47 <i>implicações nocivas do uso das máscaras,</i> 48 <i>principalmente as de pano, precisam ser ditas</i> 49 <i>para as pessoas [...].”</i>	Implicações nocivas causadas pelo uso de máscara, sobretudo as de tecido. Sensação de segurança.
Comentário 6 P5F1	50 “ <i>O5F1</i> não está se falando em ambiente 51 <i>hospitalar, a Europa inteira já está livre pelos</i> 52 <i>parques, praias, apenas alguns locais</i> 53 <i>aglomerados, fechados, sabendo que o vírus</i> 54 <i>mede 0,1 micron, ele passa até na N95 de uso</i> 55 <i>hospitalar, inclusive profissionais diretamente em</i> 56 <i>contato com pacientes usam outra proteção de</i> 57 <i>plástico sobre a máscara, máscaras de tecido</i> 58 <i>como estamos usando não é eficaz”.</i>	Máscara de tecido não é eficaz.

Quando trabalhamos a aplicação dos conceitos de *questão argumentativa* e *estase argumentativa* nos dados anteriormente apresentados, discutimos brevemente a tese proposta pelo **P1F1** Optamos por reapresentar o empreendimento de tal análise para que o leitor possa compreender os movimentos analíticos que se seguem a partir dos desdobramentos da tese do **P1F1**. Dito isso, verifica-se no quadro (6) acima a exposição de seis comentários de internautas que assumiram o papel de Proponente. É válido ressaltar que o **P4F1** é responsável por redigir os comentários (4) e (5).

Passemos agora para a análise da tese inicial, isto é, o comentário do **P1F1**. Observe que seu texto trabalha em conformidade com os argumentos apresentados na imagem por ele compartilhada em sua página no *Facebook*. De forma sintética, os argumentos constituintes da imagem buscam direcionar discursivamente o leitor para a tese de que o uso de máscaras além de ser ineficaz como método preventivo contra o Coronavírus gera malefícios à saúde. Neste sentido, o internauta responsável pela postagem redige uma legenda expressando o seu ponto de vista sobre a leitura do texto “*Pelo direito básico de respirar: a tirania (anticientífica) das máscaras tem que acabar*”⁵⁷, no qual, grosso modo, seu autor se dedica a explicar os motivos pelos quais somos obrigados a usar máscaras durante a pandemia da Covid-19, seus malefícios e sua ineficácia como método preventivo. A imagem compartilhada pelo **P1F1** sintetiza bem os argumentos mobilizados no texto em questão, mas voltemos nosso foco para o comentário do referido proponente.

Após expor seu contentamento referente ao texto supracitado, o **P1F1** faz a seguinte afirmação: “[...] ninguém está condenando o uso de máscaras em ambientes de assepsia de centros

⁵⁷ Para mais informações sobre o texto indicado pela página *Diário de Hospital* confira: https://rothbardbrasil.com/pelo-direito-basico-de-respirar-a-tirania-anticientifica-das-mascaras-tem-que-acabar/?fbclid=IwAR2QW4hYtmbPtPL3U2ZcqTM9QLWocbkNHMP7qCVicOAQC9NOB7_fqPi4JFw

cirúrgicos ou em ambientes com extrema carga viral contaminante, ambos os casos exclusivamente para profissionais de saúde e para pessoas inseridas temporariamente nestes ambientes, [...]” (linhas 04, 05, 06 e 07, quadro 6) Note que a tese proposta pelo Proponente 1 (doravante **P1F1**) está em conformidade com os argumentos mobilizados na imagem da máscara, mas apresenta algumas ressalvas, como por exemplo, afirmar que sua crítica sobre a ineficácia do uso de máscaras não se aplica ao ambiente hospitalar. Conclui afirmando que seu uso deve ser exclusivo para profissionais da saúde e para pessoas inseridas temporariamente em hospitais com alta carga viral.

Com base nas informações supracitadas, consideramos que este internauta assume o papel actancial de **P1F1** porque é a partir da exposição do seu ponto de vista sobre um tema de interesse público e social, que o **P1F1** abre espaço para a emergência de aliados e contraditores. É ele quem incita por meio do seu discurso, a resposta de outros *atores* que assumirão o papel de proponente, caso estejam em conformidade com sua tese, Oponente, caso demonstrem discordância ou Terceiro, caso não estejam em conformidade nem com a tese apresentada pelo Proponente, bem como a do Oponente, mas que suscite uma dúvida com base nas teses apresentadas.

Adiante trabalharemos com os argumentos apresentados pelo **P2F1**, para quem o uso de máscaras deve ser obrigatório somente para pessoas infectadas com o vírus e para os profissionais da saúde, os quais lidam diariamente com o Coronavírus, conforme consta no comentário (2) do quadro 6: *“Máscara deveria ser usada apenas por quem está doente e profissionais da saúde que lidam com esses doentes. Mas em época de pandemia por covid19, a ciência perdeu sua credibilidade em todas as informações”* (linhas 12 a 16). Observe que o comentário do **P2F1** encontra-se em conformidade com os contemplados na tese do **P1F1**. Ele expõe um tipo de reformulação da tese do **P1F1** e conclui aduzindo a falta de credibilidade da ciência diante da pandemia da Covid-19.

O comentário (3) redigido pelo **P3F1** se propõe a defender a tese de que as máscaras de tecido não possuem eficácia como método preventivo contra o Coronavírus. Observe que mesmo especificando o tipo de máscara que considera prejudicial, o internauta assumiu o papel actancial de proponente, pois, encontra-se ancorado na tese do Proponente principal, isto é, o responsável pela publicação da *fake news* sobre a máscara. Nas palavras do **P3F1**: *“O2F1 certamente vc usa uma máscara adequada e não essa de pano que não serve pra nada. Obrigar a população a usar essas máscaras é pra nos fazer de palhaços”* (linhas de 17 a 20, quadro 6). Outro ponto a ser observado é que o comentário supracitado é em resposta a um discurso de oposição apresentado por um internauta que assumiu o papel de **O2F1**. A referenciação do discurso de um no discurso do outro é um dos pontos importantes para observarmos a progressão argumentativa. Isso quer dizer

que para além da *estase argumentativa*, o *assunto em questão* foi perspectivado. Para Grácio este é um ponto de suma importância para pensarmos a argumentação pela perspectiva Dialogal, pois, nem toda *estase* se desdobrará em uma interação argumentativa. O confronto inicial pode existir e simplesmente se encerrar sem que haja a perspectivação do *assunto em questão*. Dito de outro modo, a *estase argumentativa* marca o desacordo inicial, mas somente a perspectivação do *assunto em questão* marcará o desenvolvimento da argumentação.

Optamos por trazer apenas excertos do comentário (4) por decorrência da sua extensão. Mas adiantamos que este recorte não compromete a análise empreendida. Dito isso, reiteramos que os comentários 4 e 5 pertencem ao mesmo internauta, o qual foi referenciado como **P4F1**. O referido proponente se dispôs a responder somente os discursos contrários aos do **P1F1**. Isso quer dizer que durante sua interação ele se dedicou a compartilhar *links* de supostos estudos que corroboram o ponto de vista do **P1F1**. Além disso, compartilhou o mesmo texto em resposta a pelo menos três oponentes.

Conforme os argumentos mobilizados pelo **P4F1** o uso de máscaras em ambiente aberto, tal como nas ruas, não é eficaz. Além disso, o **P4F1** advoga que em ambiente hospitalar, o uso de máscaras é prejudicial à saúde, na medida em que atua como fonte de infecção, pois, segundo ele, as máscaras acumulam germes em seu filtro. Confira: “*Oponente X*, pois é! *Nas ruas, máscaras não funcionam. Não protegem nada como mostraram todos esses trabalhos e revisões que mostrei aí acima. Sobre o uso em ambientes esterilizados, laboratórios e centros cirúrgicos, por exemplo, embora seja uma praxe usar, há evidências publicadas que mostram que máscaras cirúrgicas usadas por cirurgiões ficaram repletas de germes, e portanto servindo como fonte de infecções.*” (linhas 21, 22; 25 a 31; 37 a 42, quadro 6). Os *links* que o **P4F1** compartilhou em resposta à diversos oponentes, seria a materialização do ônus da prova, na medida em que ele busca sustentação científica para validar sua argumentação. Observe que aqui ocorre o mesmo movimento de desdobramento da argumentação em que o discurso do *Oponente X* foi acionado na resposta do **P4F1** para ser contestado.

No comentário (5) o **P4F1** encontra-se refutando o comentário de uma internauta que assumiu, naquela situação, o papel de oponente. Na ocasião, o **P4F1** que em comentários anteriores discorreu sobre os malefícios do uso de máscaras, sobretudo as produzidas com tecido, afirmou que respeita quem quer utilizar máscaras durante a pandemia, mas julga importante alertar sobre os efeitos nocivos de utilizá-las.

No intuito de sustentar a tese de que as máscaras são ineficazes, o **P4F1** afirma que as máscaras proporcionam apenas uma sensação de segurança às pessoas, observe: “*O5F1, [...] Tudo*

não passa de uma impressão, uma sensação de segurança. Eu respeito que quer usar, mas achei que implicações nocivas do uso das máscaras, principalmente as de pano, precisam ser ditas para as pessoas [...].” (linhas 44 a 49, quadro 6). Neste sentido, constata-se que o P4F1, trabalha em prol da tese de que o uso de máscaras como método de proteção contra o Coronavírus não é eficaz, sobretudo as máscaras produzidas com material de tecido. Por demonstrar discursivamente conformidade com a tese proposta pelo P1F1, consideramos que este internauta assume o papel de proponente.

Por fim, apresentaremos o comentário (6) referente à *fake news* sobre o uso de máscaras durante a pandemia da Covid-19. O referido comentário foi proposto por um internauta que será aqui considerado P5F1. Na defesa de seu ponto de vista, o proponente em questão utiliza de forma genérica exemplos de como a Europa não está utilizando máscaras, sobretudo as fabricadas com tecido. Para o referido proponente, as máscaras que utilizamos, sobretudo as de tecido, não possuem eficácia.

Nos termos do P5F1 “*Oponente N* não está se falando em ambiente hospitalar, a Europa inteira já está livre pelos parques, praias, apenas alguns locais aglomerados, fechados, sabendo que o vírus mede 0,1 micron, ele passa até na N95 de uso hospitalar, inclusive profissionais diretamente em contato com pacientes usam outra proteção de plástico sobre a máscara, máscaras de tecido como estamos usando não é eficaz” (linhas 51, 52, 53, 57, 58, quadro 6). Outro elemento que merece destaque neste comentário refere-se ao exemplo mobilizado para justificar a ineficácia do uso de máscaras: o fato de os profissionais da saúde além de estarem utilizando máscaras, reforçam a proteção com a *face shield*. Além disso, o P5F1 alega que o Coronavírus tem a capacidade de romper as barreiras da máscara N95, considerada uma das mais seguras. Neste sentido, o P5F1 conclui advogando que as máscaras de tecido não são eficazes.

Com base nas análises empreendidas, consideramos que os internautas supracitados assumem o *papel actancial* de proponentes, pois, mesmo mobilizando diferentes argumentos para justificar seus posicionamentos, tais internautas buscaram sustentar a tese de que o uso de máscara não previne o contágio/disseminação do Coronavírus. Além disso, sustentaram a tese de que seu uso gera prejuízos à saúde, como constatado na *Fake news* contemplada na imagem da máscara. Cada comentário contém suas idiosincrasias. Por exemplo, para os proponentes P3F1 e P6F1, somente as máscaras produzidas com tecido, não são eficazes. Para outros, como por exemplo, P1F1 e P2F1, as máscaras só funcionam em ambiente hospitalar. Já para o P4F1, nem as máscaras de tecido, nem as cirúrgicas são benéficas ou previnem o contágio do Coronavírus. Para este último proponente, o seu uso desencadeia uma série de prejuízos à saúde.

4.1.3.2 Atuação do Proponente (PR) na Fake news 2 (F2)

Dito isso, passemos para a análise da atuação do Proponente na nos dados referentes à fake news que versa sobre a credibilidade dos estudos desenvolvidos sobre vacina. Na tabela (3) abaixo, apresentamos a distribuição de comentários contemplados para a análise. Confira:

Tabela 3: Distribuição dos comentários: Fake news Vacina (F2)

Proponente	Oponente	Terceiro	Total
6	5	2	13

O quadro (7), contém as transcrições dos comentários propostos por internautas que assumiram o papel *actancial* de proponente. Veja:

Quadro 7: Atuação do Proponente na fake news Vacina (F2)

<i>Fake news sobre a vacina: Atuação do Proponente</i>		
Comentários	Transcrições	Argumentos Mobilizados
Comentário 1 P1F2	01 “Por quê Mônica Calazans tomou a ‘primeira 02 vacina’ se teoricamente ela já estava imunizada 03 por ter participado dos estudos da vacina 04 experimental no Butantan? Aliás, a própria 05 enfermeira postou em suas redes sociais que 06 estava na Praia no final do ano. 07 Ninguém acredita em João Dória!”.	“primeira vacina”; Mônica Calazans fora imunizada durante os testes no Butantan; Mônica publicou uma foto na praia no final de dezembro.
Comentário 2 P2F2	08 “OIF2, está na cara que isso é uma FARSA! Ela 09 foi voluntária nos testes (link da matéria), 10 quando 11 recebeu duas doses e ‘não sofreu efeitos 12 colaterais’. Ora, se recebeu duas doses 13 efetivamente de vacina (e não de placebo), então, 14 para quê a terceira dose agora? Seria simples 15 encenação; ou seja, mentira? Se ela recebeu 16 antes duas doses de placebo, então qual a 17 validade da afirmação de que ‘não teve efeitos 18 colaterais’? Numa ou noutra hipótese, há falta de 19 transparência– incompatível com a ciência. Por 20 fim, como existe um contrato de exclusividade de 21 fornecimento entre o Instituto Butantan e o 22 Ministério da Saúde, então, se foi realmente 23 vacinada hoje, houve quebra contratual (e 24 descumprimento da lei). Se o que recebeu hoje foi 25 placebo, então a cena também é farsa -- e 26 destruição de credibilidade. Afinal, como saber se 27 é realmente vacina ou placebo aquilo que você 28 vai tomar, ainda mais com uma eficácia 29 previamente declarada de apenas 50,38%?”.	Se Mônica fora imunizada durante os testes, portanto, ela mentiu no evento em que fora vacinada publicamente; Se recebera placebo durante os testes, a afirmação de que ‘não sofrera efeitos colaterais’ é falsa. Se recebera placebo publicamente, então a vacinação foi falsa.
Comentário 3 P3F2	30 “OIF2 o que nosso Gil postou! Tem haver com a 31 preocupação dos promotores da Vachina, 32 Doriana e Cia. PCC chinês, dá a vacina em 33 QUEM está imunizado para não correr RISCOS 34 de EFICÁCIA NEGATIVA”.	Vachina; PCC chinês; Doriana (João Dória); Imunizar publicamente quem já estava imunizado para não haver a possibilidade de “eficácia negativa”.

Comentários	Transcrições	Argumentos Mobilizados
Comentário 4 P4F2	35 “O1F2 querida só queremos explicações. São 3 36 doses? 37 Ela já tinha sido vacinada, pq não pegaram um 38 que não foi?”	Se Mônica já estava imunizada, por que não escolhera um voluntário que não tenha sido imunizado?
Comentário 5 P5F2	39 “O1F2 diga tudo isso pro Doria e pra essa senhora 40 que foi lá participar do show... Já que ela ja tinha 41 sido imunizada pois faz parte daqueles que se 42 candidataram a ser cobaia”.	Mônica imunizada; Show do Dória; Candidata a ser cobaia.
Comentário 6 P6F2	43 “Que eu fico preocupado é show midiático do 44 João dória, pois se esta senhora foi uma das 45 voluntárias a receber a vacina dias atrás, como 46 ela esta sendo a primeira voluntaria a receber a 47 vacina? Sendo que ela já tinha sido vacinada. 48 Este Doriana é capaz de fazer coisa , que até o 49 diabo dúvida”.	Show midiático de João Dória; Se ela foi voluntária nos testes e recebeu a vacina, por que ser voluntária para receber vacina novamente?

O comentário 1 foi analisado em subseções anteriores ao discutirmos tanto a formulação da *questão argumentativa* quanto a emergência da *estase argumentativa*. No decorrer das análises, constatamos que o internauta responsável pelo comentário 1, assumiu o *papel actancial* de proponente. É a partir da proposição de sua tese que outros internautas emergiram para concordar, discordar ou duvidar da tese em questão. Dito de outro modo, ao compartilhar em sua rede social duas imagens e redigir um texto que vislumbra sustentar determinado ponto de vista, de modo que a construção de seu discurso incite outros internautas a responder sua publicação, o referido internauta assume o *papel actancial* de **P1F2**.

Confira o comentário 1, isto é, a legenda que acompanha as duas imagens compartilhadas no perfil do **P1F2**: “*Por quê Mônica Calazans tomou a ‘primeira vacina’ se teoricamente ela já estava imunizada por ter participado dos estudos da vacina experimental no Butantan? Aliás, a própria enfermeira postou em suas redes sociais que estava na Praia no final do ano. Ninguém acredita em João Dória!*” (linhas de 01 a 07, quadro 7). Duas questões merecem ser pontuadas a respeito da tese supracitada. A primeira diz respeito ao uso de aspas para se referir à “*primeira vacina*”. Como vimos, as aspas desempenham uma função de destacar uma determinada palavra ou expressão que está sendo empregada fora de seu contexto habitual. Por este motivo, constata-se que sua utilização nesta ocasião, demonstra discursivamente um tom de ironia.

O segundo ponto que gostaríamos de ressaltar, refere-se ao papel conferido ao **P1F2**: apresentar o ônus da prova. Sabe-se que em argumentação dialogal o ônus da prova desempenha um papel fundamental e que este princípio conservador é um traço definidor do papel do proponente (PLANTIN, 2008, p. 80). Isso porque o proponente assume a responsabilidade de apresentar o ônus

da prova, pois é ele quem primeiro se interessa em propor determinado ponto de vista acerca de um assunto em questão.

Note que o **P1F2** demonstra por meio do seu discurso, uma tentativa de pôr em xeque a credibilidade dos estudos desenvolvidos no Instituto Butantan sobre a vacina contra o Coronavírus, a CoronaVac. Verifica-se a validação desta informação com base no questionamento exposto em tom irônico (devido a utilização de aspas em “*primeira vacina*” sobre o motivo que levou à escolha de Mônica Calazans para ser contemplada com a primeira dose da vacina em um evento público promovido por João Dória. Neste sentido, o **P1F2** alegou que Mônica teria sido imunizada durante os testes, portanto, segundo esta linha de raciocínio, o evento público seria apenas uma encenação teatral com teor político para promover João Dória.

Destaca-se ainda, que as imagens compartilhadas pelo **P1F2**, isto é, o *print* de um parágrafo da entrevista que Mônica Calazans concedeu ao Coren SP e a suposta foto por ela publicada em sua rede social materializam-se no ônus da prova. A título de recapitulação, o trecho recortado no primeiro *print* (Imagem 7) contempla a seguinte alegação: “*Ela [Mônica] conta que já tomou as duas doses e não teve nenhum tipo de reação*”. No segundo *print* (Imagem 8), Mônica encontra-se na praia ao lado de uma mulher, no final de dezembro de 2020. Observe o movimento que o **P1F2** realiza para mobilizar “provas” para sustentar seu ponto de vista. Optamos pela utilização de aspas em “provas” porque estamos lidando com *fake news* devidamente checadas. Neste sentido, constata-se que o **P1F2** mobilizou a referida *fake news* no intuito de validar seu ponto de vista, isto é, apresentar o ônus da prova.

O comentário (2) de autoria do internauta que assumiu o papel de **P2F2** expressa uma estrutura rígida no tocante às possibilidades de interpretação e conclusão das informações publicadas pelo **P1F2**. De todas as possibilidades plausíveis, de acordo com seus argumentos, a conclusão seria a mesma: a vacina e a aplicação da primeira dose em Mônica não passam de uma farsa. Observe os termos apresentados pelo referido proponente ao refutar a tese do **O1F2**: “*O1F2, está na cara que isso é uma FARSA! Ela foi voluntária nos testes [link da matéria], quando recebeu duas doses e ‘não sofreu efeitos colaterais’.* Ora, se recebeu duas doses efetivamente de vacina (e não de placebo), então, para quê a terceira dose agora? Seria simples encenação; ou seja, mentira? Se ela recebeu antes duas doses de placebo, então qual a validade da afirmação de que ‘não teve efeitos colaterais’? Numa ou noutra hipótese, há falta de transparência— incompatível com a ciência. [...] Se o que recebeu hoje foi placebo, então a cena também é farsa -- e destruição de credibilidade. Afinal, como saber se é realmente vacina ou placebo aquilo que você vai tomar,

ainda mais com uma eficácia previamente declarada de apenas 50,38%?” (linhas 08 a 29, quadro 7).

Sintetizando as colocações do **P2F2**, se Mônica recebera as duas doses da vacina durante os testes no Butantan, logo, ela mentiu durante o evento público na qual recebeu a primeira dose da vacina. Se ela recebera placebo durante a fase de testes, logo, a afirmação contemplada na matéria do Coren SP – a matéria recortada e publicada pelo **P1F2** –, a saber, a afirmação de que “*“não sofrera efeitos colaterais”*” também é falsa. Por fim, se fora aplicado em Mônica uma dose de placebo durante o evento público de vacinação, logo, a vacinação foi falsa. Note que em todas as possibilidades de conclusões apresentadas pelo **P2F2**, Mônica Calazans e o Instituto Butantan mentiram. Este comentário pode ser visto como um desenvolvimento ou uma explicação da tese que o **P1F2** propôs para discussão.

Na sequência, o **P3F2** estabelece uma relação direta com a tese do **P1F2** através de dois movimentos: o primeiro, é o fato de mencioná-lo em seu comentário. O segundo, em resposta a um oponente, o **P3F2** buscou explicar o teor da tese proposta pelo **P1F2**. **P3F2** mobilizou expressões/termos de cunho pejorativo para se referir à vacina produzida no Butantan em parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac Biotech e, também para se referir ao governador de São Paulo João Dória. Nos termos do referido proponente: “*“O2F2 o que nosso Gil postou! Tem haver com a preocupação dos promotores da Vachina, Doriane e Cia. PCC chinês, dá a vacina em QUEM está imunizado para não correr RISCOS de EFICÁCIA NEGATIVA”*”(linhas 30 a 34, quadro 7). Observe que a expressão *Vachina*, sob o olhar da morfologia, é resultado de um cruzamento vocabular, ou seja, a fusão de duas palavras (ANDRADE; RONDININI, 2016) para formar uma terceira. Dito isso, a *Vachina* é resultado da fusão entre vacina e China. O sentido conferido a esta expressão possui cunho pejorativo, pois, se analisarmos o contexto em que foi empregado observaremos que o **P1F2** demonstra por meio de seu discurso, certa desconfiança com relação à origem da vacina, o que caracteriza um tom xenofóbico.

Um último ponto que merece destaque acerca do comentário do **P3F2** e que estabelece uma relação dialógica com a tese do **P1F2**, refere-se à aplicação da primeira dose da CoronaVac em Mônica Calazans durante o evento que foi transmitido em rede nacional. Neste sentido, o internauta advoga, sem mencionar diretamente o nome de Mônica, que ela recebera publicamente a dose da vacina justamente por já estar imunizada e isso, segundo ele, garantiria a eficácia da vacina.

Adiante, o **P4F2** formula seu comentário em resposta ao contradiscurso de uma oponente. Consideramos o internauta responsável pelo comentário 4 como proponente porque ele se ancora na tese levantada pelo **P1F2** e refuta o comentário da oponente. Observe: “*“O2F2 querida só*

queremos explicações. *São 3 doses? Ela já tinha sido vacinada, pq não pegaram um que não foi?*” (linhas 35 a 38, quadro 7). Na tese levantada pelo **P1F2**, ele assegura que Mônica fora imunizada durante os testes da vacina e na sequência questiona o motivo dela ter sido contemplada a receber a primeira dose publicamente. Note que o **P4F2** retoma o questionamento central da tese do **P1F2**, e por este motivo, consideramos que ele assume o papel de proponente.

No comentário (5), **P5F2** redige um discurso em resposta a uma oponente, no intuito de atestar a veracidade das informações apresentadas pelo **P1F2**. Segundo ele, Mônica havia sido imunizada durante os testes da CoronaVac. Adiante, confira o comentário do Proponente 5 (V): “**O2F2** diga tudo isso pro Doria e pra essa senhora que foi lá participar do show... *Já que ela ja tinha sido imunizada pois faz parte daqueles que se candidataram a ser cobaia*” (linhas 39 a 42, quadro 7). Observe que além de reforçar este ponto levantado pelo **P1F2**, o **P5F2** estabelece uma relação dialógica com uma postagem publicada pelo presidente da República, Jair Bolsonaro, em sua conta no *Twitter* no dia 21 de outubro de 2020. Na ocasião, Bolsonaro afirmou que “*O povo brasileiro NÃO SERÁ COBAIA DE NINGUÉM*”⁵⁸. Após a referida fala, os grupos que demonstram apoio ao presidente no tocante às vacinas, passaram a utilizar esta expressão nas redes sociais para se referir aos profissionais da saúde envolvidos nos testes da vacina no Instituto Butantan – ou para se referir a qualquer pessoa que demonstre interesse em receber a vacina contra o Coronavírus.

Por fim, no comentário (6), o **P6F2** questiona o motivo pelo qual Mônica estaria sendo considerada a primeira voluntária a receber a primeira dose de vacina publicamente, se, segundo ele, ela já estava imunizada. Neste sentido, seu comentário encontra-se ancorado na tese do **P1F2**, inclusive no tocante à crítica direcionada ao governador João Dória. Confira: “*Que eu fico preocupado é show midiático do João dória, pois se esta senhora foi uma das voluntárias a receber a vacina dias atrás, como ela esta sendo a primeira voluntaria a receber a vacina? Sendo que ela já tinha sido vacinada. Este Doriania é capaz de fazer coisa, que até o diabo dúvida*” (linhas 43 a 49, quadro 7). Dito isso, de modo similar ao movimento dos internautas que assumiram o papel de proponente na *Fake news* sobre a máscara, aqui, mesmo mobilizando argumentos e valores distintos, os internautas trabalharam em prol da sustentação da tese proposta pelo **P1F2**.

4.1.3.3 Atuação do Proponente (PR) na *Fake news* 3 (F3)

Para finalizar este quadro de análises dos comentários de internautas que assumiram o papel actancial de proponente nos dados coletados, apresentamos na tabela (4) a seguir a

⁵⁸ Confira a publicação na íntegra: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1318909799505985537>

distribuição dos comentários referentes à *fake news* sobre a eficácia da Cloroquina no tratamento contra a Covid-19. Confira:

Tabela 4: Distribuição de comentários: *Fake news* Cloroquina (F3)

Proponente	Oponente	Terceiro	Total
8	8	2	18

O quadro (8) a seguir, contempla os comentários dos *atores* que assumiram o *papel actancial* de proponente na *fake news* que advoga sobre a eficácia da Cloroquina no tratamento da Covid-19. Confira:

Quadro 8: Atuação do proponente na *fake news* sobre a Cloroquina (F3)

Atuação do Proponente na <i>fake news</i> sobre a Cloroquina		
Comentários	Transcrição	Argumentos mobilizados
Comentário 1 P1F3	01 “ <i>Novo estudo prova eficácia da Cloroquina contra Covid</i> ”.	Prova sobre a eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus.
Comentário 2 P2F3	03 “Eu só queria entender uma coisa! Se 04 essa medicação não funciona 05 então..... Porquê os políticos, ricos, 06 etc, e os planos de saúde, grande 06 redes de hospitais Privados estão 07 utilizando? E estão sobrevivendo? É 08 algo que realmente queria entender”.	A utilização do medicamento por parte de políticos, ricos, e hospitais privados, têm evidenciado o funcionamento do medicamento.
Comentário 3 P3F3	09 “ P2F3 porque na verdade, eles não 10 querem dá credibilidade ao que 11 nosso presidente falou lá no início. A 12 intenção deles é desanimar o 13 presidente. Esquecem que o 14 presidente é uma única pessoa e o 15 Brasil, são milhares de milhares de 16 pessoas. Entendo que eles não estão 17 nem aí para a população mais 18 carente. <i>Por quê não distribui para o 19 SUS, Postos de saúde, Clínica da 20 Família, etc. Só os riquinhos tomam 21 e ficam caladinhos. Isso sim, é ser 22 genocidas</i> ”.	A oposição não acredita no funcionamento do medicamento porque foi indicação de Bolsonaro; A Cloroquina têm sido utilizada só por quem tem condição financeira;
Comentário 4 P4F3	23 “ Oponente V (F3) mentira? Meu 24 parentes foram infectados, todos 25 tratados no começo da doença com 26 esses medicamentos, todos bem 27 ninguém precisou internar nem 28 entubar e muito menos ir pra UTI. Se 29 vc não acredita se precisar não tome. 30 Espere a vacina chinesa”.	Argumentos com base na experiência pessoal; O medicamento evitou internação de pessoas próximas ao proponente;
Comentário 5 P5F3	31 “ O1F3 meu pai toma para artrite 32 minha cunhada é meu sobrinho para 33 lúpus meu primo e tio tomou para 34 covid19 no segundo estágio e vc está 35 falando bobagens, ninguém morreu 36 e o remédio fez muito bem e sem 37 efeitos colaterais”.	Mobiliza argumentos com base na experiência pessoal; Ninguém morreu por fazer uso da Cloroquina; Não houve efeitos colaterais.

Comentários	Transcrição	Argumentos mobilizados
Comentário 6 P6F3	38 “OIF3 Canal do respeitado 39 jornalista Alexandre Garcia 40 noticiando 4 mil médicos 41 recomendando HidroxiCloroquina, 42 VÁRIOS estudos clínicos de pessoas 43 sendo curadas e diminuição das 44 mortes graças também a 45 HidroxiCloroquina, reportagem da 46 Fox News ratificando isso, 47 reportagem da Record também 48 ratificando a mesma coisa, Prevent 49 Senior, milhares de pessoas 50 relatando que foram curadas graças 51 ao remédio. Cara, não adianta 52 postar idiotices que é inútil, vc é 53 minoria, levou surra de todo mundo 54 aqui”.	Argumento de autoridade, citam-se o jornalista Alexandre Garcia, médicos, estudos diversos e Fox News; Relatos pessoais.
Comentário 7 P7F3	55 “OIF3 é só não tomar... Rsr 56 Só toma quem acredita!!! 57 Maconha faz mal e pessoal usa. 58 Bebida faz mal e bebem... 59 Pílula do dia seguinte faz mal e 60 usam... 61 E a Cloroquina que tem salvado 62 milhares de vida faz mal... Então tá 63 né kkk”.	Se o ser humano consome substâncias nocivas à saúde, torna-se irônico não consumir um medicamento que salva milhares de vida.
Comentário 8 P8F3	64 “OIF3 mentira, a esquerdalha 65 nojenta é fruto da mentira, todos 66 políticos que contrairam o vírus 67 chinês se curou com esse remédio, já 68 existe várias comprovações. 69 A maldita esquerda satânica mente 70 descaradamente”.	Mentira da esquerdalha; Políticos se curaram da Covid-19 com a Cloroquina; Esquerda satânica.

Reiteramos que no comentário 1, o **P1F3** não desenvolveu argumentos em prol da tese defendida, apenas reproduziu o título da manchete que segue a *fake news*. Mas como vimos, a página no *Facebook* responsável pela veiculação desta *fake news* é homônima ao *site* que publicou a “notícia”. Neste sentido, constata-se que ao transcrever o título da manchete na página do *Facebook*, em um espaço destinado à elaboração de legendas para acompanhar os conteúdos publicados, o referido internauta assume o *papel actancial* de proponente. Diante de um tema amplamente difundido, o internauta apresenta um suposto estudo que atesta a eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus. Dito isso, trabalharemos com a perspectiva em que o **P1F3** propõe a seguinte tese: “*Novo estudo comprova a eficácia da Cloroquina no tratamento da Covid-19*” (linhas 01 e 02, quadro 8). Destaca-se que a matéria compartilhada se materializa em ônus da prova, na medida em que sustenta a tese proposta pelo **P1F3**.

Na sequência, o **P2F3**, apresenta o seguinte comentário: “Eu só queria entender uma coisa! *Se essa medicação não funciona então..... Porquê os políticos, ricos, etc, e os planos de saúde, grande redes de hospitais Privados estão utilizando? E estão sobrevivendo? É algo que*

realmente queria entender” (linhas 03 a 8, quadro 8). Observe que o comentário acima é uma resposta indireta à algum internauta que se opôs à tese proposta pelo **P1F3**, isto é, a tese de que um novo estudo comprovou a eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus. Neste sentido, os argumentos mobilizados pelo **P2F3** são apresentados em um modelo de pergunta retórica “*Se essa medicação não funciona..... Porquê os políticos [...] planos de saúde [...] estão utilizando? E estão sobrevivendo?*”. Estes argumentos orientam para a tese central de que o medicamento possui eficácia, e desse modo, o internauta assume o *papel actancial* de proponente nesta interação argumentativa.

O comentário (3) responde ao comentário proposto pelo **P2F3** de modo a corroborar o discurso apresentado pelo colega *actante*. Para isso, o **P3F3** menciona o **P2F3** em seu comentário e expõe o seguinte ponto de vista: “**P2F3** *porque na verdade, eles não querem dá credibilidade ao que nosso presidente falou lá no início. A intenção deles é desanimar o presidente. [...] Por quê não distribui para o SUS, Postos de saúde, Clínica da Família, etc. Só os riquinhos tomam e ficam caladinhos. Isso sim, é ser genocidas*” (linhas 09 a 22, quadro 8). Observe que de acordo com o referido proponente, a recusa por parte da oposição – seja ela oposição diante do medicamento ou oposição do espectro político/ideológico) em aceitar que a Cloroquina realmente possui eficácia no tratamento contra a Covid-19, tem a ver com a recusa em reconhecer que Jair Bolsonaro tem razão ao insistir no tratamento precoce contra o Coronavírus. Além disso, o **P3F3** conclui alegando que as condições de acesso ao medicamento são para pessoas que possuem condições financeiras, dado que demonstra conformidade com o ponto de vista apresentado pelo **P2F3**.

Os argumentos apresentados pelo **P4F3** são baseados em relatos de experiência pessoal. Foram utilizados exemplos de pessoas próximas ao referido proponente, as quais, segundo ele, contraíram a Covid-19 e administraram a Cloroquina como tratamento. Confira: “**Oponente V (F3)** *mentira? Meu parentes foram infectados, todos tratados no começo da doença com esses medicamentos, todos bem ninguém precisou internar nem entubar e muito menos ir pra UTI. Se vc não acredita se precisar não tome. Espere a vacina chinesa*” (linhas 23 a 30, quadro 8). Observe que o comentário é em resposta a um determinado internauta que se opôs a ideia de que o medicamento possui eficácia para tratar a Covid-19. Neste sentido, os argumentos com base na experiência pessoal foram utilizados em um movimento que busca comprovar a tese sustentada pelos proponentes. **P4F3** o finaliza sua exposição, sugerindo ao **Oponente V (F3)** que aguarde a vacina chinesa, caso não confie nas “provas” – leia-se relato com base na experiência pessoal – apresentadas.

O comentário (5) redigido pelo **P5F3**, aproxima-se do comentário proposto pelo **P4F3**. Isso porque ele constrói seu ponto de vista com base em relatos de experiência pessoal, ou seja, sua contribuição para sustentar a tese de que a Cloroquina é eficaz no tratamento contra a Covid-19, é atestar que pessoas próximas a ele são exemplos concretos de que o referido medicamento possui eficácia no combate ao Coronavírus. Nos termos do Proponente 5 (C): “**O5F3** meu pai toma para artrite minha cunhada é meu sobrinho para lúpus meu primo e tio tomou para covid19 no segundo estágio e vc está falando bobagens, ninguém morreu e o remédio fez muito bem e sem efeitos colaterais” (linhas 31 a 37, quadro 8). Observe que o referido proponente estabelece uma relação entre a administração do medicamento para o tratamento de lúpus e artrite, e o tratamento para a Covid-19. Essa associação alicerça a conclusão que ele apresentará: a Cloroquina além de eficaz, não possui efeitos colaterais.

O **P6F3**, a fim de contribuir com a sustentação da tese de que a Cloroquina possui eficácia no tratamento contra o Coronavírus, mobiliza argumentos de autoridade almejando apresentar o ônus da prova. Para isso, ele menciona o jornalista Alexandre Garcia, cujo apoio ao tratamento precoce é amplamente divulgado, cita de forma genérica médicos, os quais compõem a categoria de profissionais que possuem relevância e prestígio para tratar a questão. Por fim, o internauta cita reportagens apresentadas pela *Fox News* e pela *Record*, ambas ancoradas na tese supracitada.

Confira o comentário do **P6F3**: “**O1F3** Canal do respeitado jornalista Alexandre Garcia noticiando 4 mil médicos recomendando a HidroxiCloroquina, VÁRIOS estudos clínicos de pessoas sendo curadas e diminuição das mortes graças também a HidroxiCloroquina, reportagem da Fox News ratificando isso, reportagem da Record também ratificando a mesma coisa, Prevent Senior, milhares de pessoas relatando que foram curadas graças ao remédio. Cara, não adianta postar idiotices que é inútil, vc é minoria, levou surra de todo mundo aqui” (linhas 38 a 54, quadro 8). Note que além de buscar por meio da mobilização de discursos de autoridade atestar a tese do **P1F3**, o **P6F3**, que redige este comentário em resposta ao **O1F3**, conclui sugerindo ao referido oponente que desista da defesa de sua tese alegando que ele, enquanto oposição, é minoria naquela *situação argumentativa*.

O **P7F3** realiza um movimento diferente ao atestar sua concordância com a tese proposta pelo **P1F3**. Ao responder o comentário do **O1F3**, o qual apontara os efeitos colaterais desencadeados pela Cloroquina – trabalharemos na próxima subseção o comentário do **O1F3** na íntegra –, o **P7F3** atesta a incoerência de se consumir substâncias nocivas à saúde, tais como, a bebida alcoólica, a pílula do dia seguinte, mas se recusar a administrar um medicamento que,

segundo ele, salvou milhares de vida. Observe o comentário na íntegra: “**OIF3** é só não tomar... RsrS Só toma quem acredita!!! Maconha faz mal e pessoal usa. Bebida faz mal e bebem... Pílula do dia seguinte faz mal e usam... E a Cloroquina que tem salvado milhares de vida faz mal... Então tá né kkk” (linhas 55 a 63, quadro 8).

Por fim, também em resposta ao **OIF3**, o **P8F3** apresenta seu ponto de vista orientando para aspectos relacionados à polarização entre direita e esquerda, e neste sentido, infere-se, que o comentário possui uma orientação com viés político e ideológico. Veja: “**OIF3** mentira, a esquerdalha nojenta é fruto da mentira, todos políticos que contrairam o vírus chinês se curou com esse remédio, já existe várias comprovações. A maldita esquerda satânica mente descaradamente” (linhas 64 a 70, quadro 8). Observe que a expressão *esquerdalha* é comumente utilizada nas redes sociais para se referir aos sujeitos que possuem afinidade com partidos políticos de esquerda, ou por pessoas que se opõem ao governo Bolsonaro. Morfologicamente, podemos pensar nesta expressão como a fusão das palavras *esquerda* e *canalha*, o que claramente denota uma acepção pejorativa.

Na sequência o **P8F3** se refere ao Coronavírus como o *vírus chinês*, o que em uma leitura desatenta pode indicar somente o local do primeiro registro sobre a doença. Mas se analisarmos o contexto e os argumentos mobilizados pelo proponente em questão, podemos observar dois movimentos dialógicos: o primeiro, refere-se a um tuíte publicado por Donald Trump no dia 16 de março de 2020, no qual o ex-presidente norte americano se referiu ao Coronavírus como o “*vírus chinês*”⁵⁹. Posteriormente ele acusou a China de ter produzido o vírus em laboratório.

O segundo movimento, diz respeito a uma fala proferida por Jair Bolsonaro no dia 5 de março de 2021 em um discurso realizado no Planalto. Na ocasião, o presidente fez a seguinte afirmação: “*É um vírus novo, ninguém sabe se nasceu em laboratório ou nasceu por algum ser humano ingerir um animal inadequado. Mas está aí. Os militares sabem o que é guerra química, bacteriológica e radiológica. Será que estamos enfrentando uma nova guerra? Qual país que mais cresceu seu PIB? Não vou dizer para vocês*”⁶⁰. Observe que a fala do referido presidente insinua que o vírus poderia ter sido criado em laboratório, em uma espécie de guerra

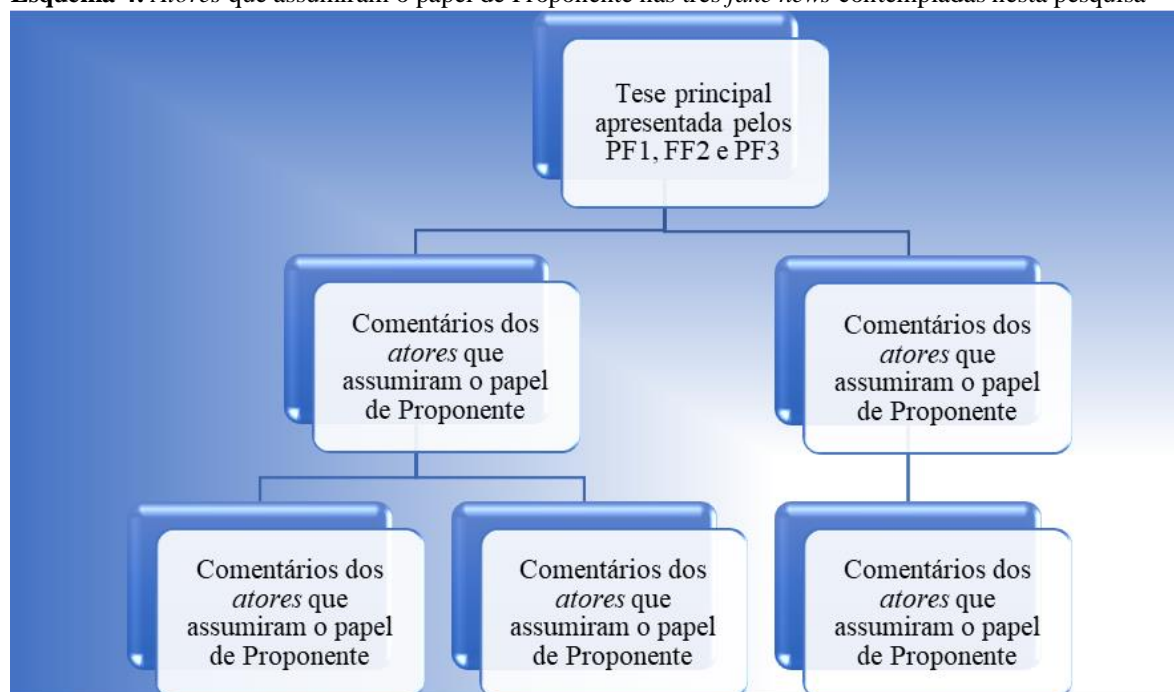
⁵⁹ Para mais informações sobre essa afirmação, confira: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/03/17/trump-gera-mal-estar-ao-usar-termo-virus-chines-para-se-referir-ao-coronavirus>.

⁶⁰ Para mais informações sobre a repercussão da fala de Jair Bolsonaro sobre a origem do Coronavírus, confira: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/05/05/bolsonaro-volta-a-insinuar-que-a-china-teria-criado-o-coronavirus-propositalmente.ghtml>

biológica, produzida por uma população conhecida por “[...] ingerir um animal inadequado”. Neste sentido, a expressão *vírus chinês* adquiriu essa conotação pejorativa ao se referir não somente à origem do Coronavírus na China, mas a também, para designar a possibilidade de o vírus ter sido produzido em laboratório, como parte de uma guerra biológica. Por fim, o **P8F3** assegura que todos os políticos que contraíram a doença obtiveram a cura por meio do tratamento com a Cloroquina.

Apresentamos nesta subseção os comentários de internautas que consideramos pertencer ao papel actancial de proponente, cada qual em sua respectiva *situação argumentativa*. Nos dados apresentados vimos que os *atores* que assumiram o papel de proponente mobilizaram argumentos diversos, os quais oscilam entre relatos de experiência pessoal, argumentos de autoridade, crenças, valores, posicionamento político etc. Mas esta orientação não os descaracteriza como proponentes, pois, todos encontram-se ancorados na tese proposta pelos **Proponentes 1** das *fake news* sobre a máscara (F1), a vacina (F2) e a Cloroquina (F3). Isso quer dizer que diversos pontos de vista são apresentados para sustentar uma tese em comum: a eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus. A seguir, apresentamos um quadro esquemático da atuação dos *atores* que assumiram o *papel actancial* de Proponente. Confira:

Esquema 4: *Atores* que assumiram o papel de Proponente nas três *fake news* contempladas nesta pesquisa



Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Na próxima subseção, apresentaremos a atuação dos internautas que assumiram um posicionamento contrário aos apresentados até aqui. Dito de outro modo, trabalharemos com

afinco nos comentários dos internautas que assumiram o *papel actancial* de oponente, durante as interações nas três *Fake news* coletadas.

4.1.4 Atuação do Oponente (OP)

Em conformidade com os preceitos da teoria dialogal, apresentamos em subseções anteriores a aplicação de conceitos caros para esta perspectiva, tais como *questão argumentativa*, *estase argumentativa* e atuação do *papel actancial* de proponente. Ao apresentarmos a *formulação da questão argumentativa*, no item (4.1.1), recorremos ao modelo prototípico de *situação argumentativa* proposto por Christian Plantin. Neste sentido, uma *situação argumentativa* típica requer, dentre outros fatores, o delineamento de três *papéis actanciais*: Proponente, Oponente e Terceiro. Trabalhamos na subseção anterior a atuação do Proponente nas três *fake news* contempladas para análise. Passemos agora para a análise da atuação do Oponente.

4.1.4.1 Atuação do Oponente (OP) na *fake news 1* (F1)

O *papel actancial* de Oponente é assumido por *atores* que ao se recusar a ratificar o ponto de vista apresentado pelo proponente, elabora uma tese justificando sua recusa, isto é, um contradiscurso. Dito isso, apresentaremos a seguir no quadro (9) os comentários dos internautas que assumiram o papel de Oponente na *fake news* sobre os malefícios e a ineficácia do uso de máscaras durante a pandemia causada pelo Coronavírus. Veja o quadro (9) a seguir:

Quadro 9: Atuação do Oponente na *fake news* sobre a máscara (F1)

Atuação do Oponente na <i>fake news</i> sobre o uso de máscara		
Comentários	Transcrição	Argumentos Mobilizados
Comentário 1 O1F1	01 “Um absurdo uma postagem 02 dessa, como medi o da linha 03 de frente há anos defendo o 04 uso da máscara desde há 05 muito tempo e tenho visto 06 diminuição dos surtos de 07 doenças respiratórias toda 08 vez em que ela é usada em 09 meus assistidos”.	Argumento com base na experiência profissional; Diminuição dos surtos de doenças respiratórias através do uso de máscaras.
Comentário 2 O2F1	10 “OIFI Trabalho há 41 anos 11 usando máscaras quase 12 diariamente, na profissão de 13 CD. Não tenho nenhuma 14 insuficiência respiratória ou 15 sequela por fazer uso deste 16 epi. Matéria sem 17 comprovação científica! 18 Abraço Dr!”.	Experiência pessoal e profissional com o uso de máscaras evidenciam que o Oponente não desencadeou doenças respiratórias. Matéria sem comprovação científica.

Comentários	Transcrição	Argumentos Mobilizados
<p align="center">Comentário 3 O3F1</p>	<p>19 “Proponente S (F1) <i>Mascara</i> 20 <i>com filtro é eficaz e na</i> ” 21 <i>reportagem em questão)</i> 22 <i>generaliza as</i> 23 <i>máscaras.Ponha a</i> 24 <i>explicação que é a de</i> 25 <i>tecido.Ela deixa entender</i> 26 <i>ERRONEAMENTE de que</i> 27 <i>MÁSCARA , TODAS são</i> 28 <i>ineficazes...daí meu desafio</i> 29 30 <i>de pedir q entre numa unidade</i> 31 <i>COVID-19.A pff e N95 não são</i> 32 <i>ineficazes e mesmo as de</i> 33 <i>pano</i> 34 <i>diminuem o contágio se</i> 35 <i>usado</i> 36 <i>por todos uma vez que</i> 37 <i>como</i> 38 <i>vc mesmo dizem a</i> 39 <i>35</i> <i>pessoa respira o próprio</i> 40 <i>36</i> <i>ar.Logo não expele seu</i> 41 <i>37</i> <i>vírus?”</i></p>	<p>Máscaras de filtro é eficaz. As máscaras de tecido são eficazes na diminuição do contágio.</p>
<p align="center">Comentário 4 O4F1</p>	<p>38 “Proponente C (F1) <i>o único</i> 39 40 <i>estudo que foi feito sobre</i> 41 <i>máscara de tecido foi feita em</i> 42 <i>ambiente hospitalar em local</i> 43 <i>de atendimento a pessoas</i> 44 <i>43 com covid, ou seja um local</i> 45 <i>com alta carga viral, claro</i> 46 <i>45 que a máscara de pano não</i> 47 <i>teria efetividade, agora me</i> 48 <i>47 mostra algum estudo falando</i> 49 <i>48 sobre seu uso no dia a dia,</i> 50 <i>49 sobre inalar CO2 qual e o</i> 51 <i>50 tamanho de uma partícula do</i> 52 <i>51 gás que expelido na</i> 53 <i>52 respiração que fica retido em</i> 54 <i>53 uma máscara que não</i> 55 <i>54 consegue nem segurar um</i> 56 <i>55 vírus?”</i></p>	<p>O único estudo sobre as máscaras e a Covid-19 foi realizado em ambiente hospitalar, local com alta carga viral. Fato que diminui a eficácia da máscara de tecido. Incita o proponente a mostrar-lhe algum estudo que comprove a ineficácia da máscara de tecido no dia a dia. Se a máscara não é capaz de conter o vírus, como seria capaz de reter o CO2, como afirma a proponente em questão?</p>
<p align="center">Comentário 5 O5F1</p>	<p>56 “Óbvio que não é médico 57 <i>quem administra a página... é</i> 58 <i>58 quase um discurso de ódio</i> 59 <i>59 esse post! Ódio ao próximo!</i> 60 61 <i>Meu Deus! Imagina se não</i> 62 <i>61 usássemos as máscaras de</i> 63 <i>62 tecido, estaríamos com mais</i> 64 <i>63 casos e mortes... tem a opção</i> 65 <i>64</i> 65 <i>denunciar a página ou o</i> 66 <i>65 post... ou não seguir, eu não</i> 67 <i>66</i> 66 <i>sigo mais. Me assusta ler</i> 68 <i>67</i> 67 <i>essas postagens...”</i></p>	<p>Põe em xeque a legitimidade do administrador da página. A publicação se aproxima de um discurso de ódio. As máscaras evitam mortes.</p>
<p align="center">Comentário 6 O6F1</p>	<p>68 “Negacionismo, 69 <i>68</i> 69 <i>desinformação, anticultura,</i> 70 71 <i>70</i> 71 <i>anticiência deveriam ser</i> 72 <i>71</i> 72 <i>terminantemente combatidos</i> 73 <i>72</i> 73 <i>na net. Só falta dizer que a</i> 74 <i>73</i> 74 <i>covid-19 não existe! Não se</i> 75 <i>74</i> 75 <i>deixem levar por falsas</i></p>	<p>Negacionismo, desinformação, anticultura e anticiência deveriam ser combatidos na internet. Orienta os internautas para que não se enganem com estas falsas informações.</p>

	<p>75 informações. No meio de uma 76 pandemia, usar máscaras e 77 hábitos de higiene 78 (higienização das mãos, 79 higiene íntima, higienização 80 dos alimentos, higienização 81 do lar, higienização do local 82 de trabalho) são de vital 83 importância”.</p>	<p>O uso de máscaras e os hábitos de higiene são de suma importância durante a pandemia.</p>
<p>Comentário 7 O7F1</p>	<p>84 “P4F1 trabalho na linha de 85 frente... Tô usando essas 86 máscaras. Lido 3 vezes por 87 semana, 72h por semana. E 88 até agora não me contaminei. 89 Então sou prova viva de que 90 sim, elas diminuem o risco de 91 contaminação”.</p>	<p>Argumento com base na experiência pessoal e profissional para comprovar a eficácia das máscaras.</p>
<p>Comentário 8 O7F1</p>	<p>92 “P4F1, as pessoas podem se 93 contaminar na 94 desparamentação. As pessoas 95 podem usar um equipamento 96 inteiro de proteção, mas vai 97 no refeitório do hospital e 98 está em contato com outras 99 pessoas que podem estar 100 contaminadas, e nesse 101 momento contrair a doença. 102 Essas pessoas podem se 103 proteger de todas as 104 maneiras no hospital, e dar 105 mole na rua, vai saber! Eu 106 sei que continuo me 107 protegendo, e tá dando certo 108 até agora. Prefiro usá-las e 109 estimular seu uso, do que 110 orientar os outros a ficarem 111 a mercê de sua própria 112 sorte. É muita gente 113 morrendo, é muito triste 114 tudo que tá acontecendo!”.</p>	<p>Em resposta ao Proponente, afirma que mesmo as pessoas protegidas em laboratórios podem se contaminar ao retirar os melhores equipamentos de segurança. É melhor se proteger e incentivar o uso de máscaras.</p>

O comentário (1) é de autoria do internauta que foi considerado o **O1F1** nesta interação argumentativa. Seu comentário é direcionado diretamente para o **P1F1**, o responsável por compartilhar a *fake news* sobre os malefícios do uso de máscaras e sua ineficácia na prevenção do Coronavírus. O **O1F1**, ancora-se em relatos de experiência profissional e pessoal acerca dos benefícios de se utilizar máscaras para conter surtos de doenças respiratórias. Nos termos do referido oponente: “Um absurdo uma postagem dessa, como medi o da linha de frente há anos defendendo o uso da máscara desde há muito tempo e tenho visto diminuição dos surtos de doenças respiratórias toda vez em que ela é usada em meus assistidos” (linhas 01 a 09, quadro 9). Observe que ele inicia seu contradiscurso apresentando um *ethos* que lhe confere autoridade no assunto, pois trata-se de um médico que trabalha na linha de frente, ou seja, lida diretamente com a problemática.

Note que o discurso de refutação demonstra discursivamente que o uso de máscaras não desencadeia doenças respiratórias. Seu uso, segundo o **O2F1** reduz o surto de doenças respiratórias. Tendo-se em vista estas questões, verifica-se que o internauta assumiu o papel de oponente nesta interação argumentativa, na medida em que ao se recusar a ratificar o ponto de vista do proponente, elaborou um contradiscurso orientado pelo *assunto em questão*.

O **O2F1** acionou o **O1F1** em seu comentário e corrobora a sustentação de sua contra-argumentação, apresentando relatos de experiência pessoal e profissional. Enquanto o **O1F1** apresentou argumentos com base em sua experiência profissional com pacientes, o **O2F1** utilizou sua experiência pessoal enquanto profissional que lida diariamente com o uso de máscaras. Outro dado que constitui a base do seu ponto de vista é o tempo em que trabalha usando máscaras. Observe: “**O1F1** Trabalho há 41 anos usando máscaras quase diariamente, na profissão de CD. Não tenho nenhuma insuficiência respiratória ou sequela por fazer uso deste epi. Matéria sem comprovação científica! Abraço Dr!” (linhas 10 à 18, quadro 9). Na sequência o **O2F1** conclui afirmando que a matéria compartilhada no perfil *Diário de Hospital* não possui embasamento científico. Neste sentido, o oponente demonstra discursivamente conformidade com a tese de refutação apresentada pelo **O1F1** o que justifica sua atuação como oponente.

Já o **O3F1** propõe seu contradiscurso ao responder um internauta que naquela situação assumiu o papel de proponente. Na ocasião o **O3F1** questiona a generalização das informações contidas na publicação, isto é, a afirmação de que todas as máscaras são ineficazes como proteção contra o Coronavírus. Observe sua exposição: “**Proponente C (F1)** Mascara com filtro é eficaz e na " reportagem em questão) generaliza as máscaras. Ponha a explicação que é a de tecido. Ela deixa entender **ERRONEAMENTE** de que MÁSCARA , TODAS são ineficazes...daí meu desafio de pedir q entre numa unidade COVID-19.A pff e N95 não são ineficazes e mesmo as de pano diminuem o contágio se usado por todos uma vez que como vcs mesmo dizem a pessoa respira o próprio ar.Logo não expele seu vírus?” (linhas 19 a 37, quadro 9). Note que inicialmente o **O3F1** questiona a forma generalizada em que as informações foram dispostas, o que segundo ele, orienta para a conclusão de que todas as máscaras são ineficazes. Na sequência o oponente conclui afirmando que as máscaras de tecido também contribuem para a diminuição do contágio do Coronavírus. É este discurso de oposição orientado por uma *questão argumentativa*, que confere ao internauta (3) o *papel actancial* de Oponente 3 (F1).

O **O4F1** ao defender a eficácia das máscaras de tecido na diminuição da disseminação do Coronavírus e, respondendo ao **Proponente C (F1)**, expõe seu ponto de vista alegando que os argumentos utilizados para defender a ineficácia das máscaras de tecido, têm como base um estudo

realizado com máscaras em ambiente hospitalar, cuja carga viral é alta. Neste sentido, o **O4F1** desafia o proponente C (F1) a mostrar-lhe algum estudo realizado com máscaras de tecido que comprove sua ineficácia em ambiente público. Veja: *“Proponente C (F1) o único estudo que foi feito sobre máscara de tecido foi feita em ambiente hospitalar em local de atendimento a pessoas com covid, ou seja um local com alta carga viral, claro que a máscara de pano não teria efetividade, agora me mostra algum estudo falando sobre seu uso no dia a dia, sobre inalar CO2 qual e o tamanho de uma partícula do gás que expelido na respiração que fica retido em uma máscara que não consegue nem segurar um vírus?”* (linhas 38 a 55, quadro 9). O **O4F1** conclui sua contra-argumentação retomando o discurso do **O4F1**, no qual ele afirma, ancorado na *Fake news* em discussão, que as máscaras geram malefícios pelo fato de que o indivíduo respira o próprio gás carbônico. Ao retomar este discurso, o **O4F1** aponta uma incoerência: se a máscara não contém o vírus, como ela conteria o gás carbônico?

Já o **O5F1** direciona sua contra-argumentação questionando a legitimidade do responsável por administrar o perfil *Diário de Hospital*. Como consta na descrição da referida página, seu objetivo é informar a população que depende do Sistema Único de Saúde (SUS), sobre o cotidiano dos profissionais da saúde, sobretudo no atual contexto pandêmico. Neste sentido, o **O5F1** afirma que a matéria publicada não contém viés informativo, e se assemelha ao discurso de ódio. Veja: *“Óbvio que não é médico quem administra a página... é quase um discurso de ódio esse post! Ódio ao próximo! Meu Deus! Imagina se não usássemos as máscaras de tecido, estaríamos com mais casos e mortes... [...]”* (linhas 56 a 67, quadro 9). Destaca-se, ainda, que o referido oponente advoga em prol da eficácia das máscaras de tecido como método de conter a disseminação do Coronavírus e evitar mortes.

O comentário (6), de autoria do **O6F1** advoga em prol do combate ao negacionismo e desinformação em tempos de pandemia. Além disso, reforça a tese de que o uso de máscaras associado aos hábitos de higiene, são de suma importância no atual contexto de pandemia. Confira: *“Negacionismo, desinformação, anticultura, anticiência deveriam ser terminantemente combatidos na net. Só falta dizer que a covid-19 não existe! Não se deixem levar por falsas informações. No meio de uma pandemia, usar máscaras e hábitos de higiene [...] são de vital importância”* (linhas 68 a 83, quadro 9). Observe que o **O6F1** expõe uma espécie de alerta aos demais internautas a partir da seguinte colocação: *“Não se deixem levar por falsas informações”* (linhas 73 e 74, quadro 9). Dito isso, constata-se que o referido internauta assumiu o papel de oponente, justamente por mobilizar argumentos que trabalham em prol do incentivo ao uso de

máscaras, o que por consequência denota concordância com a tese de que o uso de máscaras é eficaz como método preventivo contra Coronavírus, como sustentam os demais oponentes.

O **O7F1**, publica seu comentário em resposta ao **P4F1**, o qual, a título de recapitulação, alegou que o uso de máscaras nas ruas não tem eficácia na prevenção da Covid-19 e, o uso de máscaras em hospitais é prejudicial, pois, segundo ele, as máscaras são fontes de infecção por reter germes em seus filtros. Neste sentido, o **O7F1** propõe a seguinte refutação: *“P4F1, trabalho na linha de frente... Tô usando essas máscaras. Lido 3 vezes por semana, 72h por semana. E até agora não me contaminei. Então sou prova viva de que sim, elas diminuem o risco de contaminação”* (linhas 84 a 91, quadro 9). O **O7F1**, aciona sua experiência pessoal e profissional para atestar que as máscaras são eficazes na prevenção do Coronavírus, uma vez que o referido oponente é profissional da área da saúde. Posteriormente, o **P4F1**, responde novamente a **O7F1** e este, por vez, prossegue com sua tese de contra-argumentação, a qual será analisada a seguir.

O comentário (8), também de autoria da **O7F1**, responde ao **P4F1**, como mencionamos anteriormente. Esse desdobrar da atividade argumentativa é o que a teoria Dialogal compreende por progressão argumentativa. Isso quer dizer que a argumentação se desdobra, os pontos de vista em contradição prosseguem com a defesa de suas respectivas teses. No comentário (8) a seguir, o **O7F1** levanta dois pontos: o primeiro responde diretamente ao comentário do **P4F1**, o qual afirmou que mesmo em laboratórios de nível máximo de biossegurança, as pessoas estavam contraindo o Coronavírus, o que por conseguinte, resultou em mortes. O ponto de vista do proponente almeja atestar a ineficácia do uso de máscaras, mesmo as consideradas seguras.

Dito isso, passemos ao comentário (8), de autoria do **O7F1**: *“P4F1, as pessoas podem se contaminar na desparamentação. As pessoas podem usar um equipamento inteiro de proteção, mas vai no refeitório do hospital e está em contato com outras pessoas que podem estar contaminadas, e nesse momento contrair a doença. Essas pessoas podem se proteger de toadas as maneiras no hospital, e dar mole na rua, vai saber! [...] Prefiro usá-las e estimular seu uso, do que orientar os outros a ficarem a mercê de sua própria sorte. É muita gente morrendo, [...]”* (linhas 92 a 114, quadro 9). Observe que o **O7F1** refuta a tese do proponente chamando sua atenção para o seguinte ponto: o fato de profissionais que utilizam máscaras e equipamentos de biossegurança de nível considerado superior e, mesmo assim contrair o Coronavírus, não atesta a ineficácia do uso de máscaras no combate ao referido vírus. Neste sentido, o **O7F1** apresenta exemplos de situações em que tais pessoas poderiam se descuidar e contrair o vírus. Ao final, o **O7F1** conclui afirmando que seguirá utilizando e recomendando o uso de máscaras.

Diante do exposto, verifica-se que os oito comentários analisados apresentam valores e argumentos diversos, mas encontram-se articulados em prol da defesa da seguinte tese: o uso de máscaras é uma medida preventiva eficaz para conter o contágio e a propagação do Coronavírus no atual contexto pandêmico. Por este motivo, os internautas responsáveis pelos comentários supracitados assumem o *papel actancial* de oponente na referida *situação argumentativa*.

4.1.4.2 Atuação do Oponente (OP) na *Fake news 2* (F2)

Passemos para a análise da atuação do oponente na *fake news* que questiona a credibilidade da vacina contra o Coronavírus. No quadro (10) a seguir, apresentaremos os comentários de internautas que atuaram como oponentes na referida *fake news*. Confira:

Quadro 10: Atuação do Oponente na *fake news* sobre a vacina (F2)

<i>Fake news sobre a vacina: Atuação do Oponente</i>		
Comentários	Transcrições	Argumentos Mobilizados
Comentário 1 O1F2	01 “Ela fez parte do grupo de voluntários que 02 recebeu placebo. Em vez do senhor ficar 03 desacreditando os voluntários, a ciência, não se 04 candidata a ser voluntário nas próximas vacinas. 05 Ah é... se tivermos vacinas...”.	Mônica recebera placebo durante os testes.
Comentário 2 O2F2	06 “ Proponente J Cara o teste é feito usando 50 % 07 de vacina e 50 % placebo e essa servidora 08 quando se ofereceu para fazer o teste recebeu 09 placebo e só agora recebeu realmente a vacina. 10 Não tem nada com a mídia, isso é feito como 11 estudo científico, qualquer pessoa da área 12 médica conhece o assunto e não tem necessidade 13 de informação da mídia, viu?”	Mônica recebera placebo durante os testes. Mônica recebeu a primeira dose da vacina somente no evento público.
Comentário 3 O3F2	14 “ Proponente J não é isso... Precisa se informar 15 mais.. Metade dos voluntários recebem placebo e 16 metade vacina. Os voluntários e as pessoas que 17 aplicam a vacina não ficam sabendo se é vacina 18 ou placebo... Somente no final dos testes é 19 revelado o que o voluntário tomou. E aos que 20 tomaram placebo, lhes é oferecida a vacina real. 21 Isso não é a mídia que diz. Eu li isso no contrato 22 de um voluntário da vacina”.	Durante os testes, um grupo recebe placebo e outro vacina. Mônica recebeu placebo durante os testes. A divulgação dos dados sobre quem recebeu vacina ou placebo ocorre somente ao final dos testes.
Comentário 4 O4F2	23 “ Proponente Y mas sabe o que é engraçado é que 24 o Bolsonaro fez propaganda da CLOROQUINA 25 um remédio q não é reconhecido como eficaz no 26 combate ao covid e vi na internet mtos seguidores 27 defendendo o uso. Aliás as pessoas falam 28 criticam mas o medo é tão grande que têm gente 29 tomando remédio para piolho dizendo q combate 30 o vírus 😊😊”.	Incoerência sobre aceitar administrar Cloroquina (comprovada sua ineficácia para tais fins) e recusar a vacina (eficácia comprovada).
Comentário 5 O5F2	31 “Ela havia tomado o placebo, quando fez parte 32 do grupo de testagem, ontem ela tomou vacina. 33 Se informe antes de falar besteira”.	Mônica havia recebido placebo durante os testes. Recebeu vacina somente no evento público.

O quadro (10) acima contempla um total de cinco comentários de internautas que assumiram o *papel actancial* de oponente em uma *situação argumentativa* acerca da *Fake news* sobre a vacina. Adiante apresentaremos a análise do primeiro comentário que se opõe à tese apresentada pelo **P1F2**. A título de contextualização, antes de iniciarmos a análise apresentaremos a *questão argumentativa* referente a *Fake news* sobre a vacina: ***Se a vacina é eficaz e se Mônica já havia recebido a primeira dose durante os testes, por que tomar outra dose publicamente fingindo ser a primeira vez?*** Isto posto, passemos a análise dos dados.

O comentário (1) de autoria do **O1F2**, adota como ponto central a alegação de que Mônica Calazans recebera placebo durante os testes da vacina. Na sequência, o oponente se dirige diretamente ao **P1F2** e o adverte por expressar publicamente uma tentativa de desqualificar os voluntários para o teste da CoronaVac. Observe o comentário na íntegra: “*Ela fez parte do grupo de voluntários que recebeu placebo. Em vez do senhor ficar desacreditando os voluntários, a ciência, não se candidata a ser voluntário nas próximas vacinas. Ah é... se tivermos vacinas...*” (linhas 01 a 05, quadro 10). Reiteramos que este contradiscurso marca a emergência da *estase argumentativa*, pois, ao se recusar a ratificar a tese do proponente, o oponente propôs uma contra-argumentação orientada pelo *assunto em questão*.

O **O2F2** elaborou seu contradiscurso em resposta a um internauta que assumiu o papel de proponente. Neste sentido, o referido oponente tece um comentário explicando os procedimentos adotados durante os testes da vacina, tendo-se em vista, que os proponentes estavam defendendo a tese de que Mônica estava recebendo a terceira dose, o que atesta fraude ou nos estudos desenvolvidos no Butantan ou na vacinação pública promovida por João Dória. Desse modo, o **O2F2** teceu o seguinte contradiscurso: “***Proponente J (V)*** *Cara o teste é feito usando 50 % de vacina e 50 % placebo e essa servidora quando se ofereceu para fazer o teste recebeu placebo e só agora recebeu realmente a vacina. Não tem nada com a mídia, isso é feito como estudo científico, qualquer pessoa da área médica conhece o assunto* (linhas 06 a 13, quadro 10) e não tem necessidade de informação da mídia, viu?”. Observe que este comentário responde a tese central proposta pelo primeiro proponente acerca deste tema na referida interação.

O **O3F2**, em resposta ao mesmo proponente, isto é, o Proponente J (F2), além de corroborar o ponto de vista do **O2F2** explicando de que forma se deu os procedimentos durante os testes da vacina, acrescenta que nem os pesquisadores e nem os voluntários têm acesso às informações sobre o que está sendo aplicado neste ou naquele grupo: se é placebo ou vacina. Veja: “***Proponente J*** não é isso... Precisa se informar mais.. *Metade dos voluntários recebem*

placebo e metade vacina. Os voluntários e as pessoas que aplicam a vacina não ficam sabendo se é vacina ou placebo... Somente no final dos testes é revelado o que o voluntário tomou. E aos que tomaram placebo, lhes é oferecida a vacina real. Isso não é a mídia que diz. Eu li isso no contrato de um voluntário da vacina” (linhas 14 a 22, quadro 10). Observe que o **O3F2** conclui afirmando que somente ao final dos testes é são reveladas as informações sobre qual grupo recebeu aplicação da vacina e qual grupo recebeu a aplicação de placebo. Diante disso, os voluntários que receberam placebo são convidados a receberem a primeira dose da vacina posteriormente. Por fim, o oponente acrescenta que extraiu tais informações do contrato de uma pessoa que se voluntariou para os testes.

O comentário (4) referente ao **O4F2** foi formulado em resposta a um internauta que ironizou o fato de a esquerda estar comemorando a produção de uma vacina que segundo ele, não possui comprovação científica. Neste sentido o **O4F2**, apresentou a seguinte refutação: “**Proponente Y** mas sabe o que é engraçado é que o Bolsonaro fez propaganda da CLOROQUINA um remédio q não é reconhecido como eficaz no combate ao covid e vi na internet mtos seguidores defendendo o uso. Aliás as pessoas falam criticam mas o medo é tão grande que têm gente tomando remédio para piolho dizendo q combate o vírus 🤔🤔” (linhas 23 a 30, quadro 10). Note que o **O4F2**, aponta a incoerência por parte dos seguidores de Bolsonaro – um dado importante é o fato de o proponente que questionou a eficácia da vacina apresentou-se como simpatizante dos ideais da direita do espectro político brasileiro – ao questionar a eficácia da vacina.

Segundo o **O4F2**, Bolsonaro e seus seguidores apoiam abertamente o consumo de um medicamento comprovadamente ineficaz no combate ao Coronavírus, a Cloroquina. Desse modo, a tese de refutação do **O4F2** difere-se das teses dos oponentes supracitados. Mas isso não muda o fato de que o internauta em questão assumiu o papel de oponente, pois, os valores mobilizados em prol da defesa de uma determinada tese, não são idênticos sobretudo quando os dados pertencem a uma situação concreta de interação. Basta que as diferentes vozes ecoadas dentro de um determinado *papel actancial*, sejam orquestradas em prol da defesa de um determinado ponto de vista em comum.

Por fim, o **O5F2** mobilizou argumentos para explicar que a enfermeira Mônica recebera placebo durante os testes e, durante o evento de vacinação pública ela recebeu a primeira dose da vacina. Observe o comentário redigido pelo **O5F2**: “Ela havia tomado o placebo, quando fez parte do grupo de testagem, ontem ela tomou vacina. Se informe antes de falar besteira” (linhas 31, 32 e 33, quadro 10). Neste sentido, observe que a internauta refuta o ponto central

da tese proposta pelo **P1F2**, o qual buscou pôr em xeque a seriedade dos estudos desenvolvidos sobre a vacina contra o Coronavírus, ao insinuar que Mônica estaria recebendo a terceira dose da vacina publicamente fingindo ser a primeira vez. Ao se recusar a ratificar tal proposição e, na sequência propor uma tese justificando tal recusa, o internauta responsável pelo comentário (5) realiza um movimento que nos permite identificá-lo como pertencente ao *papel actancial* de oponente.

4.1.4.3 Atuação do Oponente (OP) na *fake news* 3 (F3)

Passemos agora para a análise da atuação do Oponente na *fake news* sobre a eficácia da Cloroquina no tratamento contra a Covid-19. Apresentaremos no quadro (11) a seguir as transcrições dos comentários coletados do *Facebook* na página *Pleno.News*, confira:

Quadro 11: Atuação do Oponente na *fake news* sobre a Cloroquina (F3)

Atuação do Oponente na <i>fake news</i> sobre a Cloroquina		
Comentários	Transcrição	Argumentos mobilizados
Comentário 1 O1F3	01 “Para que está feio..... Até quando 02 vão continuar com essa ilusão..... já 03 foi provado em tudo quanto é canto 04 que além de não ter eficiência no 05 tratamento há risco grande de efeitos 06 colaterais e me diz uma coisa se 07 esse remédio é eficaz e não traz bem 08 efeito colateral, por que que os 09 médicos ao iniciar o tratamento de 10 covid-19 com a tal Cloroquina o 11 paciente tem que assinar um termo ? 12 pra mim tão babaca quem vende essa 13 ideia quanto quem compra!!”.	Já está comprovado que a Cloroquina não possui eficácia no tratamento contra o Coronavírus; A Cloroquina pode desencadear efeitos colaterais.
Comentário 2 O2F3	14 “P2F3 essas pessoas iam se curar de 15 qualquer jeito, assim como as que 16 não tomaram ficaram curadas tbm, 17 depende do sistema imunológico de 18 cada um. ENTENDEU !!!”.	O fato de a pessoa ter administrado Cloroquina e posteriormente ter apresentado melhora, não atesta a eficácia da Cloroquina no tratamento contra a Covid-19.
Comentário 3 O3F3	19 “PIF3 Não funciona isso não passa 20 de uma briga política, no futuro 21 descobriremos o que está por trás 22 dessa mentira, uma coisa é certa, 23 estão desviando nossa atenção, 24 nenhuma agência de saúde no 25 mundo aprovou esse remédio, ele só 26 é indicado por político. Isso 27 realmente impressiona é me deixa 28 curioso”.	Cloroquina não possui eficácia contra o Coronavírus; Sua promoção tem a ver com briga política; Nenhuma agência de saúde no mundo adotou a Cloroquina para tratar a Covid-19.
Comentário 4 O4F3	29 “Gente deixem de teimosia de essa 30 medicação servisse não teria 31 morrido tantas pessoas no mundo ,e 32 os EUA não daria de graça ao 33 Brasil”.	Se a medicação tivesse eficácia não haveria tantas mortes e os EUA não doariam Cloroquina ao Brasil.

Comentários	Transcrição	Argumentos mobilizados
Comentário 5 O5F3	34 “ <i>Mentira, é ao contrário a OMS vai</i> 35 <i>solicitar a retirada do remédio dos</i> 36 <i>hospitais, pois o mesmo foi testado</i> 37 <i>em pacientes de quadro leve e não</i> 38 <i>apresentou nenhum efeito de</i> 39 <i>melhora e sim vários efeitos</i> 40 <i>colaterais”.</i>	A Cloroquina não possui eficácia pois não apresentou melhoras em pacientes de quadro leve; A Cloroquina desencadeou efeitos colaterais.
Comentário 6 O1F3	41 “ Proponente A (F3) <i>alguém te</i> 42 <i>colocou essa ilusão na cabeça,</i> 43 <i>infelizmente ninguém sabe quase</i> 44 <i>nada sobre o vírus, e uma das coisa</i> 45 <i>que sabemos e foi comprovado é que</i> 46 <i>Cloroquina não funciona em casos</i> de 47 <i>covid-19 e ainda pode te matar</i> 48 <i>mais rápido. [...].</i>	
Comentário 7 O1F3	49 “ Proponente W (F3) <i>a</i> 50 <i>desinformação causa HIPOCRiSIA</i> 51 <i>cara , se foi suspenso até às pesquisas</i> 52 <i>com quem tomou esse remédio é que</i> 53 <i>durante as pesquisas as mortes</i> 54 <i>foram maiores do que sem Não é</i> 55 <i>atoa que a Anvisa mandou o</i> 56 <i>ministério da saúde suspender</i> 57 <i>imediatamente as indicações de</i> 58 <i>Cloroquina no tratamento de covid-</i> 59 <i>19 , ontem mesmose informa</i> 60 <i>....tira essa ilusão da cabeçaseria</i> 61 <i>ótimo se tivesse eficiência de</i> 62 <i>verdade...e não uma ilusão barata pra</i> 63 <i>vc cair igual um patinho</i>	Pesquisas foram suspensas por decorrência da ineficácia da Cloroquina contra a Covid-19; Número maior de óbitos por parte de quem administrou o remédio para tais fins; A Anvisa pediu a suspensão da indicação do medicamento.
Comentário 8 O6F3	64 “ <i>Outro estudo falacioso, isso sim.</i> 65 <i>País nenhum utiliza a Cloroquina,</i> 66 <i>todos que a usavam já a rejeitaram”.</i>	Estudo falacioso; Nenhum outro país utiliza a Cloroquina para tratar a Covid-19

Durante a coleta dos dados constatamos que o comentário 1 referente a *fake news* sobre a Cloroquina (F3) recebeu o maior número de respostas naquele contexto de interação. Foram 168 comentários e 61 reações. Outra informação relevante, é que o **O1F3** é responsável pelos comentários 1, 6 e 7. O **O1F3** contesta a tese defendida pelo proponente, isto é, a afirmação de que “*Novo estudo prova a eficácia da Cloroquina contra Covid*” (linha 01 e 02, quadro 8), ao propor que existem diversos estudos que comprovaram a ineficácia do referido medicamento para tratar a Covid-19. Na sequência, acrescenta que além da ineficácia do medicamento para tais fins, a Cloroquina ainda desencadeia uma série de efeitos colaterais. Confirma o comentário: “Para que está feio..... Até quando vão continuar com essa ilusão..... *já foi provado em tudo quanto é canto que além de não ter eficiência no tratamento há risco grande de efeitos colaterais [...]*” (linhas 01 a 06, quadro 11). Nesse sentido, constatamos que o internauta ao se recusar a ratificar a tese do proponente e na sequência elaborar um contradiscurso orientado pelo *assunto em questão*, assume o papel de oponente.

Ao analisarmos o papel de proponente, vimos que os argumentos mobilizados para atestar a eficácia da Cloroquina no tratamento contra a Covid-19, baseiam-se, em sua maioria, em argumentos ancorados no relato de experiência pessoal. Isso quer dizer que os proponentes relataram casos de pessoas próximas que, segundo eles, obtiveram resultados positivos ao administrarem o referido medicamento. Desse modo, o comentário do **O2F3** foi postado em resposta a um proponente cuja alegação encontra-se ancorada na tese supracitada. Assim o referido oponente afirma que não há relação entre a cura das pessoas mencionadas pelo proponente e a Cloroquina, confira: “**P2F3** *essas pessoas iam se curar de qualquer jeito, assim como as que não tomaram ficaram curadas tbm, depende do sistema imunológico de cada um. ENTENDEU !!!*”(linhas 14 à 18, quadro 11).

Já o **O3F3** mobiliza argumentos diferentes dos apresentados pelos **O1F3** e **O2F3**, mas aponta para a mesma direção: a falta de eficácia da Cloroquina no tratamento contra a Covid-19. Observe: “**P1F3** *Não funciona isso não passa de uma briga política, no futuro descobriremos o que está por trás dessa mentira, uma coisa é certa, estão desviando nossa atenção, nenhuma agência de saúde no mundo aprovou esse remédio, ele só é indicado por político. Isso realmente impressiona é me deixa curioso*” (linhas 19 A 28, quadro 11). Observe que o contradiscurso do **O3F3** destaca o viés político implicado na tese proposta pelo **P1F3** e amplamente difundida na sociedade brasileira. Ou seja, a insistência em falsas alegações que buscam atestar a eficácia da Cloroquina no tratamento da Covid-19, seria uma estratégia para desviar a atenção da população, segundo o referido oponente. Para corroborar seu ponto de vista, ele conclui afirmando que a Cloroquina tem sido indicada precipuamente por autoridades políticas e, que somente o Brasil continua a insistir nessa narrativa, pois “*nenhuma agência de saúde no mundo aprovou esse remédio, ele só é indicado por político.*” (linhas 24, 25 e 26, quadro 11). Levando-se em consideração a orientação do discurso deste internauta, constata-se sua atuação como oponente na referida *situação argumentativa*.

O **O4F3** mobiliza seus argumentos com base no exemplo, isto é, aciona em seu discurso o episódio em que o ex-presidente norte americano Donald Trump doou dois milhões de Hidroxicloroquina ao Brasil, em maio de 2020. Observe o comentário a seguir: “*Gente deixem de teimosia de [se] essa medicação servisse não teria morrido tantas pessoas no mundo , e os EUA não daria de graça ao Brasil*” (linhas 29 a 33, quadro 11). Com base neste acontecimento, o **O4F3** afirmou que se o medicamento realmente tivesse eficácia, não seria doado ao Brasil e, além disso, não haveria este número exponencial de mortes causadas pelo Coronavírus.

O comentário do **O5F3** refuta diretamente o **P1F3**, ao propor que a informação por ele apresentada é falsa e que além disso, foram realizados testes em pacientes com casos leves de Covid-19, os quais atestaram sua ineficácia. Confira: *“Mentira, é ao contrário a OMS vai solicitar a retirada do remédio dos hospitais, pois o mesmo foi testado em pacientes de quadro leve e não apresentou nenhum efeito de melhora e sim vários efeitos colaterais”* (linhas 34 a 40, quadro 11). Observe que o **O5F3** aciona argumentos mobilizados pelo **O1F3** ao abordar a questão dos efeitos colaterais desencadeados pelo uso de Cloroquina para tratar a Covid-19. Na sequência, o comentário (6) também de autoria do **O1F3**, pontua que há poucas informações disponíveis sobre o Coronavírus, mas dessas poucas informações uma foi cientificamente comprovada: a Cloroquina não é eficaz no tratamento contra o Coronavírus. Confira: *“[...] alguém te colocou essa ilusão na cabeça, infelizmente ninguém sabe quase nada sobre o vírus, e uma das coisas que sabemos e foi comprovado é que Cloroquina não funciona em casos de covid-19 e ainda pode te matar mais rápido [...]”* (linhas 41 a 48, quadro 11). Por fim, o **O1F3** reforça a proposição apresentada por ele no comentário 1, isto é, a de que o referido medicamento pode gerar mortes por decorrência de seus efeitos colaterais. São estes argumentos apresentados que atestam a atuação do internauta como oponente.

O comentário (7), também de autoria do **O1F3**, é em resposta a um proponente que, como informamos, defende a tese de que a Cloroquina possui eficácia no tratamento contra a Covid-19. Nesse sentido, o **O1F3**, explica ao proponente que as mortes por decorrência do uso da Cloroquina para tratar a Covid-19 resultaram na suspensão de seus estudos para tais fins. Confira: *“[...] se foi suspenso até às pesquisas com quem tomou esse remédio é que durante as pesquisas as mortes foram maiores do que sem Não é atoa que a Anvisa mandou o ministério da saúde suspender imediatamente as indicações de Cloroquina no tratamento de covid-19 ,[...]”* (linhas 51 à 59, quadro 11). Na sequência, ele pontua que a Anvisa solicitou ao Ministério da Saúde a suspensão das indicações do medicamento como medida para tratar a Covid-19.

Por fim, o comentário (8) proposto pelo **O6F3**, inicia seu contradiscurso com uma orientação diferente: antes de afirmar que a Cloroquina não possui eficácia, ele refuta a veracidade do estudo publicado pelo **P1F3** ao se referir a ele como um estudo falacioso. Observe: *“Outro estudo falacioso, isso sim. País nenhum utiliza a Cloroquina, todos que a usavam já a rejeitaram”* (linhas 64, 65 e 66, quadro 11). Para sustentar seu ponto de vista, o **O6F3** alega que os demais países não estão utilizando a Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus. Desse modo, constata-se que o referido internauta assumiu o papel de oponente

na interação argumentativa acerca da *fake news* sobre a eficácia da Cloroquina no tratamento da Covid-19.

Dessarte, com base nos dados apresentados seguidos de suas respectivas análises, constata-se que os internautas que se propuseram a defender a tese de que a Cloroquina não é eficaz no tratamento contra o Coronavírus, assumiram o *papel actancial* de oponente. Justifica-se esta informação com base nas análises empreendidas acerca da *questão argumentativa* que emergiu após o choque entre os discursos dissonantes orientados pelo *assunto em questão*, o qual encontra-se ancorado na *fake news* que discorre sobre a eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus.

Verifica-se que trabalhamos até aqui as noções de *questão argumentativa*, *estase argumentativa* e atuação dos *papéis actanciais* de Proponente e Oponente. A fim de atingirmos os objetivos propostos e, em conformidade com o escopo teórico apresentado no capítulo dois, na próxima subseção apresentaremos a atuação do *papel actancial* de Terceiro nos dados coletados para análise.

4.1.5 Atuação do Terceiro (TER)

Vimos que para a perspectiva Dialogal da Argumentação uma *situação argumentativa* típica requer, além da problematização de um *assunto em questão*, a definição clara dos *papéis de atuação* (PLANTIN, 2008) ou seja, é necessário que os *atores da situação comunicativa* adotem um posicionamento diante do assunto em deliberação. Desse modo, o proponente é responsável por propor uma tese sobre um determinado tema, o oponente ao se recusar a ratificar a tese do proponente elabora um contradiscurso que justifique sua recusa e o terceiro, por sua vez, atua como um mediador responsável por garantir a estabilidade da pergunta que resulta do choque entre os pontos de vista apresentados pelo proponente e oponente. Neste sentido, o terceiro não ratifica nem a tese do proponente e nem a do oponente, mas a partir de uma leitura crítica das duas teses apresentadas, formula uma dúvida. O terceiro materializa-se tipicamente na figura do juiz, como nos lembra Plantin (2008).

De modo similar à apresentação dos dados realizada em subseções anteriores, apresentaremos três tabelas que contemplam os comentários dos internautas que assumiram o papel de terceiro nas três *fake news* mobilizadas. Recapitulando, são elas, o uso de máscaras, a vacina e a Cloroquina. Antes de apresentarmos os dados é necessário pontuarmos uma questão. Durante as análises, observamos que as interações mediadas pelas redes sociais não correspondem prototipicamente ao Modelo Dialogal da Argumentação, sobretudo com relação

à atuação dos *papéis actanciais*. Isso porque no desenrolar da argumentação, em muitos casos os internautas atuam majoritariamente como Proponente ou Oponente. Nos dados coletados para análise, raros foram os casos em que o papel de terceiro se fez presente durante as interações. Por exemplo, na *fake news* sobre o uso de máscaras, a qual contempla 243 comentários identificamos a presença de apenas um *papel actancial* de terceiro. Dito isso, passemos às devidas análises.

4.1.5.1 Atuação do Terceiro (TER) na *fake news* 1 (F1)

O quadro (12) a seguir, referente à *fake news* sobre o uso de máscaras, contempla o comentário do internauta que assumiu o *papel actancial* de terceiro, na referida *situação argumentativa*. Confira:

Quadro 12: Atuação do Terceiro na *fake news* sobre o uso de máscaras

Atuação do Terceiro na <i>fake news</i> sobre o uso de máscaras	
Comentário	Transcrição
Comentário 1 T1F1	01 “Ficamos sem saber ao certo o que fazer? 02 Mas na verdade não nos deixam entrar em 03 lado algum sem a máscara. Portanto só 04 andando na rua podemos evitar usá-la a não 05 ser que nos obriguem mesmo”.

Para que possamos compreender o papel desempenhado pelo terceiro torna-se necessário uma breve recapitulação sobre as teses apresentadas pelos Proponente e Oponente. Os internautas que assumiram o papel de proponente, propuseram a tese de que o uso de máscaras além de ineficaz como método de se prevenir o contágio e a disseminação do Coronavírus, desencadeia uma série de prejuízos à saúde. Já os oponentes, refutaram propondo que o conteúdo publicado pelo proponente não possui embasamento científico, na medida em que as máscaras têm contribuído para a diminuição do número de contágios pelo vírus. Além disso, os oponentes refutaram a tese de que o uso de máscara gera malefícios à saúde. Com base nesta *estase argumentativa*, emergiu a seguinte *questão argumentativa*: ***É realmente seguro e eficaz utilizar máscaras em ambiente público para prevenir o contágio e a disseminação do Coronavírus?***

Como discutimos anteriormente, o papel do terceiro é garantir a estabilidade da pergunta resultante do choque entre os pontos de vista do proponente e do oponente. Desse modo, verifica-se no comentário (1) que, ao não ratificar nem a tese do proponente e nem a do oponente e na sequência formular uma pergunta com base nas teses apresentadas, o referido internauta assume o papel de terceiro. Confira: “Ficamos sem saber ao certo o que fazer? Mas

na verdade não nos deixam entrar em lado algum sem a máscara. Portanto só andando na rua podemos evitar usá-la a não ser que nos obriguem mesmo” (linhas 01 a 5, quadro 12). Observe que o **T1F1** ao alegar que diante da situação (usar ou não máscaras) “*Ficamos sem saber ao certo o que fazer?*”(linha 01, quadro 12), gera uma dúvida diante das teses apresentadas. Na sequência, ao propor que *Mas na verdade não nos deixam entrar em lado algum sem a máscara. Portanto só andando na rua podemos evitar usá-la a não ser que nos obriguem mesmo*” (linhas 02 a 05, quadro 12), realiza um movimento de avaliação das teses apresentadas pelos papéis de proponente e oponente na referida *situação argumentativa*. Com base nas informações apresentadas constatamos que o referido internauta assumiu o papel actancial de Terceiro.

4.1.5.2 Atuação do Terceiro (TER) na *Fake news 2* (F2)

Passemos agora para a análise da atuação do terceiro na *fake news* sobre a vacina. No quadro (13) a seguir, apresentaremos os comentários dos internautas que assumiram a atuação do referido papel actancial. Veja:

Quadro 13: Atuação do Terceiro na *fake news* sobre a vacina

Atuação do Terceiro na <i>fake news</i> sobre a vacina	
Comentário	Transcrição
Comentário 1 T1F2	01 <i>Será que não era placebo? De qq forma pq</i> 02 <i>alguém que já estava no programa?</i> ”.
Comentário 2 T2F2	03 <i>Proponente N ninguém responde a essa</i> 04 <i>pergunta, só falam que a vacina está pronta.</i> 05 <i>Mas a explicação não importa. Porque 3</i> 06 <i>doses??????</i> ”.

Antes de apresentarmos as análises referentes à atuação do papel do terceiro na *Fake news* sobre a vacina, é importante, para fins didáticos, rerepresentarmos as teses defendidas pelos *atores* que assumiram o papel de proponente e oponente. A tese sustentada pelos proponentes busca pôr em xeque a credibilidade dos estudos sobre a vacina Coronavac, a qual foi desenvolvida pela Sinovac Biotech em parceria com o Instituto Butantan. Esse descrédito levou ao questionamento da eficácia da vacina, por parte dos proponentes, os quais alegavam que a primeira vacinação pública da CoronaVac no Brasil teria sido uma farsa, pois, segundo eles, a voluntária contemplada com a primeira dose, havia sido imunizada durante os testes realizados no Butantan. Já os oponentes se debruçaram sobre a tese de que a referida voluntária teria recebido placebo durante os testes, motivo pelo qual Mônica fora contemplada com a primeira

dose da vacina em um evento público. Este choque de opiniões antagônicas orientadas por um assunto em questão, propiciou a formulação da seguinte *questão argumentativa*: ***Se a vacina é eficaz e se Mônica já havia recebido a primeira dose durante os testes, por que tomar outra dose publicamente fingindo ser a primeira vez?***

Com base nas informações supracitadas, consideramos que o internauta responsável pelo comentário (1) da tabela (13) acima assumiu o papel de Terceiro, na medida em que formulou o seguinte questionamento: “*Será que não era placebo? De qq forma pq alguém que já estava no programa?*” (linhas 01 e 02, quadro 13). Apesar dos oponentes sustentarem a tese de que Mônica recebera placebo, o **T1F2** não afirma este posicionamento, mas apenas expõe este questionamento. Além disso, o último questionamento tecido pelo referido internauta atesta sua atuação como terceiro, pois, ao perguntar a motivação de se ter escolhido alguém que já havia se voluntariado durante os testes, o internauta não ratificou nenhum ponto de vista, mas propõe uma dúvida a partir do ponto de contato entre as teses do proponente e oponente.

Já o comentário (2) ao assumir o papel de terceiro, questiona o motivo de Mônica ter recebido três “doses”. Observe que ele não ratifica a tese do proponente, pois não afirma que ela tomou três doses, apenas pergunta o motivo de três aplicações (supostamente) de vacina. E não adota a tese de que dentre as três doses, duas foram placebo e somente uma dose de vacina. Confira: ***Proponente N ninguém responde a essa pergunta, só falam que a vacina está pronta. Mas a explicação não importa. Porque 3 doses??????***” (linhas 03 a 06, quadro 13). Constata-se que o questionamento sobre a quantidade de doses marca o ponto de contato entre as teses do proponente e do oponente, pois, de um lado temos a informação de que Mônica recebeu três doses de vacina, de outro, a informação de que foram duas doses de placebo e uma de vacina. Neste sentido, “***Porque 3 doses??????***” (linhas 05 e 06, quadro 13) é o que garante a estabilidade da *questão argumentativa*.

4.1.5.3 Atuação do Terceiro (TER) na fake news 3 (F3)

Na sequência apresentaremos os comentários dos internautas que atuaram como terceiro na interação argumentativa acerca da *fake news* sobre a Cloroquina. Confira no quadro (14) a seguir a transcrição dos comentários:

Quadro 14: Atuação do terceiro na *fake news* sobre Cloroquina (F3)

Atuação do terceiro na fake news sobre Cloroquina	
Comentários	Transcrições
Comentário 1 T1F3	01 “ <i>Cura ou não cura? Eis a questão..</i> ”.
Comentário 2 T2F3	02 “ <i>Não estou entendendo mais nada, quem está 03 falando à verdade.?</i> ”

Antes de apresentarmos as devidas análises acerca dos comentários contidos no quadro (14), rerepresentaremos a tese sustentada pelo proponente e a refutação apresentada pelo oponente a respeito da *fake news* sobre a Cloroquina. Os internautas que assumiram o papel de proponente demonstraram por meio de seus discursos uma mobilização de argumentos para sustentar a tese de que a Cloroquina é um medicamento eficaz no tratamento contra o Coronavírus. Do outro lado do espectro, os internautas que assumiram o papel de oponente, sustentaram a tese de que o medicamento não é eficaz e, para além disso, desencadeia efeitos colaterais. A partir do choque entre os pontos de vista apresentados, foi possível a formulação da seguinte *questão argumentativa*: ***A utilização da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus é realmente eficaz?***

Diante da referida *questão argumentativa*, dois internautas assumiram o *papel actancial* de terceiro na interação supracitada. O comentário (1) proposto pelo **T1F3** faz um questionamento objetivo o qual garante a estabilidade da *questão*. Confira: “*Cura ou não cura? Eis a questão..*” (linha 01, quadro 14). Por se tratar de uma pergunta curta, mas direta, nota-se que não há ratificação das teses apresentadas pelos papéis de proponente e oponente. Por este motivo, consideramos que este internauta assumiu o papel actancial de terceiro, tendo-se em vista que essa pergunta garante a estabilidade do questionamento central que polariza os internautas entre grupos proponente e oponente. Ou seja, o ponto de contato entre os referidos grupos é sustentado pelo questionamento sobre a eficácia do medicamento para tratar a Covid-19. Em outras palavras, “*Cura ou não cura? Eis a questão..*” (linha 01, quadro 14).

Na sequência, o comentário (2) expressa um questionamento similar ao supracitado, veja: “*Não estou entendendo mais nada, quem está falando à verdade?*” (linhas 02 e 03, quadro 14). Um ponto merece destaque: tanto o proponente quanto o oponente sustentaram seus respectivos pontos de vista em estudos científicos. De um lado, defendia-se eficácia da Cloroquina no tratamento contra a Covid-19, com base em um novo estudo – neste caso, o estudo em questão é a *Fake news* compartilhada no perfil do proponente. De outro, os oponentes apresentaram suas refutações também ancorados em estudos científicos. Nesse sentido, o comentário do **T2F3** é objetivo e marca o ponto de contato entre os pontos de vista antagônicos, ao levantar o questionamento sobre “[...] *quem está falando à verdade?*” (linhas 02 e 03, quadro 14).

Com base nas análises empreendidas nesta subseção, constata-se que em discussões veiculadas por redes sociais as deliberações ocorrem precipuamente entre internautas que assumem os papéis de Proponente e Oponente. A presença do Terceiro é dificilmente

encontrada. Duas questões podem ser levantadas a este respeito. A primeira pode ser resultado do próprio funcionamento das plataformas digitais, sobretudo o *Facebook* que se encontra em constante atualização para melhor atender às demandas das mudanças da comunicação em rede. Devido à dinamicidade das interações e com base nos dados apresentados para análise, os internautas encontram-se precipuamente propondo e refutando teses.

A segunda questão que gostaríamos de pontuar diz respeito à intensificação da polarização durante o atual contexto de pandemia causada pelo Coronavírus. Diante disso, sobretudo nas redes sociais, as deliberações cuja temática diz respeito ao interesse público e social, como por exemplo a atual pandemia, os internautas encontram-se polarizados precipuamente em dois grupos marcadamente opostos: a favor ou contra as medidas adotadas pelo governo federal diante da Covid-19. Neste sentido, verifica-se, com base nos dados apresentados, que há pouco espaço para a emergência de dúvidas nas deliberações veiculadas pelas redes sociais. Os internautas encontram-se em uma constante defesa e refutação de pontos de vista, sobretudo com relação a temas de interesse público, social e moral, como por exemplo, as deliberações sobre o uso de máscaras, a vacina contra o Coronavírus, bem como a administração de Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus.

Síntese: Neste capítulo nos dispusemos a apresentar as análises empreendidas em conformidade com o escopo teórico apresentado no capítulo dois da presente pesquisa. Como dito no capítulo metodológico, foram mobilizadas duas perspectivas teóricas para o empreendimento das análises aqui apresentadas. Este capítulo se deteve à tentativa de aplicação do modelo dialogal nos dados contemplados para análise. Dito isso, na primeira subseção apresentamos a *formulação da questão argumentativa*, na qual discorremos sobre as possíveis leituras decorrentes do choque entre pontos de vista dissonantes sobre um mesmo *assunto*. Para isso, repetimos o movimento de análise para cada *Fake news* contemplada, isto é, nos debruçamos sobre a formulação de três *questões argumentativas*, sendo a primeira sobre os malefícios do uso de máscaras durante a pandemia da Covi-19, a segunda sobre o questionamento da credibilidade dos estudos desenvolvidos sobre a vacina no Instituto Butantan e a terceira *questão* formulada tem a ver com um estudo que alega comprovar a eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus. Reiteramos que as três *fake news* foram devidamente checadas pelas agências Lupa e Aos Fatos. Na sequência, abordamos a emergência da *estase argumentativa* em cada *situação argumentativa* coletada para análise, isto é, para cada interação vinculada às *fake news* apresentadas. De modo similar à subseção anterior, empreendemos um movimento de descrição crítica de três emergências de *estase argumentativa*. Diante do exposto, vimos que o *papel actancial* de proponente é o responsável por desencadear a *estase*, pois, é ele quem primeiro tematiza o *assunto em questão* ao expor o seu ponto de vista sobre o tema. Na sequência, ao tornar sua tese publicada nas redes sociais, abre espaço dialógico para que se desponham aliados e contraditores. Na subseção sobre a atuação do *papel actancial* de proponente, abordamos por meio de uma leitura crítica e descritiva a forma como os internautas se articulam e se posicionam diante do tema apresentado para deliberação. Dito isso, verificou-se que os internautas que dialogam em consonância com a tese proposta pelo proponente responsável por desencadear a *estase argumentativa*, assumem o papel de proponente. Além disso, abordamos o movimento de mobilização do ônus da prova por parte do proponente, de modo a identificarmos as *Fake news* compartilhadas pelos proponentes PF1, PF2 e PF3 como a materialização do ônus da prova. Posteriormente, apresentamos a atuação dos internautas que assumiram o *papel actancial* de oponente. Vimos que a recusa de ratificação da tese do proponente e a subsequente formulação de um contradiscurso de justificativa de recusa, resultou na atuação do papel de oponente. Realizamos um movimento de exposição e aplicação das categorias de análise em três conjuntos de comentários: primeiro conjunto de oponentes sobre o uso de máscaras, o segundo sobre a vacina e o terceiro sobre a Cloroquina. Por fim,

apresentamos os dados de internautas que assumiram o *papel actancial* de terceiro em cada situação. Neste sentido, realizamos um movimento de análise dividindo os dados em três conjuntos, em conformidade com cada *situação argumentativa* que os contemplou. Neste sentido, vimos que a recorrência da atuação do terceiro ocorre em menor proporção se comparada com a recorrência da atuação dos proponentes e oponentes. O intuito deste capítulo consistiu em descrever criticamente de que modo pontos de vista antagônicos são gerados e geridos, por meio da orientação de uma *questão argumentativa* fundamentada em *fake news*.

CAPÍTULO 5: A POLÊMICA EM SUA MODALIDADE ARGUMENTATIVA E A MOBILIZAÇÃO DO ÔNUS DA PROVA

O presente capítulo encontra-se voltado para a apresentação da segunda parte dos resultados obtidos a partir da análise verticalizada dos dados contemplados na presente pesquisa. A título de recapitulação, foram extraídas, da rede social *Facebook*, três *fake news* relacionadas ao atual contexto de pandemia causada pelo Coronavírus. A primeira *fake news* (FN1) contempla (des)informações de que o uso de máscaras como método preventivo contra o Coronavírus é ineficaz e desencadeia uma série de danos à saúde. A segunda *fake news* (FN2) refere-se às vacinas desenvolvidas no Instituto Butantan, a Coronovac. Na ocasião, o Proponente responsável por divulgar tal conteúdo comprovadamente falso, demonstrou discursivamente uma tentativa de pôr em xeque a credibilidade dos estudos desenvolvidos acerca da referida vacina. Por fim, a terceira *fake news* (FN3) contemplou (des)informações de que um suposto estudo comprovou a eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus. Reiteramos que as três publicações (leia-se *fake news*) foram devidamente checadas por agências independentes de *fact checking*, o que atestou a falsidade dos conteúdos contemplados nas publicações coletadas para análise.

É importante ressaltar que parte dos dados a serem apresentados neste capítulo foram trabalhados no capítulo anterior sob a ótica da perspectiva dialogal da argumentação. Pensando em questões metodológicas, optamos por manter a nomenclatura dos dados que aqui serão analisados sob outro prisma. Destaca-se, ainda, que a análise empreendida neste capítulo se encontra ancorada na perspectiva de Ruth Amossy sobre a polêmica em sua modalidade argumentativa. Isso quer dizer que trabalharemos detidamente as categorias da polêmica argumentativa segundo essa autora, a saber: a *dicotomização*, a *polarização* e a *desqualificação* do discurso alheio. Não obstante, antes de apresentarmos o trabalho realizado com as categorias da polêmica argumentativa, faremos um breve movimento de análise multimodal⁶¹ acerca da materialidade das *fake news*, isto é, sua estrutura organizacional (texto, cores, imagens etc.). Além disso, buscaremos responder à seguinte questão norteadora: ***Qual é o papel desempenhado pelas fake news no processo de construção da polarização nas redes sociais, a partir da discussão de três fake news?***

Diante do exposto, torna-se necessário explicar ao leitor de que modo este capítulo analítico encontra-se dividido. Na primeira seção (5.1) **A mobilização do ônus da prova como sustentação**

⁶¹ Destaca-se que não realizaremos uma análise alicerçada no aporte teórico sobre a multimodalidade ou sobre a análise semiótica. Encontramos sustentação teórica no Modelo Dialogal da Argumentação para trabalharmos com as questões relacionadas com os elementos semióticos, os quais constituem uma *situação argumentativa*.

da tese do Proponente, faremos um breve movimento de análise da estrutura composicional das *fake news* e suas possíveis implicações com o ônus da prova – como aventado no capítulo analítico 4 da presente pesquisa. Posteriormente, na seção **(5.2) Categorias da polêmica argumentativa**, traçaremos um recorte conceitual acerca das categorias da polêmica argumentativa, isto é, a *dicotomização*, a *polarização* e a *desqualificação do discurso alheio*. Nas subseções **(5.2.1)**, **(5.2.2)** e **(5.2.3)** trabalharemos respectivamente as categorias supracitadas (*dicotomização*, *polarização* e *desqualificação do discurso alheio*). Por fim, na seção **(5.3) A emergência da estase argumentativa e a polêmica argumentativa: possíveis diálogos**, realizaremos um movimento de entrecruzamento entre o Modelo Dialogal da Argumentação e a Polêmica Argumentativa, a fim de identificarmos os possíveis pontos de contato, bem como os pontos dissidentes entre tais perspectivas teóricas. Destaca-se que cada subseção foi intitulada conforme a categoria que representa. Dito isso, passemos agora para as devidas considerações acerca das *fake news* e suas possíveis implicações na materialização do ônus da prova, como explicaremos a seguir.

5.1 A mobilização do ônus da prova

5.1.1 A mobilização do ônus da prova como sustentação da tese do Proponente na *fake news* sobre o uso de máscaras (FN1)

No capítulo anterior, discorreremos brevemente acerca da mobilização do *ônus da prova*. Viu-se que o ônus da prova é um princípio conservador, ou seja, o oponente mudará seu posicionamento apenas se o proponente lhe apresentar boas razões para isso. Destaca-se que é dada ao Proponente a incumbência de apresentar o *ônus da prova*, na medida em que este recai “sobre o inovador, ou seja, sobre aquele que desafia uma proposta aceita, assim como sobre aquele que apresenta uma nova proposta” (PLANTIN, 2016, p. 138)⁶². No âmbito jurídico, o ônus da prova encontra-se associado à noção de presunção. Em outras palavras, uma acusação não significa uma condenação, no entanto, aquele que acusa tem a incumbência de provar a culpabilidade do acusado (GRÁCIO, 2013).

Para além do universo jurídico, a noção de *ônus da prova* pode ser pensada também no ambiente virtual, sobretudo em situações de interação conflituosa ou até mesmo de “desacordo profundo” (Zarefsky, 2012). Nas redes sociais, ao tornar público um determinado ponto de vista acerca de um assunto de interesse público e social (aborto, criminalização da homofobia, vacinas, maior idade penal etc.), o internauta anexa algum tipo de material (imagem, vídeo, áudio, desenho informativo etc.) no intuito de “provar a tese” por ele proposta (seja para denunciar o material ou

⁶² Tradução livre. Segue o original: “La charge de la preuve pèse sur l’innovation, c’est-à-dire sur celui qui conteste un proposition admise comme sur celui qui avance une proposition nouvelle. (PLANTIN, 2016, p. 138).

demonstrar concordância). Esse movimento de propor uma tese e anexar algum tipo de material no intuito de corroborar o ponto de vista apresentado é aqui compreendido como a mobilização do ônus da prova para sustentação da tese do proponente.

Nos dados contemplados na presente pesquisa constatou-se que as três teses propostas pelos proponentes principais – o primeiro proponente de cada publicação selecionada, isto é, **P1F1**, **P1F2** e **P1F3** – foram acompanhadas de algum tipo de conteúdo que corroborava a tese por eles apresentada. Destaca-se que tais conteúdos são na verdade as *fake news* publicadas/compartilhadas pelos referidos proponentes. No caso da primeira *fake news*, o internauta optou pelo compartilhamento de um desenho informativo (sobre o uso de máscaras). Na segunda *fake news* (vacinas), o **P1F2** publicou/compartilhou dois *prints* relacionados à enfermeira Mônica Calazans. E na terceira *fake news* (cloroquina), temos a publicação de uma suposta matéria de jornal online. Apresentaremos cada imagem que acompanha as teses dos **P1F1**, **P1F2** e **P1F3** e realizaremos um movimento de análise da estrutura composicional das três *fake news* selecionadas. Além disso, buscaremos respostas para a questão norteadora da presente pesquisa, a saber: ***Qual é o papel desempenhado pelas fake news no processo de construção da polarização nas redes sociais, a partir da discussão de três fake news?*** Dito isso, confira a seguir a imagem (12) referente à *fake news 1*:

Imagem 12: imagem que acompanha a *fake news* sobre o uso de máscaras



Fonte: <https://www.facebook.com/DiarioDeHospital/photos/3090684470968039>

A imagem (12) acima foi compartilhada pelo **P1F1** em sua página no *Facebook*, no dia 19 de julho de 2020. Trata-se de uma ilustração informativa, um tipo de material comumente veiculado nas redes sociais. Em capítulos anteriores nos propusemos a analisar os elementos específicos da construção argumentativa das teses publicadas pelos **P1F1**, **P2F2** e **P3F3**. Neste capítulo, vamos nos deter na análise dos *elementos semióticos* (PLANTIN, 2016) que acompanham as teses dos referidos proponentes. Trata-se, portanto, de uma análise verticalizada sobre as *fake news* anexadas nas publicações. Reiteramos que para Christian Plantin, já em seu trabalho de 2008, têm valor argumentativo todos os *elementos semióticos* presentes na situação argumentativa. Este princípio é o ponto de partida para as análises que nos propomos a apresentar nas subseções que se seguem.

Destaca-se, inicialmente, que a imagem (12) é contemplada por (des)informações que se alternam entre o caráter linguístico aparentemente técnico ao apresentar termos que aludem ao campo da medicina, tais como “*Intoxicação por micro partículas do material*”; “*Provoca hiperventilação*”; “*Produz a síndrome da hipercapnia*”; e expressões que poderiam ser classificadas como negacionistas ou conspiratórias, tais como, “*produz falta de liberdade física e psicológica*”; “*simboliza o mutismo*”. Este conjunto de argumentos aponta para uma conclusão disposta na própria imagem: “*Só tem uma explicação para sermos obrigados a usar: SERÁ QUE A O.M.S QUER NOS MATAR LENTAMENTE?*”. Na imagem questiona-se, sobretudo, a obrigatoriedade do uso de máscaras em tempos de pandemia causada pelo Coronavírus.

É importante esclarecer que não é possível afirmar que o **P1F1** tenha sido o idealizador da imagem sobre o uso de máscaras, mas é possível concluir que se ele compartilhou a referida imagem em sua rede social, e na sequência teceu um comentário expressando concordância, ele também é responsável pelo teor das (des)informações ali dispostas. Dito de outro modo, o **P1F1** está assumindo publicamente a responsabilidade pelas informações contempladas na *fake news 1*. Outro fator importante que confere ao **P1F1** tal responsabilidade refere-se ao teor da página em que a *fake news 1* foi veiculada: a página do **P1F1** recebeu o nome de *Diário de Hospital*, e conforme consta na descrição do próprio perfil, “*A página Diário de Hospital tem como objetivo relatar o dia-a-dia de pessoas que precisam do sistema público de saúde e de profissionais da saúde*”. Essa constatação, acrescida dos termos aparentemente técnicos presentes na publicação, conferem à *fake news 1* um tom de verossimilhança.

Diante do exposto, constata-se que a imagem (12) pode ser compreendida aqui como a materialização do ônus da prova, na medida em que ela foi utilizada como suporte para a tese proposta pelo **P1F1**. Isso significa que os elementos semióticos dispostos na imagem contribuem para a sustentação da tese de que o uso de máscaras como método de prevenção contra o

Coronavírus além de ineficaz é prejudicial à saúde. Nas redes sociais é comum essa apresentação de algum tipo de material capaz de corroborar a construção e/ou sustentação dos pontos de vista propostos, mesmo que se trate de um material comprovadamente falso.

Nas próximas subseções realizaremos um movimento de análise a respeito das *fake news* 2 e 3, no intuito de verificar se, nos seus respectivos contextos, as *fake news* também atuaram como a materialização do ônus da prova.

5.1.2 A mobilização do ônus da prova como sustentação da tese do Proponente na *fake news* sobre as vacinas (FN2)

A *fake news* 2 foi publicada no dia 17 de janeiro de 2021, pelo ex-deputado estadual de São Paulo, Gil Diniz. Na ocasião, Gil Diniz (doravante **P1F2**) demonstrou discursivamente uma tentativa de pôr em xeque os estudos desenvolvidos no Instituto Butantan acerca da Coronavac. O **P1F2** atacou diretamente a imagem de Mônica Calazans – enfermeira que participou como voluntária na fase de testes da vacina e posteriormente foi contemplada com a primeira dose do imunizante em um evento público – e a imagem pública do governador de São Paulo, João Dória. No intuito de provar sua tese, a saber, a desnecessidade de a enfermeira tomar a vacina, visto que, segundo o ex-deputado, *ela já estava imunizada por ter participado dos estudos da vacina experimental no Butantan*. Aliás, e ainda na narrativa do autor da *fake news*, a própria enfermeira postou em suas redes sociais que estava na Praia no final do ano. Para o ex-deputado: “*Ninguém acredita em João Dória!*”. Com essa mensagem, o **P1F2** compartilhou em seu perfil oficial os seguintes elementos semióticos:

Imagem 13: prints 1 e 2



Fonte: <https://www.facebook.com/carteioreaca/posts/1515158038682407>

O primeiro *print* apresenta um fragmento de uma entrevista concedida por Mônica Calazans ao COREN-SP durante a fase de testes da Coronavac no Instituto Butantan. Na época, Mônica Calazans atuou como voluntária nos testes da vacina. Ao final do estudo, quando verificado que a referida enfermeira participou do grupo que recebeu placebo, Mônica foi convidada para receber a primeira dose do imunizante em um evento público organizado por João Dória. Observe que a escolha do fragmento compartilhado pelo **P1F2** não foi aleatória, pois, ao descontextualizar a frase “*Ela conta que já tomou duas doses e não teve nenhum tipo de reação*”, o **P1F2** redireciona a conclusão, ou seja, ele remete à ideia de que Mônica Calazans fora contemplada com as duas doses do imunizante durante os testes. Esse redirecionamento contribui para a sustentação da tese por ele proposta, pois, de acordo com os fragmentos expostos, a própria enfermeira deixou documentado publicamente a inexistência de efeitos adversos do imunizante durante a fase em que os estudos estavam sendo realizados.

O segundo *print* contempla uma fotografia de Mônica Calazans na praia com mais duas mulheres. A fotografia foi publicada no dia 19 de dezembro de 2020 (data em que os testes da vacina contra o Coronavírus estavam sendo realizados). O perfil pertence (supostamente) à enfermeira Mônica Calazans, que na ocasião teria postado a seguinte legenda: “*Oiiii vcs que lutem*”. Note que os *prints* compartilhados pelo **P1F2** atuam como o *ônus da prova* na referida ocasião, pois eles exercem um papel fundamental que é provar a tese de que Mônica teria sido imunizada durante os testes, o que classifica a vacinação pública de Calazans como uma farsa – conforme a linha de raciocínio apresentada pelo referido proponente. Pode-se dizer que essa *fake news* representa a máxima positivista de que “*Contra fatos não há argumentos*”. Dito de outro modo, a fotografia de Mônica na praia durante a fase de testes, acrescida da frase “*Ela conta que já tomou duas doses e não teve nenhum tipo de reação*”, seriam “*provas materiais*” irrefutáveis, o que tornaria qualquer objeção ineficaz, conforme denota a máxima. Diante do exposto, conclui-se que a *fake news 2* representaria uma espécie de “*materialização*” do *ônus da prova* naquele contexto de interação.

5.1.3 A mobilização do ônus da prova como sustentação da tese do Proponente na *fake news* sobre a Cloroquina (FN3)

A *fake news 3* (FN3) foi publicada no dia 18 de julho de 2020 na página intitulada *Pleno.News* no *Facebook*. Antes de adentrarmos nas questões específicas acerca da FN3, apresentaremos as informações dispostas na própria página acerca de seus objetivos. Segundo seu(s) administrador(es), a referida página é “*Uma referência confiável de conteúdo, principalmente no momento de profusão das fake news. Pleno.News - Notícias de Verdade.*”

Portal de notícias especializado em geração e curadoria de notícias. Temos como missão ser referência de conteúdo seguro. Um olhar diferenciado além da informação”. Essas informações conferem um tom de seriedade e credibilidade aos conteúdos ali publicados. Destaca-se que a *Pleno.News* produz os conteúdos em um site homônimo e divulga o *link* das matérias no *Facebook*. É nas redes sociais que os debates acerca das matérias se tornam acalorados, como constatado em discussões anteriores ao tratarmos da perspectiva dialogal da argumentação.

Diante do exposto, apresentaremos a seguir a matéria produzida e compartilhada pelo *Pleno.News* em sua página no *Facebook*, confira:

Imagem 14: Fake news sobre Cloroquina



Fonte: <https://www.facebook.com/plenonewsocial/posts/3258964614152529>

Diferentemente das *fake news* apresentadas anteriormente, a **FN3** é a que mais se aproxima da estrutura convencional do que se compreende por *fake news*. Em outros termos, o caráter estrutural desta *fake news* toma de empréstimo a estrutura do gênero jornalístico notícia, pois, é composta por imagem, manchete, fonte e linguagem objetiva (LUSTOSA, 1986). Um primeiro ponto que merece destaque é o elemento semiótico prestigiado, isto é, a imagem que acompanha a referida matéria, ou seja, uma fotografia do presidente Jair Bolsonaro portando duas caixas de Cloroquina – medicamento amplamente difundido pelo atual Governo Federal

para o tratamento precoce contra o Coronavírus. Mesmo após a comprovação da ineficácia do medicamento para tais fins, o atual Presidente da República e seus simpatizantes continuaram a endossar o uso do referido medicamento para tratar o Coronavírus.

Diante disso, destaca-se que a escolha de tal imagem sugere implicitamente que Jair Bolsonaro tinha/tem razão ao promover a Cloroquina para tratamento precoce contra a Covid-19. Reitera-se que esse endosso ocorreu mesmo após a comprovação da ineficácia do medicamento para tais fins. Outro fator que merece destaque é a estrutura composicional da *fake news 3*, ou seja, a linguagem objetiva, a manchete que acompanha a matéria, a fonte (no caso o *link* para redirecionar o internauta para a página da referida matéria) e a imagem de Jair Bolsonaro. Note-se que, logo abaixo do título da matéria, encontra-se a seguinte informação: “*Pesquisa analisou 2.451 pacientes durante seis meses*”. Essa afirmação confere ao suposto estudo um tom de veracidade, ou até mesmo de cientificidade.

Destaca-se ainda, que ao compartilhar uma matéria com base em um estudo, o **P1F3** aciona o argumento de autoridade, ou seja, ele busca respaldo em especialistas na área da saúde para atestar a eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus. O estudo sobre a possível eficácia de medicamentos para tratar a Covid-19 realmente aconteceu no Sistema de Saúde Henry Ford nos Estados Unidos. Na ocasião, constatou-se que o referido estudo não adotou os parâmetros científicos indicados para comprovar a eficácia de medicamentos para tratar o Coronavírus. Inclusive o teste foi realizado com a Hidroxicloroquina e não com a Cloroquina. Diante disso, a agência de *fact checking* *Lupa* constatou a falsidade das informações dispostas na referida publicação⁶³.

Destarte, constata-se que a *fake news 3* publicada pelo **P1F3** – como discutido em seções anteriores – atua ali, à luz do modelo dialogal, como o papel actancial de proponente, materializando-se ali no ônus da prova, pois ela foi utilizada como suporte/prova da tese do referido proponente. E mais, ao mobilizar uma matéria de jornal online produzida com base em um estudo, o **P1F3** acionou o argumento de autoridade, na medida em que buscou apoio na tese de um especialista no tema debatido.

Como se pode notar, a legenda que acompanha a **FN3** consiste apenas na réplica da manchete disposta na matéria. Nesse sentido, e reforçando o que diz Plantin (2008), têm valor argumentativo todos os elementos semióticos presentes na situação argumentativa. É com base

⁶³ Para mais informações sobre a checagem dos fatos relacionadas ao estudo desenvolvido no Sistema de Saúde Henry Ford acerca da Hidroxicloroquina, acesse: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/24/verificamos-estudo-henry-ford-hidroxicloroquina-covid-19/>

neste princípio que nos propusemos a realizar uma análise acerca da estrutura composicional das *fake news* e dos elementos constituintes da situação argumentativa. Realizamos este movimento no intuito de atendermos a seguinte questão norteadora desta pesquisa: ***Qual é o papel desempenhado pelas fake news no processo de construção da polarização nas redes sociais, a partir da discussão de três fake news?***

Destaca-se que as *fake news* acima apresentadas atuaram como o *ônus da prova*, conforme exposto após a análise de cada *fake news* contemplada nesta dissertação. Seu papel é sustentar/provar a tese proposta pelos internautas que assumem o papel de proponentes diante de uma situação de interesse público e social. Mesmo em se tratando de conteúdos comprovadamente falsos, as *fake news* exercem forte influência no contexto midiático, o que é endossado pela dinamicidade das redes e pela sua indiferença com a veracidade das informações ali dispostas.

Reiteramos que “Para a plataforma, tanto [os poemas de] Rilke⁶⁴ quanto os negacionistas são iguais e devem continuar iguais [...]” (EMPOLI, 2020 p. 156). Justifica-se essa constatação com base na perspectiva mercadológica de redes sociais como o *Facebook* e o *Instagram*, por exemplo, para as quais o teor e a veracidade dos conteúdos ali publicados não são relevantes. Nas redes sociais coexistem pessoas que fazem apologia ao nazismo, à Ditadura Militar, ao racismo, ao feminicídio e à homofobia, bem como pessoas que são completamente contrárias a essa barbárie. No entanto, para o *Facebook* essas pessoas são iguais e devem permanecer iguais, pois, o que importa ali é o caráter mercadológico o qual visa precipuamente o lucro.

Dessarte, diante da análise e discussão apresentadas na presente seção, constata-se que as teses apresentadas pelos proponentes principais de cada *fake news*, isto é, os **P1F1**, **P1F2** e **P1F3**, foram acompanhadas de algum tipo de material capaz de corroborar/sustentar as teses por eles apresentadas. A título de recapitulação, viu-se que na *fake news 1* (máscaras) o proponente optou pela utilização de um desenho informativo; na *fake news 2* (vacinas) foram utilizados dois fragmentos de imagens; e na *fake news 3* (Cloroquina), o proponente publicou/compartilhou uma suposta matéria de um jornal online. A anexação de algum tipo de material que visa sustentar ou comprovar um ponto de vista proposto pelo Proponente é aqui compreendida como a mobilização do *ônus da prova*. No caso dos dados contemplados na presente pesquisa, destaca-se que as *fake news* foram utilizadas como a materialização do *ônus*

⁶⁴ Rainer Maria Rilke, considerado um dos maiores poetas modernos da literatura alemã.

da prova em cada contexto de interação aqui apresentado e analisado. Este é o papel desempenhado pelas *fake news* no processo de construção da polarização nas redes sociais.

5.2 Categorias da polêmica argumentativa

Nesta seção, apresentaremos a segunda parte dos resultados obtidos na presente pesquisa a partir das análises empreendidas sob a óptica de Ruth Amossy acerca da polêmica argumentativa. Para tanto, torna-se necessário, antes, realizarmos um movimento de recapitulação das categorias que serão aqui analisadas. Referimo-nos aos elementos constituintes da polêmica em sua modalidade argumentativa, ou seja, as noções de *dicotomização*, *polarização* e *desqualificação* do discurso alheio.

Em sua obra *Apologia da Polêmica*, publicada originalmente na França em 2014 (*Apologie de la polémique*) e traduzida para o português em 2017, Ruth Amossy reivindica o lugar da polêmica no quadro da argumentação retórica. Neste sentido, a analista do discurso propõe a noção de polêmica como modalidade argumentativa, a qual é constituída por três elementos/traços definidores: a *dicotomização*, a *polarização* e a *desqualificação do discurso alheio*.

Ao versar sobre a *dicotomização*, Amossy estabelece uma conexão com os estudos do filósofo e linguista brasileiro Marcelo Dascal. De acordo com Dascal (2008, *apud* Amossy, 2017a), a dicotomização evidencia a radicalização da incompatibilidade entre as teses e a impossibilidade de se obter alternativas intermediárias. Em outras palavras, para que se possa falar em dicotomização, é necessário que as teses apresentadas sejam mutuamente excludentes. Nos termos de Amossy (2017a, p. 53): “Se há choque de opiniões contraditórias, é porque a oposição dos discursos, na polêmica, é o objeto de uma clara *dicotomização* na qual duas opções antitéticas se excluem”. Situamo-nos, portanto, no campo enunciativo ao tratarmos da dicotomização.

O segundo elemento constituinte da polêmica argumentativa é a *polarização*. Aqui, já não estamos situados no plano enunciativo, mas sim no plano social. Isso porque a polarização, enquanto produto da dicotomização, consiste no reagrupamento identitário entre os indivíduos que demonstram discursivamente uma partilha de valores, pontos de vista, ideais, teses e afins. Neste sentido, “Encontramo-nos então numa lógica de divisão social, de defesa identitária e de combate pelo triunfo dos valores e opções de seu grupo” (Amossy, 2017b, p. 232). Em suma, a polarização consiste na formação de uma espécie de coalizão entre os pares, cuja finalidade consiste em defender os ideais de seu grupo em oposição ao grupo adversário (nós X eles).

Diante disso, a polarização aciona estratégias argumentativas que objetivam a desqualificação tanto do discurso do adversário, quanto do próprio adversário. Trata-se, portanto, do terceiro traço da polêmica argumentativa: *a desqualificação do discurso alheio*. Como dito anteriormente, essa desqualificação não é critério suficiente para que se possa trabalhar este enquadre teórico. O que significa que nem toda desqualificação do outro, bem como nem toda violência verbal, constituem uma polêmica, nos termos de Amossy.

Realizadas as devidas considerações no que se refere às características da polêmica argumentativa, na próxima subseção apresentaremos de que forma a *dicotomização* manifestou-se nos dados contemplados na presente pesquisa.

5.2.1 A dicotomização na *fake news* sobre o uso de máscaras (FN1).

Como vimos, a dicotomização evidencia a incompatibilidade entre as teses apresentadas acerca de um determinado tema de interesse público e social. Nos dados coletados para análise, a dicotomização se deu por meio da incompatibilidade entre teses sobre o seguinte tema: *o uso obrigatório de máscaras como método preventivo contra o Coronavírus*. A partir deste tema central, os proponentes e oponentes inseridos no contexto de interação da *fake news* sobre o uso de máscaras propuseram suas respectivas teses, as quais podem ser resumidas da seguinte forma:

Tese 1: *a ineficácia do uso de máscaras como método preventivo contra o Coronavírus e seus respectivos prejuízos causados à saúde;*

Tese 2: *a eficácia do uso de máscaras como método preventivo contra o Coronavírus;*

Tese 3: *a inexistência de danos causados à saúde.*

No intuito de tornar didática as análises empreendidas nesta subseção, torna-se necessário recapitularmos as teses propostas pelos proponentes e oponentes no contexto de interação sobre a **FN1**. Por este motivo apresentaremos na imagem (15) a seguir, o comentário do **P4** referente à *fake news* sobre o uso de máscaras como método de prevenção do contágio e da disseminação do Coronavírus, confira:

Imagem 15: Comentário do P4F1

... , pois é! Nas ruas, máscaras não funcionam. Não protegem nada como mostraram todos esses trabalhos e revisões que mostrei aí acima. Sobre o uso em ambientes esterilizados, laboratórios e centros cirúrgicos, por exemplo, embora seja uma praxe usar, há evidências publicadas que mostram que máscaras cirúrgicas usadas por cirurgiões ficaram repletas de germes, e portanto servindo como fonte de infecções. Pouca gente tem ideia do porquê que cirurgiões usam máscaras, inclusive já vi cirurgiões desconhecendo isso, mas elas são usadas para proteger o doente submetido àquela determinada cirurgia, e não para proteger o cirurgião. Quando lidamos com feridas abertas em outras pessoas, seja por cirurgias ou reparos de ferimentos por traumatismos ou até em

traumatismos ou até em procedimentos em tratamentos de feridas crônicas (debridamento, por exemplo), usamos máscaras cirúrgicas para "proteger" as feridas de nós. Essa sempre foi a ideia.

Veja o estudo abaixo, em que máscaras de cirurgiões servem de fonte de infecção ao invés de proteção.

Resumindo: nas ruas, máscaras não funcionam; em ambientes esterilizados, é bastante controverso, embora seja uma praxe e uma espécie de contrassenso imaginar não usá-las.

<https://www.sciencedirect.com/.../pii/S2214031X18300809>



SCIENCEDIRECT.COM
Surgical masks as...

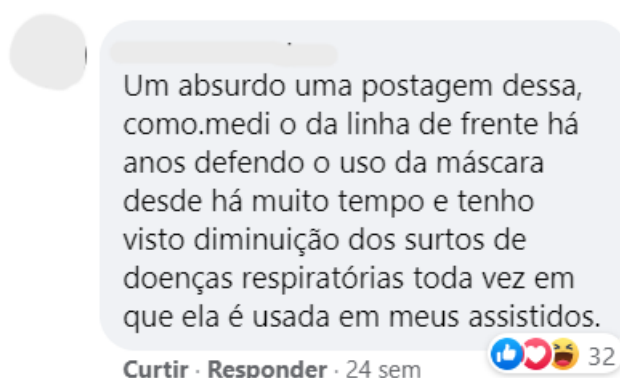
O **P4F1** advoga contrariamente as recomendações de uso de máscaras como método para se prevenir o contágio e a disseminação do Coronavírus. Além disso ele acrescenta que em locais esterilizados, como os centros cirúrgicos, o uso de máscaras é prejudicial à saúde dos cirurgiões, pois, segundo ele, as máscaras retêm os germes, o que as tornam uma espécie fonte de infecções. Note que tais afirmações vão ao encontro da tese apresentada pelo **P1F1**– o internauta responsável pela publicação da *fake news* sobre as máscaras –, o qual assegura que o uso de máscaras deve ser exclusivo para os profissionais da área da saúde e para pessoas inseridas no contexto hospitalar.

O comentário do **P4F1** dialoga diretamente com as informações contidas na imagem compartilhada pelo **P1F1**. A título de recapitulação, na referida imagem encontram-se as seguintes frases: “[o uso de máscaras] *impede a correta respiração; impede a oxigenação pulmonar*; [você] *respira teus próprios resíduos expelidos*; [a máscara] *simboliza mutismo*;

você respira seu próprio CO² gás carbônico; provoca hiperventilação; produz sensação de asfixia; produz a síndrome da hipercapnia;”. Observe que o **P4F1** não reproduz em seu comentário as frases contidas na imagem, mas o teor do seu desenvolvimento argumentativo e o teor das informações dispostas na imagem apontam para a mesma conclusão: O uso de máscaras é prejudicial à saúde.

O comentário publicado pelo **P4F1** representa um dos polos necessários para que se possa considerar uma situação dicotomizada. Diante disso, apresentaremos na imagem (16) a seguir, a tese proposta pelo **O1F1**, confira:

Imagem 16: Comentário do O1F1



Na imagem (16) acima, o **O1F1** contrapõe-se à tese sustentada pelos *atores* que assumiram o *papel actancial* de Proponente no contexto de interação a respeito da discussão sobre o uso de máscaras, ao afirmar que, com base em sua experiência profissional (médico), o uso de máscaras diminui o número de surtos de doenças respiratórias. Portanto, temos de um lado o **P4F1** sustentando a tese de que as máscaras além de ineficazes como método preventivo contra o Coronavírus são prejudiciais à saúde, e de outro, o **O1F1** sustentando a tese de que as máscaras são eficazes e não prejudiciais à saúde. Essa situação ilustra o princípio da *dicotomização*, isto é, o primeiro componente da polêmica em sua modalidade argumentativa.

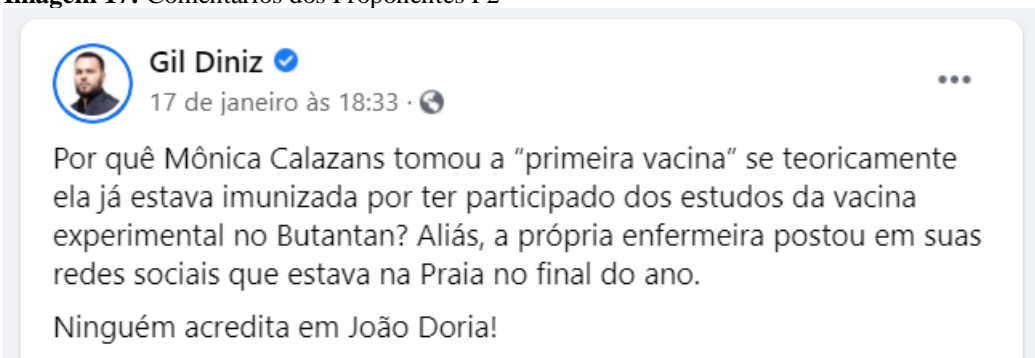
Destaca-se que as teses não são apenas diferentes, mas profundamente divergentes. Conforme nos esclarece Amossy (2017, p. 53), “Se há choque de opiniões contraditórias, é porque a oposição dos discursos, na polêmica, é o objeto de uma clara *dicotomização* na qual duas opções antitéticas se excluem”. Constata-se que as teses apresentadas pelo **P4F1** e pelo **O1F1** são mutuamente excludentes, o que caracteriza a noção de *dicotomização* na perspectiva da polêmica argumentativa. A dicotomização de teses refere-se, portanto, ao choque de opiniões antagônicas, cuja origem é o conflitual. “O conflito é, portanto, a raiz de toda polêmica e peça central dessa modalidade argumentativa [...]” (CAVALCANTE, *et. alii.*, 2020, p. 50).

5.2.2 A polarização na fake news sobre a vacina Coronavac (FN2)

O segundo elemento constituinte da polêmica argumentativa é a polarização, a qual é responsável pelo reagrupamento identitário entre os *atores* diante de uma situação de desacordo. “A divisão actancial entre adversários tomados numa relação antitética de tipo conflitual explica que a polêmica instaura uma operação de polarização [...]” (AMOSSY, 2017, p. 56) na medida em que ela realiza um movimento de reagrupamento identitário, ou seja, ela opera com uma lógica de mobilização de campos adversários entre os participantes inseridos no contexto de interação.

Como produto da dicotomização, a polarização opera em uma lógica de divisão dos atores em dois grupos marcadamente opostos e mutuamente excludentes (nós X eles). A polarização não deve ser confundida com a dicotomização. Enquanto esta (dicotomização) é responsável pela radicalização das oposições contrastantes até torná-las inconciliáveis, aquela (polarização) realiza reagrupamentos em campos adversários. “A polarização não apresenta apenas uma divisão em branco / preto, direita / esquerda – ela põe também um ‘nós’ diante de um ‘eles’” (AMOSSY, 2017, p. 56), o que conseqüentemente situa a polarização no plano social e não no plano discursivo abstrato. Diante das considerações realizadas acerca da polarização, apresentaremos na imagem (17) a seguir os comentários dos interactantes que assumiram o papel actancial de Proponente na **FN2**, confira:

Imagem 17: Comentários dos Proponentes F2⁶⁵



O **P1F2** foi o internauta responsável pela publicação da **FN2** em seu perfil no *Facebook*. Como discutido em capítulos anteriores, ao tornar pública uma opinião a respeito de um assunto de interesse público e social, o Proponente incita por meio de seu discurso a emergência de aliados e contraditores. Os aliados assumem ao lado do **P1F2** o papel actancial de Proponente

⁶⁵ Optamos por não ocultar a identidade do **P1F2** por se tratar de uma figura pública.

(como indicado no quadro acima, os **P2F2** e **P3F2**), bem como os contraditores assumem no campo oposto o papel de Oponente (**O6F2** e **O7F2**, como veremos a seguir).

Grosso modo, os atores que assumiram o papel de Proponente na **FN2** se propuseram a defender a seguinte tese: *Mônica Calazans recebeu duas doses da vacina durante os testes desenvolvidos no Instituto Butantan. Por este motivo, a vacinação pública de Mônica teria sido apenas uma farsa para a promoção política de João Dória.* Essa tese foi inicialmente orientada pelo ator que assumiu o papel de **P1F2**, a partir do seguinte comentário: *“Por quê Mônica Calazans tomou a ‘primeira vacina’ se teoricamente ela já estava imunizada por ter participado dos estudos da vacina experimental no Butantan? Aliás, a própria enfermeira postou em suas redes sociais que estava na Praia no final do ano. Ninguém acredita em João Doria!”*. Observe que ao se referir à “primeira vacina” o proponente utiliza aspas, o que confere a expressão um tom de ironia. Conforme consta na publicação do **P1F2**, Mônica Calazans havia recebido a primeira dose da vacina durante a fase de testes no Instituto Butantan e que, por este motivo, o evento organizado por João Dória para promover a vacinação pública de Mônica teria sido apenas uma farsa para promoção política do atual governador de São Paulo.

Na sequência temos a publicação da tese do **P2F2**, o qual desenvolve sua linha argumentativa de forma similar ao **P1F2**. Confira o comentário do **P2F2** na íntegra: *“Que eu fico preocupado é show midiático do João dória, pois se esta senhora foi uma das voluntarias a receber a vacina dias atrás, como ela esta senda a primeira voluntaria a receber a vacina? sendo que ela já tinha sido vacinada. Este Doriania é capaz de fazer coisa, que até o diabo dúvida”*. Observe que o **P2F2** além de estruturar seu enunciado de forma similar ao do **P1F2**, retoma os principais pontos por ele defendidos, isto é, a afirmação de que Mônica teria sido imunizada durante a fase de testes da Coronavac no Instituto Butantan, bem como a suposta farsa midiática orquestrada por João Dória. Observe o movimento de aproximação entre os **P1F1** e **P2F2**, ao demonstrarem discursivamente a defesa de um ponto de vista em comum. Na perspectiva dialogal, essa situação corresponde ao momento em que os *atores da situação comunicativa* assumem simultaneamente o papel actancial de Proponente. Na perspectiva da polêmica argumentativa, essa aproximação corresponde à polarização, isto é, o reagrupamento identitário.

Adiante, o **P3F2** propôs a seguinte tese: **P3F2**: *“OXF2, está na cara que isso é uma FARSA! Ela foi voluntária nos testes (link de uma matéria no portal R7), Quando recebeu duas doses e ‘não sofreu efeitos colaterais’. Ora, se recebeu duas doses efetivamente da vacina (e não de placebo), então, para quê a terceira dose agora? Seria simples encenação; ou seja,*

mentira? Se ela recebeu antes duas doses de placebo, então qual a validade da afirmação de que 'não teve efeitos colaterais'?". A tese proposta pelo **P3F3** é em resposta à uma determinada internauta que se opôs às alegações do **P1F2**. Essa internauta foi etiquetada como **OXF2** porque seu comentário não foi contemplado na presente análise. Destaca-se, inicialmente, que o comentário do **P3F2** corresponde à falácia do falso dilema, ou seja, o proponente apresentou um número limitado de alternativas para a situação descrita por ele, quando na verdade existem várias outras possibilidades.

No intuito de corroborar a tese do **P1F2**, o **P3F2** desenvolve o seguinte esquema argumentativo: *Se Mônica foi imunizada durante os testes, logo não haveria necessidade de uma terceira dose. Portanto a vacinação pública foi apenas uma farsa para promoção política de João Dória. Mas se Mônica realmente recebeu placebo durante a fase de testes da vacina, logo a afirmação de Mônica a respeito dos efeitos colaterais⁶⁶, não teria validade. Neste caso, tanto a vacinação pública, quanto a própria pesquisa desenvolvida no Butantan, não teriam validade. Portanto, a vacinação pública de um estudo que supostamente não tem validade é apenas uma farsa para promoção política de João Dória. Observe que de acordo com a linha de raciocínio do **P3F2** todos os caminhos apontam para a mesma conclusão: a vacinação pública de Mônica foi uma farsa orquestrada por João Dória.*

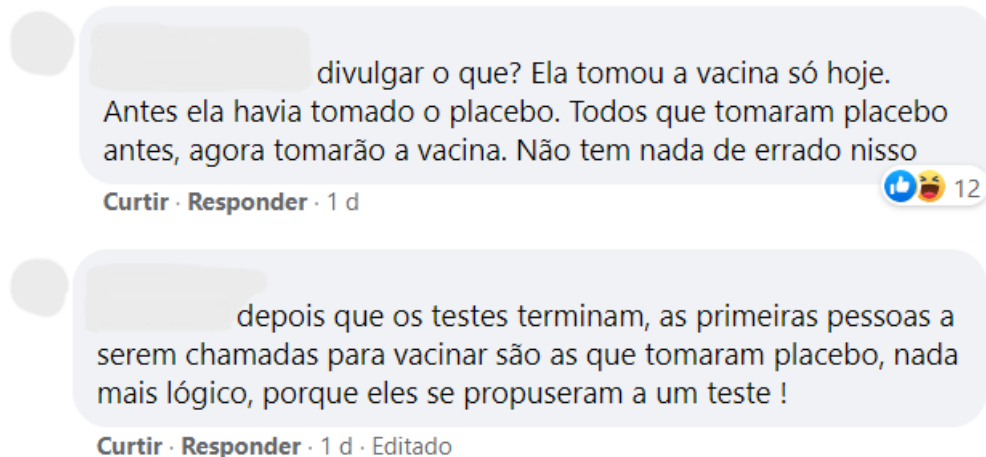
Diante do exposto, verifica-se que os proponentes inseridos no contexto de interação acerca da deliberação resultante da publicação da **FN2** advogaram em prol da seguinte tese: *Mônica Calazans recebeu duas doses da vacina durante os testes desenvolvidos no Instituto Butantan. Por este motivo, a vacinação pública de Mônica teria sido apenas uma farsa para a promoção política de João Dória. Ao assumirem o papel actancial de Proponente, os internautas realizaram um movimento de reagrupamento identitário, de modo que mesmo com argumentos diferentes, possuíam como ponto central a defesa de uma mesma tese e a defesa dos mesmos valores.*

Além da emergência dos aliados que formam uma espécie de grupo que luta pelos interesses de seus pares, temos o grupo opositor, o qual também realizou um reagrupamento identitário em busca da defesa de uma tese oposta ao grupo anterior. A imagem (18), a seguir,

⁶⁶ Essa afirmação foi retirada de uma entrevista que Mônica Calazans concedeu ao Coren SP durante a fase de testes da Coronavac no Instituto Butantan. Na ocasião, ao ser questionada sobre os possíveis efeitos colaterais, Mônica afirmou que não sentiu nada. Mas vale ressaltar que na época da entrevista Mônica não sabia se tinha recebido doses de placebo ou do imunizante. Essa informação foi divulgada após a finalização da fase de testes da vacina. Verificou-se, portanto, que Mônica Calazans recebeu placebo durante os testes e por este motivo foi contemplada com a primeira dose do imunizante em um evento público em São Paulo.

contempla as teses apresentadas pelos internautas que assumiram o papel actancial de Oponentes, confira:

Imagem 18: Comentários dos Oponentes FN2



O comentário do **O6P2** foi redigido em resposta a um proponente que fez um apelo aos outros internautas para que divulgassem o máximo possível as (des)informações contidas na publicação. Diante deste apelo, o **O6F2** fez o seguinte comentário: “**PZF2**, *divulgar o que? Ela tomou a vacina só hoje. Antes ela havia tomado o placebo. Todos que tomaram placebo antes, agora tomarão a vacina. Não tem nada de errado nisso*”. Observe que o comentário do **O6F2** refuta diretamente a tese defendida pelos proponentes, ao afirmar que a enfermeira Mônica Calazans havia recebido placebo durante a fase de testes da vacina e que por este motivo ela foi contemplada com a primeira dose do imunizante.

O comentário realizado pelo **O7F2** possui uma linha de raciocínio similar à apresentada no comentário realizado pelo **O6F2**. Nos termos do **O7F2**: “**PYF2**, *depois que os testes terminam, as primeiras pessoas a serem chamadas para vacinar são as que tomaram placebo, nada mais lógico, porque eles se propuseram a um teste !*”. Note que os internautas que assumiram o papel actancial de Oponente na **FN2** se propuseram a defender a seguinte tese: *Mônica Calazans recebeu placebo durante a fase de testes no Instituto Butantan, e por este motivo, foi contemplada com a primeira dose da vacina em um evento público após a finalização dos testes.*

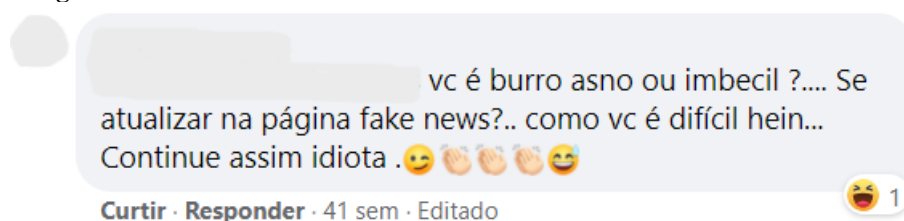
Ao compararmos as teses apresentadas pelos Proponente e Oponente, verificamos que estamos diante de uma dicotomia. A partir do choque entre tais teses antagônicas, os *atores* assumiram os *papéis actanciais* de Proponente e Oponente, formando, desse modo, uma espécie de coalizão entre os pares. Isso resultou na criação de dois grupos marcadamente opostos (nós X eles): o grupo que defende que a vacinação pública foi uma farsa, sob a alegação de que

Mônica teria sido imunizada durante a fase de testes, em oposição ao grupo que afirma que Mônica recebera placebo durante a fase de testes, e por este motivo a vacinação pública não foi uma farsa. É este reagrupamento entre os pares em prol da defesa de uma tese ou dos ideais de um grupo, que é chamado de *polarização*, o qual constitui o segundo traço definidor da polêmica argumentativa. É válido ressaltar que a polarização não corresponde apenas à divergência de teses acerca de um mesmo assunto. Ela é, sobretudo, uma divisão social entre os atores diante de uma questão dicotomizada, isto é, diante do choque entre teses antagônicas e inconciliáveis. Na polarização os interactantes mobilizam estratégias linguísticas para descreditar o adversário. Trabalharemos com esta questão na próxima subseção.

5.2.3 A desqualificação do adversário/discurso na *fake news* sobre a Cloroquina (FN3)

O terceiro traço definidor da polêmica argumentativa é a *desqualificação* do adversário ou desqualificação do discurso alheio. A este respeito, destaca-se, inicialmente, que em situação de desacordo em um dado contexto de interação, proponente e oponente atuam como adversários, o que não é exatamente o que propõe o modelo dialogal, em que um ator pode exercer tanto a função de proponente quanto a de oponente. Neste sentido, eles se atacam mutuamente no intuito de refutar e até mesmo anular os argumentos do adversário. Isso porque o objetivo “[...] na desqualificação do outro em uma modalidade polêmica, não é discutir os méritos da razoabilidade dos argumentos do Oponente, mas sim desqualificar o adversário como interlocutor sério, apresentando-o como alguém incompetente, não confiável [...]” (CAVALCANTE, 2020, p. 63). É sobre essa tentativa de desacreditar o adversário em uma situação de desacordo que trataremos aqui. Para isso, apresentaremos a seguir o comentário do internauta que utilizou essa estratégia de desqualificação do adversário por meio de ataques pessoais. Confira:

Imagem 19: Comentário do O1F3



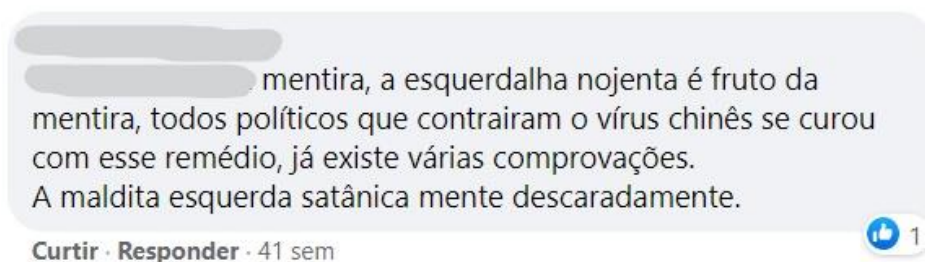
O comentário contemplado na imagem (19) foi publicado em resposta a um internauta que sugeriu ao **O1F3** que se atualizasse diante das supostas comprovações de eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus. Em resposta, o **O1F3** profere o seguinte ataque

peçoal ao referido internauta: “*internauta X, vc é burro asno ou imbecil ? Se atualizar na página de fake news? .. como vc é difícil hein... Continua assim idiota . [...]*”. Esse tipo de ataque pode ser classificado como *argumentum ad hominem direto*, pois o argumentador atacou diretamente o próprio adversário e não os argumentos por ele dispostos. Note que além do uso do *argumentum ad hominem*, o **O1F3** profere xingamentos ao adversário, o que atesta a presença da violência verbal. É válido ressaltar que nem toda violência verbal corresponde à polêmica, bem como nem toda interação polêmica contém violência verbal. Isso porque

Violência e paixão não são, necessariamente, fundamentos da polêmica, embora marquem muitas interações nesse sentido. Quando a violência verbal se faz presente, o tom de agressividade vigora, há afrontas de todo gênero e, como consequência, ocorre, em muitos casos, a degradação da troca de modo a encerrar a possibilidade de negociação ou agenciamento (LIMA, 2018, p. 86-87).

A este respeito, uma última ressalva deve ser feita. A violência verbal não deve ser confundida com a polêmica argumentativa. Enquanto a polêmica é uma modalidade argumentativa, a violência verbal é um tipo de registro discursivo responsável por conferir força à polêmica. “Isto porque [a violência verbal] manifesta e intensifica a dicotomização, a polarização e o descrédito” (*Ibid.*, p. 87-88). O comentário a seguir ilustra a manifestação da violência verbal em uma interação concreta em que a polêmica argumentativa se fez presente. O comentário em questão foi proposto por um internauta que assumiu o papel actancial de Proponente ao proferir o seguinte ataque ao **O1F3**:

Imagem 20: Comentário do P8F3



Com relação ao comentário do **P8F3**, destaca-se, inicialmente, algumas expressões de cunho pejorativo por ele mobilizadas: *esquerdalha*, *vírus chinês* e *esquerda satânica*. O termo *esquerdalha* advém da fusão entre o vocábulo esquerda – especificamente a esquerda política brasileira –, aludindo ao Partido dos Trabalhadores (PT), e os irmãos Metralha. Os irmãos Metralha são personagens das histórias em quadrinho e dos desenhos da Disney (1951). Na história fictícia os personagens representam dois ladrões atrapalhados que objetivam roubar as riquezas do personagem Tio Patinhas. Neste sentido, a associação entre a esquerda política e os irmãos Metralha, resulta na conclusão de que o referido partido busca constantemente roubar

as riquezas do país, conferindo-lhe o rótulo de ladrão. Outra possibilidade de compreensão do termo *esquerdalha* seria a fusão entre *esquerda* e *canalha*, o que também denota uma acepção pejorativa. É válido ressaltar que este tipo de fusão entre dois vocábulos é referenciado nos estudos linguísticos como palavra-valise (ALVES, 1990). A colocação do **P8F3** atualiza a polêmica existente entre a esquerda e a direita do espectro político, na medida em que reafirma a dicotomia existente entre eles.

A expressão *vírus chinês* ganhou repercussão nas redes sociais no ano de 2020. Ela é geralmente utilizada por internautas que se autodeclararam pertencerem à direita do espectro político. Em uma leitura desatenta, esta expressão poderia acionar na memória apenas o local em que foi registrado o primeiro caso de pessoa infectada com o Coronavírus, a saber, a cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Mas se realizarmos uma leitura detida, levando-se em consideração o contexto de produção e os argumentos mobilizados pelo **P8F3**, podemos observar dois movimentos dialógicos: o primeiro, refere-se a um tuíte publicado por Donald Trump no dia 16 de março de 2020, no qual o ex-presidente norte americano se referiu ao Coronavírus como o “*vírus chinês*”⁶⁷. Posteriormente ele acusou a China de ter produzido o vírus em laboratório.

O segundo movimento dialógico diz respeito a uma fala proferida por Jair Bolsonaro no dia 5 de março de 2021 em um discurso realizado no Planalto. Na ocasião, o presidente fez a seguinte afirmação: “*É um vírus novo, ninguém sabe se nasceu em laboratório ou nasceu por algum ser humano ingerir um animal inadequado. Mas está aí. Os militares sabem o que é guerra química, bacteriológica e radiológica. Será que estamos enfrentando uma nova guerra? Qual país que mais cresceu seu PIB? Não vou dizer para vocês*”⁶⁸. Observe que a fala do referido presidente insinua que o vírus poderia ter sido criado em laboratório, em uma espécie de guerra biológica, produzida por uma população conhecida por “[...] ingerir um animal inadequado”. Neste sentido, a expressão *vírus chinês* adquiriu essa conotação pejorativa ao se referir não somente à origem do Coronavírus na China, mas também, para designar a possibilidade de o vírus ter sido produzido em laboratório, como parte de uma guerra biológica.

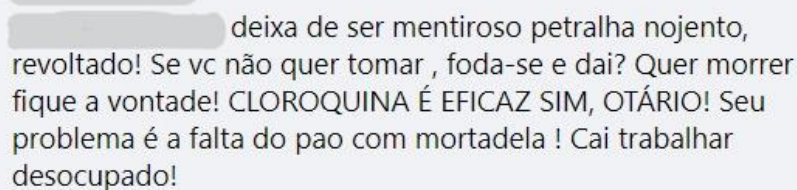
⁶⁷ Para mais informações sobre essa afirmação, confira: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/03/17/trump-gera-mal-estar-ao-usar-termo-virus-chines-para-se-referir-ao-coronavirus>.

⁶⁸ Para mais informações sobre a repercussão da fala de Jair Bolsonaro sobre a origem do Coronavírus, confira: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/05/05/bolsonaro-volta-a-insinuar-que-a-china-teria-criado-o-coronavirus-propositalmente.ghtml>

Por fim, ao se referir à esquerda política como *esquerda satânica*, o **P8F3** aciona uma *doxa* de cunho religioso, na qual Satã (Satanás, Lúcifer e suas variações) representa o mal absoluto. Seguindo essa linha de raciocínio, diante de tal situação dicotomizada e polarizada, se a esquerda representa o mal absoluto, responsável por todas as mazelas da humanidade, a direita política só poderia representar o bem absoluto, a salvação. É a partir da articulação entre tais expressões de cunho pejorativo que o **P8F3** ataca indiretamente o **O1F3**, ou seja, seu ataque é direcionado às possíveis filiações e valores do referido Oponente, e não à sua pessoa, propriamente dita. Trata-se, neste caso, de *argumentum ad hominem* indireto.

Posteriormente, o **P16F3** profere um ataque direto ao **O1F3**, o que caracteriza o uso do *argumentum ad hominem* direto. Observe na íntegra o comentário do **P16F3**:

Imagem 21: Comentário do P16F3

A screenshot of a comment from user P16F3. The text is: "deixa de ser mentiroso petralha nojento, revoltado! Se vc não quer tomar , foda-se e dai? Quer morrer fique a vontade! CLOROQUINA É EFICAZ SIM, OTÁRIO! Seu problema é a falta do pao com mortadela ! Cai trabalhar desocupado!"

deixa de ser mentiroso petralha nojento, revoltado! Se vc não quer tomar , foda-se e dai? Quer morrer fique a vontade! CLOROQUINA É EFICAZ SIM, OTÁRIO! Seu problema é a falta do pao com mortadela ! Cai trabalhar desocupado!

Curtir · Responder · 41 sem

Note que o **P16F3** dirige seu comentário diretamente ao **O1F3**, proferindo de forma agressiva expressões como “*petralha nojento, OTÁRIO, desocupado*”, xingamentos, como “*foda-se*”, e escrita em caixa alta⁶⁹: “*CLOROQUINA É EFICAZ SIM, OTÁRIO!*”. Ao proferir que o problema do **O1F3** é a “*falta de pao com mortadela*”, o **P16F3** faz alusão, de forma pejorativa, aos militantes vinculados ao Partido dos Trabalhadores e à esquerda política de modo geral. Esse conjunto de expressões de cunho pejorativo e esse discurso repleto de paixões e violência verbal, caracteriza o que Amossy nomeou como *desqualificação do adversário/ desqualificação do discurso alheio*. Reiteramos que nem toda violência verbal (incluindo xingamentos) contém polêmica. É necessário que haja o confronto entre teses antagônicas (dicotomização), bem como o reagrupamento identitário entre os interactantes dispostos a defender os ideais/as teses de seus respectivos grupos (polarização). Na próxima seção apresentaremos esquematicamente esta constatação.

⁶⁹ Na internet utilizar caixa alta indica que o internauta está gritando, ou proferindo algo de forma incisiva, conforme proposto pela convenção da Netiqueta.

5.3 A emergência da *estase argumentativa* e a polêmica argumentativa: possíveis diálogos

Ao versarmos sobre o modelo dialogal da argumentação, vimos que a *estase argumentativa* pode ser compreendida como o choque entre teses antagônicas orientadas por uma mesma *questão*. Ela denota, especificamente, a tensão emergente do choque entre tais teses em uma dada situação argumentativa. É a partir da *estase argumentativa* que os *atores da situação comunicativa* assumem os *papéis actanciais* de Proponente, Oponente e Terceiro, diante de uma situação oriunda do conflitual. A este respeito, constata-se que o conflito é o ponto de confluência entre a perspectiva dialogal da argumentação (PLANTIN, 1990, 2008, 2016, 2017, 2018; GRÁCIO, 2010, 2012, 2013) e a polêmica argumentativa (AMOSSY, 2017a, 2017b). Justifica-se essa afirmação com base na importância conferida ao conflito em ambas as perspectivas teóricas.

De acordo com o modelo dialogal, para que uma dada situação linguageira se torne inteiramente argumentativa é necessário que se definam claramente os papéis actanciais (pelo menos dois: Proponente e Oponente), e, sobretudo, é necessário que haja o choque entre teses antagônicas orientadas por uma mesma *questão argumentativa*. Como vimos, a *estase argumentativa* desempenha um importante papel no circuito argumentativo, pois é a partir da sua emergência que é possível identificar o “bloqueio” do diálogo consensual e o início do confronto entre teses antagônicas acerca de uma mesma *questão*. Reiteramos que o bloqueio do diálogo consensual não significa que o diálogo será bloqueado, apenas o consenso.

Como destacado, o conflito é condição necessária para que se possa empreender uma análise a partir dos preceitos da polêmica argumentativa. Isso porque “O choque de opiniões antagônicas é a principal característica da modalidade polêmica, que, nesse sentido, se insere em uma retórica do dissenso [...]” (CAVALCANTE *et. alii.*, 2020, p. 47). Diante disso, ressalta-se que “O antagonismo das opiniões apresentadas no seio de um confronto verbal é sua condição *sine qua non*”. (AMOSSY, 2017, p. 49). Como vimos, a primeira marca da polêmica argumentativa é a *dicotomização*, a qual pode ser definida como o choque entre teses antagônicas e a radicalização da incompatibilidade de tais teses diante de um assunto de interesse público e social. Nesse sentido, a noção de dicotomização pode ser comparada ao processo de emergência da *estase argumentativa*, pois ambas aludem ao choque entre teses contrastantes orientadas por uma mesma *questão*. Além disso, ambas se relacionam com o desacordo no que concerne a um determinado assunto. É a partir da dicotomização das teses que os *atores* estabelecem uma espécie de divisão social, a partir da qual eles assumem os

papéis de Proponente, Oponente em face de um Terceiro. Essa divisão social é denominada polarização.

A polarização diz respeito à uma divisão social e não apenas uma divisão entre teses abstratas e contrastantes. Isso porque a polarização

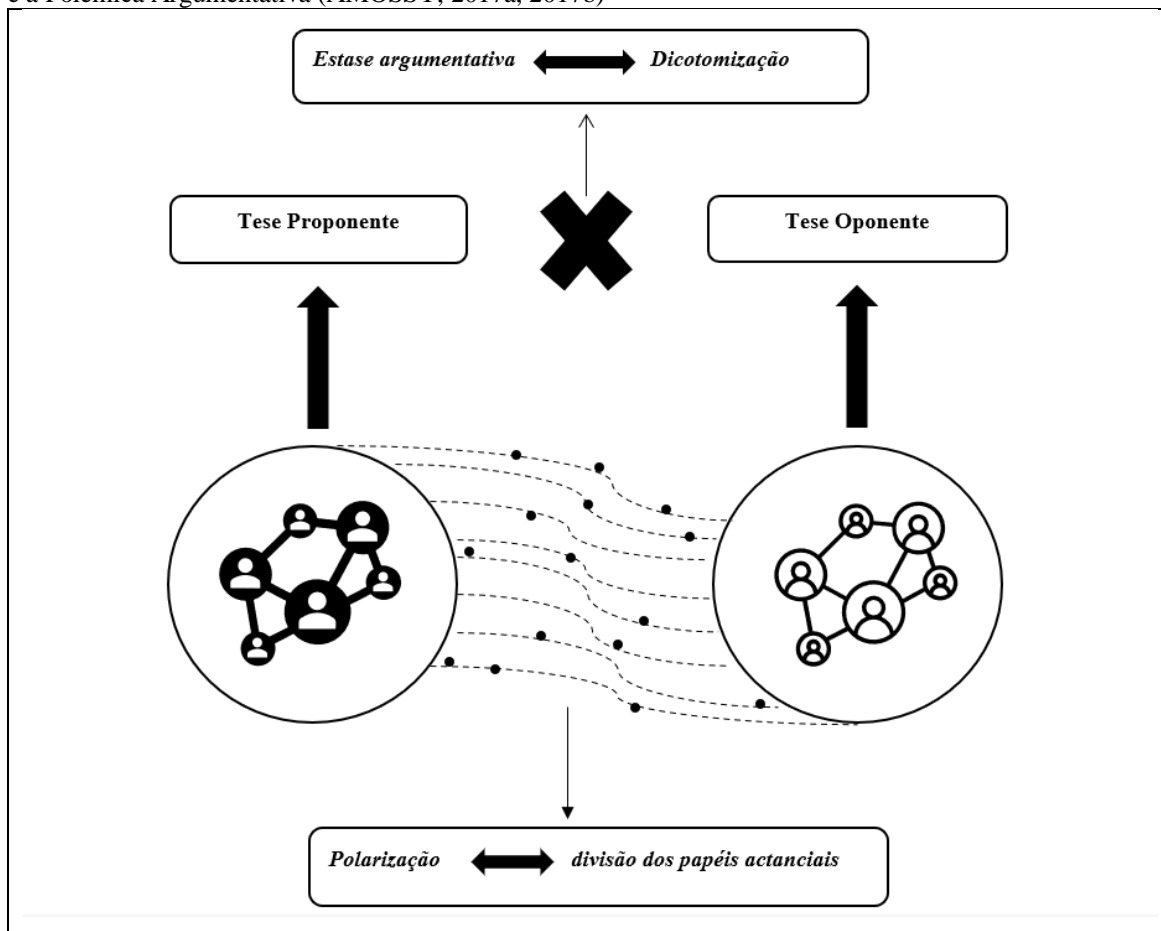
opera o reagrupamento de um público extremamente diversificado em dois grupos mutuamente excludentes, diferentemente da dicotomização, que é um processo discursivo que consiste em radicalizar teses opostas. A polarização não implica a anulação dos particulares dos atores que se unem em torno de uma tese, mas sim, a identificação dos actantes com a tese defendida pelo grupo do qual participam e a repulsão à tese oposta (MACEDO, 2018, p. 65, *apud* CAVALCANTE *et. alii.*, 2020, p. 51).

Verifica-se que a polarização opera com uma lógica de reagrupamento identitário o qual estabelece uma divisão entre dois grupos marcadamente opostos: nós X eles, diante de uma situação dicotomizada. Viu-se que é na polarização que os atores assumem os papéis de Proponente, Oponente e Terceiro. Ao realizarmos um movimento de verificação dos pontos de contato entre o modelo dialogal e a polêmica argumentativa, constatou-se que a polarização está para os *papéis actanciais*, assim como a *estase argumentativa* está para a dicotomização.

É claro que não nos propusemos estabelecer aqui apenas os pontos de contato entre tais perspectivas sem ressaltarmos suas idiossincrasias. Seria um tanto utópico e contraproducente apontar apenas as semelhanças. Diante disso, destaca-se que um dos principais pontos de distinção entre as perspectivas teóricas supracitadas refere-se à noção de Terceiro. Para a perspectiva dialogal, o papel actancial de Terceiro participa da interação concreta entre os atores. Ele desempenha um papel fundamental na situação argumentativa, pois é ele quem garante a estabilidade da *questão argumentativa*, atuando de certo modo como uma espécie de mediador. Já na perspectiva da polêmica argumentativa, o Terceiro não participa da interação concreta. Nesta perspectiva teórica ele não possui atuação ativa, ou seja, ele é o ouvinte a ser persuadido a partir do confronto entre as teses propostas pelos Proponente e Oponente. A noção de Terceiro idealizada por Ruth Amossy se aproxima da noção de auditório universal de Perelman, isto é, aqueles a quem o orador busca convencer por meio de seu discurso.

O quadro (15) abaixo, representa esquematicamente os pontos de contato aventados neste capítulo, confira:

Quadro 15: Esquematização dos pontos de contato entre o Modelo Dialogal (PLANTIN, 1990, 2008, 2016, 2018) e a Polêmica Argumentativa (AMOSSY, 2017a, 2017b)



Fonte: Elaboração da autora.

No quadro (15) acima, constata-se que existe uma relação de proximidade entre a *estase argumentativa* (Modelo Dialogal da Argumentação) e a noção de *dicotomização* (polêmica em sua modalidade argumentativa), na medida em que ambas surgem do conflitual e marcam o momento exato do choque entre as teses antagônicas. No processo de emergência da *estase argumentativa* temos a constatação do bloqueio do diálogo consensual, ou seja, é o momento em que as teses antagônicas propostas pelos interactantes inseridos em um dado contexto de interação se chocam, evidenciando a incompatibilidade entre elas. Outrossim, no processo de dicotomização temos a constatação da incompatibilidade entre duas teses apresentadas sobre um determinado assunto em questão. Trata-se do choque entre teses antagônicas as quais apresentam-se de forma mutuamente excludente. A título de exemplificação, retomemos duas teses – já analisadas no capítulo 4 da presente dissertação – apresentadas pelos atores que assumiram os papéis de Proponente e Oponente na *fake news* sobre a suposta eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus. Confira:

Imagem 22: Tese do P5F3

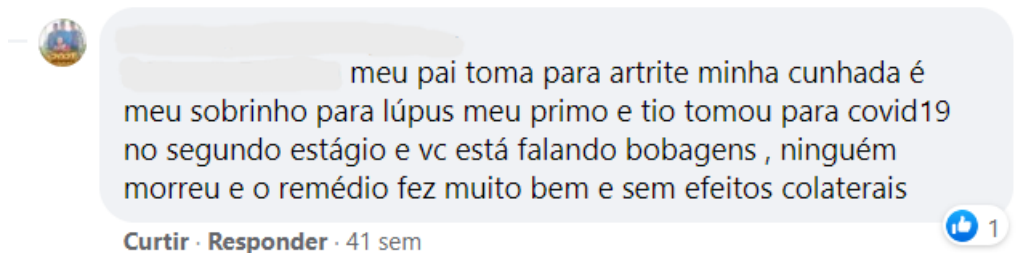
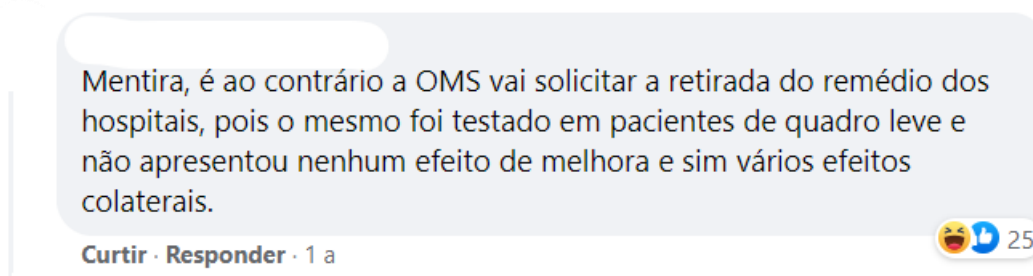


Imagem 23: Tese 2 - O5F3



As teses (1) e (2) acima foram apresentadas durante uma interação concreta entre os interactantes que deliberavam sobre um suposto estudo que advogava acerca da comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus. Na ocasião, o Proponente 5 da *fake news* sobre a Cloroquina, argumentou em prol da eficácia do referido medicamento com base em uma experiência pessoal, isto é, a de que pessoas próximas a ele obtiveram resultados positivos no tratamento contra o Coronavírus por meio do uso da Cloroquina. Além disso, o internauta refuta diretamente o **O1F3** no tocante aos efeitos colaterais do medicamento. Em síntese, o **P5F3** propõe a tese de que com base em sua experiência pessoal, a Cloroquina possui eficácia no tratamento contra o Coronavírus e não desencadeia efeitos colaterais. Na sequência, o **O5F3** refuta diretamente a tese sustentada pelo **P5F3**, ao argumentar que a OMS (Organização Mundial da Saúde) solicitou a suspensão da Cloroquina como tratamento contra o Coronavírus por decorrência de sua ineficácia para tais fins e pelos efeitos colaterais resultantes deste tratamento. Observe que a tese central apresentada pelo **O5F3** vai de encontro à tese proposta pelo **P5F3**, ou seja, enquanto para o **P5F3** a Cloroquina possui eficácia no tratamento contra o Coronavírus e não desencadeia efeitos colaterais, para o **O5F3** o medicamento além de ineficaz, é prejudicial à saúde.

De acordo com a perspectiva da polêmica argumentativa, a situação supracitada é considerada uma dicotomização, isto é, duas teses antagônicas são apresentadas para um mesmo objeto de discussão em uma mesma situação de interação. Note que além de antagônicas, as teses são mutuamente excludentes: *possui eficácia e não é prejudicial à saúde X não possui*

eficácia e é prejudicial à saúde. Esse choque entre teses antagônicas é o que caracteriza também a *estase argumentativa*, sob a óptica da perspectiva dialogal da argumentação. Isso porque a *estase* denota o bloqueio do diálogo consensual, ou seja, ela marca o choque entre teses antagônicas orientadas por um mesmo *assunto em questão* (ou objeto de discussão em uma dada situação de interação).

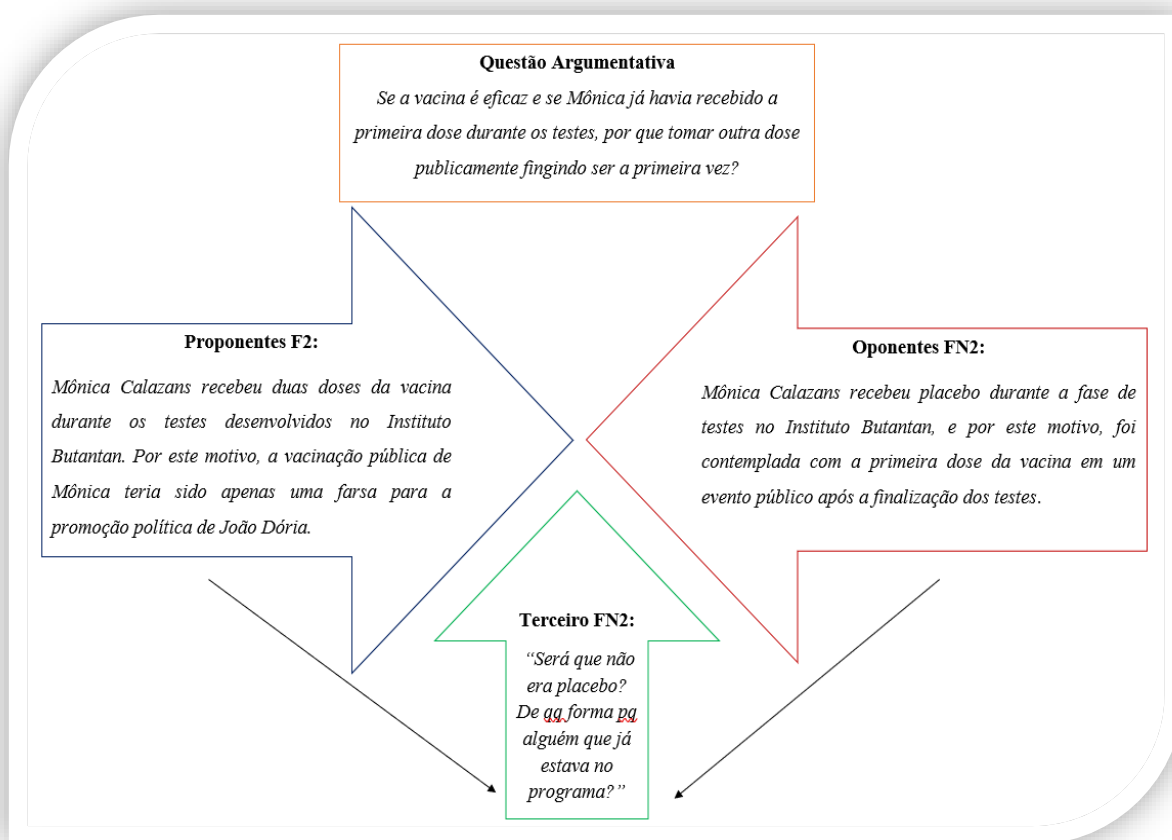
Viu-se que a polarização é produto da dicotomização (AMOSSY, 2017), o que significa que após a constatação do choque entre as teses antagônicas os participantes da interação, isto é, os *atores* – termo equivalente para as perspectivas da polêmica argumentativa e para o modelo dialogal – realizaram um movimento de divisão em prol da defesa de uma das teses apresentadas. Não se trata aqui, como bem pontua Amossy, de uma divisão apenas em prol da defesa desta ou daquela tese. Se assim fosse, estaríamos a falar apenas da divergência entre teses no plano enunciativo – campo da dicotomização. Mas a polarização extrapola o plano enunciativo e situa-se no campo social, na medida em que pressupõe a divisão entre dois grupos marcadamente opostos: nós X eles. Isso quer dizer que para além do contraste entre as teses, os grupos em oposição se desdobram para defender os valores e a identidade de seu grupo em oposição ao grupo adversário.

Dessarte, os *atores* ao assumirem os papéis de Proponente ou Oponente (na perspectiva da polêmica argumentativa o Terceiro não participa da interação) estão realizando um movimento de reagrupamento identitário, ou seja, estão se aproximando de seus pares em prol da defesa de uma tese e conseqüentemente, dos ideais de seu grupo. Referimo-nos, neste momento, portanto, à *polarização*. No quadro (15) acima ela é representada pelos dois círculos maiores, cujo preenchimento é um pequeno esquema de relação entre sujeitos. Isso indica que os atores se encontram conectados na medida em que estão deliberando em prol da defesa de uma mesma tese em oposição a uma tese antagônica proposta pelo grupo adversário. Destaca-se, ainda, os nós (alguns pontos pequenos espalhados entre os dois círculos maiores) inseridos no centro da imagem representam os *atores* da situação comunicativa, os quais encontram-se no momento de escolha dos seus respectivos papéis de atuação, ou seja, propor, opor ou duvidar de uma tese.

As duas setas que apontam respectivamente para os balões intitulados *Tese do Proponente* e *Tese do Oponente* indicam a sustentação da tese de seus respectivos grupos. O movimento de divisão dos *papéis actanciais* para a perspectiva dialogal é parcialmente similar. O que difere neste caso é a atuação do papel actancial de Terceiro, cuja participação é relevante, mas não indispensável nesse processo. No entanto, mesmo não sendo indispensável, não

podemos compará-lo ao Terceiro papel actancial da polêmica, pois este atua apenas como um espectador. Já o Terceiro do modelo dialogal atua garantindo a estabilidade da questão argumentativa. O esquema (5) a seguir, ilustra a atuação do Terceiro papel actancial sob a ótica do Modelo Dialogal da Argumentação, na *fake news* sobre a vacina Coronavac. Para que se possa compreender a atuação do Terceiro, é necessário recapitularmos as teses propostas pelos Proponente e Oponente inseridos no contexto de interação em que este comentário foi produzido. Confira a esquema (4):

Esquema 5: Recapitulação da atuação do Terceiro FN2 Modelo Dialogal



Fonte: Elaboração da autora.

O esquema (5) acima é uma recapitulação de teses já analisadas nesta dissertação. No intuito de não nos tornarmos repetitivos, optamos pela não realização de uma segunda análise sobre o teor das teses apresentadas. O que buscamos destacar aqui é o lugar conferido ao papel actancial de Terceiro sob o prisma do Modelo Dialogal da Argumentação. Conforme os preceitos da referida perspectiva teórica, o papel de Terceiro é assumido pelo ator que não ratifica as teses apresentadas tanto pelo Proponente, quanto pelo Oponente, mas a partir de uma leitura/avaliação das teses apresentadas, formula uma dúvida. No esquema acima, temos de um

lado os Proponentes advogando em prol da tese de que a vacinação pública de Mônica Calazans teria sido uma farsa política, pois, de acordo com eles, Calazans teria sido imunizada durante a fase de testes da vacina; e de outro, a tese dos Oponentes, os quais propuseram que Mônica teria recebido placebo durante a fase de testes e que por este motivo ela teria sido contemplada com a primeira dose da vacina durante um evento público. Por fim, temos a presença do Terceiro, o qual atua ali como um mediador, pois, não ratifica a tese de que Mônica teria sido imunizada durante os testes, bem como não ratifica a tese de que ela havia recebido placebo. Mas com base nas teses apresentadas pelo Proponente e Oponente, respectivamente, redige o seguinte questionamento: “*Será que não era placebo? De qq forma pq alguém que já estava no programa?*”. Essa dúvida é o que garante a estabilidade da *questão argumentativa*.

Se pensarmos o mesmo contexto de interação sob a óptica da polêmica argumentativa, perceberemos que a atuação dos *atores* que assumem os papéis de Proponente e Oponente, são similares. O que difere, como dito anteriormente, é justamente a atuação do Terceiro, uma vez que na polêmica argumentativa ele não participa da interação concreta entre os *atores*. A ele é reservado o lugar de espectador, isto é, um mero ouvinte a ser persuadido ou pelo Proponente ou pelo Oponente. No contexto de interação sobre as vacinas, o Terceiro seria aquele internauta que acompanhou a discussão, mas não participou da interação efetivamente.

Por fim, outro aspecto que merece destaque é o terceiro traço da polêmica argumentativa, isto é, a *desqualificação do adversário*. Mas antes de adentrarmos neste aspecto, é necessário pontuarmos algumas questões relacionadas à polarização, para que possamos compreender de que forma este terceiro traço se manifesta em uma situação polarizada. A este respeito destaca-se, inicialmente, que a *polarização* além de operar com uma lógica de reagrupamento identitário, ela provoca um movimento para consolidar a identidade do seu grupo apresentando os outros de forma pejorativa (ORKIBI, 2008 *apud* AMOSSY, 2017, p. 58). Nos termos de Amossy, a polarização

supõe a existência de um inimigo a tal ponto que à estratégia de afirmação positiva se acrescenta uma “estratégia de subversão” que vem depreciar “o ethos de grupos, de ideologias e de instituições concorrentes” (King e Floyd, 1971 [...]). É por isso que a polarização utiliza, de bom grado, manobras de difamação [...]. Trata-se de uma estratégia retórica para desacreditar o adversário, definindo-o como um defensor de um ponto de vista caracterizado por sua má fé (não autêntico) e suas más intenções (mal-intencionado) [...]” (*Ibid.*, p. 58)

A estratégia retórica utilizada para desacreditar o adversário, como destacou Amossy, pode ser ilustrada a partir do seguinte comentário publicado pelo **P16F3**, confira:

Imagem 24: Recapitulação do comentário do P16F3

deixa de ser mentiroso petralha nojento, revoltado! Se vc não quer tomar , foda-se e dai? Quer morrer fique a vontade! CLOROQUINA É EFICAZ SIM, OTÁRIO! Seu problema é a falta do pao com mortadela ! Cai trabalhar desocupado!

Curtir · Responder · 41 sem

Observe que para além dos xingamentos, o **P16F3** busca desqualificar o adversário por meio de expressões relacionadas a uma suposta filiação política, isto é, ao Partido dos Trabalhadores. Verifica-se essa afirmação com base em expressões como *petralha* e *Seu problema é a falta do pao com mortadela*. Durante a análise dos dados, o oponente a quem este comentário foi direcionado em nenhum momento demonstrou discursivamente sua filiação político-partidária. Ele é designado como *petralha* justamente por se opor ao grupo que defendeu com veemência a utilização da Cloroquina como tratamento precoce contra o Coronavírus.

Naquele contexto de interação, em que os defensores da Cloroquina demonstraram abertamente suas inclinações às ideias da direita política, especificamente aos ideais do Presidente Jair Bolsonaro, os internautas que se opuseram à utilização do referido medicamento para tais fins, eram rotulados como *esquerdalhas*, *petralhas* etc., para aludir à uma suposta filiação à esquerda política brasileira. Essa situação além de atualizar uma dicotomia política entre a esquerda e a direita do espectro político, demonstra uma clara polarização, pois para além da divergência de teses, os interactantes estavam se atacando mutuamente para consolidar os valores do seu grupo e triunfar sobre o grupo adversário. Essa estratégia de desqualificação é comumente utilizada nas redes sociais, mas reiteramos que *a desqualificação do adversário* não é suficiente para que se possa empreender uma análise por meio dos preceitos da polêmica argumentativa.

Destaca-se a necessidade do confronto entre teses antagônicas sobre um mesmo assunto/questão para que se possa empreender uma análise com base nos critérios da polêmica argumentativa. Em outras palavras, o conflitual é peça fundamental para que possamos observar uma determinada situação de interação com a lente da polêmica argumentativa. O mesmo critério pode ser apreendido sob a ótica do modelo dialogal, ou seja, o conflitual é o ponto fulcral para que se possa trabalhar essa perspectiva teórica. Aqui, o conflitual é marcado pela emergência da *estase* argumentativa, pois, é ela quem atesta o bloqueio do diálogo consensual.

Partindo da noção de conflito podemos estabelecer um diálogo epistemológico entre o Modelo Dialogal da Argumentação, proposto por Christian Plantin e a Polêmica Argumentativa, proposta por Ruth Amossy. A este respeito, destaca-se a constatação de que a *estase argumentativa* está para a *dicotomização*, assim como a *divisão dos papéis actanciais* está para a *polarização*. E a peça fundamental capaz de estabelecer relações entre tais categorias é a noção de conflitual. O conflito é condição *sine qua non* para que se possa empreender uma análise com base nas perspectivas teóricas supracitadas.

Por fim, apesar de apontarmos os pontos de contato entre o modelo dialogal e a polêmica argumentativa, é necessário reiterarmos os pontos dissidentes, tais como a noção de Terceiro para cada perspectiva teórica. Viu-se que para o modelo dialogal, o Terceiro possui uma participação ativa na interação concreta entre os *atores*, ou seja, ele desempenha um papel no contexto de interação. Já para a perspectiva da polêmica, o Terceiro não participa da interação, isto é, ele não possui uma participação ativa. A ele é reservado o lugar de espectador a ser persuadido pelas teses em confronto (isto é, as teses apresentadas pelos Proponentes e Oponentes em um dado contexto de interação).

Diante do exposto, constata-se que são estes os elementos que nos permitem estabelecer um diálogo epistemológico entre o Modelo Dialogal da Argumentação, proposto por Christian Plantin e a noção de Polêmica em sua modalidade argumentativa, proposta por Ruth Amossy.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi motivada inicialmente por uma inquietação acerca dos efeitos concretos e nefastos que a ascensão das *fake news* têm desencadeado no Brasil. Como contextualização, apresentamos o caso de Fabiane Maria de Jesus, mulher de 33 anos que foi brutalmente assassinada por moradores do bairro Morrinhos IV em Guarujá (São Paulo) no ano de 2014. O que nos inquietou, além do fato de que Fabiane foi espancada até a morte, foi o fator que desencadeou tal barbaridade: a divulgação de uma *fake news* no *Facebook*. Na ocasião, um internauta publicou em sua rede, informações de que uma moradora de Guarujá estaria sequestrando crianças para fins de rituais de “magia negra”. Anexado à tais (des)informações, estaria um retrato falado da suposta sequestradora. Após a divulgação desta *fake news* os moradores do bairro Morrinhos IV (Guarujá-SP) associaram o retrato falado à Fabiane. O resultado nós já conhecemos: a morte brutal de uma mulher inocente.

Tendo como ponto de partida o caso de Fabiane, passamos a nos atentar aos efeitos concretos resultantes da disseminação de *fake news*. Durante as eleições de 2018 no Brasil, por exemplo, circulou nas redes sociais diversas *fake news* sobre os presidentiáveis. Uma das *fake news* que merece destaque é a que relaciona o até então candidato Fernando Haddad à criação de um suposto kit que ensinava as crianças a como se tornarem homossexuais. Esse kit foi apelidado pela Frente Parlamentar Evangélica de “kit Gay”. A *fake news* sobre a distribuição do kit Gay nas escolas públicas foi amplamente divulgada por Jair Bolsonaro durante sua campanha eleitoral. No ano de 2019 a *IDEIA Big Data* realizou uma pesquisa com os eleitores de Jair Bolsonaro e constatou que 98,21% de seus eleitores foram expostos à *fake news*, e 84% do seu eleitorado acreditava na existência do “kit Gay” (ROSA *et.alii.*, 2019). Em 2020 essa polêmica foi atualizada pelo até então ministro da Educação Abraham Weintraub através da seguinte postagem em seu *Twitter*: “Paulo Freire e kit gay não têm vez no MEC do Pres. Jair Bolsonaro [...]”⁷⁰.

É válido ressaltar que durante a atual pandemia causada pelo Coronavírus as *fake news* ascenderam (novamente) no cenário mundial. De acordo com a Agência Lupa entre os anos de 2020 e 2021 o principal tema das *fake news* checadas referia-se à Covid-19⁷¹. Inclusive as três *fake news* contempladas nesta pesquisa encontram-se vinculadas ao atual contexto pandêmico.

⁷⁰ Confira a publicação na íntegra:

https://twitter.com/AbrahamWeint/status/1235491283000528896?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1235491283000528896%7Ctwgr%5E%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Feducacao.uol.com.br%2Fnoticias%2F2020%2F03%2F05%2Fpaulo-freire-e-kit-gay-nao-tem-vez-diz-weintraub-ao-apresentar-material.htm

⁷¹ Para mais informações acesse: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/12/27/covid-19-principal-assunto-desinformacao-2021/>.

A primeira *fake news* refere-se aos supostos malefícios e ineficácia de se utilizar máscaras durante a atual pandemia. A segunda *fake news* busca desacreditar os estudos desenvolvidos sobre a vacina Coronavac. E a terceira *fake news* refere-se a um suposto estudo que comprova a eficácia da Cloroquina no tratamento contra o Coronavírus. Essas *fake news* têm desencadeado efeitos concretos no cenário social, tais como: o desestímulo do uso de máscaras proporciona o aumento de casos de pessoas infectadas com o Coronavírus, uma vez que a transmissão do vírus ocorre por meio do contato com gotículas de saliva ou secreção respiratória; ao pôr em xeque a credibilidade dos estudos desenvolvidos sobre a vacina, parte da população demonstrou abertamente (sobretudo nas redes sociais) certa resistência para se vacinar; por fim, com relação à terceira *fake news*, isto é, a suposta comprovação de que a Cloroquina trata o Coronavírus, parte significativa da população fez uso do referido medicamento, o que resultou em prejuízos à saúde e até mesmo em mortes, como foi amplamente divulgado no decorrer da apuração dos fatos na CPI da Pandemia⁷².

Diante do quadro apresentado, nos propusemos a pensar de que forma poderíamos trabalhar com o fenômeno novamente em ascensão que é as *fake news*. A partir da escolha e delimitação do *corpus* nos dedicamos a pensar em perspectivas teóricas que melhor dialogassem com os dados coletados. O primeiro critério para a construção do referencial teórico foi o tipo de análise que a perspectiva teórica preconizava, isto é, buscamos por teorias que ajustassem sua lupa analítica para dados extraídos de contextos reais de produção. Diante disso, deparamo-nos com uma perspectiva teórica que atende aos critérios previamente selecionados e, além disso, se preocupa com o *processo* e não com o *produto* da argumentação. Estamos a falar do Modelo Dialogal da Argumentação proposto por Christian Plantin (1990, 2008, 2016, 2018, 2019) e problematizado por Grácio (2010, 2011, 2012, 2013, 2019). A partir deste enquadre teórico trabalhamos com as noções de *situação argumentativa*, *questão argumentativa*, *estase argumentativa*, *papéis actanciais* e *atores da situação comunicativa*. Vimos que para a referida perspectiva o foco recai sobre a costura argumentativa em uma situação concreta de interação. O ponto fulcral preconizado pelo Modelo Dialogal é o conflitual.

Partindo da noção de conflito, encontramos outra perspectiva teórica que se preocupa com o estudo de dados extraídos do contexto real de produção e, além disso, tem como elemento

⁷² A título de exemplificação cita-se o caso da operadora Prevent Senior, a qual foi investigada pela CPI da Pandemia por ter administrado e receitado o “kit covid” sem a autorização da Conep (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) e dos responsáveis pelos pacientes. Além disso, a referida operadora ocultou mais de 50% das mortes decorrentes do teste com “cobaias humanas”. Para mais informações, acesse: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/16/investigada-na-cpi-da-covid-prevent-senior-ocultou-mortes-em-estudo-sobre-cloroquina-apoiado-por-bolsonaro.ghtml>.

fundamental o conflitual. Neste caso, referimo-nos a modalidade argumentativa da polémica, a qual foi perspectivada por Ruth Amossy (2017a, 2017b). A partir do diálogo entre as duas perspectivas teóricas e os dados contemplados na análise, formulamos uma questão norteadora e traçamos nossos objetivos de pesquisa. Diante disso, nos propusemos a responder a seguinte questão norteadora: ***Qual é o papel desempenhado pelas fake news no processo de construção da polarização nas redes sociais, a partir da discussão de três fake news?*** E que se transformou no objetivo desta pesquisa, isto é, ***descrever e analisar, com o apoio do Modelo Dialogal da Argumentação e dos estudos de Ruth Amossy acerca da Polêmica Argumentativa, como se constrói a polarização nas redes sociais, a partir da propagação de três fake news vinculadas ao contexto de pandemia causada pelo Coronavírus.***

Após a realização de uma análise verticalizada dos dados associada à ruminação teórica, constatamos que as *fake news* desempenharam o papel de materialização do ônus da prova. A título de recapitulação, destaca-se que a apresentação do ônus da prova é de incumbência do ator que assume o papel actancial de Proponente. Neste sentido, se pensarmos nas análises empreendidas nesta pesquisa, constataremos que os proponentes principais – por proponentes principais entende-se os internautas responsáveis por compartilhar em sua rede social as *fake news* supramencionadas –, isto é, o **P1F1**, **P1F2** e **P1F3**, optaram por anexar em suas respectivas teses, algum tipo de material no intuito de fornecer suporte para os argumentos por eles propostos. Diante do exposto, constatamos que esse suporte é o que Plantin (2008) denomina ônus da prova, dentre outros. No caso dos dados contemplados nesta dissertação, as *fake news* compartilhadas pelos proponentes principais materializam-se em ônus da prova (o que responde à questão norteadora).

No intuito de verificarmos se atendemos aos objetivos propostos para o desenvolvimento desta pesquisa, apresentaremos a seguir uma breve recapitulação dos objetivos específicos, confira:

1. Realizar uma leitura crítica do Modelo Dialogal da Argumentação;
2. Realizar uma leitura crítica a respeito da polémica em sua modalidade argumentativa;
3. Estabelecer um diálogo entre o Modelo Dialogal da Argumentação desenvolvido por Christian Plantin com os estudos da Polêmica Argumentativa, desenvolvidos por Ruth Amossy;
4. Realizar uma incursão teórica preliminar acerca das *fake news* como base para discussão do *corpus* a ser analisado.

5. Descrever o jogo de atuação dos papéis actanciais (Modelo Dialogal) em comentários produzidos no *Facebook*.
6. Descrever o funcionamento de comentários na plataforma Facebook;
7. Descrever e analisar a relação entre três *fake news veículas no Facebook* e a materialização do ônus da prova;
8. Perscrutar a forma como pontos de vista antagônicos orientados por uma mesma questão, são gerados e geridos no *Facebook*, a partir da análise das *fake news* selecionadas para esta pesquisa;
9. Estabelecer um quadro comparativo com o entrecruzamento do Modelo Dialogal (Christian Plantin) com a perspectiva acerca da Polêmica teorizada por Ruth Amossy.

Como dito anteriormente, a construção do referencial teórico desta pesquisa ocorreu por meio do diálogo entre diferentes perspectivas teóricas e os dados contemplados para análise. As duas principais teorias mobilizadas estão situadas no campo da Argumentação e possuem um certo interesse por questões que seriam negligenciadas por teorias e estruturas já sedimentadas no campo da argumentação e da retórica. Referimo-nos ao interesse tanto pelo conflito (ambas as perspectivas teóricas) quanto pela polêmica e o *dissenso* (fortemente defendido por Amossy). No intuito de compreendermos de que forma cada perspectiva teórica ajusta suas lentes para o mesmo objeto de análise, realizamos uma incursão teórica acerca do Modelo Dialogal da Argumentação e da Polêmica Argumentativa. A partir dessa incursão teórica foi possível estabelecer um diálogo entre as perspectivas supracitadas, de modo que nos atentamos tanto para algumas semelhanças quanto para algumas diferenças de abordagens. Ao estabelecermos um diálogo epistemológico entre o Modelo Dialogal e a Polêmica argumentativa, concluímos que a *estase argumentativa* está para a *dicotomização*, assim como a *divisão dos papéis actanciais* está para a *polarização*. Observe que atendemos até o momento, aos objetivos 1, 2, 3, 8 e 9.

Posteriormente, pensando em questões didáticas e metodológicas, tornou-se necessário a realização de uma incursão teórica sobre o fenômeno das *fake news*, uma vez que elas nos ajudam a lidar com nosso objeto de análise. Outro motivo para a realização desta incursão teórica refere-se a falta de consenso para se delimitar o conceito de *fake news* e os seus diversos usos controversos no cenário político, jornalístico e social. Neste sentido, no intuito de evitarmos qualquer tipo de equívoco ou contradição, optamos por deixar claro o que

compreendemos pelo referido termo. Diante disso, verifica-se que cumprimos o objetivo 4 deste estudo.

Os objetivos 5 e 6 foram devidamente atingidos durante o processo de ruminação teórica decorrente da imersão no Modelo Dialogal. Reiteramos que todas as imersões teóricas foram realizadas em concomitância com o processo de análise dos dados. O material coletado para análise foi o que nos direcionou para a escolha e construção do referencial teórico. Por este motivo o escopo teórico desta pesquisa sofreu algumas alterações, como discutido no capítulo metodológico.

Por fim, o objetivo 7 foi concluído em dois momentos diferentes da pesquisa, pois, no capítulo descritivo-analítico 1, ao versarmos sobre o Modelo Dialogal, mostramos timidamente a possibilidade de as *fake news* terem sido utilizadas como o ônus da prova. Posteriormente, no capítulo analítico 2, constatamos com maior precisão a confirmação da hipótese aventada no capítulo anterior. Essa confirmação responde diretamente à questão norteadora da presente dissertação.

Iniciamos este percurso buscando compreender o papel desempenhado pelas *fake news* no processo de construção da polarização nas redes sociais. Partimos do pressuposto de que a polarização não tem origem nas redes sociais, mas advém de um contexto social concreto decorrente de uma ruptura no cenário político brasileiro. Durante as *Jornadas de Junho* de 2013, o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff em 2016 e as eleições presidenciais de 2018, as redes sociais evidenciaram uma forte polarização que migrou das ruas para as telas. Internautas que se autodeclaravam pertencerem à esquerda ou à direita do espectro político criaram um ambiente fortemente polarizado. Redes sociais como o *Facebook*, por exemplo, se transfiguraram em arena de batalha entre os direitistas e os esquerdistas, os pró e anti *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, e se pensarmos no atual contexto pandêmico, temos a polarização entre os grupos pró e antivacina.

Finalizamos este percurso respondendo algumas questões previamente estabelecidas e propondo outras tantas questões que merecem ser discutidas em trabalhos futuros. A este respeito destaca-se a importância dos trabalhos desenvolvidos por Marie-Anne Paveau (2021) sobre a análise do discurso nativo digital. Este trabalho merece atenção em projetos futuros (como o de doutorado), uma vez que sua proposta de análise visa romper com uma visão logocêntrica da linguagem, ou seja, busca romper com abordagens que focam apenas em análises da materialidade linguística, bem como no logos. Como justificado em capítulos anteriores, reconhecemos a importância dos trabalhos de Marie-Anne Paveau, mas por

decorrência do tempo e da fase em que esta dissertação se encontrava quando tivemos acesso à obra “*Análise do Discurso digital: dicionário das formas e das práticas*” (2021), optamos por não utilizar seu arcabouço teórico, a fim de evitarmos qualquer tipo de equívoco e/ou análise apressada.

Concluimos esta pesquisa agradecendo à leitura atenta e excelentes ponderações propostas pela professora Doutora Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG), e pelo professor Doutor Rodrigo Seixas Pereira Barbosa (UFG) durante o processo de qualificação da presente dissertação. Agradeço também a leitura atenta e a orientação do professor Doutor Rubens Damasceno Moraes.

REFERÊNCIAS

- AGAPITO, B. **Modelo Dialogal da Argumentação e a gestão do desacordo nas redes sociais: Fake news e a potencialização do dissenso**. Orientador: Rubens Damasceno Moraes. 2019. 31 f. TCC (Graduação). Curso: Licenciatura em Letras Português, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2019.
- AGUIAR, S. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal – 2 a 6 de setembro de 2008.
- AMOSSY, R. Argumentação e Análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, n. 1, p. 129-144, 1 nov. 2011.
- AMOSSY, Ruth. **A Argumentação no discurso**. Coordenação da tradução: Eduardo Lopes Pires e Moisés Olímpio- Ferreira. Tradução de Angela M.S. Corrêa... [et al.]. – São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Coordenação da tradução: Mônica Magalhães Cavalcante; tradução: Rosalice Botelho [et al.]. – São Paulo: Contexto, 2017a.
- AMOSSY, Ruth. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 13, jan/jun.2017b.
- ANDRADE, K.E.; RONDINI, R. B. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? **DELTA**, 32.4, 2016 (p. 861-887).
- ANGENOT, M. **Dialogues de sourds**. Traité de rhétorique antilogique, Paris, Mille et une nuits, 2008.
- ANGENOT, M. **O discurso social e as retóricas da incompreensão: consensos e conflitos na arte de (não) persuadir**. São Carlos: EduFSCar, 2015.
- ANGST, Flávia Holz; BOGLER, Carolina Marcelli. Fake news: A influência nas eleições norte-americanas e as medidas preventivas norteadoras das eleições brasileiras de 2018. **(Re)Pensando Direito**, Santo Ângelo, v. 17, n. 9, p. 259-274, 2019.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2011.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco. Tópicos. Dos Argumentos Sofísticos. Metafísica (Livros I e II). Poética**. Tradução de: Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores IV).
- BAPTISTA, E. A.; ROSSINI, P.; VEIGA DE OLIVEIRA, V.; STROMER-GALLEY, J. A circulação da (des)informação política no WhatsApp e no Facebook. **Lumina**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 29-46, 2019.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. 3. ed. São Paulo: UNESP, 2011.
- BRAGA, Renê Moraes da Costa. A indústria das fake news e o discurso de ódio. In: PEREIRA, Rodolfo Viana (Org.). **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**. Volume I. Belo Horizonte: IDDE, 2018. p. 203-220.

- BRUGNAGO, Fabrício; CHAIA, Vera. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. Aurora: **revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.7, n.21, p. 99-129, 2015.
- CABRAL, A.L.T.; LIMA, N.V. Argumentação e polêmica nas redes sociais: o papel de violência verbal. **Signo**, 42(73):86-97, 2017.
- CABRAL, A.L.T.; LIMA, N.V. Interações conflituosas e violência verbal nas redes sociais: Polêmica em comentários no *Facebook*. **Revista (Con) Textos Linguísticos** v. 12 n. 22 (2018), (Edição Especial Violência Verbal).
- CALAZANS, J, H.C.; LIMA, C.A.R. Sociabilidades virtuais: do nascimento da Internet à popularização dos sites de redes sociais online. 9º Encontro Nacional de História da Mídia UFOP, Ouro Preto, Minas Gerais. 30 de maio a 1º de junho de 2013.
- CAMELO, M.D. **A construção da face argumentativa erística pelo argumento ad fidem, no discurso do Cabo Daciolo, nos debates eleitorais de 2018**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 (Trad. Maria Luiza X. de A. Borges).
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAVALCANTE, M. *et ali*. **Linguística textual e argumentação**. 1 ed. Campinas, São Paulo: Pontes editores, 2020.
- CORREIA, P. M. A. R.; MOREIRA, M. F. R. Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. **ALCEU** - v. 14 - n.28 - p. 168 a 187 - jan./jun. 2014.
- CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa, 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução: Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação de tradução Fabiana Komesu. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura política e política cultural**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP. v. 9, n.23, p. 71-84, 1995 (ISSN 0103-4014).
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DAMASCENO-MORAIS, R. Argumentar em campo jurídico e as possibilidades de inversão de uma decisão: o caso da depilação a laser. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 6, p. 153-170, 2014b.
- DAMASCENO-MORAIS, R. Dois bicudos não se beijam? A construção da unanimidade em território jurídico. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, p. 156, 2017a.

- DAMASCENO-MORAIS, R. O carpinteiro e a madeira: a constituição de corpora jurídico em perspectiva etnometodológica. **Rev. Estud. Ling.**, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 673-709, 2021.
- DAMASCENO-MORAIS, R. Tinha um lamento no meio do caminho: A sobreposição de valores em interações argumentativas jurídicas. **REVISTA SOLETRAS**, p. 120-142, 2020.
- DAMASCENO-MORAIS, Rubens. As emoções em campo jurídico: o argumento da experiência vivida. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 170-189, jan-abr/2019.
- DAMASCENO-MORAIS, Rubens. Dialogando com a perspectiva dialogal da argumentação. In: PIRIS, Eduardo Lopes; SOARES RODRIGUES, Maria das Graças (Orgs.). **Estudos sobre argumentação no Brasil hoje: modelos teóricos e analíticos**. Natal, RN: EDUFRN, 2020. p. 143-170.
- DAMASCENO-MORAIS, R.; ÁLVARES DIAS, L. Simulacro de argumentação: o meme como neutralizador de conflito no twitter. **PERcursos Linguísticos**, [S. l.], v. 11, n. 28, p. 43-63, 2021. DOI: 10.47456/pl.v11i28.35150. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/35150>. Acesso em: 8 set. 2021.
- DAMASCENO-MORAIS, Rubens. A função argumentativa da ilustração em deliberações jurídicas acerca de danos morais. GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; PIRIS, Eduardo Lopes (orgs.). **Estudos de linguagem, argumentação e discurso**. Campinas: Pontes Editores, 2021.
- DAMASCENO-MORAIS, Rubens. Coalizão argumentativa e ecoação em práticas discursivas jurídicas. **Acta Scientiarum**. v. 43, n. 1, jan.-jun. 2021. Disponível em : <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v43i1.55580>.
- DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, [S. l.], v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018.
- EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. Tradução: Arnaldo Bloch. 1 ed. São Paulo: Vestígio, 2020.
- GALHARDI, C. P. *et al.* Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. v. 25, suppl 2, pp. 4201-4210, 2020.
- GRÁCIO, R. A. **A interação argumentativa**. Coimbra: Grácio Editor, 2010.
- GRÁCIO, R. A. **Discursividade e perspectivas: Questões de argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2009.
- GRÁCIO, R. A. **Fenomenologia, Hermenêutica, Retórica e Argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2011.
- GRÁCIO, R. A. **Teorias da argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2012.
- GRÁCIO, R. A. **Vocabulário crítico de argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2013.
- GRACIO, R. Ceci n'est pas une pipe: a dimensão performativa da argumentação. **Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação/EID&A**, 2021, 205 - 218. Disponível em : <https://doi.org/10.47369/eidea-21-2-3171>.
- HUR, D. U.; SABUCENO, José Manuel (Orgs.). **Psicologia dos extremismos políticos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

- ITUASSU, Arthur *et. al.* “POLITICS 3.0”? De @realDonaldTrump para as eleições de 2018 no Brasil. In: **XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte** - MG, 05 a 08 de junho de 2018.
- JACK, Caroline. *Lexicon of lies: Terms for problematic information*. Nova York: **Data & Society Research Institute**, 2017.
- KOZINETS, R. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre, Penso, 2014.
- KOOPMANS, Ruud. *Movements and media: Selection processes and evolutionary dynamics in the public sphere* In: **Theory and Society** 33: 367–391, 2004.
- LAZER, David M. *et. al.* The Science of Fake News. **Science** 09, Mar. 2018: Vol. 359, Issue 6380, pp. 1094-1096. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/359/6380/1094>.
- LIMA, Helcira Maria Rodrigues de. *Vozes em confronto: a polêmica em torno da Lei do Femicídio*. **RÉTOR**, n.8(1), pp. 84-105, 2018.
- MACHADO, J.; MISKOLCI, R. *Das jornadas de junho à cruzada moral: O papel das redes sociais na polarização política brasileira*. *Sociol. Antropol.* Rio de Janeiro, v.09.03: 945-970, set. – dez., 2019.
- MASSARANI, L. *et. al.* Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdos em redes sociais antes e depois da covid-19. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, maio 2021.
- MELATI, N. *As contribuições da retórica para o estudo das fake news*. **VERBUM**, v. 9, n. 1, p. 187-198, mai. 2020.
- MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Tomo I (A-D). São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MORAES, A. T. *Os limites da racionalidade nos discursos políticos em rede social durante as eleições de 2018 no Brasil*. **PANORAMA**, v.9, .2, p. 14-20 jul/dez. 2019.
- NEVES, Daniel Monteiro. **Debates orais no Supremo Tribunal Federal: um modelo de interação polêmica**. Orientadora: Dra. Helcira Maria de Rodrigues Lima. 2017. 409f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- OLIVEIRA, E., G. *Argumentação: da Idade Média ao Século XX*. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 7/2, p. 109-131, dez. 2004.
- PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- PERELMAN, C. et OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão; [revisão da tradução: Eduardo Brandão]. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- PLANTIN, C. **Essais sur l’argumentation**. Paris: Kimé, 1990.
- PLANTIN, C. **Argumentação: história, teorias, perspectivas**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PLANTIN, C. **Dictionnaire de l’argumentation** – une introduction aux études d’argumentation. Lyon: ENS Éditions, 2016.

PLANTIN, C. **Dictionary of Argumentation: A Introduction to Argumentation Studies**. United Kingdom: College Publications, 2018.

PLANTIN, C. “Não se trata de convencer, mas de conviver”: a era pós-persuasão. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 1, n. 15, p. 244-269, 15 jul. 2018.

PLANTIN, Christian; DAMASCENO-MORAIS. O dicionário como ferramenta para o ensino de argumentação. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. esp., p. 1-20, 2021. DOI: 10.22168/2237-6321-2102.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2ª edição, 2020a.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2020b.

RECUERO, R. e ZAGO, G. Em busca das “redes que importam”: Redes Sociais e Capital Social no Twitter. In: **Anais do XIX Encontro da Compós**, PUC/MG, junho de 2009.

RECUERO, R. GRUZD, A. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galaxia** (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 41, mai-ago., p. 31-47, 2019.

ROSA, Pablo O.; SOUZA, Aknaton T.; CAMARGO, Giovane M. O combate à “ideologia de Gênero” na era da pós-verdade: uma cibercartografia das fake news difundidas nas mídias digitais brasileiras. **Sinais**, n. 23, Jul-Dez 2019.

Keywords: Gender ideology, Right-wing, Newest right, Post-truth.

RUEDIGER, Marco Aurélio. **Robôs, redes sociais e política no Brasil: estudo sobre interferências ilegítimas no debate público na web, riscos à democracia e processo eleitoral de 2018**. Rio de Janeiro: FGV, DAPP, 2017.

SALOMON, Délcio V. **Como fazer uma monografia**. 13ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SANTAELLA, L. **A Pós verdade é verdadeira ou falsa?** [recurso eletrônico], organizado por Fabio Cypriano. Barueri, São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.

SASTRE, A.; CORREIO, C. S. P. O.; CORREIO, F. R. B. A influência do “filtro bolha” na difusão de Fake News nas mídias sociais: reflexões sobre as mudanças nos algoritmos do Facebook. **Revista GEMInIS**, São Carlos, UFSCar, v. 9, n. 1, pp.4-17, jan. / abr. 2018.

SEIXAS, R. **Entre a retórica do impeachment e a do golpe: análise do conflito de lógicas argumentativas na doxa política brasileira**. 2019. 433f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, C. M. de M. e. O conceito de doxa (opinião) em Aristóteles. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 43-67, 2016.

SILVA, A. M. G.; DAMASCENO-MORAIS, R. Redação Enem – um olhar sobre a estase argumentativa. **Diálogo das Letras, Pau dos Ferros**, v. 10, p. 1-19, e02127, 2021.

SIMÃO, Nádia Vieira e DAMASCENO-MORAIS, Rubens. Rotulação na perspectiva do modelo dialogal da argumentação. **Revista (Con)Textos Linguísticos - Linguística de Texto e Análise da Conversação: abordagens metodológicas**. Vitória, v. 15, n. 31, p. 170-188, 2021.

SIMÃO, N. V. **A rotulação na construção argumentativa do gênero entrevista no programa Roda Viva**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Goiânia: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2021.

TORRES, C. **A bíblia do marketing digital**: Tudo o que você queria saber sobre marketing e publicidade na internet e não tinha a quem perguntar. São Paulo: Novatec Editora, 2009.

VITORINO, M.M; RENAULT, D. A irrupção da fake news no Brasil: uma cartografia da expressão. **Revista Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 42, n. 1, p. 229-259, jan.-abr. 2020.

ZAREFSKY, D. Transcender les différends: une réaction possible aux situations de désaccord profond. **Argumentation et Analyse du Discours**, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/1251>.